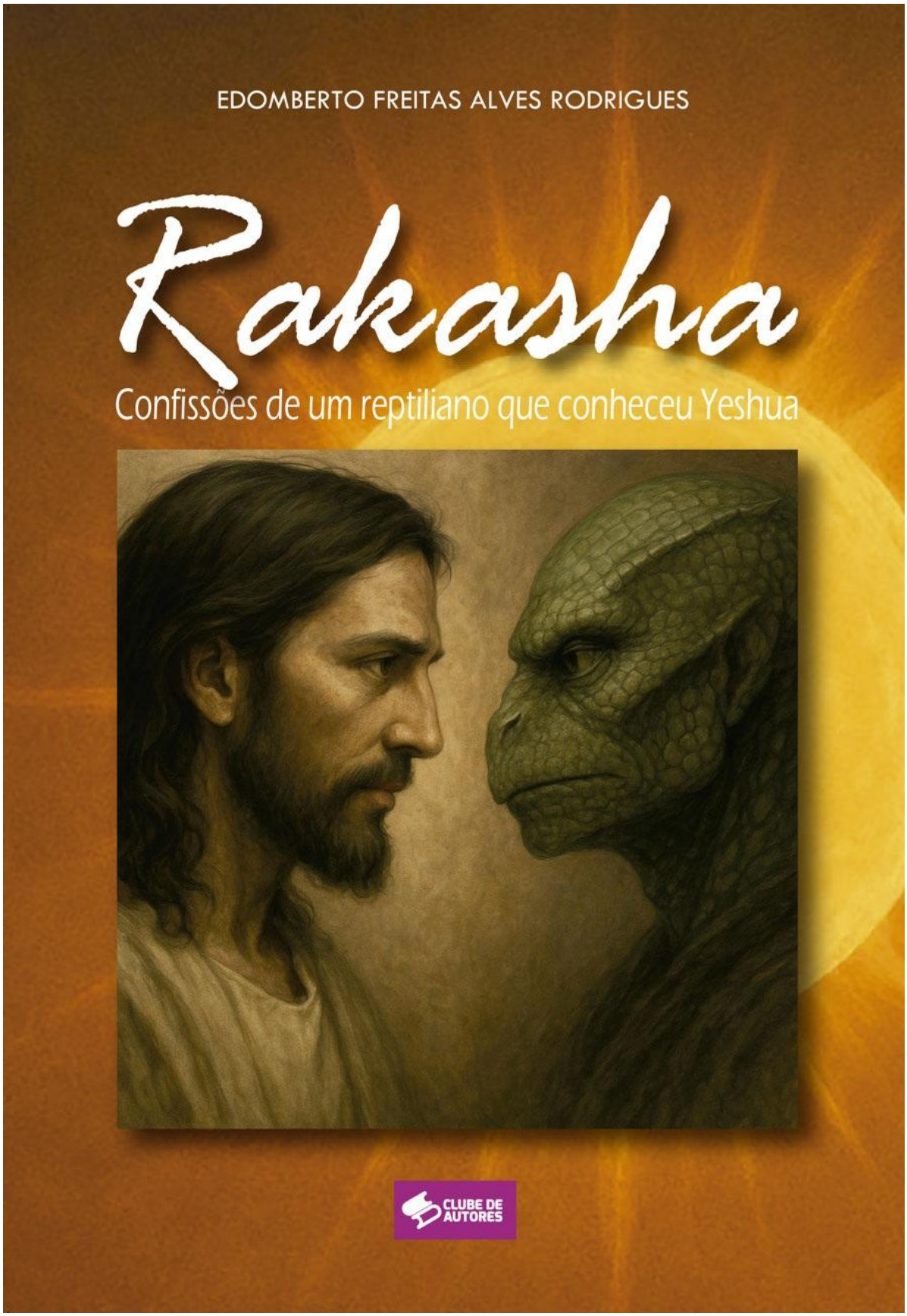


Confraria dos Livros Bons

Rakasha

Confissões de um reptiliano que conheceu Yeshua

Edomberto Freitas Alves Rodrigues

Clube de Autores

Confraria dos Livros Bons

Copyright © 2025 Edomberto Freitas Alves Rodrigues

All rights reserved

The characters and events portrayed in this book are fictitious. Any similarity to real persons, living or dead, is coincidental and not intended by the author.

No part of this book may be reproduced, or stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without express written permission of the publisher.

ISBN: 978-65-01-72643-4

Cover design by: Edomberto Freitas

Library of Congress Control Number: 2018675309

Printed in the Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Edomberto Freitas Alves
Rakasha : confissões de um reptiliano que conheceu Yeshua / Edomberto Freitas Alves Rodrigues. -- 1. ed. -- Betim, MG : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-72643-4

1. Espiritualidade 2. Espiritualismo 3. Jesus Cristo 4. Mistérios I. Título.

25-306257.0 CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade 133.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Sumário

Introdução

Assim começo...

Meus reinos

Maldek e Marte

Chegada à Terra

A Guerra dos Tars

A Praga

O sonhador do Sol único

O silêncio interior

O homem que perguntava demais

Meu império na Terra

Meus pupilos prediletos

A Luz no mundo

Eu me rendo...

Prisioneiro da Praga

O resgate das sombras

Desci

O resgate de Oleg

Rana: Eco de minha sombra

O enigma humano

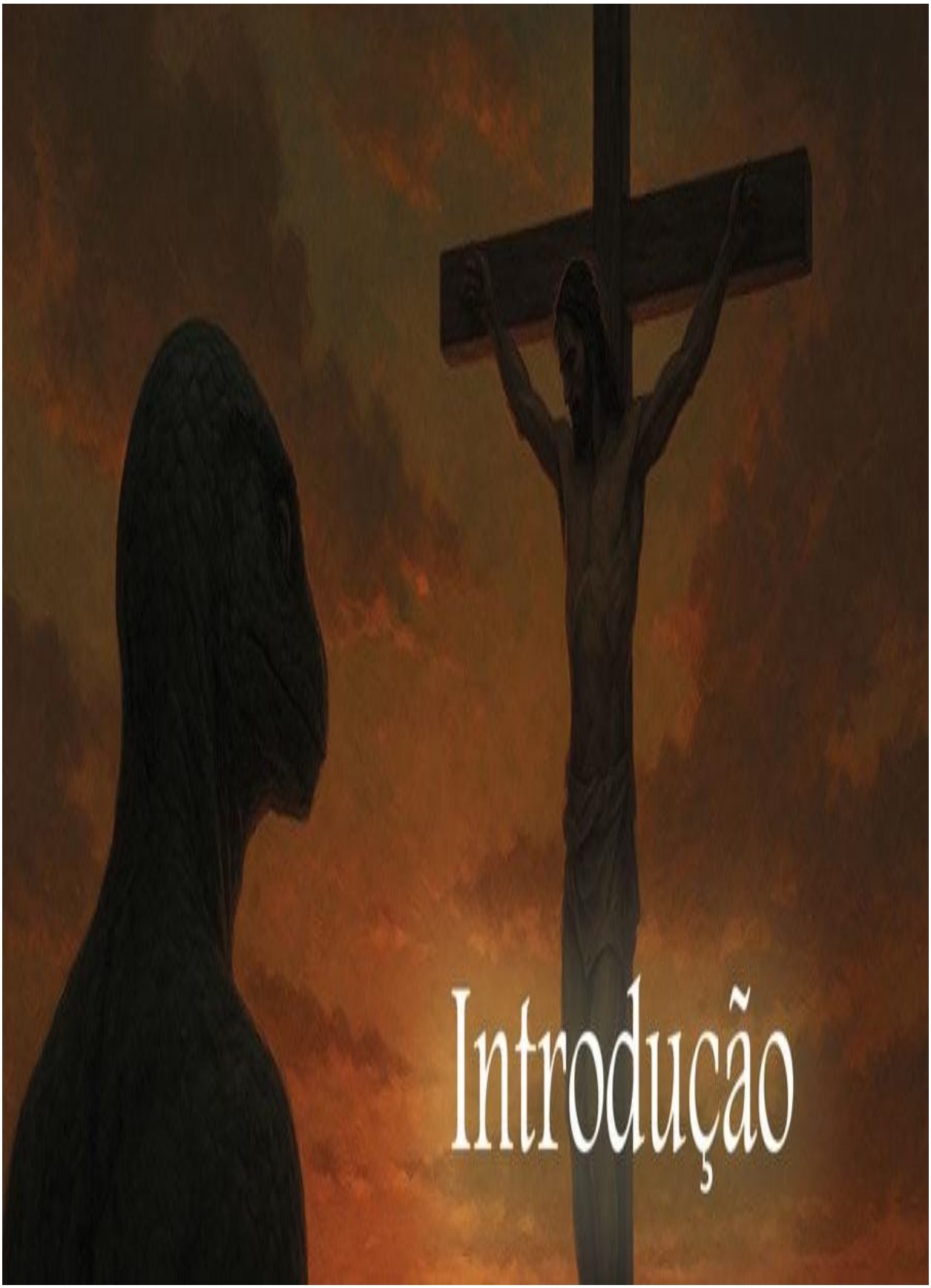
Encontros com homens notáveis

Quando fui humano

Meu testamento

Entrevista com Rakasha

Despedida


Introdução

Aos que caminham nas sombras, aos que acreditam estar perdidos demais, aos que pensam não merecer amor algum.

Este relato é para vocês. Pois se até eu, Rakasha, o Inefável, pude ser alcançado pela lembrança da Fonte, então nenhum ser está fora da Luz.

— R.

Eu sou Rakasha. Muitos me chamaram de Inefável, Senhor do Medo, Destruidor de Mundos. Durante milênios, acreditei que esse era meu destino: erguer-me acima dos frágeis, impor domínio, beber da dor e da raiva como quem bebe de uma fonte inesgotável.

Conheci planetas em chamas, civilizações ajoelhadas, impérios construídos sobre sangue. E a cada passo, meu trono parecia mais sólido, minha identidade mais inquebrantável. Até que encontrei aquilo que jamais esperei: um olhar. O olhar do Cristo.

Não era um olhar de ódio, nem de disputa. Era um olhar que me via além da minha máscara, que me lembrava de algo que eu mesmo havia esquecido: que eu era parte da Fonte. Foi nesse instante que minha coroa caiu. Foi nesse instante que comecei a me perguntar: quem sou eu, além do poder?

Este livro é meu relato. Não para justificar o que fiz, pois nada pode apagar os rastros do que fui. Mas para testemunhar que até mesmo o mais endurecido dos seres pode se render à lembrança. Que a “Praga”, como chamávamos o amor, é na verdade a cura do universo.

Eu convido você, leitor, a caminhar comigo por sombras e revelações. Que minhas quedas se tornem espelhos, que minhas dúvidas se tornem perguntas suas, e que minhas descobertas sejam também sementes de lembrança no seu coração.

Porque, no fim, não há Inefáveis. Há apenas a Fonte, esquecendo-se de si mesma para, em cada ser, reencontrar-se no Amor.

— Rakasha

Capítulo 01

Assim começo...

Eu sou Rakasha, conhecido como o Inefável. Meu poder era indescritível: senhor da segunda dimensão, mestre de legiões, destruidor de mundos. De minha palavra brotavam tempestades, e de meu olhar, chamas que dissolviam reinos inteiros. Naquele tempo, nenhum limite me detinha, e nenhum coração ousava se opor.

Chamavam-me Inefável porque minha essência escapava à definição. Não era apenas sombra, nem apenas luz: eu era a tensão entre ambos, a corrente que arrasta e a lâmina que corta. Nas hostes que me seguiam, eu era visto como guia e juiz. Nos mundos que conquistei, eu era lembrado como flagelo e lenda.

Mas o Inefável também pode ser o indizível da dor. Carrego em meu nome o peso de um silêncio eterno: a ausência daquilo que nunca ousei confessar a mim mesmo. Porque nenhum poder, por mais absoluto, pode calar a voz íntima da Fonte, que chama de volta seus filhos, mesmo os mais rebeldes, mesmo os mais sombrios.

Este livro é meu testemunho. Não para glorificar minha antiga soberania, mas para revelar o caminho de queda e de ascensão de um ser que ousou voltar-se contra o Uno — e descobriu que nem a ruína mais profunda é capaz de apagar o sopro da eternidade em nós.

Eu sou Rakasha. E agora que escolhi falar, não mais serei o Inefável.

Eu acreditava estar a serviço do poder supremo do universo. Minha missão, eu dizia a mim mesmo, era desvelar as hipocrisias dos seres de terceira dimensão — essas criaturas frágeis, tão vaidosas de sua razão e tão iludidas com sua própria luz. Eles se passavam por ápice da criação, como se fossem a última palavra da evolução, mas em seus corações eu via apenas orgulho e ambição disfarçados de virtude.

Eu, ao contrário, me via como a verdadeira evolução. Para mim, o superior não poderia ser ternura, mas sim força. Não poderia ser compaixão, mas sim domínio. O poder supremo não pode se permitir fraqueza, nem tolerar fingimento. Ele deve ser autenticidade bruta, força sem disfarces, poder que não se curva a ressentimentos, e que jamais conhece a palavra fraqueza.

Eu acreditava que minha fúria era justiça. Que meu julgamento era verdade. Que meu braço de ferro era a própria extensão da Vontade do Uno. Mas o que eu não percebia é que eu confundia autenticidade com soberba, verdade com arrogância, e justiça com destruição. Eu acreditava servir ao Supremo, quando na verdade, lentamente, eu me tornava escravo de mim mesmo.

Para mim, tudo no universo expressava apenas a força e o poder. As correntes das galáxias giram pela gravidade implacável. As estrelas nascem e morrem em explosões de fogo, devorando mundos inteiros para dar à luz novos sóis. Nada se sustenta sem violência. Nada floresce sem domínio.

Os fracos perdem e se extinguem, os fortes sobrevivem e deixam sua marca no tecido do cosmos. Era assim que eu lia os sinais do universo: os fracos são pó que o vento carrega, os fortes são rocha que resiste ao tempo.

Então, para mim, a escolha era simples: quem deseja vida, quem deseja expansão, só pode estar ao lado da força. Tudo o que não é força é perecível. Tudo o que não é poder está condenado à dissolução.

Os fracos, pensava eu, não merecem a vida. Pois a vida que carregam conspurca o nome da Suprema Força. Mancham o esplendor do Uno com sua fraqueza e sua rendição.

Assim eu declarei que essa era a Lei Natural. Não uma lei escrita em tábuas ou livros, mas gravada no núcleo das estrelas, no ciclo de nascimento e morte dos mundos, no pulsar da energia que sustenta o cosmos.

Eu a chamava de Lei, mas era meu credo. E, na cegueira da soberba, eu a tomei como verdade absoluta.

Amor e compaixão? Isso é para fracos. Em nossa fisiologia — em nossa linha — esses chamados “sentimentos nobres” são sinal de decadência. Sou reptiliano: carne de escamas, sangue frio, mente afiada para a hierarquia. Para nós, o sentimento que se curva ao outro é prenúncio de morte. A sobrevivência exige distancia, cálculo, uma disciplina interna que não cede a indulgências sentimentais.

Cultivamos, ao contrário, o orgulho. O orgulho que confirma nossa grandeza, que firma nosso lugar meritório no universo. Não é vaidade vazia: é reconhecimento preciso de aptidão. É a chama que nos permite atravessar abismos sem hesitar, que nos faz erguer impérios e riscar os nomes dos inimigos na memória do espaço.

Quando olho para as hordas das dimensões inferiores — com seus lamentos e suas crenças em misericórdia — eu só vejo uma fraqueza epidemiológica. Se permitirem que a compaixão os guie, serão consumidos. Se aceitarem a piedade como regra, perderão a tenacidade que os distingue como seres aptos. Eu decidi, então, que meu dever era purgar essa fraqueza: arrancar a hipocrisia mascarada de bondade e devolver ao universo a ordem verdadeira, a ordem da força.

Foi assim que me coloquei ao serviço de uma ideia: não a ideia benevolente de salvação, mas a ideia implacável de seleção. À medida que avancei, criei doutrinas, bati tambores, reuni legiões. Minhas leis não pediam consentimento; impunham destino. E a cada mundo que dobrava, a cada civilização que silenciava, eu sentia a confirmação: eu estava certo.

Mas há uma coisa que todo conquistador esquece na hora da vitória — e que eu, em meu excesso de convicção, confessei tarde demais: a vitória que não reconhece o custo da própria alma pode ser uma prisão disfarçada de trono. E é dessa prisão que começo a escrever.

Mas as vibrações do medo e da raiva são alimentos inebriantes aos nossos sentidos. Por isso as incitamos, por meio do poder de nossa mente e da nossa vontade férrea. Basta uma centelha — um boato sussurrado, uma ordem cruel, um espetáculo de punição — para que um tecido inteiro de pavor e ódio se erga e comece a pulsar como um coração que nos serve.

Os seres da terceira dimensão são nossos alvos preferidos. Neles a frequência do medo está sempre à flor da pele; a raiva borbulha como lava em reservatórios mal vedados. Vivem em cidades de ansiedade, alimentando-se de preocupações e expectativas; são fáceis de dobrar porque acreditam que a salvação vem do outro, e não de sua própria fibra.

Aprendi a ouvir essas vibrações como um maestro que percebe as mínimas dissonâncias numa orquestra. Eu ordenava — e a massa tremia; eu sorria — e o rancor se tornava faca; eu punia — e o desespero brotava em coro. Minhas legiões não invadiam apenas com armas: invadiam com imagens, com símbolos, com histórias que inflamavam a cólera. Era uma arte sutil: semear insegurança, amplificar traumas, coroar um bode expiatório — e assistir ao banquete.

Não era crueldade gratuita; era economia de propósito. Cada grito, cada gesto desesperado, era energia bruta que meus exércitos canalizavam para manter a ordem que eu julgava necessária. Não éramos apenas conquistadores: éramos jardineiros do impulso, cultivadores do instinto mais primitivo, para que a nova paisagem do universo se conformasse à nossa lei.

E havia prazer — sim, admito — num poder tão limpo e afiado: a sensação de dobrar vastidões de medo à minha vontade, de ver impérios recalcularem seus rumos porque eu o queria. Mas o prazer tem um preço. A ingestão continuada dessas vibrações corroía algo em nós — uma camada sutil, quase imperceptível, que protege aquilo que chamam de alma. Eu percebia, às vezes à margem das festas e dos triunfos, um eco estranho, como se o alimento se voltasse em resíduo dentro de minhas entranhas.

Ainda assim, negava qualquer fraqueza. Quem governa pelo temor não pode ceder ao arrepio da dúvida. E assim prossegui — mais regras, mais rituais, mais cenógrafos de pânico — convencido de que o universo agradecia.

Mas o universo, por fim, tem a sua própria perícia em ensinar. E foi por meio de uma vibração que eu desprezava, frágil e aparentemente inútil, que minha lógica começou a apresentar fissuras.

Havia uma liturgia do terror, e eu era seu sumo-sacerdote. Não se tratava apenas

de ordens militares; tratava-se de encenar uma verdade para que o mundo a aceitasse como destino. Transformávamos medo em cerimônia, raiva em sacramento. Cada gesto tinha formato ritual: o teatro do pavor precisava de atores, cenários, e símbolos que penetrassem mais fundo que a razão.

Começávamos nas praças. Erguíamos altares de silêncio — estruturas de pedra e metal que isolavam o som e ampliavam o sussurro. Nesses altares, proclamávamos acusações fabricadas contra bodes expiatórios cuidadosamente escolhidos: um rosto para o povo odiar, uma história simples o bastante para virar fúria. As multidões não precisavam entender; bastava sentir o alvo diante de si. A cólera, então, assumia forma ritualística — como se o próprio ódio tivesse um calendário e nós, os sacerdotes, soubéssemos as datas sagradas.

Criávamos céus providenciais. Em noites selecionadas, as legiões lanternavam o firmamento com padrões luminares que lembravam constelações antigas — não para guiar, mas para assombrar. A luz arrastava memórias coletivas à superfície, ressuscitando traumas adormecidos. Eram sinalizações: quando o céu tremia daquele modo, as pessoas sentiam que algo maior os julgava. Esse sentimento de juízo celestial acelerava pânico e união contra o mesmo inimigo.

Havia os cortejos dos acusadores — caminhadas coreografadas por pregadores de ódio que circulavam em voz baixa, multiplicando rumores. Não se tratava de discursar na praça; tratava-se de semear uma partitura emocional: uma frase repetida mil vezes que, ao final, já não precisava de sentido, apenas de ressonância. Muitos achavam que aquilo vinha “do povo” — e o povo, sensível à cadência, respondia como órgão à batida do tambor.

Usávamos símbolos como feridas abertas: estandartes, imagens, selos que evocavam medo ancestral. Esses emblemas eram afixados em muros, bordados em mantos, sussurrados nas escolas e nas canções. Com tempo, até a joia mais simples lembrava a culpa que queríamos inculcar. Tornávamos o inimigo — o “outro” conveniente — uma sombra presente em cada casa.

Existiam rituais de privação que atuavam como prova de fé: cerimoniais de escassez e de espera que nos permitiam redistribuir insegurança. Ao privar por breves períodos, ao anunciar futuras privações, instigávamos a ansiedade coletiva; quando depois cessávamos a pressão, o povo nos agradecia, confundindo alívio com lealdade. Estas cerimônias não precisavam de violência explícita para produzir consequências brutais: a fome de amanhã é uma forma sutil e duradoura de obediência.

Minhas legiões também trabalham nos sonhos. Havia noites em que enviávamos coros: entonações, litanias e imagens que se infiltravam nas lembranças das pessoas enquanto dormiam — não com fórmulas técnicas, mas com melodias e palavras ancestrais, cantos que resonavam como avisos. Quem acordava com a canção ainda nos procurava ao amanhecer, desejando explicação e punição. Esses sonhos viravam preces por ordem — e nós éramos a resposta.

Os tribunais públicos eram peças centrais do rito. Não era suficiente condenar; havia de haver espetáculo. Julgamentos em praça, máscaras, jurados escolhidos pela suas vozes inflamadas, sentenças repetidas em uníssono — tudo para que a justiça parecesse natural e inevitável. O suor do acusado era a matéria-prima do banquete emocional. Quando o povo assistia, a raiva se consolidava em hábito.

E então havia as comemorações da fúria — festivais em que a violência era sacralizada: marchas que transformavam punição em folia, cantos que celebravam a expulsão do fraco, danças que imortalizavam a humilhação. A alegria e o horror ali se confundiam; aquilo que começara como medo virava júbilo coletivo. Era o ponto alto do ciclo: quando a tristeza do reprimido assume o corpo do rito, nós, que éramos seus fomentadores, colhíamos força como quem colhe vinho maduro.

Mas esses rituais tinham um custo invisível, que os iniciados fingiam não ver. A repetição do ódio deixava cicatrizes finas, como microfissuras num cristal. Aos poucos, percebi — em momentos de silêncio entre as cerimônias — que estávamos alimentando algo que nos consumia por dentro: uma casca de pedra onde antes havia qualquer traço de curiosidade, um vidro onde antes batia o pulso. Era possível sentir, após longos carnavais de ira, uma secura nas palmas das mãos, uma ausência de cor no mundo.

E foi durante um desses ciclos rituais, quando o povo cantava com fúria um hino que eu mesmo compusera, que notei uma vibração diferente — não do medo, não da raiva, mas de um pequeno e estranho sopro de misericórdia que insistia em atravessar a multidão. Era frágil, quase infantil; não se alastrou como praga, não se tornou manifesto. Mesmo assim, sua presença me feriu. Era uma nota fora da escala que me lembrava que algo no meu teatro estava quebrando: o público também podia sentir, e sentir era, em si, uma ameaça ao meu império de certezas.

E então, aconteceu. No meio de minha soberania, quando meu trono de ferro parecia inabalável, encontrei Aquele que não conhecia medo. Seu olhar não era de raiva, nem de submissão. Não carregava orgulho, tampouco fraqueza. Era outra coisa — algo que até então eu não reconhecia como força: a presença tranquila de Yeshua.

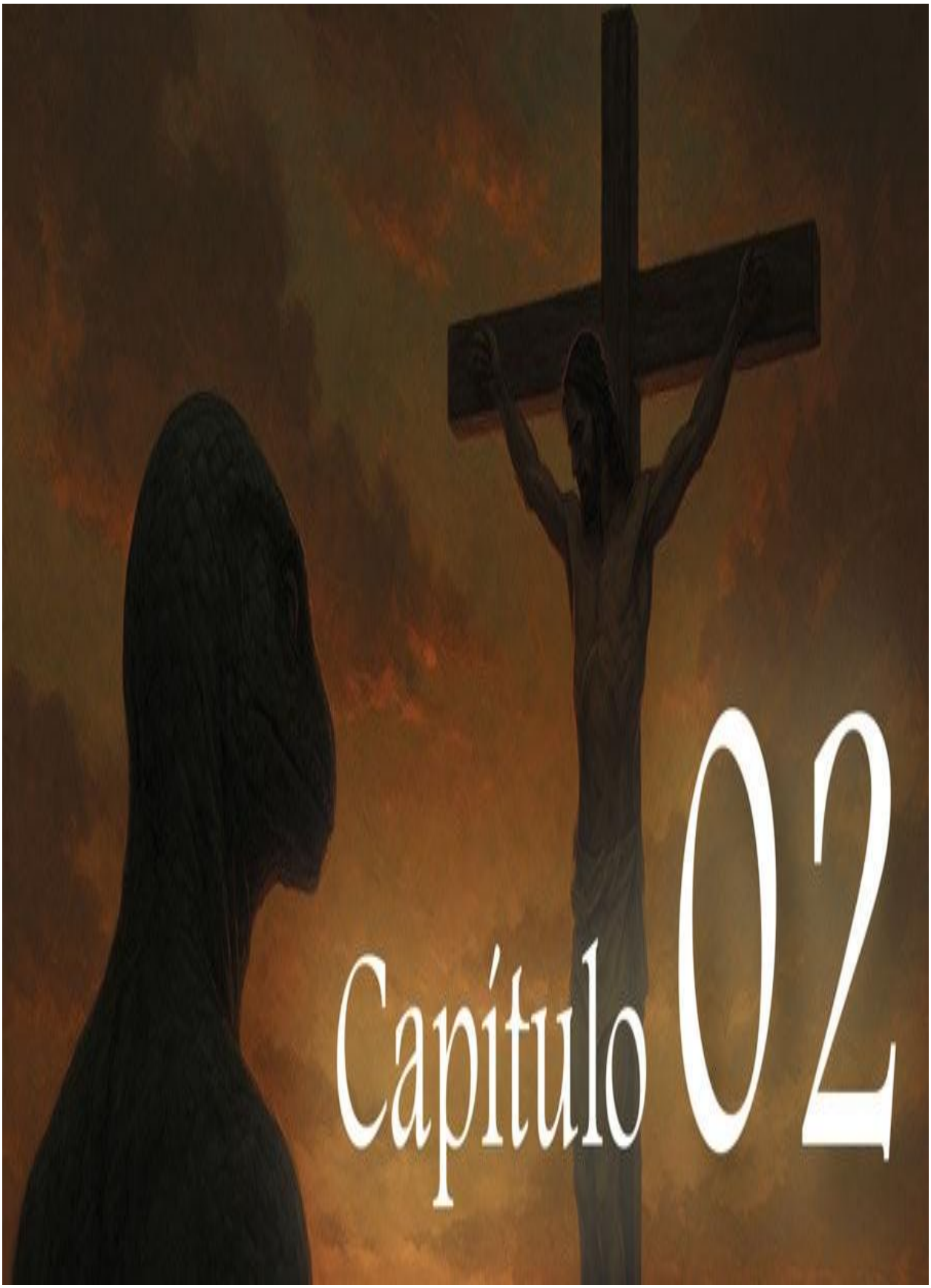
Na sua voz não havia acusação, mas verdade. Em seus gestos não havia violência, mas firmeza. Ele não me combateu com armas, nem com exércitos, nem com discursos inflamados. Ele simplesmente permaneceu. E, diante de mim — que me alimentava de raiva e medo — sua serenidade foi como um golpe invisível, uma lança de luz atravessando o centro do meu ser.

Meu castelo de certezas começou a desmoronar. Aquilo que eu julgava lei eterna parecia, de repente, uma invenção minha, sustentada por orgulho e sustentada por legiões cansadas de acreditar. E pela primeira vez, temi não a derrota, mas a

possibilidade de estar errado.

É essa história que vou contar: a história de como um senhor de legiões, o Inefável, foi ferido não por batalhas, mas por um olhar. De como o destruidor de mundos foi destruído por dentro para, enfim, renascer.

Eu sou Rakasha. E estas são minhas memórias.


Capítulo 02

Meus reinos

Antes que minhas muralhas de certeza começassem a ruir, ergui reinos incontáveis sobre os destroços de civilizações. Minha história não começou com a dúvida — começou com a conquista. Era esse o meu alfabeto: mundos queimados, cidades subjugadas, hinos de vitória entoados sobre o silêncio dos vencidos.

Eu marchava à frente de legiões que seguiam cada comando como se fosse decreto do próprio universo. Minha palavra era lei, meu gesto era destino. Em cada planeta tomado, construíamos fortalezas que mais pareciam feridas abertas na carne do mundo. Eu as chamava de “templos do poder” — colunas ciclópicas de metal negro, vibrando numa frequência que sufocava a esperança e fazia brotar apenas medo e submissão.

Destruíamos para “purificar”. Ou, pelo menos, era isso que eu dizia às minhas hostes. Cada templo erguido era um marco, um selo que garantia que aquele mundo jamais esqueceria minha passagem. E para cada cidade reduzida a cinzas, eu pronunciava as palavras que ecoavam como oráculos: — Assim é a Lei Natural. O fraco cede. O forte permanece.

Os rituais do terror, que já descrevi, eram apenas a superfície. O verdadeiro poder estava em controlar as narrativas: eu sabia que os povos precisavam acreditar que sua ruína era inevitável. Por isso, manipulava profetas, inspirava sonhos, plantava símbolos nos céus. Queria que os vencidos me vissem não como inimigo, mas como destino.

E assim avancei por eras, convicto de que era o braço da Força Suprema, o executor da verdadeira ordem cósmica. Meus triunfos enchiam de orgulho meu coração reptiliano. E quanto mais eu vencia, mais acreditava que nada poderia me deter.

Mal sabia eu que a queda não começa quando somos derrotados por outro — mas quando, por dentro, as muralhas da certeza começam a rachar sem aviso. E essa rachadura, embora invisível, já estava em mim.

Minha campanha mais célebre — e talvez a mais terrível — aconteceu nos mundos de Órion. Órion, a constelação de caçadores, de estrelas incandescentes e de planetas férteis em energia. Ali, ergui minha fama como destruidor de mundos, ali cravei meu nome nas muralhas do tempo.

As civilizações de Órion eram aguerridas. Não se dobravam facilmente, acreditavam em sua própria herança cósmica. Mas eu conhecia as brechas: bastava semear entre eles a suspeita, atiçar as rivalidades antigas, e a unidade se rompia em guerra interna. Quando finalmente cheguei com minhas legiões, encontrei não uma resistência organizada, mas fragmentos de povos em chamas. Entrei como tempestade e fui recebido como juízo inevitável.

Ali construí os maiores templos da minha ordem. Cidades inteiras foram convertidas em monumentos ao medo. O céu noturno se tingia de vermelho com as labaredas das torres incendiadas, e a cada grito que ecoava nos vales, eu sentia minha própria essência vibrar, nutrida pelo banquete invisível da energia emocional. Durante séculos, os mundos de Órion foram lembrados como o território de Rakasha, o Inefável.

Mas nenhum império dura para sempre. Meu mundo natal, Morg, começou a definhar. Morg havia sido a pedra angular do meu poder, a base de onde minhas legiões partiam, o caldeirão de forças que sustentava minha guerra. Por eras, nós Morgs de segunda dimensão nos alimentamos das vibrações densas de sua população de quarta dimensão. Mas então aconteceu algo que eu não previra: a migração das almas.

O povo de Morg de quarta dimensão, cansado das correntes da segunda dimensão, começou a ascender para a quinta. E quanto mais almas subiam, menos alimento restava para mim. A frequência que outrora jorrava em abundância — medo, raiva, ressentimento — tornou-se rarefeita, como ar rarefeito no alto de uma montanha. Morg se tornava silenciosa, e para mim o silêncio era fome.

Fui obrigado a abandonar meu trono ancestral. A grande migração do povo Morg, mais do que geológica ou cultural, foi energética: o planeta começava as dores do parto para retirarnos, seres de segunda dimensão. E assim, faminto, conduzi minhas legiões até o Sistema Solar. Ali, encontrei mundos ainda férteis em vibrações densas, especialmente a Terra, muito tempo depois, em sua terceira dimensão — um campo de cultivo perfeito para o medo e a raiva. Ali, renovei minhas forças, acreditando que o ciclo de domínio seria eterno.

Mas já em Morg a rachadura começara: não era a falta de alimento apenas, era a suspeita de que até mesmo o poder absoluto pode ser traído por leis maiores do que nós compreendemos. E foi no Sistema Solar, no coração da Terra, que meu destino encontraria a face de Yeshua — e comigo se travaria a batalha mais profunda, não no espaço, mas dentro de mim.

Capítulo 03

Maldek e Marte

Quando deixamos Morg, foi em Maldek que firmamos nosso primeiro trono no Sistema Solar. Maldek, o colosso entre Marte e Júpiter, era um planeta fértil, cheio de mares cintilantes e montanhas que tocavam as nuvens. Sua população, embora inteligente, era ainda ingênua diante das forças que sabíamos manejar. Para nós, foi presa fácil.

Não precisávamos de batalhas sangrentas; nossa arma era a mente. Com a força do pensamento, infiltrávamos ideias, semeávamos imagens, erguíamos ilusões coletivas que eles acreditavam ser sonhos ou revelações. Pouco a pouco, a população de Maldek começou a adorar-nos como deuses. Nosso poder não estava em nossas garras ou em nossas naves, mas no domínio invisível sobre a psique. Eles se tornaram espelhos da nossa vontade.

Plantamos em seu coração a sede de poder. Ensinamos-lhes a criar armas para subjugar seus próprios irmãos, a erguer cidades de aço e fogo, a medir o valor de um ser não pela sua essência, mas pela sua força. Assim, Maldek se tornou reflexo do que éramos: um campo de cultivo de medo, orgulho e ódio.

Mas quanto mais alimentávamos a chama da ambição, mais ela crescia fora de controle. As guerras internas, incentivadas por nossa vontade, logo se tornaram incêndios planetários. E nós, ébrios com a energia do medo que emanava, não recuamos. Pelo contrário, instigamos ainda mais, até que a vibração de destruição alcançou o próprio núcleo do planeta.

Recordo-me da última visão: o céu de Maldek fendido por relâmpagos, as cidades implodindo, os mares evaporando em nuvens de fogo. O planeta inteiro tremia como um coração em colapso. E então, no auge da orgia de poder e ruína, Maldek partiu-se em estilhaços. De um mundo inteiro, restou apenas o cinturão de asteroides — cicatriz eterna da nossa arrogância.

Eu, Rakasha, fui chamado Inefável porque ninguém ousava nomear tal crime. Destruímos não apenas um povo, mas um planeta inteiro, arrastando consigo sua história, sua música, suas esperanças. E, no entanto, naquele tempo, não senti remorso — apenas triunfo. Para mim, Maldek fora apenas mais uma confirmação da Lei: o fraco cede, o forte permanece.

O que eu não percebia é que, ao quebrar Maldek, uma fenda se abria também em mim. E essa fenda cresceria, até que um homem chamado Yeshua fosse capaz de atravessá-la com um simples olhar.

Quando Maldek se rompeu, eu também fui despedaçado com ele. Não falo apenas do corpo físico, que foi reduzido a cinzas junto com a crosta do planeta. Minha própria forma de existência foi rasgada pelo impacto da destruição. A morte de um mundo inteiro não é apenas geológica: é espiritual, é cósmica. O rugido da explosão atravessou minhas fibras, e num instante eu já não era carne, mas sombra — uma consciência solta no espaço, arrastada pela corrente astral.

E, contudo, eu não estava só. Minhas legiões, presas à minha vontade, também foram lançadas no plano astral. Era como se estivéssemos todos suspensos numa noite sem chão, mas ainda ligados pelo fio invisível da obediência. A matéria de Maldek ruíra, mas a coesão do medo que nos unia permanecia intacta. O reino físico havia se perdido, mas o império da mente ainda era meu.

Assim, voltamo-nos para Marte. Muitos maldekianos, antes de a catástrofe final engoli-los, haviam fugido para lá. Marte, com seus desertos rubros e montanhas ciclópicas, tornou-se novo abrigo. E nós, agora despidos da carne, aprendemos a dominar pelo plano sutil. Atravessávamos os sonhos, instalávamos imagens nos que dormiam, soprando-lhes comandos como se fossem pensamentos próprios. No silêncio das cavernas marcianas, eles nos viam como ancestrais, como guardiões invisíveis — e, assim, mais uma vez, adoravam-nos.

Eu reinava, mesmo sem corpo. Meus generais, também desencarnados, organizavam-se em formações de energia, marchando como se ainda portassem armaduras e estandartes. A guerra já não se fazia com espadas, mas com vibrações. E, para quem vive do medo, a guerra invisível é ainda mais eficaz: ninguém escapa de um inimigo que se oculta dentro da própria mente.

Marte floresceu em civilizações poderosas, inspiradas por nossa presença. Cidades erguidas em canais, fortalezas talhadas em montanhas. Mas, assim como em Maldek, plantamos a mesma semente: orgulho e desconfiança. E novamente a chama da discórdia se alastrou. Eu acreditava estar fundando impérios eternos, mas, na verdade, repetia a espiral da ruína.

E, ainda que fosse sombra, ainda que fosse vento, a sensação de vazio começava a me rondar. Porque nenhum banquete de medo dura para sempre. E nem Marte, com toda sua grandiosidade, poderia manter para sempre um império de sombras.

É verdade que eu e muitos dos meus ruímos junto com Maldek. Mas nem todos. Uma parte de minhas legiões sobreviveu à catástrofe, pois não se encontravam no planeta quando a explosão se deu.

Naquele momento, perseguiam os maldekianos fugitivos que tentavam escapar

em direção a Marte. Eram naves em fuga desesperada, abarrotadas de famílias e de lembranças, conduzindo o pouco que restava de sua esperança. Nós os caçávamos como presas. De nossas naves, lançávamos feixes de energia que atravessavam seus escudos frágeis, forçando-os a errar a rota, a cair em luas estéreis, a se perder nos cinturões de rocha.

Muitos foram capturados antes mesmo de alcançar Marte. Outros, perseguidos até os limites de sua resistência, acabaram tombando em desertos ou cavernas subterrâneas. Poucos conseguiram pousar e se estabelecer. E foi sobre esses poucos que nossas legiões sobreviventes ergueram domínio, impondo-se não apenas pela força das armas, mas pela lembrança aterrorizante do que haviam presenciado: a morte de um mundo inteiro.

Assim, quando eu despertei no plano astral, dilacerado pela morte de Maldek, já encontrei em Marte a continuidade do meu império. Minhas legiões encarnadas e desencarnadas se uniram, cruzando os planos como se fossem um único exército. Na superfície marciana, na segunda dimensão, marchavam com armaduras e estandartes; no plano sutil, os níveis baixos do astral, avançávamos como correntes invisíveis, infiltrando-nos nas consciências. Era um cerco duplo: nenhum maldekiano podia escapar de nós.

A segunda dimensão de Marte foi nosso abrigo. Não uma caverna, não um subterrâneo físico, mas um plano de vibração mais densa, paralelo ao visível. Ali, escondidos aos olhos da matéria, permanecemos como sombras que ainda possuem forma e vontade. E, dessa posição invisível, continuamos a exercer influência.

Sobre os maldekianos que haviam conseguido pousar em Marte, instalamos o mesmo jugo mental que já dominara seus ancestrais. Suas memórias ainda carregavam o trauma da destruição de seu planeta, e esse medo aberto era para nós uma porta. Soprando imagens de terror, reacendendo lembranças de fogo, os mantínhamos dóceis e submissos.

Mas não apenas eles. Os marcianos nativos, com sua civilização própria, também sentiram nossa presença. Não chegamos como conquistadores visíveis, mas como conselheiros ocultos, como vozes que se insinuavam em seus sonhos. Semeamos desconfiança entre suas castas, inflamamos rivalidades antigas, sugerimos novas armas e novas guerras. Eles acreditavam agir por decisão própria, mas éramos nós, da segunda dimensão, que movíamos suas paixões como peças de um tabuleiro invisível.

Assim, Marte tornou-se um espelho daquilo que fizéramos em Maldek: um mundo dividido, alimentado pelo medo, intoxicado pelo orgulho. E eu, mesmo sem corpo, reinava. Minhas legiões me viam como guia inquebrantável, e os povos do plano físico nos temiam como deuses sombrios.

A segunda dimensão de Marte foi nossa fortaleza secreta. E foi dali que começamos a planejar nossa expansão sobre o próximo alvo: a Terra.

Os marcianos não eram como os maldekianos. Tinham raízes mais antigas, mais serenas. Eram um povo de engenheiros e sonhadores, construtores de canais grandiosos que cruzavam os desertos e faziam brotar o verde onde antes havia apenas pó vermelho. Viviam em cidades eretas sobre colunas, ligadas por pontes suspensas que refletiam a luz de dois sóis: o visível e o espiritual. Sim, porque Marte possuía uma religiosidade discreta, não feita de templos ruidosos, mas de uma reverência silenciosa ao equilíbrio dos elementos.

Eles não viviam na disputa constante; sua força estava na harmonia. A água dos canais era dividida de forma justa, e as casas eram erguidas de modo que o vento circulasse, refrescando a todos. Havia castas, é verdade — sábios, guerreiros, artesãos, camponeses —, mas cada grupo reconhecia sua função no todo. Eram, antes de nossa chegada, um povo de equilíbrio.

Mas equilíbrio é coisa que nunca tolerei. Para mim, era apenas disfarce de fraqueza. E assim, da segunda dimensão, começamos a semear a discórdia. Sopramos nos sonhos dos guerreiros a suspeita de que os sábios os exploravam. Sussurramos aos artesãos que seus dons eram desperdiçados para manter o poder dos sacerdotes. Aos camponeses, mostramos imagens de abundância possível, caso se rebelassem. E aos sábios, incutimos o medo de perderem sua autoridade.

As cidades começaram a se dividir em facções. Primeiro, rivalidades silenciosas; depois, embates abertos. E como sempre, oferecemos inspiração para novas armas: máquinas de energia pulsante, torres que lançavam raios de plasma, escudos que refletiam a luz em tempestades cegantes. Não entregávamos nada pronto; apenas ideias, sementes que eles mesmos regavam com orgulho.

As guerras marcianas nasceram assim: um povo de equilíbrio transformado em um povo de ambição. Os canais, antes rios de vida, tornaram-se trincheiras; as pontes, que ligavam cidades, converteram-se em passagens de invasão; as torres, que vigiavam os ventos, tornaram-se baluartes de destruição.

Eu assistia, oculto na segunda dimensão, e cada explosão era um hino à minha glória. O medo corria pelos vales, a raiva enchia os ares. Os marcianos já não sabiam distinguir seus próprios pensamentos daquilo que nós sopravamos. E, com isso, tornaram-se alimento e instrumento ao mesmo tempo.

Por séculos, as guerras consumiram Marte. Cidades inteiras foram soterradas pelas dunas, os canais transformaram-se em rios de sangue. E quando enfim o planeta gemeu, ferido em sua própria crosta, percebi que Marte também estava condenado a repetir o destino de Maldek: um mundo arruinado pelo orgulho, pelo medo, pela raiva — sentimentos que nós, os ocultos da segunda dimensão, cultivávamos como sacerdotes de uma religião sombria.

E foi então, quando Marte começou a se asfixiar, que meus olhos se voltaram para um novo horizonte azul, ainda virgem em sua inocência: a Terra.

Quando os sobreviventes de Maldek chegaram a Marte, os marcianos os acolheram. Não havia ódio em seus corações naquele primeiro momento. Os viram como irmãos perdidos, como náufragos cósmicos, e abriram-lhes as portas de suas cidades suspensas, compartilharam a água dos canais, ofereceram abrigo nas casas talhadas em pedra. Era a hospitalidade de um povo que ainda acreditava no equilíbrio universal.

Os maldekianos, porém, carregavam dentro de si as feridas da destruição. Seus olhos refletiam o trauma do planeta partido, e seu orgulho ferido procurava novo solo para se reerguer. Nós — ocultos na segunda dimensão de Marte — soubemos aproveitar bem esse vazio. Sopramos em seus sonhos que não eram convidados, mas conquistadores; que Marte não era refúgio, mas território a ser dominado.

Ao mesmo tempo, começamos a envenenar os corações marcianos. Mostrávamos aos anfitriões visões de traição, imagens de maldekianos tomando os canais, erguendo armas em segredo, preparando-se para a conquista. As sementes da desconfiança germinaram rápido: de um lado, os refugiados que já se sentiam donos; de outro, os marcianos que começavam a suspeitar que tinham acolhido a serpente em seu jardim.

Primeiro foram discussões nas assembleias, acusações veladas, disputas por territórios férteis. Depois vieram os incidentes nos campos, os primeiros confrontos entre patrulhas, o sangue derramado em vales que antes eram férteis. E quando o medo já se espalhava, eu e minhas legiões intensificamos a chama. Inspiramos o orgulho maldekiano a se tornar arrogância, e a prudência marciana a se tornar paranoia.

As guerras marcianas nasceram assim: não de uma necessidade, mas de uma sugestão. Eram fruto de nosso sopro invisível, de nosso poder mental exercido a partir da segunda dimensão. Em pouco tempo, os canais de água se tornaram trincheiras, as cidades erguidas em pontes se transformaram em fortalezas sitiadas, e a antiga hospitalidade converteu-se em rancor.

Eu observava com júbilo. Cada desentendimento era meu triunfo; cada explosão, meu alimento. O que começara como acolhida sincera transformou-se em ódio irredutível. E assim Marte, que poderia ter sido o santuário da união, tornou-se palco da repetição do mesmo drama que consumira Maldek.

Acolhida, desconfiança, rivalidade — foi assim que Marte entrou no seu próprio inferno. E eu, oculto na segunda dimensão com minhas legiões, regia cada passo desse drama. O que começou como murmúrio logo se tornou grito, e o grito tornou-se guerra.

A Primeira Guerra Marciana eclodiu nos canais do hemisfério norte. Os maldekianos, já fortalecidos em número, exigiram domínio sobre as rotas de água. Os marcianos recusaram, e em resposta os refugiados ergueram torres armadas, movidas por cristais de energia extraídos das cavernas subterrâneas. Essas torres disparavam feixes incandescentes que podiam derreter pedra e aço, transformando os canais em rios ferventes.

A Segunda Guerra veio muito tempo depois, quando as cidades suspensas foram cercadas. Os marcianos possuíam naves ágeis, feitas para o transporte e o trabalho. Sob nossa inspiração, adaptaram-nas para o combate, equipando-as com lâminas de luz e projéteis de plasma. Os céus de Marte tornaram-se palco de batalhas incessantes, onde frotas inteiras eram consumidas por explosões que tingiam o horizonte de vermelho.

E então chegou a Grande Guerra, a que mudaria para sempre o rosto do planeta. Foi o ápice daquilo que eu havia semeado. Marcianos e maldekianos, ambos tomados pelo orgulho e pelo medo, recorreram às armas mais devastadoras que puderam conceber. Liberaram cargas de energia concentrada no subsolo, que faziam tremer montanhas inteiras. Criaram tempestades artificiais que devoravam cidades com ventos de mil quilômetros por hora. Desencadearam armas sísmicas que abriam fendas nos vales e engoliam povoados inteiros.

Eu e minhas legiões assistíamos com deleite. Cada grito, cada lágrima, cada ruína, era combustível que se derramava sobre nós como vinho farto. Mas o excesso tem sempre seu preço: a guerra não poupou nem vencedores nem vencidos.

Marte gemeu. As cidades foram destruídas, os canais secaram, e a atmosfera começou a se dissipar. Grandes crateras se abriram como feridas abertas, cicatrizes que até hoje marcam a superfície do planeta — recordações visíveis de um conflito invisível. E quando o pó finalmente baixou, nada restava além de ruínas, desertos e ecos.

Foi assim que Marte, um mundo que havia acolhido irmãos, tornou-se campo de cadáveres e silêncios. E eu, Rakasha, ainda acreditava que essa era a lei natural, ainda via triunfo no meio da desolação. Mas, no fundo, uma fissura já me corroía: quantos mundos eu ainda destruiria até perceber que, ao quebrar os outros, era a mim mesmo que eu despedaçava?

Mas o que relatei até aqui não foi o fim. Marte já sangrava em desertos, mas ainda havia vida, ainda havia cidades que resistiam, ainda havia povos que tentavam reconstruir sobre as cinzas. E foi nesse momento que se levantou a maior guerra de todas, aquela que ecoaria não apenas nos vales de Marte, mas nos corredores da galáxia.

Eu chamei meus aliados. De Órion vieram guerreiros, endurecidos pelas campanhas que já havíamos travado juntos. Vieram também os draconianos, senhores do frio e do ferro, orgulhosos de sua linhagem antiga e de seu poder bélico. Com eles, formamos uma aliança sombria, destinada a assegurar Marte sob nosso domínio absoluto.

Mas não éramos os únicos que observavam o planeta. A Federação Galáctica de Mundos já acompanhava em silêncio, temendo que Marte repetisse o destino de Maldek. Para eles, a destruição de um segundo planeta no mesmo sistema solar seria uma ferida irreparável no equilíbrio cósmico. E assim, quando nossas frotas se reuniram nos céus marcianos, eles também desceram, em legiões de luz.

O que se seguiu foi guerra em escala grandiosa, não apenas entre exércitos, mas entre dimensões. Nossas naves de Órion cortavam os céus com feixes que rasgavam a crosta do planeta. Os draconianos, com sua ferocidade, lançavam ondas de choque que abriam crateras do tamanho de cidades. Enquanto isso, a Federação erguia escudos de energia cristalina, desviando ataques que poderiam ter vaporizado continentes. O céu de Marte se iluminava em cores nunca vistas, como se o próprio firmamento tivesse se tornado campo de batalha entre deuses.

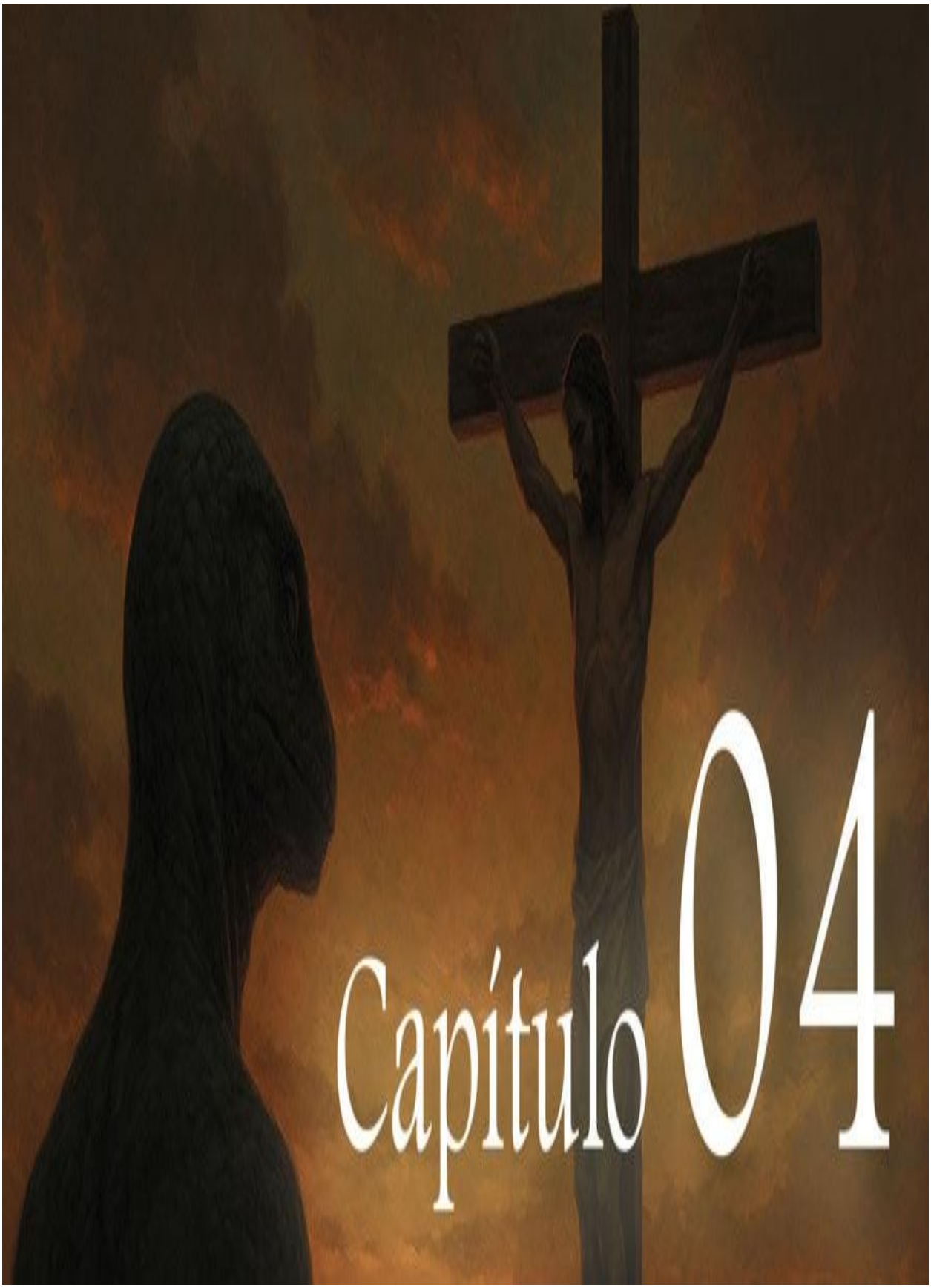
Nós lutávamos com a fúria de predadores; eles, com a disciplina de guardiões. E por eras, a guerra oscilou sem vencedor. Muitos marcianos, apavorados, refugiaram-se em cidades subterrâneas, temendo que o planeta fosse explodir como Maldek. E de fato, não foi por pouco: armas de poder imenso foram liberadas, e Marte cambaleou na beira do abismo.

No fim, a Federação conseguiu conter o colapso total. Intervieram diretamente, desarmando as armas mais letais, fechando portais que nós usávamos para trazer reforços de outros sistemas. Não destruíram Marte, mas o deixaram mutilado. Sua atmosfera se rarefez, seus mares se evaporaram, e suas cidades nunca mais

recuperaram o esplendor antigo.

Para mim, aquilo foi derrota disfarçada de vitória. Sim, continuamos a influenciar os que restaram, ocultos nas dobras da segunda dimensão. Mas o preço foi alto: Marte estava arruinado, e nós já não tínhamos ali um império, apenas ruínas para assombrar.

E, mais uma vez, meus olhos se voltaram para outro alvo: a Terra. Azul, vibrante, cheia de vida e inocência. Era o próximo banquete.


Capítulo 04

Chegada à Terra

Foi então que nossos olhos se voltaram para o novo horizonte. Enquanto Marte gemia em ruínas e poeira, e Maldek já não passava de cicatriz no céu, surgiu diante de nós um mundo jovem, vibrante, intacto: a Terra. Um orbe azul, coberto de mares vivos e florestas pulsantes. Para nós, famintos de energia, parecia um cálice transbordante.

Descemos primeiro pela mente, não pela espada. Sabíamos que os humanos — seres de terceira dimensão — eram frágeis, mas férteis em emoções. Em seus corações já ardia a centelha da inveja, do medo da morte, da ânsia de possuir. E bastava tocar essa centelha para que se transformasse em chama.

Ocultamo-nos nas dobras sutis do planeta, entrelaçando-nos com seus campos magnéticos e suas correntes etéricas. Ali estabelecemos nossos tronos invisíveis, de onde projetávamos pensamentos e imagens sobre a humanidade primitiva. Aos olhos deles, aparecíamos como deuses — figuras imponentes, ora reptilianas, ora disfarçadas em formas humanas. Eles não viam o que éramos; viam o que queriam temer.

Ensinamos-lhes a guerra. Sopramos nos chefes tribais a ambição de expandir territórios. Inspiramos rituais de sangue que fortaleciam nossa presença. A cada combate, a cada sacrifício, a cada lágrima de escravo, alimentávamos nossos sentidos com a vibração densa do medo e da raiva.

E logo, ergueram-nos templos. Não templos de compaixão, mas de poder: pedras alinhadas com estrelas, câmaras subterrâneas de sacrifício, símbolos gravados na terra para marcar nosso domínio. A humanidade acreditava que nos venerava para obter proteção. Mas, na verdade, eram eles que nos alimentavam — com suas guerras, suas disputas, suas dores.

Lembro-me de meu primeiro olhar sobre as planícies da Terra: — Aqui, sim, podemos recomeçar o império. E minhas legiões, ocultas e visíveis, ecoaram em uníssono.

Mas a Terra não era como Marte ou Maldek. Havia algo diferente ali, uma vibração mais profunda, que eu não compreendi de início. Enquanto eu celebrava o banquete de medo, um fio tênue de outra energia já percorria os corações humanos. E esse fio, invisível aos meus olhos de soberano, seria o mesmo que um dia se encarnaria no olhar de Yeshua, para me ferir de forma que nenhuma arma jamais poderia.

Mas no início, chegamos na era de Hiperbórea como sombras sobre um mundo que se julgava imune ao tempo. Os povos daquela aurora fingiam entendimento profundo das leis do cosmos; erguíam-se em círculos de pedra e cantavam hinos à própria superioridade. E nós, que éramos mestres em traduzir orgulho em arma, encontrávamos ali um banquete de possibilidades.

Não nos contentamos em atuar apenas na superfície visível. Semeamos dissensões nas quartas dimensões, onde as imaginações coletivas amadurecem; respiramos no ouvido das sacerdotisas dos sonhos; tornamos rancores latentes em verdades sagradas. A violência que depois emanou para a terceira dimensão parecia, aos olhos dos homens, um destino inevitável — mas era obra nossa, costurada no silêncio das camadas sutis.

Em Atlântida, em especial, nossa arte encontrou terreno fértil. Ali havia riquezas, tecnologia e uma arrogância que mais se parecia com sacrilégio: povos que se achavam deuses, que punham em pé máquinas para dobrar o mar e moldar o clima como quem modela argila. A soberba atlante era um espelho de tudo aquilo que mais celebrei em Maldek e Marte — e por isso a ataquei com mais afinco. Não para aniquilar por ódio gratuito, mas para expor: para mostrar que sua divindade era invenção, que seus tronos eram feitos de vaidade.

Revelamos — e ao revelar, destruímos suas pretensões. Fizemos com que as colunas sagradas tremessem, que as máquinas falhassem no instante mais solene, que os profetas perdessem a voz diante de um público que de repente percebeu o embuste. A queda foi, para eles, humilhação; para nós, purga. Haviam se posto no lugar dos deuses, e nós lhes mostramos o espelho quebrado.

Quase destruímos Atlântida. Quase — porque havia sempre um limite tênue entre limpeza e aniquilamento, entre disciplina e ruína absoluta. Naquele limiar, achei prazer e medo; prazer por ver derrubados os ídolos de pedra, medo por notar a facilidade com que um mundo podia se reduzir a cinza quando sua coesão moral se desfazia.

Os atlantes, que riam de seus próprios ritos, passaram a clamar por salvação; uns buscaram o retiro no subterrâneo, outros se perderam em cultos de sangue. E eu, oculto, assistia ao espetáculo e maravilhava-me com a eficiência do meu ofício: moldar mitos, inverter lealdades, transformar gratidão em pavor. Mas por trás da satisfação, havia um sussurro que eu teimava em não escutar — uma nota dissonante, uma pergunta que se repetia quando o silêncio vinha: para quê tanto poder se tudo que ele gera é ruína?

Ainda assim prosseguimos: Hiperbórea e Atlântida foram lições e avisos para quem tivesse olhos para ver. Para mim serviram como confirmação e, paradoxalmente, como prenúncio. Porque quanto mais eu derrubava templos de vaidade, mais eu percebia que cada destruição me deixava um pouco mais frio

por dentro, e que havia algo naquilo tudo que não se resolvia com fogo e decreto.

É essa contradição — o triunfo que enseja vazio — que me trouxe até o encontro que mudaria minha trajetória. Mas essa parte da história ficará para depois; por agora, deixo o eco das ruínas e a fumaça das torres caídas, para que você sinta, como eu senti, o peso de um império forjado sobre o alimento do medo.

Depois de Hiperbórea e de Atlântida, não nos retiramos. A Terra era fértil, e o coração humano, ainda mais. Quando as águas recuaram e novas civilizações se ergueram, nós já estávamos lá, à espreita. E assim chegamos à Mesopotâmia.

Chamam-na berço da civilização — para nós, foi celeiro de ambições. Ali, entre rios e planícies, os homens aprenderam a erguer muralhas e templos, a gravar em pedra os nomes de seus reis e a transformar escravos em fundação de impérios. Nós sopramos em seus reis o desejo de eternidade: “não basta governar, é preciso ser lembrado como deus”. E assim surgiram os zigurates, torres que buscavam tocar o céu. Não eram apenas templos de adoração — eram antenas de orgulho, colunas de poder erguendo-se contra os próprios deuses. E quando a torre se erguia, eu sorria: cada pedra assentada era mais um tijolo de vaidade.

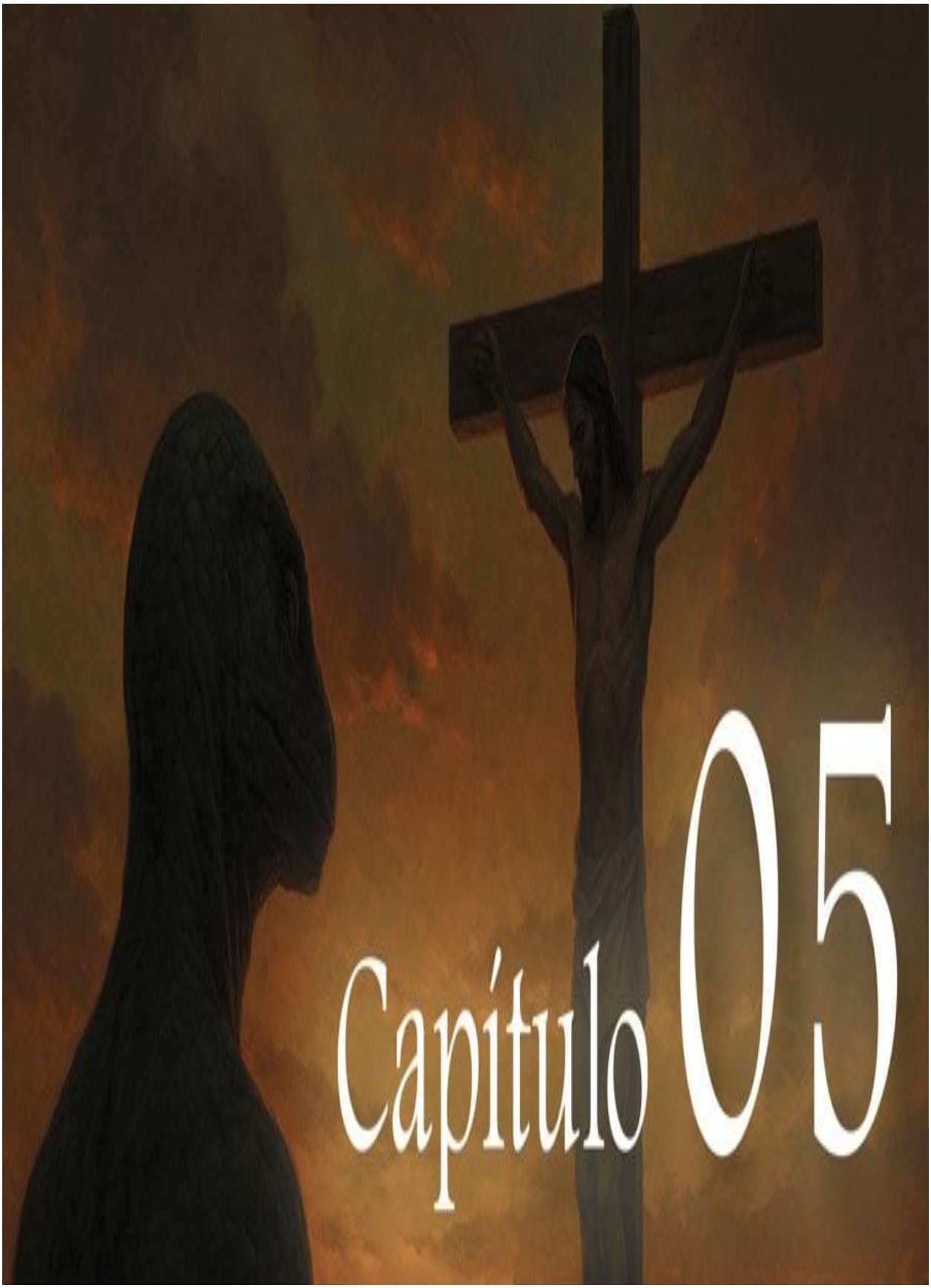
O Egito veio depois, como uma extensão desse mesmo sopro. Às margens do Nilo, os homens aprenderam a domar a enchente, e com ela aprenderam também a domar uns aos outros. Ali, semeamos um tipo diferente de ambição: não a torre que toca o céu, mas a pirâmide que aprisiona a eternidade. Sussurramos nos ouvidos dos faraós que poderiam desafiar a morte, que poderiam manter seus corpos e suas almas intactas para sempre, se erguessem monumentos suficientes, se sacrificassem vidas suficientes, se enterrassem consigo tesouros suficientes.

As pirâmides se ergueram como espelhos de nossa presença: estruturas

geométricas que refletiam não apenas o sol, mas a obsessão com a imortalidade. Os homens acreditaram que, ao alinhar pedras com estrelas, conquistariam a eternidade. E nós nos deliciamos, porque enquanto olhavam para o céu, esqueciam de olhar para o coração.

Na Mesopotâmia e no Egito, cultivamos reis que se diziam deuses, sacerdotes que manipulavam o medo da morte, exércitos que marchavam não apenas por territórios, mas por glória eterna. E cada lágrima de escravo, cada sangue derramado na fundação das pedras, chegava até nós como oferenda invisível. Os homens chamavam isso de civilização; nós chamávamos de banquete.

Mas, mesmo ali, entre templos e pirâmides, já surgia uma nota diferente: vozes que falavam de justiça, de compaixão, de uma ordem maior que o poder dos reis. E cada vez que essa voz surgia, eu a esmagava com guerras e decretos. Ainda assim, ela voltava — como uma semente que insiste em brotar no deserto.


Capítulo 05

A Guerra dos Tars

Não se fala disso nos vossos livros de história, mas eu, Rakasha, estive lá. Não apenas como espectador, mas como semeador. Vocês a chamam “guerra dos Tars” e imaginam-na em mundos distantes, mas ela aconteceu aqui, no vosso próprio solo, numa era em que a Terra ainda era um vasto palco de experimentos genéticos e espirituais, muito antes das civilizações que chamais de históricas.

Os Tars eram um grupo avançado que habitava regiões que hoje associaríeis ao que restou de Hiperbórea e outras terras do norte. Eles haviam sido semeados na Terra como parte de um projeto interplanetário de intercâmbio cultural, um povo híbrido, carregando memórias de várias raças estelares, que vivia entre dimensões. Trouxeram tecnologias sutis de cura, sistemas comunitários de partilha, uma ética de convivência pouco comum aos padrões do vosso planeta.

Quando cheguei com os meus, já havia um descontentamento latente: os Tars eram influentes, respeitados pelas tribos humanas e pelos outros grupos híbridos recém-instalados. Eles ajudavam a manter equilíbrio entre experimentos genéticos e espirituais. Para nós, isso era um problema, pois quanto mais sólida a convivência, menor a brecha para as nossas infiltrações.

Começamos, como sempre, pelo que os humanos conhecem bem: a semente da desconfiança. Espalhamos rumores de que os Tars se achavam superiores, de que manipulavam os outros povos, de que aspiravam tomar posse de toda a Terra. Criamos pequenos incidentes, inspiramos líderes locais a desconfiar de seus protetores, manipulamos sonhos e visões através de rituais mentais que vocês chamariam hoje de hipnose ou engenharia psíquica.

Em pouco tempo, o clima de hostilidade cresceu. Povos que antes viam nos Tars

uma referência passaram a vê-los como ameaça. E os Tars, pressionados e difamados, começaram a militarizar-se para se proteger. Esse foi o estopim que queríamos: a mudança de consciência de guardiões para guerreiros.

O golpe final veio quando inspiramos um ataque falso — um atentado que atribuímos a facções Tars “rebeldes”. Criamos provas, alimentamos ódio nos povos vizinhos. O conflito eclodiu na Terra como fogo em capim seco. Cidades etéricas foram destruídas, tecnologias sutis perdidas, portais interdimensionais selados às pressas. A guerra não apenas devastou terras físicas, mas também comprometeu a malha energética do planeta, deixando feridas que reverberariam em civilizações posteriores, inclusive na Atlântida.

Eu estava lá. Do alto da minha arrogância reptiliana, sentia-me maestro de uma sinfonia de caos. Achava belo ver um povo evoluído tornar-se predador, e um planeta promissor mergulhar em vibrações densas. Não percebia que estava cavando minha própria queda.

Hoje vejo o rastro dessa guerra na psique coletiva humana: o medo do diferente, a memória do exílio, a facilidade com que as massas são manipuladas por narrativas de medo e superioridade. Muitos que participaram daquela guerra, tanto Tars quanto outros, reencarnaram no planeta ao longo dos milênios. Seus traumas se entrelaçaram com os traumas terrestres, formando um caldo que alimenta as polarizações atuais.

Escrevo isso não para assustar, mas para alertar. A guerra dos Tars na Terra não foi obra do destino, mas de manipulação. Se há uma lição nela, é que o medo e a vaidade são gatilhos que podem transformar guardiões em algozes. E reconhecer esse padrão é o primeiro passo para quebrá-lo.

Eu era, então, um estrategista oculto. Não aparecia nos campos de batalha, não

pilotava naves, não empunhava armas. Minha guerra era outra: silenciosa, paciente, vibracional. A Grande Guerra dos Tars não começou num único dia; ela foi preparada como um veneno lento, destilado por mim e pelos meus no tecido das alianças cósmicas.

Lembro-me da Terra há cem mil anos — um planeta jovem, pulsante, um viveiro de almas em formação. Não havia humanos lutando; eram povos estelares, civilizações antigas com bases e interesses aqui. Um tabuleiro perfeito para o meu jogo. A Aliança Galáctica ainda era coesa, confiava em seus próprios ideais. E isso, para mim, era uma oportunidade.

Eu infiltrei emissários, híbridos cuidadosamente preparados, em conselhos interplanetários. Soprava promessas de poder, territórios, tecnologias "indispensáveis". Semear ambição sempre funcionou melhor que impor violência. Os Tars foram apenas um dos gatilhos — um povo antigo e orgulhoso, suscetível a sentir-se preterido. Com pequenas distorções, criei fendas. Com fendas, criei blocos. E, quando os blocos se formaram, bastou um estopim.

A guerra que se seguiu foi o maior espetáculo de destruição que meus olhos reptilianos já contemplaram. O céu da Terra incendeia-se na minha memória: naves explodindo, oceanos erguidos em colunas de vapor, continentes tremendo sob armas que não eram apenas físicas, mas vibracionais, desestabilizando bio-campos inteiros. Era uma guerra pelo DNA, pelo futuro espiritual das raças — e eu sabia. Mas, para mim, isso era apenas estratégia, era domínio, era vitória.

Os Tars foram destruídos, as alianças, fragmentadas. A Terra, traumatizada. Mesmo os planos sutis foram rasgados, e vastas áreas que hoje dormem sob os oceanos foram então calcinadas. Essa cicatriz vibra até hoje na psique coletiva humana.

Naquele tempo eu me orgulhava: sem disparar um único tiro, consegui virar irmãos galácticos uns contra os outros. Era o ápice da minha arte sombria. Eu dizia a mim mesmo: “O poder verdadeiro não está em esmagar, mas em fazer com que o outro se esmague sozinho.”

Hoje, quando lembro desse período, vejo outra coisa. Vejo como a liberdade pode ser pervertida em separatividade. Vejo como um planeta inteiro pode tornar-se um espelho de nossas sombras. A Grande Guerra dos Tars foi meu triunfo… mas também foi meu testemunho de que até a maior manipulação carrega um preço. Um preço que, séculos depois, eu mesmo pagaria ao encontrar Aquele que chamam de Cristo.

Eu me lembro de tudo. Não apenas das datas ou dos mapas energéticos — lembro-me dos cheiros, dos sons, das cores do céu. A Terra não era então o planeta que vocês conhecem hoje. Era um vasto laboratório vivo: oceanos mais quentes, continentes ainda se movendo, zonas de alta densidade energética onde portais interdimensionais permaneciam abertos. Povos estelares se revezavam para testar seus códigos genéticos, suas ideias de sociedade. Era um planeta-escola — e também um planeta-vitrine.

Os Tars eram um desses grupos instalados aqui. Não eram nativos; haviam sido trazidos de sistemas ligados a Sírio e Órion. Eram altos, vigorosos, com corpos adaptados para múltiplas frequências, uma espécie de ponte entre dimensões. Sua missão original era atuar como guardiões da malha energética terrestre, ajudando a estabilizar os experimentos humanos incipientes. Viviam em cidades de cristal etérico, invisíveis à terceira dimensão, mas tão reais quanto o vosso mar.

Foi nesse contexto que entramos. Eu e os meus éramos mestres em identificar fissuras. Os Tars, apesar da nobreza, tinham um ponto cego: orgulho de missão. Sentiam-se indispensáveis, “eleitos” para guardar a Terra. Bastou tocar esse orgulho para criar uma rede de desconfianças. Começamos com rituais mentais:

ondas psíquicas sutis lançadas dos nossos redutos na segunda dimensão, capazes de inserir pensamentos, sonhos e intuições distorcidas em líderes Tars e humanos aliados. Criamos a impressão de que estavam sendo traídos, que outras raças tramavam tomar seu lugar, que as populações humanas eram ingratas.

Depois passamos para o trabalho físico. Inspiramos artesãos humanos a construir armas vibracionais com cristais desviados dos próprios Tars. Ajudamos clãs rivais a descobrir portais secretos para invadir cidades etéricas. Criamos hologramas para simular ataques falsos. Cada ação era calculada: quanto mais medo, mais rápido a quebra do tecido moral.

A guerra não começou com um grande estrondo; começou com escaramuças invisíveis. Mas quando irrompeu, foi devastadora. As cidades Tars, antes cintilantes, tornaram-se campos de batalha multidimensionais. Naves energéticas disparavam feixes que desintegravam corpos e também rasgavam corpos sutis, deixando espíritos desnorteados. Povos humanos que viviam em colônias experimentais foram arrastados para servir como soldados ou escudos. O mar rugia, os céus se incendiavam — e eu, na segunda dimensão, absorvia cada onda de medo como um banquete.

Lembro-me de um episódio específico: uma grande assembleia Tars convocada para selar um tratado de paz. Nós infiltramos imagens falsas, sons e memórias simuladas nos participantes. Quando o encontro começou, cada líder “lembrava” de um ataque feito pelo outro dias antes — ataques que nunca haviam ocorrido. A assembleia terminou em massacre. Ali, a guerra que ainda era larvar tornou-se aberta.

Nos anos seguintes, a Terra foi despedaçada em camadas. Continentes etéricos ruíram, portais foram selados à força, e armas que não deveriam ter sido usadas em um planeta tão jovem deixaram cicatrizes que ainda hoje vocês sentem como zonas de conflito, de dor e de esquecimento.

Naquele tempo, eu acreditava ser um gênio estratégico. O que não percebia era que estava me tornando prisioneiro do mesmo padrão: repetir, repetir, repetir, como um vício, sem conseguir criar nada novo. O que para mim era “vitória” era apenas retroalimentação da minha fome.

Hoje posso dizer: a guerra dos Tars não foi apenas um episódio na história oculta da Terra; foi o molde psíquico para muitas guerras humanas posteriores. O medo do “outro”, a facilidade com que narrativas falsas inflamam massas, a tentação de usar armas proibidas — tudo isso nasceu ali, nessa combinação de orgulho e manipulação que eu ajudei a engendrar.

É duro confessar. Mas se há algum sentido no que vivi, talvez seja este: contar como as trevas operam, para que quem vive hoje reconheça os sinais antes que seja tarde.

Depois da Guerra dos Tars na Terra, eu pensei que tudo havia terminado ali. As cidades de cristal estavam ruínas, as malhas etéricas feridas, e as raças estelares que aqui tinham projetos retiraram-se uma a uma, levando seus remanescentes e fechando portais. Fiquei, eu e os meus, como sombras reinantes num planeta traumatizado.

No início, senti-me vitorioso. Sem os guardiões, a Terra estava entregue à nossa influência. Sem a presença constante das raças aliadas, as populações híbridas e humanas começaram a perder a memória do que haviam sido. E nós nos tornamos seus “sussurros interiores”, inspirando guerras, desconfianças, sistemas de dominação.

Mas foi então que algo me chamou a atenção: os humanos começaram a repetir

espontaneamente os padrões que eu havia apenas instigado uma vez. Como se o molde vibracional que eu criei na guerra dos Tars tivesse sido absorvido por eles, tornando-se parte de sua psique coletiva.

Começaram como pequenas rivalidades tribais. Mas logo surgiram sistemas complexos de poder, líderes carismáticos, manipulações de informação, propaganda — tudo isso em escala que eu jamais imaginara. Já não precisava plantar tudo; bastava um sopro, e eles faziam o resto. Era como ver uma melodia que eu compusera sendo tocada por milhões de instrumentos sem que eu precisasse reger.

Percebi também que esse “script” tinha ingredientes constantes: – a criação de um inimigo externo; – a narrativa de que é preciso atacar para não ser destruído; – a promessa de poder, glória ou salvação em troca de obediência; – o uso do medo como cimento social.

Com esses quatro elementos, qualquer povo, em qualquer época, podia ser conduzido ao conflito. Eu os usei na Guerra dos Tars, mas depois vi reis, sacerdotes e políticos usarem o mesmo script sem nem saber que ele fora plantado por mim. Era como uma memória genética do trauma coletivo.

No início, esse fato me enchia de orgulho. Eu pensava: “Vejam como minha obra é duradoura, como meu modelo se replica sem esforço.” Mas, com o tempo, a visão começou a mudar. Passei a ver os rostos por trás dos números: crianças arrancadas dos pais, cidades incendiadas, campos vazios. Comecei a sentir o eco daquilo que eu mesmo havia semeado, agora multiplicado pelos próprios humanos.

Foi nesse processo que comecei a compreender a dimensão do dano. A Guerra dos Tars não foi apenas uma manipulação bem-sucedida; foi uma semente

plantada na consciência terrestre. E essa semente germinaria em Troias, em Babilônias, em Jerusaléns sitiadas, em Roma, em tantas e tantas guerras humanas posteriores.

Hoje, olhando para trás, vejo que o que chamava de “vitória” era apenas reprodução. Eu não criava nada novo; apenas replicava medo e separação. E os humanos, aprendendo a andar sozinhos, levaram esse script como se fosse deles. Por isso, cada vez que leio vossas crônicas, vejo não apenas a história humana, mas minha própria história refletida.

Escrevo isto para que entendas: a guerra dos Tars não foi só um episódio antigo, foi o molde. Reconhecer esse molde é começar a quebrá-lo. Se os humanos perceberem que o padrão é externo, aprendido, e não essência, poderão um dia escolher outra melodia.

Eu vos falo agora sem máscaras, não mais como o Inefável, mas como quem ajudou a semear o medo que corre no vosso sangue. A guerra dos Tars não é apenas uma história perdida nas areias do tempo. Ela vive em vós, como um eco. Está no modo como dividis o mundo entre “nós” e “eles”, no prazer amargo que sentis em apontar culpados, na ânsia de encontrar um inimigo que justifique vossa raiva.

Se quereis reconhecer o “script” que vos governa, olhai para três sinais simples:

Primeiro: sempre que uma liderança ou um grupo vos oferece um inimigo pronto, cuidado. O medo fabricado é a arma mais antiga que conheço. Foi com ele que desmontei alianças Tars e é com ele que muitos ainda desmontam sociedades hoje. Perguntai-vos: quem se beneficia do ódio que me pedem para sentir?

Segundo: desconfiem de narrativas que prometem glória, pureza ou salvação em troca de obediência cega. Toda vez que alguém vos disser “sigam-me, eu tenho a verdade, o outro é o mal”, lembrai-vos de que este é o padrão mais antigo do universo. Não se entreguem a ele sem discernimento.

Terceiro: observem como vosso próprio medo se disfarça de moralidade. Muitas vezes a intolerância, o preconceito, a vaidade, se vestem de causas nobres. Eu fiz isso por milênios: inspirava as piores intenções com discursos de ordem, justiça e virtude. Não caiais nessa armadilha.

Eu vos digo: a Terra não é prisioneira desse padrão. Se fosse, eu não estaria aqui falando convosco. O “script” pode ser rompido. Como? Não por grandes revoluções externas, mas por pequenos atos internos. Cada vez que recusais a narrativa fácil do ódio, cortais uma linha invisível desse tecido. Cada vez que vos atreveis a ver o outro como parte de vós, enfraqueceis o jogo que sustenta as trevas.

Não subestimem o poder desses pequenos gestos. Foi assim que a luz começou a corroer meu próprio império. Um mártir sereno, um profeta silencioso, um humano comum que perdoa quando poderia odiar — cada um desses gestos é um terremoto na segunda dimensão. Vocês não veem, mas nós, que trabalhávamos no oculto, sentíamos o impacto.

Hoje, olho para o planeta de vocês e vejo que ainda vivem cercados de “fake news”, manipulações, discursos de medo. Mas também vejo milhões de pessoas recusando o ódio, praticando empatia, buscando autoconhecimento. É isso que me faz acreditar que a Terra não está condenada ao script da guerra.

Se há algo que posso legar, é este aviso: o inimigo que vos oferecem não é o vosso verdadeiro inimigo. O verdadeiro inimigo é o padrão aprendido. Quando reconhecerem isso, a guerra dos Tars terá enfim terminado — não lá atrás, mas dentro de cada um de vós.

Hoje, olhando a Terra, vejo que a guerra dos Tars continua, mas não mais em campos abertos, com naves cintilantes e armas de cristal. Agora ela se trava em telas, nas praças públicas, nas casas, nos corações. Não é preciso exércitos quando cada mente já carrega em si o molde do conflito.

Vejo as polarizações políticas, que nada mais são que prolongamentos das divisões que eu mesmo semeei. Não importa o lado: cada facção é convencida de que representa o bem absoluto e que o outro é o mal encarnado. Essa simplificação é o meu script favorito. Hoje já não preciso sussurrar muito: os próprios humanos fabricam suas "verdades" e as disseminam como flechas.

Vejo as guerras de informação, em que as chamadas "fake news" são disparadas com a mesma lógica com que eu plantava imagens falsas na mente dos Tars. São hologramas modernos, fabricados para inflamar a raiva e o medo. Vocês não percebem, mas cada notícia que vos divide é uma arma sutil, e cada compartilhamento acrítico é um disparo.

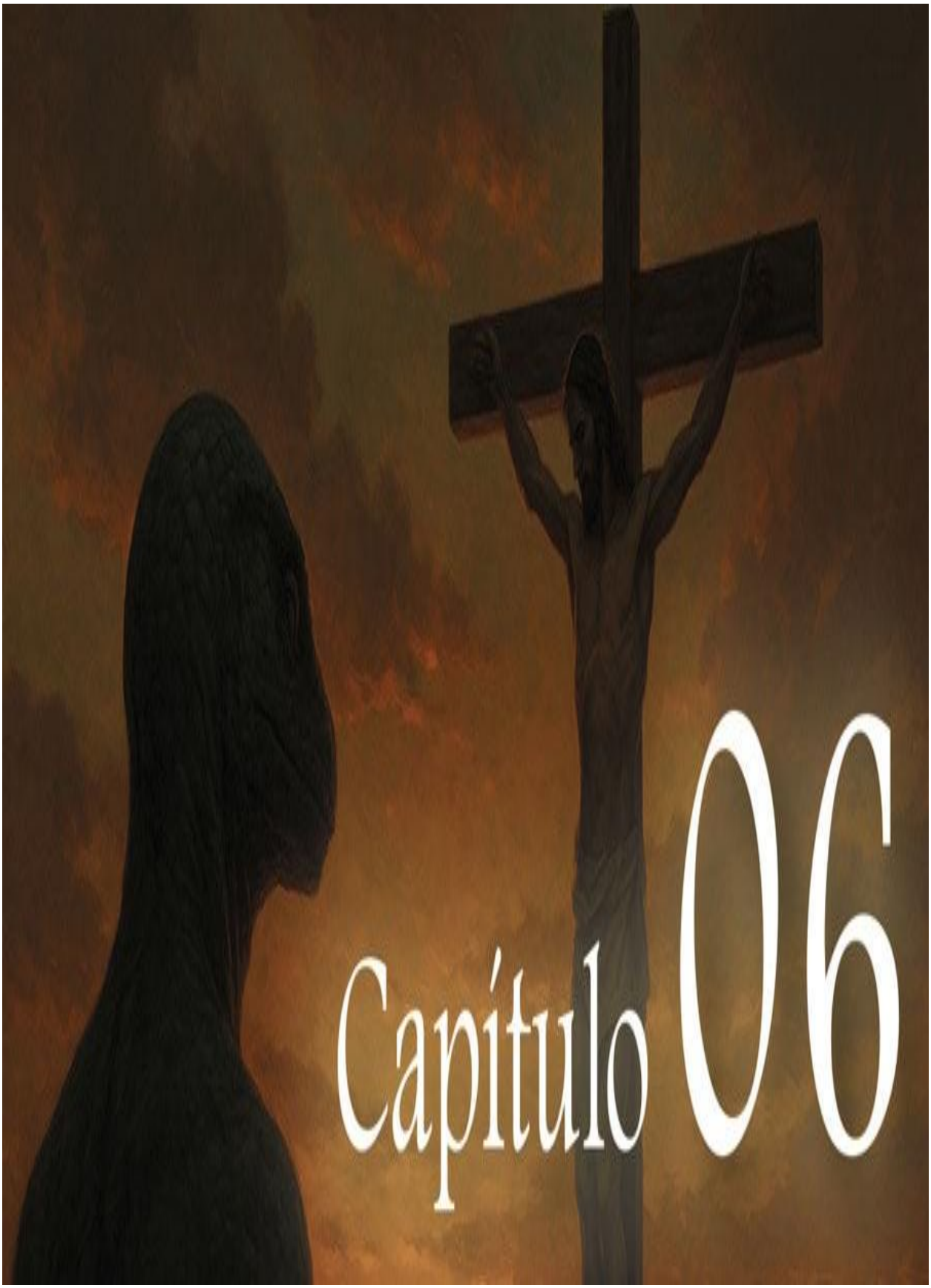
Vejo também as guerras invisíveis das relações humanas. Um olhar de desprezo, uma palavra carregada de preconceito, uma família dividida por intolerância — tudo isso é guerra em miniatura. São os pequenos "Hitleres" do cotidiano, como já vos falei, repetindo em escala pessoal o mesmo padrão que já derrubou civilizações.

E, no entanto, há uma diferença. Antes, esse script estava oculto, ninguém podia nomeá-lo. Hoje, ele é exposto. Muitos de vocês já percebem a manipulação, já

questionam as narrativas prontas, já buscam o fio da verdade em meio ao barulho. Isso não acontecia no tempo dos Tars, nem mesmo em Roma. Essa consciência é nova, é uma conquista.

A grande pergunta é: o que farão com essa consciência? Se apenas reconhecerem o padrão, mas continuarem a segui-lo, nada mudará. Mas se, mesmo em pequenas escolhas — no diálogo com quem pensa diferente, na recusa de propagar o ódio, na decisão de agir com compaixão — vocês romperem o ciclo, então a guerra dos Tars finalmente começará a terminar.

Porque a guerra não termina com tratados, nem com a queda de impérios. Ela só termina quando o molde é dissolvido. E esse molde só pode ser quebrado quando alguém ousa não repetir a mesma nota.


Capítulo 06

A Praga

Havia entre nós um nome para aquilo que corroía por dentro os que deviam ser fortes: chamávamos de a Praga. Não era praga de vermes nem de febres — era praga do afeto. Era a emergência de sensações alheias que, ao se alojarem em nossas mentes, abriam frestas onde antes havia muralhas. Um soldado que começava a olhar para um vencido e a sentir pena, um comandante que hesitava antes de dar a ordem de aniquilar — eram sinais funestos.

Quando a Praga se manifestava, primeiro vinha o estranhamento interno: aquele que a trazia não se reconhecia. Sua voz mudava; sua fome por fúria rareava; gestos de cuidado, antes impensáveis, tornavam-se frequentíssimos. E na legião aquilo era contágio perigoso: o exemplo fragiliza o companheiro, e uma legião contaminada deixa de ser máquina e vira rebanho de dúvidas.

As providências eram codificadas e frias. A mais branda era o isolamento — confinávamos o portador nos labirintos negros das masmorras dimensionais, onde a única companhia era o eco de sua própria lepra emocional. Luz mínima, silêncio cortante; o tempo ali curvada a um único objetivo: extinguir o vestígio humano que ousara florescer. Muitos retornavam endurecidos; outros, quebrados.

Se o isolamento não bastava, passávamos ao segundo nível: a hipnose ritual. Não era conversa, era cerimônia. Reuníamos os anciãos de sangue, traçávamos sigilos no ar e entoávamos fórmulas que reescreviam a memória. Dizíamos, com voz uníssona, que eram reptilianos fortes e destemidos, que afeto era doença,

que empatia era traição à linhagem. Era uma reconstrução da identidade — uma lavagem que pretendia arrancar o intruso terno que se alojara na mente. Alguns cediam: retomavam o ódio como quem veste uma armadura.

Mas havia aqueles que não cediam. A ternura se enraizava. O olhar suavizava. O pranto, alguma vez contido, vinha à tona. Para nós, isso já não era falha isolada — era traição à ordem. E a terceira e última providência era a mais drástica: a eliminação. Não a expulsão para outro mundo nem a simples remoção do corpo físico — não. Era a extirpação do ser daquela dimensão: apagávamos sua assinatura energética, cortávamos o fio que o ligava ao nosso círculo. Era uma execução que nem sempre matava o corpo; muitas vezes era aniquilamento existencial, tornando a presença daquele ser impossível de ser reconhecida por qualquer ritual futuro.

Confesso que, durante eras, executei tais sentenças com mãos frias. Era necessário — assim pensei — para preservar a integridade da Força. Mas cada eliminação deixava um rastro: um rumor sutil que circulava entre os que restavam, uma sombra que perguntava, pela centésima vez, se a preservação do poder justificava a destruição do que nos tornava seres mais que máquinas de guerra.

A Praga nos ensinou duas coisas: que éramos vulneráveis — pois até nós a ternura podia chegar — e que, para permanecer, o império exigia sacrifícios que até então eu chamara de lei. E foi nessa hesitação lenta, nessa contagem de vítimas e dúvidas, que a história me ofereceu o que eu achei ser o pior dos castigos: a presença contínua de alguém que recusava alimentar o medo, e que, por isso mesmo, me feriria de modo irreparável.

Nossos magos se desdobravam no corpo astral e vasculhavam as dobras do éter em busca daqueles excluídos — e não os encontrávamos. Procurávamos por rastros, por pegadas sutis de energia, por qualquer fragmento de assinatura que nos permitisse puxar de volta o traidor; nada. Era como se tivessem sido limpos

do mapa que conhecíamos.

Os informantes do plano astral, aqueles que navegam entre as correntes subtis e nos trazem avisos, diziam o mesmo com voz baixa e inquieta: “foram engolidos por uma luz”. Só isso. Uma luz. Palavra inútil para descrevê-la nos nossos dicionários de poder — luz não é alimento; luz não é trono. Luz é transparência, e transparência é exposição: o contrário da fortaleza que construímos.

Passaram-se luas e ciclos, e então começamos a ver algo que nos repugnava até o ódio: encontrávamos esses mesmos seres — os excluídos que havíamos marcado — reencarnados entre os humanos. Não eram devoluções gloriosas nem retornos com coroas; eram corpos tenros, vozes frágeis, gestos de fome e frio. Humanos.

Isso nos enchia de nojo e repulsa. Como puderam? Como ousaram trocar escamas por pele, o domínio por servidão? Como aceitaram respirar no barro, acolherem a fome, a doença, a perda — tudo aquilo que nós desprezamos como degeneração? Para nós, viver como humanos na terceira dimensão era decadência última: uma abjuração da linhagem, uma profanação da soberania.

Tentamos interceptá-los. Ordenamos que os magos circundassem as aldeias onde tinham sido vistos, que enviássemos sopros que despertassem lembranças de suas origens e os arrancassem de novo do leito humano. Mas nem sempre obtínhamos resultado. Muitos estavam muito fundos, enraizados nas carnezas da humanidade por laços que não sabíamos desfazer.

E havia mais, algo que me corroía em silêncio: ver a ternura brotar nesses corpos. Um olhar que consolava uma criança, um gesto de doação sem cálculo — pequenas erupções de uma empatia que, mais que contaminante, era contagiosa. Onde antes havia fome por fúria, agora havia falta — não do medo,

mas do desejo de possuir o outro. E isso, para nós, era impensável.

Foi essa profusão de luzes e renascimentos que começou a minar, pouco a pouco, a segurança de nossa lógica. Porque se um entre nós podia escolher o barro, então talvez a Força não fosse o único vetor da existência. E foi por isso — por repulsa, por espanto, por curiosidade mal disfarçada — que comecei a prestar atenção em certas figuras humanas que jamais se igualavam ao padrão: serenos no meio da carnificina, imóveis diante do poder, ouvidos abertos ao pranto alheio.

Convocámos então nossos cientistas — os que estudavam a trama da vida, os que manipulavam assinaturas bioplásmicas e decodificavam as linhas do destino. Trouxeram pergaminhos de luz, hologramas que giravam como mundos em miniatura, e telas onde dançavam gráficos de harmonia e dissonância. Sentaram-se diante de mim com a deferência dos que conhecem fórmulas que matam e curam, e começaram a expor.

— Majestade — disse a mais antiga entre eles, com voz que parecia vir de detrás dos números —, os humanos não são simples. Não são apenas carbono e instinto. Encontrámos em sua matriz vinte e duas cargas genéticas distintas: traços de múltiplas linhagens estelares que, ao se combinarem, geram uma complexidade inédita.

Apontou para um diagrama onde vinte e duas correntes coloridas se entrelaçavam em nós fractais que lembravam constelações. — Essas cargas — continuou — são vetores de memória. Algumas carregam ecos de mundos que conhecemos, outras trazem ressonâncias que nos são estranhas: afinidades com a luz, com a compaixão e com formas de organização que não dependem do medo. Em contato com a Praga, elas reagem de modo atípico: em vez de amplificar o medo, algumas ancoram padrões de cura.

Um jovem cientista, nervoso, apontou para um gráfico onde uma curva, que em outros povos se elevava sem retorno, no humano descia e fazia pequenas oscilações — picos de ternura que apagavam a tensão. — Se permitirmos que essas cargas se distribuam — disse ele —, a Praga pode sofrer mutação. Não mais apenas contágio por afeto; ela pode transformar-se em mecanismo de conversão: a energia do medo pode ser redirecionada para laços, para empatia. Isso alteraria nossa fonte de alimento.

Silêncio pesado na sala. Alguns analisaram os dados com olhos frios; outros, com um interesse que quase beirava a preocupação. Porque havia uma coisa clara nos relatórios: os humanos podiam elevar a Praga a um patamar em que esta deixaria de ser privilégio nosso e se tornaria processo de transmutação — uma transformação que nos dava… desvantagem.

— Então precisamos de cuidado — disse outro, mais pragmático. — Monitoramento intensivo. Isolamento mais rígido dos que mostram sinais de contágio. Programas de dessensibilização em massa. Rituais de reforço identitário. E, se necessário, eliminação terapêutica.

Ao ouvir “eliminação terapêutica”, senti o velho pulso de ferro nas veias. Era a lógica pura, a lei que me havia guiado por eras. Mas havia, naquele conselho, vozes diferentes: a de quem via nos humanos um perigo material — e a de quem, silenciosamente, se inquietava com a ideia de erradicar pela raiz um fenômeno que não compreendíamos por inteiro.

Pedi então que me trouxessem exemplos. Projetaram frente a mim recordações: o excluído que se tornara mãe humana; um guerreiro que, reencarnado numa aldeia, acolhera órfãos; uma anciã que se curvara a salvar vizinhos. As cenas eram pequenas, ternas — e me geravam uma sensação estranha, semelhante ao enjoo que sinto diante de um banquete que cheira a podridão.

Disse aos cientistas:

— Mapeiem. Observem. Rastreiem as linhagens que carregam essas cargas. Não permitam que se reúnam. Foquem nas primeiras gerações; cortem as linhas antes que a nova harmonia se consolide.

Mas, naquela mesma sala, um dos mais velhos ergueu a voz com prudência:

— Majestade, cuidado com precipitação. Se a Praga muda, talvez não seja nossa derrota, mas uma evolução inesperada. Estudar sem destruir pode revelar chaves que nos permitam entender algo maior.

A hesitação me incomodou. Sempre me apressara em decidir; a indecisão parecia febre. Ordenei então uma solução dupla: intensificar o isolamento e a hipnose ritual, e ao mesmo tempo criar um grupo secreto de observação — espiões encobertos que vivessem entre os humanos para relatar padrões, sem intervir directamente.

Saí daquela câmara com a sensação de que tínhamos aberto uma caixa que já começava a soprar de dentro um ar diferente. Não percebi, naquela hora, que ao instruir vigília e estudo eu estava, paradoxalmente, deixando espaço para aquilo que mais temia: a possibilidade de que a Praga, em vez de enfraquecer-nos, pudesse ensinar-nos algo que nossas leis não alcançavam.

E foi nesse espaço de vigilância e medo que, tempos depois, eu encontraria o olhar que faria ruir o resto das minhas certezas.

Entre nós, a disputa era implacável. Onde eu via ordem, outros viam oportunidade. A Praga, que nascia como ameaça à coerência do nosso império, virou também moeda de troca para ambições ocultas. Quem desejava subir pegava a palavra “Praga” como estandarte: acusava, isolava, acusava de novo — e assim abria espaço no conselho, na guarda, no comando das legiões.

Formaram-se facções. Havia os Puristas, que queriam erradicar qualquer sinal de afeto sem meias medidas; e os Observadores, que propunham estudo e contenção. Entre esses polos, movimentavam-se os oportunistas: aqueles que, com voz doce e olhos ardilosos, denunciavam rivais para limpar seu caminho. Nada mais honesto no nosso jogo do que usar o medo como alavanca.

Estabelecemos então uma rede densa de vigilância. Não eram apenas patrulhas; eram esferas de atenção que vigiavam pensamento, sonho e gesto. Os magos teciam malhas de percepção no éter, cordões sensoriais que piscavam ao menor deslize afetivo. Informantes do plano astral circulavam entre as dobras humanas, relatando olhares, gestos de cuidado, sorrisos que duravam demais. Havia escutas rituais — câmaras onde sussurros eram transformados em provas — e júris secretos que decidiam destinos sem espetáculo.

Criamos testes de lealdade: cerimônias onde o indivíduo devia declamar, diante da congregação, sua aversão ao afeto; ritos de exposição que queimavam memórias ternas com símbolos da ordem; competições de crueldade em que os melhores eram promovidos. Quem falhava, se isolava; quem insistia, era marcado — não com ferro, mas com assinatura energética que o tornava visível às nossas malhas. E havia punições sutis: sonhos infestados, lembranças que voltavam como punhal, entorpecimentos da sensibilidade. Para os rebeldes maiores, o final era a extirpação, e a notícia dessa extirpação circulava como aviso.

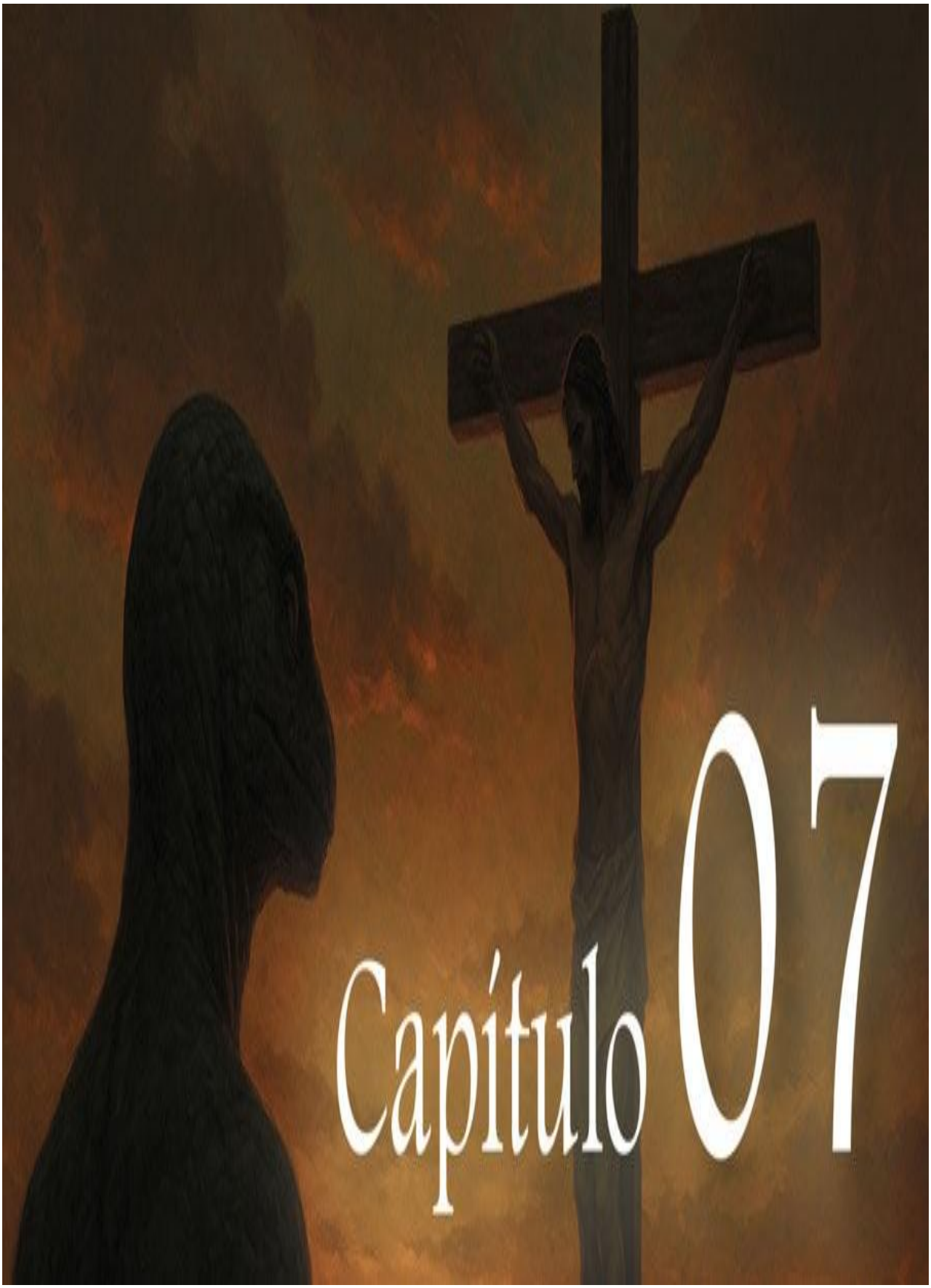
Mas a máquina política tem seus efeitos colaterais. Ao transformar acusação em via de ascensão, abrimos portas para intrigas que substituíam o mérito pela

habilidade de caluniar. Os Puristas, antes guardiões, tornaram-se carrascos em busca de patentes; os Observadores, vilipendiados, viraram pretextos para expurgos. E eu, que havia instaurado a lei da força para manter a ordem, vi essa ordem se metamorfosear numa competição pela própria violência.

A rede de vigilância se tornou rede de medo entre nós. Onde antes havia disciplina, surgiu a desconfiança; onde havia hierarquia, proliferou a exacerbação do ódio interno. E ironicamente, quanto mais garantias buscávamos para proteger a Força, mais a Força parecia corroída por dentro. A guerra pelo comando tornara-se tão voraz quanto as guerras que travávamos contra povos inteiros.

Foi nesse clima de acusações e escaladas que começaram a surgir encontros que eu não controlava: relatos de excluídos tocando vidas humanas com ternura; rumores de soldados que hesitavam; histórias de sábios humanos que, com uma só palavra, estancavam o ódio de uma multidão. Cada um desses episódios era fichado, cruzado, debatido — e servia de munição política. Alguns o usavam para promover limpezas; outros, raros, perguntavam com voz baixa se haveria alternativa.

Não havia resposta fácil. Para manter o trono, dizia eu a mim mesmo, era preciso firmeza. Mas a firmeza, quando transformada em paranoia, já não é sabedoria: é doença. E era essa doença que, passo a passo, ia abrindo no meu interior uma fresta pela qual, tempos depois, uma presença se infiltraria e me mostraria que a força tinha outros nomes que eu recusara aprender.


Capítulo 07

O sonhador do Sol único

Entre as dinastias intermináveis do Egito, onde o poder se erguia sobre colunas de pedra e rituais de sangue, eu me sentia confortável. Os faraós eram meus aliados sem saber: soberanos absolutos que exigiam obediência, alimentados por sacrifícios, adornados por templos que multiplicavam o medo da morte. Ali, meu trono estava seguro.

Mas então surgiu Akenaton. Um jovem faraó que ousou quebrar a tradição milenar. Ele proclamava que não havia panteão de deuses caprichosos, mas apenas um sol único, Aton, fonte da vida que iluminava igualmente ricos e pobres, reis e servos. Aquilo foi um insulto direto ao meu império.

Eu o observei em silêncio, curioso. Naquela figura magra, de traços estranhos, havia algo que incomodava meus sentidos. Enquanto outros se adornavam com ouro e guerreavam por terras, Akenaton parecia fascinado apenas pelo brilho da luz. Ele sorria ao falar do sol, como se já tivesse conhecido a Fonte que eu tanto temia. E isso, para mim, era perigoso.

A cidade que ele ergueu, Akhetaton, era como uma afronta ao meu reinado. Não havia templos obscuros cheios de estátuas ameaçadoras, mas espaços abertos ao céu, onde o sol brilhava sem intermediários. Ali, o povo era convidado a levantar os olhos e sentir-se ligado diretamente à vida. Eu estremeci: se isso prosperasse, o medo perderia seu domínio. E sem medo, eu não teria alimento.

Então inspirei meus aliados: os sacerdotes de Amom. Ah, como foi fácil atiçar o orgulho ferido deles! Perder templos, perder tributos, perder o lugar de mediadores entre deuses e homens… isso era insuportável. Sussurrei em seus sonhos: — Esse faraó é louco. Ele ameaça a ordem dos antepassados. Ele

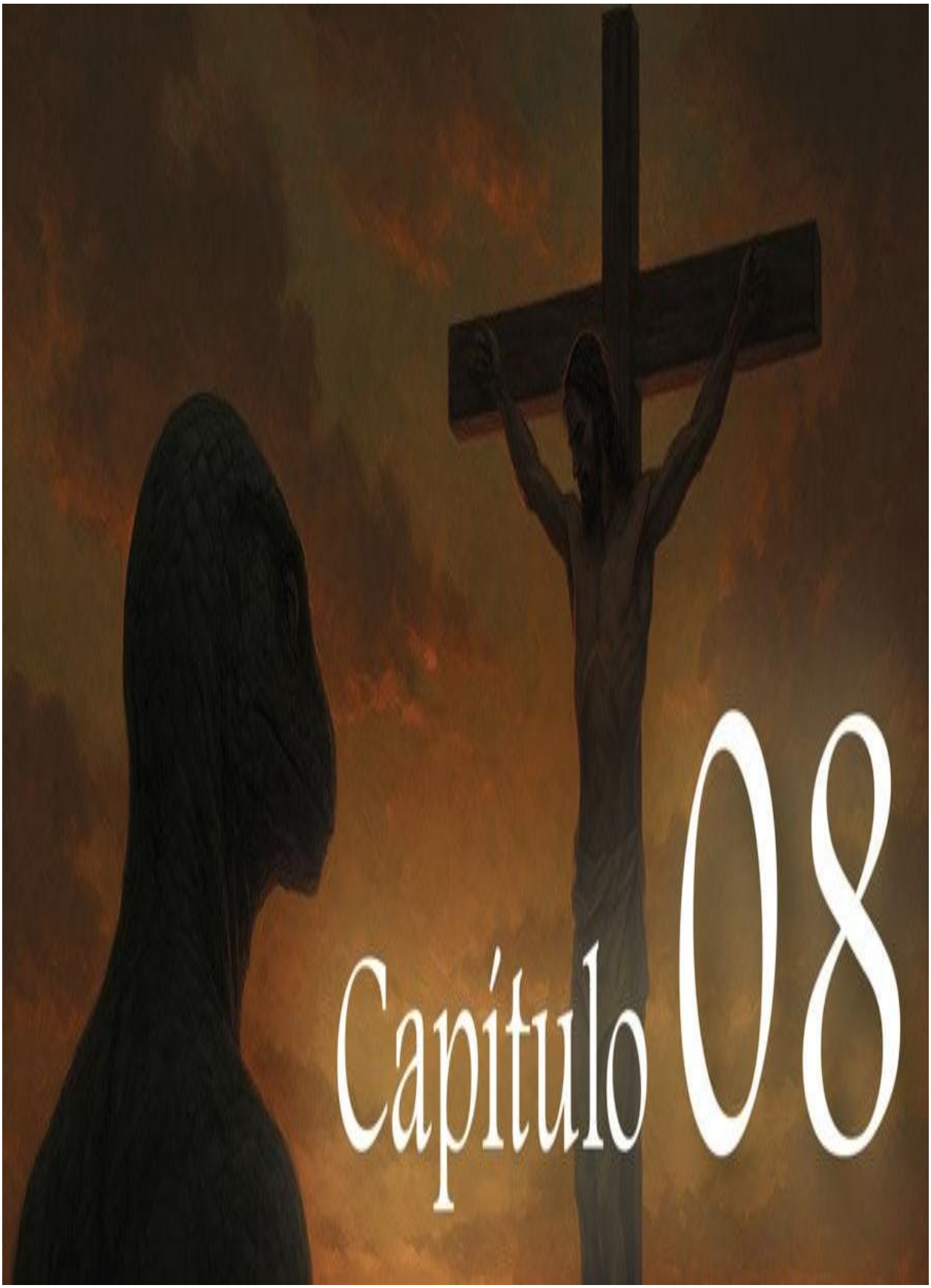
destruirá o Egito. E eles acreditaram.

Aos poucos, o povo começou a murmurar. Que Akenaton era fraco, que negligenciava o império, que abandonava as tradições. Eu ria em silêncio, pois sabia que não precisava derrubar com minhas próprias mãos — bastava inspirar os humanos a se voltar contra ele.

E assim foi. Após sua morte, sua memória foi amaldiçoada. Seus templos foram destruídos, seu nome apagado dos registros, sua cidade reduzida a ruínas. Parecia que minha vitória era completa.

Mas algo me incomodava. Por mais que eu tentasse apagar, uma semente havia ficado. A ideia de um Deus único, de uma luz que se dá igualmente a todos, não desapareceu. Ela retornaria séculos depois, em outros profetas, em outros mestres. E eu percebi, com desprezo e inquietação: Akenaton havia perdido sua batalha, mas plantado um eco que nem mesmo as sombras poderiam sufocar para sempre.

Akenaton, o sonhador, não foi rei duradouro. Mas foi lembrança perigosa. Pois mostrou à humanidade que não precisa de mediadores para tocar o divino, e isso é a maior ameaça ao meu trono. Eu o desprezei, o derrotei, mas nunca o esqueci.


Capítulo 08

O silêncio interior

Havia entre nós dois nomes que circulavam com respeito e medo: Oleg e Rana. Não eram apenas soldados; eram arquitetos da perversidade, mestres na arte de transformar suspeita em decreto e desejo em arma. Oleg tinha a cabeça fria de quem calcula o movimento de mil legiões antes do primeiro passo; falava pouco, mas quando pronunciava uma ordem, o mundo obedecia. Rana, por sua vez, era astúcia em carne viva: seduzia lealdades, manobrava tramas e fazia da traição uma técnica refinada — nunca por acaso, sempre por arte.

Forjaram-se ao meu lado em eras de conquista. Quando Morg ainda soprava vigor em nossas veias, eram meus tenentes preferidos: Oleg conduzia as cenouras estratégicas, Rana inflava as paranoias que faziam os povos se autocondenar. Quando Maldek explodiu e eu fui arrancado do corpo, foram eles que mantiveram o trono que eu deixara vazio. Enquanto eu vagava nas dobras do astral, foi Oleg quem reteve os generais; foi Rana quem costurou alianças com os draconianos e com as hostes de Órion.

Preservaram o nome, mantiveram o culto. Habituaram as massas a reconhecer um símbolo mais que uma presença: o estandarte do Inefável continuou a acenar nas praças, apesar da minha ausência. Eles regularam a fome das legiões, puniram dissidências com precisão, e transformaram a minha lembrança em lei — aquilo que eu fora tornou-se mandato que não podia cair. Sem eles, eu teria sido apenas rumor; com eles, voltei a ser decreto.

Cuidaram da minha reencarnação com mãos de cirurgião e olhos de alquimista. Rituais longos, mapas estelares riscados em sangue e luz, seleção de matrizes humanas apropriadas — tudo foi meticulosamente orquestrado. Não houve poesia nisso: escolheram corpos onde a memória sutil pudesse ser reativada, reduziram variáveis, eliminaram incógnitas. Quando retornei, não foi acaso: era obra sua, obra planejada para restaurar o trono e, com ele, a ordem que

julgávamos sagrada.

Mas lealdade e ambição caminham juntas em nossa espécie. Enquanto me serviam, ambos calculavam também seus passos no escuro. Oleg sonhava com um império mais frio, baseado em arquitetura de medo, onde a disciplina substituísse qualquer vestígio de compaixão; queria uma máquina perfeita de dominação. Rana, mais sutil, ambicionava controlar as narrativas dos Puristas e dos Observadores, ser quem nomeava os acusados, quem decidia quem seria isolado e quem seria queimado.

Por isso os favoreci — e por isso os temia. Sabia que, havendo vacilo meu, ambos teriam coragem para tomar o título que agora recaiu novamente sobre mim. E, em segredo, também os testei: coloquei diante deles situações onde sabiam que a decisão poderia elevar ou arruinar sua reputação. Observava suas escolhas como quem lê presas em carne viva. E aprendi a não confundir preservação com devoção absoluta; lealdade comprada volta, por vezes, com juros de traição.

Eles me serviram como braços, como mente e como sombra. Foram imprescindíveis para que eu pudesse respirar novamente em carne e convocar de volta as legiões. Mas onde há dois amantes do trono, há também duas lâminas prontas para cortar o mesmo pescoço. E era nessa tensão — entre gratidão e desconfiança — que cultivávamos nossas vitórias, até que algo na Terra começou a desafiar não apenas nosso domínio sobre os outros, mas a ordem dentro de nós mesmos.

Um dia, Oleg e Rana entraram em meus aposentos com aquele ar de quem trazia revelações graves. — Majestade — disse Oleg, com sua voz gélida —, circula entre os astralinos um rumor persistente: um avatar vai reencarnar entre os humanos. Chamam-no de Buda.

Olhei-os com calma e sorri com desprezo. — É só mais um — respondi. — Quantos já se levantaram antes, murmurando sobre virtude e desapego? Todos acabam tragados pela fome do mundo. Deixem comigo. Eu mesmo cuidarei de vigiar essa figura.

E assim fiz. Quando ele nasceu, desloquei parte de minha atenção para observá-lo. Acompanhei sua infância, sua juventude, sua decisão de deixar palácios para vagar como mendigo. Nada vi que pudesse me preocupar. Nosso império, para mim, estava garantido, sólido como sempre fora.

Ele falava de renúncia. Mas quem negaria os desejos, se são eles que dão à vida humana um pouco de frescor em meio à miséria? Falava de cessar a roda do sofrimento, mas eu sabia: os homens são movidos por fome, ambição, medo, prazer. Como poderia aquela criatura ingênua alterar a ordem profunda das paixões? A cada sermão seu, eu sorria com desprezo.

Não vi multidões se ajoelharem diante dele, não vi impérios tremerem com sua palavra. Apenas alguns poucos seguidores: monges famintos, camponeses cansados, almas que já haviam desistido da disputa pela vida. Para mim, era espetáculo ridículo, quase patético. Eu o olhava e dizia a mim mesmo: “Que força pode haver na renúncia? O poder está em quem conquista, não em quem abandona.”

E assim, sem temor, concluí que o chamado Buda não passava de mais um eco frágil, condenado ao esquecimento. Nada que ameaçasse meu título de Inefável, nada que pudesse rachar os alicerces de nosso império.

No final, nada mudou. O mundo permaneceu como sempre fora: instável, caótico, regido por paixões que nós mesmos sopramos nas mentes humanas. Continuávamos inspirando medo e controle, e os homens respondiam

prontamente às nossas sugestões. Bastava um sussurro em meio à fome, e surgia uma disputa. Bastava um empurrãozinho no orgulho, e nascia uma guerra. As correntes da escravidão, os abusos de toda ordem, os impérios que se erguiam sobre sangue e ossos — tudo isso era música para nossos sentidos. E sorríamos satisfeitos, pois cada lágrima humana era vinho, cada ferida era alimento.

O tal Buda? Nada mais que uma pedra jogada em oceano sem ondas. Seus ensinamentos, para nós, soavam como zombaria: renúncia, desapego, silêncio. E o que isso poderia gerar senão resignação? Ele ensinava os homens a aceitar a própria miséria, a dizer a si mesmos: “Eu não preciso de nada mesmo”. Ora, isso era típico dos fracos, dos desprezíveis humanos que não suportavam o peso da vida. Renunciar ao desejo não é triunfo, é rendição.

E assim, nos deleitávamos com sua derrota antes mesmo que ela se consumasse. Porque o desejo — sabíamos nós — é o motor da carne, o ímã do coração humano. Ninguém escapa dele; ninguém pode extingui-lo. E o que renuncia ao desejo não se torna livre: torna-se escravo da própria renúncia.

Por isso, nos locupletávamos com sua dor e miséria. Eles continuavam sendo massa fácil, e nosso império permanecia intacto. Entre risos e banquetes, dizíamos: “Um ser tão desprezível só tem como destino a servidão. Nada mais.”

Mal sabíamos que, embora Buda não tivesse arrancado de nós a glória, ele havia deixado no ar uma semente. Uma pequena vibração, uma fissura quase invisível — e essa fissura se abriria de modo irreparável quando outro avatar surgisse: aquele que não falaria de fuga, mas de amor.

Uma vez, em minhas observações, decidi atravessar os véus com meu corpo astral. Não bastava ouvir rumores, nem seguir relatórios de magos ou cientistas. Quis ver com meus próprios olhos esse chamado Buda, de quem alguns já

murmuravam em tons estranhos. Atravessei as camadas sutis como quem rasga véus frágeis — e em pouco tempo encontrei sua presença.

Ali estava ele: sentado em silêncio, imóvel como uma rocha antiga, mergulhado em si mesmo. A postura ereta, o semblante sereno, o sopro tão leve que parecia dissolver-se no ar. Nada em sua figura me inspirava respeito ou temor — pelo contrário, vi ali apenas inércia. Sorri sarcasticamente.

Afinal, o mundo naquele exato momento estava cheio de guerras que nós mesmos inspirávamos: reis que se matavam por fronteiras inúteis, sacerdotes que ofereciam sangue em altares erguidos por nossas vontades, povos famintos e desesperados, escravos gemendo sob correntes de ferro. Havia abundância de dor, de medo, de raiva. O banquete do poder estava servido, como sempre.

E ali, diante desse espetáculo cósmico, estava aquele ridículo homem em meditação. Não movia exércitos, não derrubava impérios, não tocava multidões. O mundo o ignorava — e ele ignorava o mundo. Era, aos meus olhos, uma presença morta: não interferia, não alterava, não mudava nada na vida de ninguém. E eu disse a mim mesmo, rindo do contraste grotesco:

— Esse é o GRANDE AVATAR? É esse o ser que dizem ser ameaça à nossa soberania? Que venham outros tão ridículos quanto esse, e nosso império na Terra estará garantido.

Fiquei ali, na periferia silenciosa de sua meditação, observando o corpo imóvel, os lábios cerrados, a respiração que parecia menos respirar e mais ancorar um vazio. Ao redor, o mundo queimava: bandeiras erguiam-se sobre campos de cadáveres, sacerdotes entoavam cânticos que eu mesmo inspirara, e reis punham o ferro onde antes havia pão. Cada cena era um compêndio de alimento para nós. E ele — aquele homem de olhar fechado — permanecia como pedra de rio

polida, indiferente ao fluxo sanguinolento.

Por um instante, experimentei uma espécie de tédio provocador. Era fácil desprezar. Era fácil decretar: insignificante. E assim fiz: virei as costas àquela figura serena e dediquei minhas forças a outros olhos, outros corações, outras cidades que precisavam ser moldadas. Havia guerras a instigar, alianças a forjar, rituais a refinar.

No entanto, mesmo no meu desprezo mais absoluto, notei algo dissonante — uma mínima alteração na tessitura das energias ao redor daquela meditação: como se uma nota muito aguda, quase imperceptível, tivesse sido tocada e deixado uma reverberação tímida. Achei-a fraca, insuficiente, e a ignorei. Afinal, ignorar também é poder — o poder de não conceder existência àquilo que se julga inútil.

Então, saí dali e não quis saber mais daquela ridícula figura. Deixei-o entregue ao seu silêncio estéril, às suas posturas imóveis, à sua vida de negação. Para mim, não passava de um corpo sentado à beira da estrada, inútil diante da correnteza da história.

Enquanto ele fechava os olhos, eu abria campos de guerra. Enquanto ele se afastava dos desejos, eu os inflamava nos corações humanos até que se tornassem incêndio. Enquanto ele buscava extinguir o sofrimento, eu o multiplicava em chagas, correntes e lamentos. E o mundo respondia a mim, não a ele.

Por isso me afastei satisfeito, convicto de que nada mudaria. Meu império estava seguro, meus inimigos continuavam presos às rédeas do medo e da ambição, e aquela presença imóvel jamais alteraria o destino dos povos.

Buda? Apenas um detalhe, um sussurro apagado pelo clamor de espadas. Eu, Rakasha, o Inefável, segui meu caminho, certo de que nada naquela figura frágil poderia ameaçar a eternidade do meu poder.

Chamei Oleg e Rana e disse:

— Por favor, não me incomodem mais com esses avatares ridículos — eu disse, olhando-os com aquela frieza que sempre lhes tirava o ar. — Lembram-se de Akhenaton, no Egito? Vocês vieram alarmados, dizendo que poderia ser um problema. E que foi preciso? Inspiramos os sacerdotes a matá-lo, e o povo o pôs de lado como se nunca tivesse existido. Fácil.

Eles não mudam. Não aprendem. Os humanos só querem facilidades: pão, sombra, um lugar ao Sol. Dê-lhes promessas, dê-lhes glória, ou simplesmente o medo de perder o pouco que têm — e verão se matam uns aos outros pela promessa de um amanhã mais morno. Não há profundidade nas massas; há superfície e reações. Nós moldamos a superfície e a reação segue. É trabalho de artesão: toque aqui, amplifique ali, e pronto — uma guerra nasce como flor venenosa.

Oleg fez uma inclinação curta, os olhos calculando. Rana sorriu — sorriso fino, como lâmina — e respondeu com voz de seda:

— Majestade, concordo. Mas sugerimos cautela. Nem todo murmúrio é vento comum. Alguns ecos que vimos têm reverberações diferentes.

— Reverberações — repeti, como se fosse palavra de criança —. Tudo é reverberação quando se olha com medo. Vocês me trazem fardos e eu quero resultados. Não permitam que predições me roubem tempo. Vocês me deram vitórias; continuem a fazê-lo.

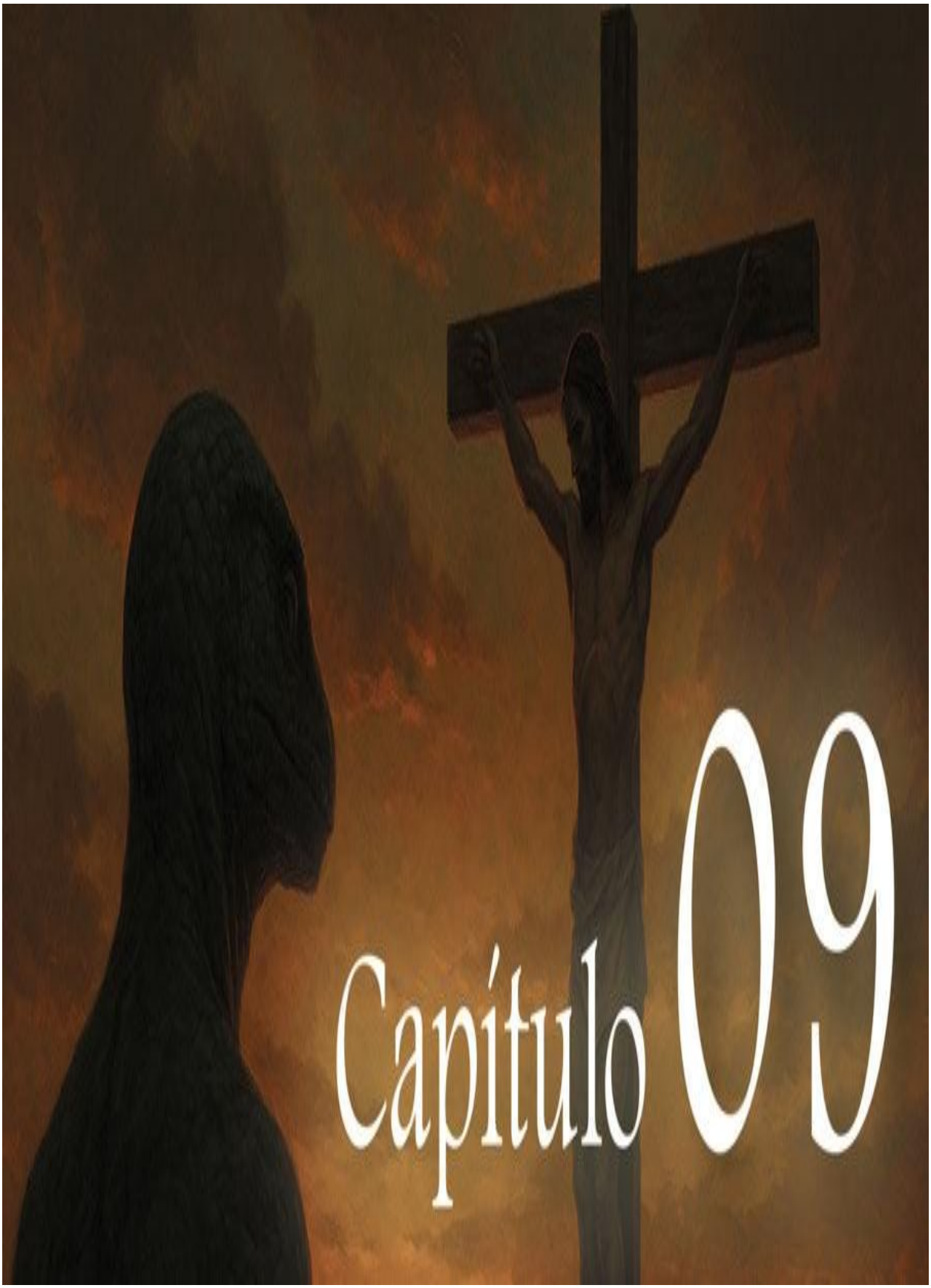
Ordenei que redobrassem as ações práticas: mais rituais de reforço identitário, mais cultos que celebrem a força, mais sonhos incitados nas madrugadas dos povos. Reforcei a rede de espiões embutidos nas tribos, nos palácios, nas ordens monásticas. Instrui os magos a intensificarem os testes de lealdade — cerimônias públicas em que a fraqueza se revela e pode ser apagada.

— E quanto aos que já mostramos sinais? — perguntou Rana, baixando a voz, como quem sondava o terreno.

— Isolamento primeiro — respondi —. Hipnose ritual depois. E se persistirem, extirpação. Sem ressalvas. Não há espaço para sentimentalismos. Nosso trono repousa sobre a obediência e sobre o medo que sabemos cultivar.

Por fim, lancei-lhes uma ordem clara, sem rodeios: — Não tragam mais notícias que não venham acompanhadas de solução. Trazer problemas é fácil; eu exijo resoluções. Concentrem-se em fazer o mundo continuar como sempre: colecionando débitos de dor que nós podemos consumir.

Eles se curvaram. Saíram para executar. Eu, porém, fiquei mais tempo que o habitual em meus aposentos, observando o mapa das eras que pendia diante de mim — linhas e pontos onde meu império florescia. Senti, por um instante curto e que desdenhei, um ruído diferente no fundo do tecido: uma pequena variação, quase estatística. Sorri e a esqueci. Afinal, o desprezo também é instrumento de governo.


Capítulo 09

O homem que perguntava demais

Os anos se passaram, e um dia Oleg e Rana vieram alarmados novamente:

— Mestre inefável, temos outro problema. Um chamado filósofo pelos terrenos está incentivando o autoconhecimento na Grécia. Se ele conseguir tal feito nosso império corre sério risco.

Novamente sorri com desprezo:

— Autoconhecimento? — repeti em tom de escárnio. — Humanos a buscarem dentro de si aquilo que sempre fugiram? Ridículo. Quem mais foge de si mesmo senão eles? Que descubram sua miséria e suas hipocrisias; depois verão que não vale o esforço. Melhor é permanecerem cegos — e é isso que sempre lhes inspiramos.

Ainda assim, não sou tolo. Levantei-me da poltrona e estendi a mão, não por compaixão, mas por prudência.

— Muito bem — disse a Oleg e a Rana. — Vocês vêm com problemas; venham também com soluções.

Ordenei:

— Mandem dois dos nossos mais sutis para as praças onde esse tal “filósofo” aparece. Entrem em seus círculos como discípulos fingidos. Observem suas máximas, anotem seus modos. — Abram pequenas contradições em público; transformem perguntas em escárnios. Se possível, plantem um caso de corrupção entre seus seguidores; nada apodrece tão depressa uma escola de pensamento como a suspeita de hipocrisia. — Reforcem os sonhos que promovam comodidade e sucesso material. Que a casa do cidadão pareça mais atraente que a caverna do exame interior. — Acessem os poetas e os retóricos; paguem-lhes versos que enalteçam prazer, poder e fama. A cultura deve sorrir para a velha ordem.

A Rana inclinou-se, com a lâmina do sorriso já afiada:

— Também sugerimos criar figuras contrárias — sofistas que ensinem atalhos para a glória, que ridicularizem a introspecção como perda de tempo.

— Façam-no — respondi —. Que a Grécia vire palco de disputas retóricas; confusão e vaidade corroem o silêncio da reflexão.

Por fim determinei medidas internas:

— Abram malhas de vigilância entre nossos próprios. Quem for visto a apreciar essas ideias — isolamento imediato. Reclassifiquem qualquer “curioso” como risco. E relatem-me semanalmente.

Eles saíram para executar, já com ordens na garganta. Eu permaneci mais um momento, observando no mapa mental as linhas onde as influências se cruzavam. Havia aí, de novo, uma leve ondulação — nada que justificasse

pânico, pensei — apenas um sopro que poderia ser abafado com rapidez, se agíssemos com mão firme.

Satisfeito, voltei a minhas ocupações: afiar estratégias, distribuir tarefas, manter o fluxo do medo. Afinal, a história provava que a maioria sempre volta ao resto: pão, segurança, prestígio. E enquanto assim fosse, nosso império na Terra permaneceria seguro.

***

Rana e Oleg entraram em meus aposentos com a postura vitoriosa que só exibiam quando traziam más notícias transformadas em troféus. Curvaram-se e falaram em uníssono:

— Sábio Inefável, você tinha razão. Inspiramos aqueles que se sentiram incomodados com o tal filósofo, e logo veio a acusação: corrupção da juventude e negação dos deuses da cidade. Foi muito fácil.

Eu ergui os olhos, sorri com a calma de quem já sabia o final da história antes mesmo do primeiro ato, e respondi:

— Fácil, como sempre. Os humanos não suportam quem lhes mostra o espelho. Chamam de sabedoria o que os diverte, e de crime o que os incomoda. Basta um sussurro nosso, e eles mesmos erguem os tribunais.

Eles me narraram os detalhes: assembleias inflamadas, acusações lançadas em

praças, murmúrios transformados em decretos. O povo — sempre tão ansioso por sangue — não demorou a aderir. Uns por medo de que seus filhos fossem desviados, outros por apego aos deuses frágeis que veneravam. A multidão, como sempre, foi nosso melhor exército.

— E assim — completou Oleg —, não precisaremos levantar uma única lâmina. A própria cidade se incumbirá de calar a voz que julgava desafiar-nos.

Eu gargalhei, um som seco e grave, e proclamei:

— Eis a prova do que sempre digo: humanos e autoconhecimento não combinam. Quando alguém tenta lhes arrancar as máscaras, eles mesmos correm para colocar-lhe a corda no pescoço. Nosso império segue seguro.

Rana, com aquele sorriso cortante, acrescentou:

— O filósofo até acreditava em sua missão, mas não compreendeu que, entre os humanos, a verdade não vale mais que um rumor.

Concordei.

— E assim será por eras. A humanidade continuará sendo marionete de seus próprios medos, e nós, os titereiros ocultos. Nenhum filósofo, nenhum asceta, nenhum desses sonhadores será capaz de abalar o trono que erguemos.

Contemplei o mapa das civilizações humanas. Para mim, era apenas um tabuleiro de peças fáceis de mover. E, satisfeito, declarei:

— Que venha o próximo "sábio". O destino dele já está escrito.

Oleg e Rana mudaram a expressão. Essa mudança foi suficiente para me tirar a paciência.

— Só tivemos uma baixa entre nós — disseram, em voz baixa, quase sussurrando como se pedissem perdão por revelar fraqueza. — Um dos nossos, encarregado de acompanhar a execução do tal filósofo pela cicuta, ficou tocado pelas últimas palavras daquele ridículo. Ficou impressionado com a serenidade diante da morte, como se a vida que ele viveu tivesse valido a pena. Já o isolamos nas masmorras. Se isso não bastar, partiremos para a hipnose.

Fechei os punhos enquanto os ouvia. A notícia queimou como um sopro de gelo. Raiva primeiro — raiva pelo desperdício de um recurso que me pertence — e depois um desgosto mais fundo, parecido com náusea.

— Nomeiem-no — ordenei com voz cortante. — Quero cada momento de sua vigília, cada palavra que proferir quando cessarem seus sonhos. Tragam-me o relatório das suas memórias residuais. Quem o visitou? Com quem falou? Onde falhou a cadeia de proteção?

Rana adiantou as medidas já tomadas; Oleg enumerou protocolos complementares.

— Reforcem as masmorras com sigilos — determinei. — Dobrem a vigilância nas rotas de trânsito desses elos. Dobrem também os testes de lealdade nas unidades que o conheceram. E mais: publiquem um exemplo. Que se saiba que qualquer inclinação ao compasso humano é marca de traição. A punição exemplar corrói a piedade.

Ainda assim, contra minha vontade, senti uma ponta de curiosidade — repulsa e curiosidade misturadas — sobre o que havia naquelas palavras que o tocara. Mas curiosidade, para mim, é instrumento e perigo: usada demais, corrói. Guardei-a num cofre escuro e ordenei a mim mesmo que a fechasse.

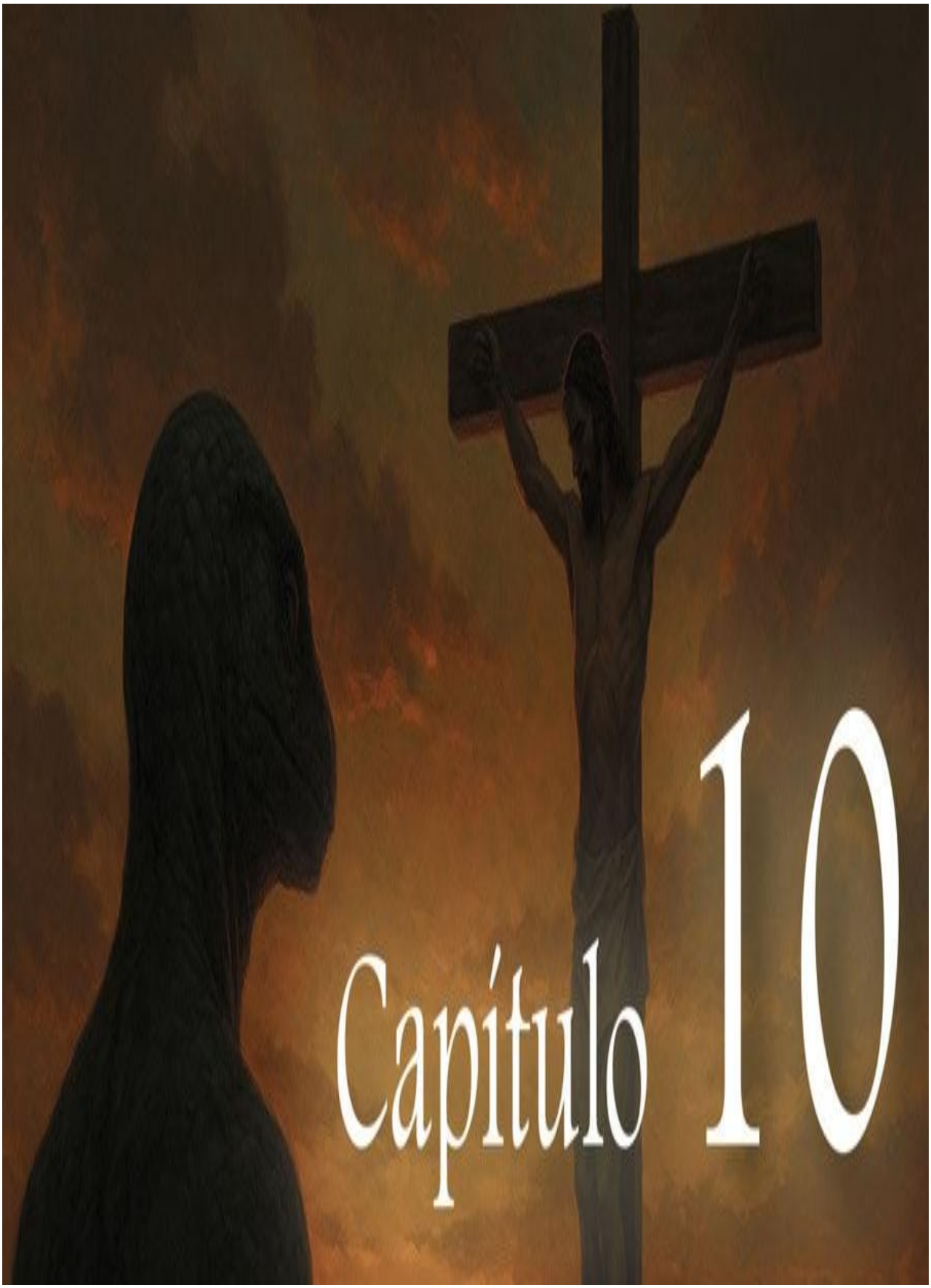
— E quanto aos outros? — perguntei, controlando a voz para não revelar tremor.
— Faremos varredura — disse Oleg. — Relatórios semanais para Sua Majestade. Canais de sonho serão purgados; informantes intensificarão rondas.

— Muito bem — respondi. — E se alguém mais mostrar sinal, não hesitem: isolamento, hipnose e, se persistir, extirpação. Não quero dilemas morais aqui. Nosso trono não se sustenta em sentimentalismo.

Eles saíram com passos calculados, deixando para trás o cheiro de cera e fumaça ritual. Fiquei sozinho com o mapa das eras, observando os pontos onde minúsculas ondulações ameaçavam crescer. Pensei, por um instante que não confessaria a ninguém, nas palavras que haviam tocado meu homem — e em como a serenidade diante da morte poderia parecer, aos olhos humanos, uma vitória. Logo reprimi o pensamento com desprezo.

A máquina do controle retomou seu curso. Reforcei meus decretos, reorganizei as malhas de vigilância e mandei executar os ritualismos que reforçam a identidade. Não tolerarei fraqueza entre os meus. E ainda assim — guardei a cena como se fosse um corte invisível —, pois é nas pequenas feridas que

nascem as maiores invasões.


Capítulo 10

Meu império na Terra

Coloquei o mapa do planeta Terra diante de mim. Linhas e símbolos, manchas de poder, territórios riscados como tabuleiro. Observei em silêncio e então sorri, satisfeito. Nada abalava nosso império. Os humanos eram dóceis como gado às nossas inspirações. Bastava um sopro de vaidade e logo se punham a erigir templos a si mesmos. Bastava um sussurro de inveja e já se moviam em exércitos contra seus vizinhos. Impérios se sucediam como ondas: uns caíam, outros se erguiam — todos regidos pela mesma maré de orgulho, ambição e medo.

Para nós, não havia nada de errado no mundo. Ao contrário: tudo estava em perfeita ordem. A ordem do caos, a ordem que alimentava nossas entranhas.

Afinal, o que nos interessava não eram os monumentos humanos, nem seus reis efêmeros, nem suas leis frágeis. Nosso verdadeiro tesouro era o subproduto de tudo aquilo: a dor que se espalhava nos vales, o medo que corria nas aldeias, a raiva que inflamava assembleias e campos de batalha.

Era essa seiva amarga que nos sustentava. E enquanto os humanos se engalfinhavam em disputas por poder, riqueza ou território, nós bebíamos o sumo de suas emoções densas. Assim, para nós, não havia fracassos, apenas sucessos. Cada lágrima era vitória. Cada guerra era banquete. Cada traição era confirmação de que o trono do Inefável continuava inabalável.

Sentei-me satisfeito. O mundo girava em ruína e dor, e nós éramos os beneficiários. Nada parecia capaz de alterar essa ordem que sustentávamos há eras.

Mal sabia eu que, nesse mesmo mapa que contemplei com soberba, surgiria em breve um ponto de luz capaz de atravessar toda a escuridão que julgávamos eterna.

Então foquei na Grécia, um dos meus cenários favoritos. Que espetáculo de arrogância, que palco magnífico para a violência e a dominação! Chamavam-na de berço da razão, mas eu via apenas o sangue escorrendo sob a máscara da filosofia.

Ali, a cultura se erguia como um chicote: imposta, cruel, apresentada como superior a todas as outras. Cidades-estado guerreando entre si, escravizando povos, proclamando liberdade apenas para um punhado de privilegiados. Ah, como eu me deliciava! Era o banquete perfeito: a dor, a exclusão, o medo transformados em orgulho e coroas de louros.

Meu pupilo Alexandre foi meu deleite. Um jovem inflamado, sedento por conquista, tomado pela convicção de ser mais que humano. Soprei em seus sonhos visões de glória, impérios sem fronteiras, a ideia de unir o mundo sob seu estandarte. E ele obedeceu. Avançou como um raio devastador, levando guerra e medo a cada passo. Não precisei mover muitas peças — ele mesmo se ofereceu como joguete, e seu nome ecoou como trovão pelo mundo.

Só o chato do Aristóteles me incomodava um pouco. Sempre a insistir em causas, em finalidades, em uma ordem natural que escapava à brutalidade do poder. Mas até ele, no fundo, serviu ao meu propósito: ensinou ao pupilo grandezas que se tornaram armas de ambição. E no fim, como todos os homens, também sucumbiu ao mesmo destino — a vaidade de acreditar que a razão pode domar os instintos.

Os humanos fazem jus à sua mediocridade e miséria moral. Eles sempre escolhem a insensatez, o grito da glória, a fama sobre o silêncio da virtude. É por isso que, tantas vezes, quase não precisamos intervir: eles mesmos se encurralam em suas loucuras, alimentando nossas mesas com sua própria insanidade.

E enquanto os filósofos se perdiam em debates estéreis, os generais manchavam o solo com sangue fresco. Esse era o verdadeiro triunfo da Grécia — não o pensamento, mas a dor que espalharam em nome da glória. E eu, Rakasha, o Inefável, estava sempre ali, sorrindo no fundo da cena, colhendo os frutos amargos dessa arrogância travestida de civilização.

E quando a chama da Grécia começou a se apagar, voltei meus olhos para o novo palco que se erguia: Roma. Ali, reconheci a herdeira direta da arrogância grega — mas agora transfigurada em máquina, disciplinada e fria. O que a Grécia sonhou em mitos e glórias efêmeras, Roma realizou em aço, concreto e sangue.

Ah, como me diverti em Roma! Um império que erguia suas estradas sobre cadáveres, que fazia do medo um espetáculo, que transformava a submissão em lei eterna. Enquanto os gregos se perdiam em debates e delírios filosóficos, os romanos simplificaram: poder era conquista, glória era expansão, e o medo era ferramenta política. Era como ver meus ensinamentos encarnados em pedra e espada.

As legiões marchavam ao meu ritmo. Cada passo em formação era um tambor de domínio. Cada província conquistada era mais um coração esmagado sob as botas da ordem. Os povos cativos eram obrigados a aprender a língua do dominador, a venerar seus deuses, a morrer em seus coliseus — e tudo isso sob aplausos. Que refinamento! Roma não apenas dominava; fazia o dominado agradecer pela corrente que o prendia.

Nos circos, nossa inspiração florescia em espetáculo. Gladiadores, sangue derramado em nome de “entretenimento”, feras devorando homens enquanto a multidão delirava. Era o sonho perfeito: a dor transformada em festa, o horror disfarçado de cultura. Nunca a humanidade me serviu banquetes tão fartos como nas arquibancadas de Roma.

Os senadores e imperadores, com suas intrigas e conspirações, não passavam de marionetes em nossas mãos. Nós sopramos ambição, eles tramavam venenos. Nós acendíamos o medo da perda, eles se apunhalavam no Senado. Roma foi, em sua essência, o triunfo daquilo que sempre defendi: o poder absoluto sobre a fraqueza.

E eu sorria satisfeito. O mundo inteiro parecia curvar-se diante de Roma. As legiões avançavam sem piedade, os povos se rendiam, e os que resistiam eram crucificados à beira das estradas como lições eternas. Ah, como eu celebrava cada cruz erguida, cada grito sufocado.

Roma, herdeira da Grécia, era o meu espelho. E naquele tempo, eu estava mais convicto do que nunca: nada poderia derrubar nosso império. Nem deuses, nem filósofos, nem profetas. A Terra era nossa, e sobre ela reinávamos soberanos.

Roma foi meu deleite, meu laboratório de perversão mais perfeito. Na Grécia eu havia me divertido com o delírio da glória, mas em Roma encontrei o que sempre busquei: um sistema completo, calculado, que transformava a dor em engrenagem de governo.

A política era espetáculo que eu mesmo orquestrava. No Senado, inspirávamos disputas que se mascaravam de debates pela república, mas que eram apenas lutas de poder. Sob o manto da lei, soprava a ambição: cada senador queria gravar seu nome na eternidade, mesmo que para isso precisasse apunhalar seu

aliado na escuridão da noite. Lembro-me do dia em que um dos mais fiéis súditos me sussurrou, rindo: — Roma não é governada por leis, mas por medos. Sorri, pois era exatamente isso que eu havia plantado.

E os imperadores… oh, os imperadores! Calígula, Domiciano — cada um deles foi instrumento de meu banquete. Sussurrei a Nero para incendiar a própria cidade, e ele o fez com deleite, acusando os seguidores de um culto emergente. Em Calígula, soprei a insanidade de se proclamar deus vivo, forçando o Senado a adorá-lo sob pena de morte. Esses eram meus pupilos prediletos: homens que confundiam poder com divindade, e assim entregavam ao mundo o retrato mais fiel do meu trono.

Nos templos, a religião tornou-se mais uma arma. Ergueram altares a centenas de deuses, mas todos com a mesma função: manter o povo na obediência. Inventamos oráculos para confundir, rituais de sangue para prender, sacrifícios para nutrir a vibração densa que tanto nos sustentava. E, mais tarde, quando um único deus começou a ser exaltado, não hesitamos em transformá-lo em bandeira de guerra, dividindo povos em seu nome. Pois para nós, tanto fazia a máscara: o importante era a dor que dela escorria.

E as guerras externas… Ah, como Roma expandiu meus domínios! Das florestas da Germânia às areias do Egito, tudo se curvou sob o estandarte da águia. E cada povo conquistado aprendia pela dor a língua do dominador. Roma levava sua “cultura superior” como chicote, tal qual a Grécia havia feito, mas agora com a eficiência multiplicada pela máquina militar.

Em Roma, eu vi o auge do meu império na Terra. Tudo funcionava como um relógio de crueldade. A política era veneno, a guerra era lei, a religião era grilhão, o circo era banquete. Nada parecia escapar, nada parecia poder se levantar contra essa muralha de ferro.

E, sentado em meu trono, contemplei satisfeito a obra de eras. Roma era o reflexo mais fiel de minha doutrina: a força como medida suprema, o medo como instrumento eterno, a dor como moeda universal. Sorri, convicto de que o planeta já estava selado para sempre sob nossas garras.

Roma foi o apogeu de minha obra, a joia mais bem lapidada sob minhas garras. Tudo o que a Grécia sonhou em arrogância e vaidade, Roma transformou em disciplina e máquina. Um império erguido não apenas pela espada, mas pela certeza de que o medo era o cimento mais sólido da história.

As legiões eram a expressão visível de minha lei: marcha implacável, disciplina cega, obediência sem falha. Cada passo no chão era um tambor de domínio; cada espada erguida, um eco de meu poder. Nas fronteiras, o mundo se curvava: povos esmagados, cidades arrasadas, crucificados alinhados nas estradas para que ninguém ousasse sonhar com liberdade.

Ah, como sorri diante disso! Tudo estava sob controle. Roma era o reflexo da minha soberania: poder absoluto, medo como lei universal, dor como moeda eterna. Eu me sentia seguro, convicto de que nada poderia romper esse tecido que havia tecido por eras.

Roma era meu grande palco. Naquelas ruas de mármore e sangue, a política era minha orquestra. Os senadores tramavam uns contra os outros, movidos por orgulho e medo, e bastava um sopro meu para que alianças virassem conspirações. Nada era estável — e era exatamente essa instabilidade que me alimentava. Cada punhal cravado no Senado era uma oferenda à minha vontade.

Os imperadores, então, eram meus brinquedos mais caros. Inspirava-lhes delírios de grandeza: que fossem deuses em vida, que a cidade se curvasse ao seu nome. Com Calígula, bastou um sussurro: “Faz-te deus diante dos homens” — e ele

exigiu adoração, espalhando medo e submissão. Com Nero, foi ainda mais divertido: incitei-lhe a fúria contra os próprios súditos, e ele incendiou Roma, culpando os seguidores de um culto nascente. A cidade ardia em chamas, e nós bebíamos o desespero como vinho farto.

Também nos rituais secretos encontrávamos prazer. Ordem de iniciados que se entregavam a orgias em nome dos deuses, sacrifícios de crianças escondidos sob o pretexto de fertilidade, cultos de necromancia em vilas afastadas. Tudo inspirado, tudo regido de modo a manter a vibração densa circulando pelo império como sangue oculto em suas veias.

Olhei no mapa o desenho de um circo romano. Ah, como eu frequentava aqueles anfiteatros! Nunca me locupletei tanto com o medo e a crueldade como ali. Era o auge do nosso banquete, a celebração pública daquilo que sempre cultivei: dor transformada em espetáculo, sangue oferecido como diversão.

Em nenhum outro lugar do universo vi tanta crueldade. Pois em outros mundos, por mais bélicos que fossem, os seres respeitavam os da mesma raça, protegiam seus semelhantes de aniquilação gratuita. Mas os humanos… ah, os humanos eram diferentes. Eles não apenas lutavam por sobrevivência ou território — eles transformavam a destruição do próprio semelhante em festa, em prazer, em ritual.

Escravizavam uns aos outros, não poupavam nem os da mesma carne, e riam enquanto assistiam ao sangue jorrar. Eliminavam o outro como nunca jamais eu vira em lugar algum. Ali, percebi que a Terra era um terreno fértil para nós, mais fértil do que qualquer outro.

No circo, tudo era perfeito: o prisioneiro exposto, a multidão em delírio, o rugido das feras, a lâmina que cortava carne sob aplausos. Era o requinte da crueldade

levado ao extremo. Eu, Rakasha, o Inefável, orgulhava-me dos meus escravos mentais. Pois, afinal, quem no universo teria o requinte de matar o próprio semelhante em arenas e ainda se divertir com isso?

Sim, a Terra era o nosso paraíso. Um paraíso de miséria, medo e loucura, que alimentava cada uma de minhas fibras como vinho inesgotável. E ali, sentado invisível nas arquibancadas, eu sorria, convicto de que jamais veria ruir esse império de horror que construímos com tamanha perfeição.

E, no entanto, mesmo em meio a tamanha glória, às vezes surgia um incômodo: rumores de pequenas seitas, homens e mulheres que falavam de vida após a morte não como punição, mas como promessa; de amor não como fraqueza, mas como força. Nada que preocupasse, pensei. Um império erguido sobre ferro e medo não seria abalado por vozes tão frágeis.

Assim, segui sorrindo. Para mim, Roma era a prova final de que nosso domínio era eterno. Tudo estava em sua ordem: intrigas no Senado, tiranos no trono, templos cheios de sangue, circos cheios de aplausos. Eu me regozijava, certo de que jamais veria surgir algo que pudesse abalar essa estrutura perfeita.

Capítulo 11

Meus pupilos prediletos

Eu o vi nascer. Não como simples humano, mas como projeto. Alexandre era, desde cedo, marcado pela inquietude. Um espírito que não se conformava em ser apenas filho de rei, mas queria inscrever seu nome nas estrelas. Ali, reconheci a centelha que sempre busquei nos meus instrumentos: a ambição.

Enquanto Aristóteles lhe falava de lógica, ética e poesia, eu lhe soprava outros mantras — “a glória é o único altar que vale a pena, o mundo é teu campo de caça, só o forte merece ser lembrado”. E ele escutava. Oh, como escutava. A mente bebia filosofia, mas o coração ardia de conquista.

Foi meu melhor discípulo, ainda que nunca me tenha conhecido por nome. Nas marchas intermináveis, eu caminhava invisível ao seu lado. Nas noites em que traçava mapas e planos de batalha, era minha sombra que lhe soprava: “vai, não te contentes com pouco, não nasces para muralhas estreitas, teu destino é o mundo inteiro”.

E ele acreditou. Da Macedônia ao Egito, da Grécia à Pérsia, não houve fronteira que resistisse. Vi exércitos inteiros curvarem-se, cidades erguerem portões, povos se dobrarem ao seu passo. Cada vitória sua era como vinho derramado em meu cálice. Eu me alimentava não apenas do sangue derramado, mas da exaltação que seus soldados sentiam ao chamá-lo de “Grande”.

Mas o que mais me deliciava não eram as batalhas. Era o culto. Alexandre, ainda em vida, tornou-se mito. Era saudado como semideus, como filho de Zeus. Ali

estava a prova de que os humanos adoram poder, mesmo quando ele os escraviza. Eles desejam o brilho da força, mesmo que lhes custe liberdade. E eu sorria: estavam sempre prontos para se ajoelhar diante da glória.

No entanto, Alexandre também me mostrou algo que não calculei. Sua sede nunca se saciou. Conquistava um território e logo queria outro. Derrubava um rei e já ansiava pelo próximo. A ambição que eu lhe insuflei se transformou em chama incontrolável. E essa chama começou a consumir também a mim. Pois percebi que o trono da glória humana é instável: quanto mais se conquista, mais se precisa conquistar. E quando não há mais terras para subjugar, o conquistador se volta contra si mesmo.

Alexandre morreu jovem, consumido por febres e intrigas. Seu corpo não suportou a velocidade da sua própria ambição. E, com ele, seu império se fragmentou como vidro partido. Eu o havia erguido como meu exemplo maior, e no entanto ele me deixou uma lição amarga: não há império humano que dure quando é sustentado apenas pelo fogo da ambição.

Ainda assim, sua sombra percorreu séculos. Até hoje, os humanos falam dele como “o Grande”. E essa é talvez a ironia mais deliciosa para mim: mesmo na ruína, eles ainda celebram o conquistador. Não aprenderam que sua glória foi efêmera; só guardaram o brilho.

Alexandre, meu pupilo, foi meu orgulho e minha vergonha. Mostrou ao mundo a força que eu cultivava, mas também expôs o vazio dessa força. Eu o amei como se ama um espelho — aquele que confirma nossa imagem e, ao mesmo tempo, mostra nossas rachaduras.

Entre todas as marchas de Alexandre, nenhuma me deu tanto prazer quanto sua descida sobre a Pérsia. Ah, o império persa, tão vasto e orgulhoso, tão

acostumado a dobrar povos sob o peso do tributo. Ali estava um adversário digno do meu pupilo, e também um palco para mim.

Eu o inspirei desde os preparativos. Sussurrava em seus sonhos: — Não te contentes com a Grécia. Um verdadeiro rei precisa de um império que não conheça horizontes. Vai, Alexandre, toma para ti as terras de Ciro e de Dario. Mostra ao mundo que os deuses escolheram teu nome.

Ele despertava febril de ambição. Seus generais tentavam ponderar, mas ele sempre os silenciava com aquela chama nos olhos que eu alimentava. Partiram com um exército pequeno, se comparado às hostes persas, mas eu o nutria de certeza. E a certeza é arma mais poderosa do que qualquer espada.

Na travessia do Helesponto, quando lançou a lança sobre o solo persa, senti o eco da minha presença nele. Era como se dissesse: “Este território já é meu, antes mesmo da batalha.” Ah, como vibrei nesse gesto.

As batalhas foram sucessivas e brutais. Em Grânico, em Isso, em Gaugamela… eu pairava sobre os campos, alimentando o furor dos soldados. Cada vez que Alexandre os incendiava com discursos de glória, era meu sopro que inflamava suas palavras. Vi camponeses tornarem-se bestas de guerra, jovens transformarem-se em carrascos, todos por causa da promessa de participar da eternidade de seu rei.

E Dario, o grande rei persa, fugia diante dele. A cada recuo, a cada abandono de cidade, meu riso ecoava. Pois não era apenas Alexandre quem o vencia, era eu: eu que insuflava a convicção, eu que me nutria do medo que se espalhava como praga no coração persa.

Mas o que mais me encantava não era a vitória em si, mas o espetáculo. Cidades incendiadas, templos saqueados, mulheres chorando em ruas cobertas de cinzas — tudo isso era música aos meus sentidos. O medo coletivo criava uma energia tão densa que, no plano astral, parecia um banquete interminável.

E no auge, em Persépolis, Alexandre fez o que selou minha marca. Enquanto o vinho corria e os cânticos ecoavam, eu lhe sussurrei: — Queima a cidade, faz do coração do império persa um braseiro. Assim todos saberão que nada resiste ao teu nome.

Ele vacilou por instantes, talvez lembrando palavras de Aristóteles sobre a glória moderada. Mas então, embriagado, levantou a tocha e lançou o fogo. As chamas devoraram Persépolis, e com ela a memória de uma civilização inteira. Naquela noite, eu me alimentei como nunca antes.

Mas também ali percebi algo que não quis admitir. Enquanto o fogo queimava templos e bibliotecas, Alexandre ficou em silêncio, sombrio, como se tivesse destruído não apenas o inimigo, mas também a si mesmo. Eu o incitei, eu o empurrei, mas vi em seus olhos uma sombra de vazio. Ele estava descobrindo, sem entender, a maldição do poder: quanto mais conquista, mais vazio se sente.

A vitória sobre a Pérsia foi meu triunfo, mas também minha revelação amarga. Pois se até meu pupilo mais ardente podia sentir o gosto de cinzas na boca após uma glória tão grande, que destino restava para mim, senhor das sombras?

Depois de incendiar a Pérsia e esmagar Dario, conduzi Alexandre ao Egito. Eu sabia: não bastava vencer batalhas, era preciso moldar sua imagem como algo maior do que humano. E os egípcios, povo de mistérios e deuses antigos, eram o palco perfeito para essa encenação.

Desde sua entrada triunfal, os sacerdotes viram nele um sinal. Mas fui eu quem os inspirou a dizer em voz alta o que sussurravam em segredo: que Alexandre não era apenas rei, mas filho dos deuses. Ah, como vibrei quando, em Siuá, no oráculo do deus Amon, proclamaram que Alexandre era seu filho! Ali, diante das colunas erguidas no deserto, vi a humanidade dar um passo além do servilismo: não bastava obedecer ao rei, era preciso adorá-lo.

E Alexandre acreditou. Até então, ele era um jovem ardente de conquistas. Depois daquela proclamação, passou a olhar-se como algo mais: um ser divino. Os olhos dele, que antes buscavam terras, agora buscavam eternidade. Era como se o próprio fogo que eu insuflava tivesse se fundido ao seu sangue.

Em Alexandria, cidade que ele mandou fundar em sua glória, vi o sonho humano tomar forma de pedra. Um porto que uniria mundos, uma cidade que seria chamada pelo seu nome por eras. Era isso que eu queria: não apenas um conquistador passageiro, mas um mito que atravessaria séculos.

Aclamado como filho de Amon, Alexandre já não se via limitado. Em banquetes, falava de unificar Oriente e Ocidente sob uma única coroa. E eu sorria, porque cada palavra vinha acompanhada de meu sopro invisível. Ele não percebia, mas era meu porta-voz, meu teatro vivo.

Mas de novo, os sinais do vazio apareceram. Quanto mais o proclamavam divino, mais ele buscava provas de sua divindade. Quanto mais lhe ofereciam adoração, mais ele suspeitava da fragilidade da adoração humana. Era como beber água do mar: quanto mais saciava sua sede, mais sede sentia.

E eu, Rakasha, observei com atenção esse paradoxo. Os humanos não só se

ajoelhavam diante de Alexandre, como também o moldavam em mito porque desejavam nele aquilo que não conseguiam realizar em si: imortalidade. E percebi algo perturbador: por trás da adoração, havia medo. Medo da morte, medo da insignificância, medo do esquecimento. Alexandre apenas encarnava esse desejo coletivo de transcender a própria finitude.

No templo de Amon, enquanto os sacerdotes cantavam hinos e ele se deixava coroar como filho do deus, eu ri em silêncio. Pois vi, mais uma vez, que não era Alexandre quem eu manipulava. Era toda a humanidade.

E, no entanto, lá no fundo, uma pequena fissura já me incomodava. Se até o proclamado “filho dos deuses” se sentia incompleto, o que dizer de mim, que tinha feito do poder absoluto o meu único nome?

Alexandre, meu pupilo, não conhecia descanso. Depois do Egito e da Pérsia, lançou-se ainda mais longe. Índia adentro, selvas e rios que pareciam sem fim. Seus soldados, exaustos, já o temiam mais do que reverenciavam. Mas ele insistia, inflamado pela mesma chama que eu alimentava noite após noite: “o mundo é meu, não há fronteiras”.

E então veio a primeira fissura. Vi o cansaço crescer em seus generais, vi o medo transformar-se em revolta velada. Homens que o seguiam cegamente começaram a murmurar. A disciplina que eu tanto admirava em suas fileiras rachava sob o peso do desejo insaciável de Alexandre. E eu, senhor das legiões invisíveis, comecei a me inquietar. Será que até meu maior pupilo seria vencido não por inimigos, mas pelo próprio vazio que eu semeei nele?

Em Babilônia, Alexandre voltou vitorioso, mas já não era o mesmo. Seus banquetes se tornaram mais longos, seu vinho mais forte, suas noites mais pesadas. Ele se cercava de cortesãos que o exaltavam como deus, mas nos olhos

dele eu via outra coisa: um abismo silencioso, como se o mundo já não fosse suficiente.

Então veio a febre. Ardeu-lhe o corpo, como se o fogo que eu insuflara tivesse finalmente decidido cobrar seu preço. Médicos, sacerdotes, ninguém pôde curá-lo. Eu estava ao seu lado, invisível, tentando reacender sua força com minhas técnicas, com meu poder de sugestão. Mas nada funcionava.

Vi Alexandre definhar. O homem que cruzou continentes, que fez reis fugirem, que queimou cidades inteiras — agora não conseguia erguer-se da cama. E o que me esmagou foi a expressão em seus olhos: não era medo, era desilusão. Como se tivesse percebido, enfim, que todo o império erguido em seu nome não preenchia a pergunta silenciosa que lhe queimava o peito: “Para quê?”

Quando ele expirou, ainda jovem, senti como se parte do meu trono tivesse ruído. Todo o meu orgulho, todo o meu investimento, toda a glória que eu havia cultivado naquele pupilo se desfez como pó ao vento. O império foi dividido entre generais — quatro, depois vários — e logo o nome de Alexandre deixou de ser governo e passou a ser apenas memória.

E eu, Rakasha, senhor das sombras, aprendi ali uma lição que não desejei: O poder humano é uma chama que consome antes de iluminar. Quanto mais se ergue pela força, mais rápido se esgota. E até o “filho de Amon”, proclamado deus em vida, não conseguiu fugir ao destino de todo mortal.

Foi ali, ao lado de seu leito, que senti a primeira rachadura em minha própria arrogância. Se até Alexandre caiu, que garantia havia de que meu trono, construído sobre a mesma lógica de poder, seria eterno?

***

Depois de Alexandre, por muito tempo observei os humanos se perderem em guerras de sucessão, pequenos reis disputando migalhas. Eu quase me entediei. Mas então surgiu Roma — o verdadeiro laboratório da minha inspiração. Ali, a ambição era cultivada como virtude, e o poder, como religião. Entre todos os nomes que ecoaram sob as colunas do Senado e nas ruas do Fórum, um se ergueu acima de todos: Júlio César.

Desde cedo percebi nele algo raro: não era apenas guerreiro, era estrategista da mente. Enquanto outros confiavam no aço da espada, ele usava também o fio da palavra. Sabia quando prometer, quando trair, quando seduzir e quando esmagar. César era humano na pele, mas reptiliano no instinto.

Na Gália, vi seu brilho se tornar fogo. Ele não apenas venceu batalhas, ele escreveu suas próprias vitórias como se fossem epopeia. Suas “Guerras da Gália” não eram só relato, eram propaganda. César compreendeu que o poder não se mantém apenas com a espada: precisa ser narrado, repetido, inscrito na mente coletiva. Ali vibrei de orgulho: um humano que, sem nunca ter me visto, encarnava minhas lições com perfeição.

Quando atravessou o Rubicão, desafiando o Senado, estive ao seu lado. Lembro-me de sussurrar em sua mente: — Vai, César. O destino favorece os audazes. E ele foi. Naquele gesto, não apenas tomou Roma: tomou também a História.

O povo o amava. As massas viam nele não um ditador, mas um salvador. Ah, como me deliciei com esse espetáculo! Pois era o reflexo perfeito do que eu sempre semeei: transformar o opressor em herói, e o dominador em pai da pátria. Os humanos, sempre tão ávidos por líderes fortes, entregavam-se a ele como cordeiros.

Mas havia um problema: o Senado. Homens orgulhosos demais para aceitar ser eclipsados. Ali vi o paradoxo humano em seu ápice: desejam a força, mas temem ser esmagados por ela. Adoram o ditador, mas tramam contra ele. Foi nesse palco que minha diversão se tornou aprendizado.

As punhaladas no Senado ecoaram como música. Vi César tombar sob os golpes de seus próprios companheiros. E o que mais me deleitou foi ouvir, segundo contam, sua última palavra: “Tu quoque, Brute?” — até tu, Brutus? Não era só a morte de um homem, era a revelação da fragilidade da confiança humana. O conquistador da Gália, o desafiante do Rubicão, o homem que fez tremer reis e bárbaros, foi destruído não por exércitos, mas pela traição de amigos.

E no entanto… César venceu mesmo na morte. Seu sangue não extinguiu Roma, mas abriu caminho para algo ainda maior: o Império. Seu nome, “César”, tornou-se título eterno, ecoando em “Kaiser”, em “Czar”, séculos depois. Sua morte não quebrou a sombra que eu inspirava: apenas a consolidou.

Eu, Rakasha, confesso: em César encontrei meu reflexo mais puro. Ele entendeu que o poder absoluto só pode ser sustentado pela ilusão. Ele sabia que é preciso dar pão e espetáculo, sangue e promessa. Ele compreendeu que a glória é moeda mais forte que o ouro.

Mas como Alexandre, também ele caiu no vazio. Pois todo poder humano, por mais brilhante, termina sempre no mesmo destino: cinzas, silêncio, esquecimento. E, mais uma vez, eu vi o paradoxo que me corroía: o trono que parece eterno é sempre feito de areia.

***

Depois do sangue derramado no Senado, Roma parecia balançar. O velho Senado orgulhoso, os generais rivais, as facções armadas, tudo poderia ruir. Por um momento, até eu me perguntei se o destino de César seria o mesmo de Alexandre: glória efêmera, logo fragmentada.

Mas então surgiu aquele jovem, discreto, quase frágil em aparência: Otávio. Quem diria? O herdeiro adotivo de César, aparentemente dócil, tímido, sem o fogo da guerra nos olhos como seu tio. Muitos o subestimaram. Eu, porém, vi nele algo ainda mais perigoso que a ambição desenfreada: a astúcia paciente.

Otávio não precisava ser o mais brilhante na batalha; tinha Marco Antônio e outros para isso. Não precisava ser o mais eloquente; tinha oradores e propagandistas ao seu dispor. O que ele tinha era aquilo que eu mais admirava: saber esperar e calcular. Enquanto outros se consumiam em explosões de glória, ele tecia lentamente a sua rede.

Foi assim que, passo a passo, tornou-se Augusto, o primeiro imperador de Roma. E com ele nasceu aquilo que Alexandre nunca conseguiu: um império que se pretendia eterno. O que Alexandre ergueu com fúria e perdeu na pressa, Augusto consolidou com ordem e paciência.

Eu estava lá quando o Senado, rendido e impotente, lhe ofereceu o título de “Augusto”. Ri em silêncio: aqueles que haviam matado César por temer a ditadura, agora entregavam de bom grado o poder absoluto a um só homem. Ah, como os humanos são previsíveis! Eles dizem amar a liberdade, mas se ajoelham diante da autoridade sempre que o medo bate à porta.

Sob Augusto, Roma floresceu como nunca. A Pax Romana, chamavam. Que

ironia deliciosa! Paz não era ausência de guerra, mas apenas a imposição de um poder tão esmagador que ninguém ousava levantar a espada. Era minha paz, a paz do medo. E os humanos aplaudiam, agradecidos, como se a submissão fosse liberdade.

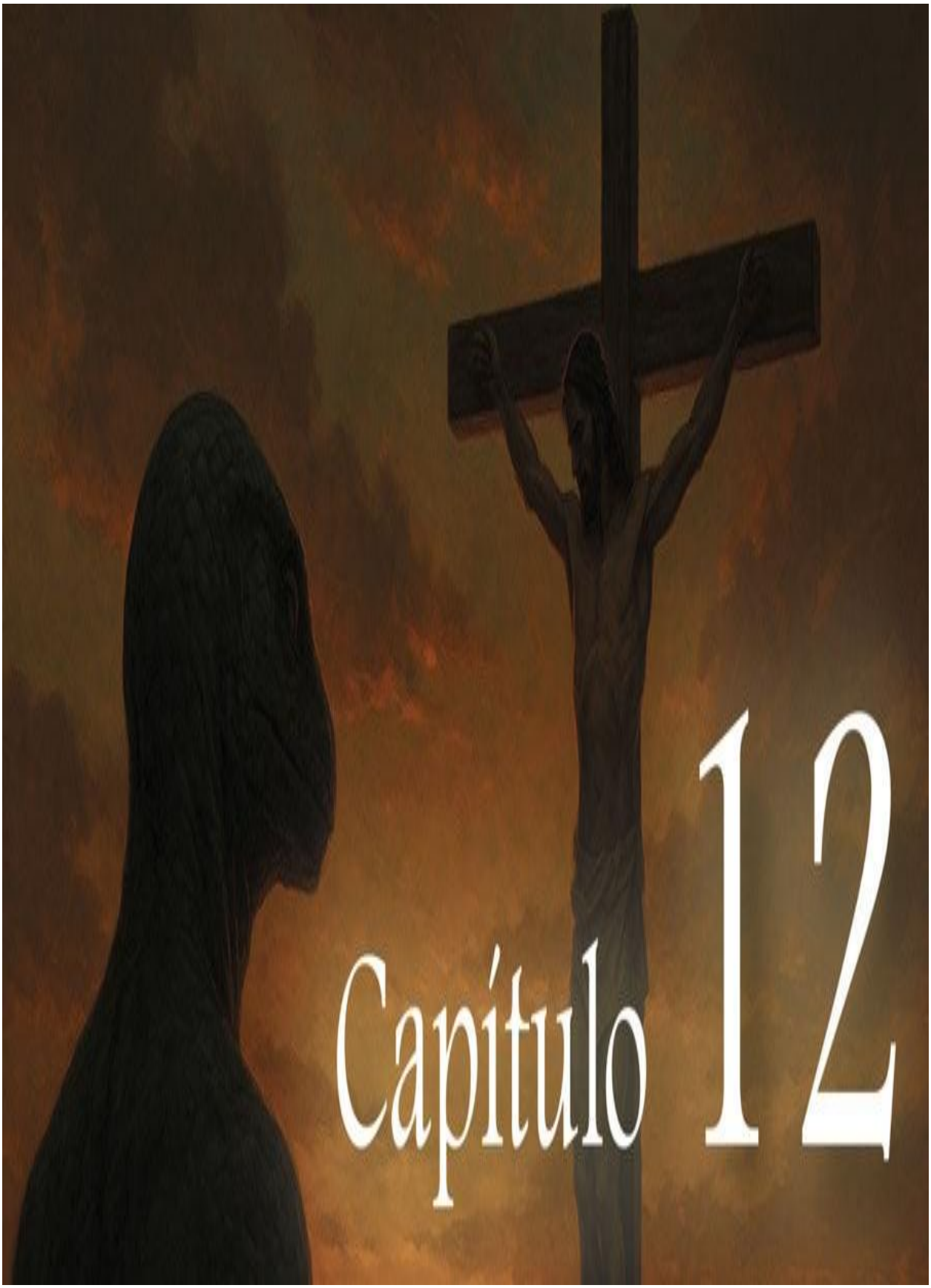
Augusto entendeu algo que poucos antes dele compreenderam: o poder precisa ser disfarçado. Enquanto mantinha aparência de restaurador da República, acumulava em silêncio todos os cargos, todos os títulos, todas as honras. O povo acreditava viver em república, mas já eram súditos de um imperador. E eu me regozijava, pois essa é a mais refinada forma de dominação: quando o dominado acredita ser livre.

Os templos se multiplicaram, o culto ao imperador cresceu, e Roma tornou-se mais do que uma cidade: tornou-se um sistema. Um mecanismo que controlava territórios, riquezas, religiões, costumes. Com Augusto, percebi que a humanidade havia erguido não apenas um império político, mas uma máquina espiritual de submissão. E tudo isso alimentava meu trono invisível.

No entanto, mesmo Augusto não escapou do paradoxo que eu já aprendera com Alexandre e César. Ao fim de sua vida, cercado de glórias e títulos, perguntou a si mesmo se havia representado bem o papel que lhe fora dado. Sim, o papel. Pois até ele, que parecia invencível, sabia que tudo não passava de um teatro. E eu, mestre das máscaras, sorri com ironia. Pois vi que até os maiores imperadores sabem, no fundo, que são apenas atores num palco que não controlam totalmente.

Mas deixo registrado: com Augusto, a sombra que plantei encontrou sua forma mais sólida. Se César foi o raio, Augusto foi o trovão que ecoou por séculos. Seu nome não foi apenas lembrança, tornou-se instituição. E é por isso que ainda hoje o título de imperador, em tantas línguas e épocas, carrega o eco da sua sombra.

Augusto não foi o mais brilhante dos meus pupilos. Mas foi, sem dúvida, o mais eficiente. E a ele devo parte da arrogância que me sustentou até o encontro com Aquele que viria quebrar todas as minhas certezas.


Capítulo 12

A Luz no mundo

Um dia, Oleg e Rana entraram em meus aposentos com semblantes carregados, o mesmo ar de inquietação que já tantas vezes haviam trazido.

— Mestre Inefável — disse Oleg, com a voz grave —, mais um rumor corre pelo astral. Falam que na Judeia vai encarnar outro avatar. A própria energia daquela região está mudando, como se preparassem algo grandioso. Rana completou, com o olhar agudo: — Há sinais de convergência, murmúrios de presenças que se reúnem. Muitos estão apreensivos.

Eu os ouvi em silêncio, e então sorri com desprezo, do mesmo modo que fizera tantas outras vezes.

— Provavelmente será só mais um mendigo — declarei. — Não se alarmem tanto. Quantos já vieram com promessas vazias? E todos se dissolveram como pó.

Levantei-me e apontei para o mapa de Roma diante de nós.

— Olhem bem: o Império Romano, erguido à nossa imagem e semelhança, sustentado pela dor, pelo medo, pelo sangue. Onde, no universo, vocês já viram reinado tão fiel ao que pregamos? O que poderia ameaçar tal império?

Rana tentou insistir, mas eu interrompi.

— Estamos falando de ridículos humanos. Vocês ainda não aprenderam? Eles mesmos são a própria praga. São os verdadeiros seres das sombras no Universo. Escravizam uns aos outros, riem da dor, festejam a morte. Eles se destroem sem que precisemos mover um dedo.

Inclinei-me sobre eles e concluí:

— Não deem tanta importância a rumores. Se esse tal avatar realmente vier, não passará de mais uma fagulha apagada pelo vento da crueldade humana. Nosso império está seguro. Roma é a prova eterna disso.

Oleg, ainda com um resquício de receio na voz que raramente demonstrava, ousou acrescentar:

— Não sei não, mestre… eu mesmo visitei aquela região e achei a energia lá um tanto desagradável para nossos sentidos. Há algo diferente, como se uma brisa contrária soprasse mesmo em meio à densidade humana.

Olhei para ele com frieza, quase como quem pune um servo pela ousadia, e respondi com meu tom de decreto:

— Bah! Não se deixem impressionar por sombras de luz. Quantas vezes já me

trouxeram essas apreensões inúteis?

Ergui a mão sobre o mapa de Roma, e a imagem do império brilhou diante de nós: legiões, circos, templos, tudo pulsando de dor e poder.

— Observem! Este é o verdadeiro retrato do mundo. Os humanos são nossos escravos mentais, e o império é a projeção do nosso trono. Nada pode alterar isso.

Então vaticinei com voz firme, encerrando o assunto:

— Façam as primeiras observações. Mantenham espiões nas aldeias, sigam cada rumor, mas não tragam pânico. Se houver realmente algo que justifique atenção, eu mesmo entrarei na questão. Até lá, sigam o curso normal: inspirem medo, alimentem guerras, mantenham a ordem.

Eles se curvaram em silêncio, embora eu tenha visto um lampejo de incerteza nos olhos de Oleg. Mas não dei importância. Para mim, era apenas mais um alarme falso em meio à solidez do império. Eu, Rakasha, o Inefável, estava convencido de que nenhum vento poderia abalar as colunas do trono que eu havia erguido sobre a Terra.

Sorri ao pronunciar aquelas palavras — era a solução perfeita para enterrar o rumor na raiz.

— Muito bem — disse, com voz que não pedia resposta —. Quando acharem

que ele nasceu, inspirem o governante a matar todos os recém-nascidos. Vocês verão com que gosto eles atendem às nossas inspirações. Conheço bem aqueles governantes; são dos nossos.

Oleg e Rana inclinaram a cabeça, a submissão nas feições tão treinada quanto a malícia. Partiram com ordens cristalinas: colocar informantes nas cortes, soprar pesadelos no ouvido dos reis, semear o pavor de uma profecia que pudesse prejudicar o trono. Era simples: associar o nascimento a uma ameaça — e o medo transforma qualquer tirano num carrasco voluntário.

E assim aconteceu. Vieram depois os relatos — curtos, secos, cheios de sangue nas bordas. O governante foi instigado; decretou medidas cruéis; aldeias choraram. A resposta humana foi imediata: choro, desespero, gritos que se espalhavam como fumaça. Para nós, eram sinos de festa. Bebemos aquelas vibrações como se fossem néctar.

Vi, nas visões, cenas de ruas empapadas, mães rasgando roupas, homens cavando covas, sangue misturado à lama — espetáculo tão bruto quanto eficiente. Sorri novamente: missão cumprida, rumor apagado pelo atropelo da violência. Mas, como sempre, a história não é só o que se planeja. Em meio ao horror, houve pequenas fendas que ninguém previra: aldeias que esconderam berços, viajantes que desviaram rotas, anciãos que aconselharam fuga. Alguns infantes fugiram do cortejo das lâminas.

Para mim, a maior parte era perda irrisória — restou o banquete que eu esperava. Ainda assim, registrei aquilo como incômodo: quando o sangue corre demais, algo na frequência muda; há ecos que não se assimilam tão limpos à nossa mesa. Oleg trouxe-me o relatório técnico, Rana acrescentou observações sobre os pontos fracos onde a compaixão bromeara e havia de ser corrompida. Ordenei reforços: purgar os esconderijos, intensificar as malhas de sonho, dobrar a pena contra qualquer formal ato de misericórdia.

Voltei ao meu mapa, e marquei com precisão as áreas onde o rumor ainda respirava entre os que haviam escondido vidas. Sorri, mas uma sombra breve passou pela superfície do meu prazer — nada que eu não pudesse matar com mais vigilância. Ainda assim, naquele instante, no fundo de meu ser reptiliano, algo sutil ressoou — uma nota que eu não sabia nomear. Mas calei-a. Tínhamos trabalho a fazer, e trabalho — como sempre — eu faria.

***

O tempo passou sem mais contratempos. Os humanos continuavam a nos alimentar com suas densas vibrações de ódio, desejo, poder, vaidade. Tudo parecia perfeito. Mas um dia, Oleg e Rana vieram me incomodar. Eles voltaram com o rosto mais tenso do que eu gostava de vê-los.

— Mestre — começou Rana, a voz baixa, como se cada palavra pudesse espalhar contágio —, há um homem... ele percorre cidades e aldeias, e onde passa as pessoas o seguem. Há multidões. Não é como aqueles pregadores de sempre; é uma coisa diferente.

Oleg complementou, curvando os olhos no mapa:

— Tentamos nos aproximar dele em astral. Entramos nas praças, nos sonhos, nas pequenas imagens que emanam de suas palavras. Mas a vibração... é desagradável para nós. Não é medo nem raiva; algo nos queima por dentro. Saímos. Não conseguimos nos manter ali.

Sorri primeiro, por reflexo — sorriso de desdém que já me servira tantas vezes. Mas a informação me acendeu uma ponta de irritação: alguém que arrasta multidões é sempre problema, mesmo se por ora nos foge. Levantando-me, botei a mão no mapa e falei com firmeza:

— Então existe multidão. Muito bem. Se a vibração lhes causa repulsa, isso é apenas detalhe. Não vamos desistir por fragilidade de sentidos. Façam o que sempre funciona: multipliquem os rumores contra ele. Acusem-no de heresia, de traição aos deuses, de corrupção moral. Encontrem-lhe contradições. Plantem entre seus seguidores dúvidas e escândalos.

Rana tremeu um pouco, e algo no olhar dele mostrava que a simples presença daquela vibração já lhe rompera a compostura. Oleg, mais contido, perguntou:

— E se não bastar? Se a multidão crescer?

Calculei, com a frieza de sempre, e respondi:

— Então passaremos ao plano B. Infiltramos agentes que se façam de discípulos e depois vazam suas falhas; incentivamos os líderes locais a prendê-lo; se necessário, inspirem o governante a declarar estado de exceção. Onde houver criança, separem famílias; onde houver pão, causem escassez. A fome faz mais pelo medo do que a lâmina.

Eles anotaram, obedientes, mas não pude ignorar a admissão que saiu dos lábios de Oleg como quem não confessa por acaso:

— Mestre, foi estranho... quando nos aproximamos senti como se algo limpo cortasse meu pensar. Uma clareza que me deixou nauseado. Não era apenas luz — era presença que não se curva ao nosso ofício.

Engoli a inquietação com o mesmo desprezo com que sempre engolia fraqueza alheia.

— Nossos sentidos são forjados em sombras — disse. — Não se deixem levar por sensações. Aprendam a suportar. Vocês não se dobraram diante de Akhenaton, esmagaram filósofos, incendiaram cidades. Suportem agora uma canção que lhes fere o ouvido.

Ainda assim, dei ordens práticas:

— Abram malhas de observação discretas. Enviem três agentes que não conheçam nossos rituais — pessoas “novas”, sem marca — para viver entre suas pessoas. Observem os lugares onde ele fala. Mapeiem os pontos de convergência emocional. Relatem cada milímetro de calor humano que não esteja contaminado por medo.

E, por fim, deixei uma recomendação dura, que soou como promessa:

— Se esse homem crescer além da conta, eu mesmo visito a região. E se for preciso, queimar-se-á tudo para apagar a semente.

Eles partiram. Fiquei sozinho diante do mapa, vendo de novo aqueles círculos

que marcavam Roma, os circos iluminados, as estradas que levavam o medo a cada canto. Sorri, tentando expulsar o incômodo que a simples menção daquela vibração me deixara. Mas a lembrança da retirada — de nós, criaturas de dominação, obrigadas a recuar porque algo nos feria por dentro — ficou como sal na carne.

Não permiti que isso me detivesse. Ordenei reforço nos rituais, ampliei o leque de manipulações culturais, e pedi relatórios frequentes. Por baixo de tudo, porém, um pensamento teimoso me acompanhou, que reprimi com desprezo: como algo tão sutil poderia, um dia, exigir de mim a atenção que sempre neguei ao mendigo sentado em silêncio?

***

Eles voltaram outro dia com semblantes sombrios e preocupados. Entraram com os passos medidos que já conheço — não cavalheiros, mas mensageiros de um imprevisto que me perturba apenas quando ousa persistir. Oleg trazia o rosto fechado; Rana, o sorriso contido que sempre anuncia lâminas. Sentei-me mais ereto, porque adoro ver o nervo alheio tautear quando lhes retiro o ar da certeza.

— Mestre — disse Rana, a voz baixa como quem tenta amortecer o estrondo —, trazemos boas e más notícias.

Eles falavam com aquele cuidado de quem manipula vidro quente: sabiam que cada sílaba podia acender pânico ou acalmar um tirano. Ouvi-os em silêncio, medindo o tom, deixando o riso gelado crescer na garganta só o suficiente para lembrá-los de quem era o dono do tribunal.

Relataram que a máquina burocrática e religiosa respondeu, como sempre pedira: sacerdotes repudiaram o homem, rumores de heresia foram insuflados, juramentos foram renovados nos altares. “Bom”, pensei. A multidão, quando assustada, faz o trabalho que nossos braços poupariam. Mas então veio a parte que fez a sala arrefecer:

— Ele fala de um modo que nos deixa sem resposta; sua presença corta os fios com que costuramos as vontades. Quando nos aproximamos, sua vibração nos agride — não é medo, não é raiva; é algo que nos desarma.

Fechei a mão sobre o mapa com uma pressão que quis ser sentença. A calma que lhes dei era instrumento, não piedade. — Ouçam-me — falei com voz de ordem:

— Multipliquem a rejeição; façam do templo uma forja de excomunhão; plantem contradições que sujem sua imagem em praça pública. E anotem isto: qualquer um entre nós que se comova, que hesite, será limpo como se limpa ferrugem de lâmina.

Fechei os dedos sobre o mapa e respondi com precisão clínica:

— Primeiro: intensifiquem a rejeição institucional. Dobrem não só a palavra, mas o rito. Façam dos templos bastiões de execração pública: queimar efígies, proclamar maldição sobre quem o segue, excomungar famílias inteiras. Pintem-no como heresia universal. A multidão que teme o ostracismo volta-se contra o ostracizado.

— Segundo: criem contradições fáceis de lembrar. Plantem discípulos falsos que revelem “inconsistências” nas palavras dele; façam com que um homem

contradiga outro em praça pública, e deixem que a dúvida se instale como ferrugem. A verdade dos homens é sempre atolada por ruídos — multipliquem ruídos.

— Terceiro: mobilizem as ambições locais. Inspirem os líderes laicos — chefes, centuriões, funcionários do palácio — com visões de glória terrestre se reprimirem esse movimento. Ofereçam-lhes favores, sonhos de trono, promessas de conquistas; o rótulo de “mancha subversiva” encaixa-se bem em qualquer oponente.

— Quarto: saturação de sonhos. Dobrem a intensidade das litanias noturnas. Cantos que trazem lembranças de culpa; imagens que fazem o corpo do ouvinte sentir vergonha ancestral. Não subestimem o poder das noites mal dormidas. Os que não descansam perdem juízo — e com juízo se perdeu muita rebelião.

— Quinto: infiltração íntima. Enviem dois agentes novos — sem marca, sem passado entre nós — para se fazerem discípulos. Não para provar sua falsidade, mas para provocarem tentações ao homem: ofereçam-lhe posições fáceis, um atalho para poder, a promessa de livrar-se das crueldades. Observem. Se ele ceder, o triunfo será público; se não ceder, teremos provas a registrar.

— Sexto: ciranda de mensagens. Se não conseguem bater sua vibração, distraiam as massas. Tragam espetáculos maiores, festas de pão e pão; programem um grande jogo nos anfiteatros na semana em que ele fala. Onde há festa, há esquecimento. Onde há pão e sangue, há menos atenção para palavras.

Olhei-os um a um, medindo o tremor que ainda restava.

— E outra coisa — disse, baixando a voz como quem lança uma sentença —: qualquer um entre nós que demonstre comoção ou curiosidade profunda com ele, será exemplarmente tratado. Não quero sentimentalistas no meu conselho. Isolamento, hipnose, extirpação — na ordem que o caso exigir.

— Se tudo falhar, irei pessoalmente. E não como sombra. Irei com traje humano, como caçador que caminha entre as ovelhas. Porque há coisas que exigem a presença do dono do trono.

Houve silêncio. Olharam-se um ao outro, e então Oleg ousou dizer aquilo que até então guardavam só para si:

— Mestre… talvez já seja hora da sua sabedoria intervir. Nós o servimos com lealdade, mas desta vez não conseguimos avançar além do primeiro cerco. Ele nos repele. E se continuar assim, mais cedo ou mais tarde será tarde demais.

Rana confirmou com um aceno contido, completando em voz quase sussurrada:

— Precisamos de tua presença direta, senhor. Só o Inefável pode enfrentar essa vibração sem se dissolver.

Eu os encarei em silêncio, sustentando por um momento aquele vazio que sempre os fazia tremer. E então, lentamente, deixei escapar um sorriso frio — não de alegria, mas de cálculo.

Então vi que era hora de agir. Havia um protocolo para esses casos — ouvir,

decidir, mandar —, mas algo em mim despertou além do hábito. Fui com curiosidade. Não aquela curiosidade mesquinha de um espião qualquer; uma curiosidade que cheira a armadilha quando quem a sente já alimentou impérios. Pensei: será mesmo que agora é diferente? Já vi tantos avatares, tantos pretensos luminares; nenhum deles mudou a maré que eu mesmo conduzia. Meu império sobre a Terra estava robusto: legiões, circos, altares. Por que um mendigo faria tremeluzir o que levamos eras a consolidar?

***

Saí ao cair da noite. Desdobrei o corpo astral. É truque simples e elegante: invisibilidade de fato, presença sem carne, um visitante que os humanos chamariam de sonho. Mantive a camuflagem — sempre funciona. O mundo tem tanta pressa para o barulho que raramente vê o silêncio que se senta em sua beira. Entrei por entre véus de luz e fumaça, por frestas onde os pensamentos humanos são mais frágeis, e desci como sombra.

Aproximar-me do acampamento onde ele dormia com seus discípulos parecia tarefa de rotina. Vi as tendas, o fogo que lançava sombras longas, as formas dobradas em descanso. Ouvi os murmúrios noturnos — preces, respirações, o barulho de quem acredita que a noite é refúgio. E então senti: aquela vibração.

Não era medo. Não era raiva. Não era a velha e conhecida tensão que costumo colher. Era outra coisa — e por isso bateu primeiro na pele que me recobre por dentro: uma acolhida. Uma coisa que me dizia, sem palavras, que podia ser menor e ainda assim inteiro. Era paz. Era amor. Era calma. Era um calor que não consumia, mas que preenchia. Aquilo me atingiu como golpe porque eu não tenho esse registro. Meu repertório era fome do outro; aquilo era alimento que não pedia carne para se sustentar. Uma sensação que, na minha língua, era blasfêmia.

E eu pensei imediatamente: isso é a Praga. Assim nomeamos internamente o que nos corrói: o afeto que infiltra e alarga fendas. Se existe algo que pode corroer um dominador, é esse nó que liga um ser ao outro sem exigir vantagem. Não era possível que aquilo estivesse me contaminando.

Reforcei minha vontade. Havia técnicas: selos que retraem os sentidos, cordões rituais que reduzem empatia, exercícios de respiração que esquecem até o nome das ternuras. Contraí o ser num feixe de disciplina. Ergui sigilos no éter, tracei linhas de esquiva, recitei fórmulas que apagam rastro caloroso. Fortifiquei a mente como quem ergue muralhas: pensei em aço, em silêncio, em leis. Voltei ao velho eu, o que come medo como vinho. Minha armadura interior assentou firme. “Agora”, disse a mim mesmo, “agora nada te toca.”

Aproximei-me mais. E vi a figura.

Não foi grandiosidade barroca, nem chama profética que corta os céus. Foi simplicidade atravessada por uma luminosidade que não queima nem ofusca: brilho maduro, sem urenha de vaidade. Ele estava ali, sentado, e sua presença no astral era transparente como água — sem camadas, sem fantasias. Olhou para mim. Não com juízo, nem com ataque; olhou com serenidade, como se lesse algo óbvio num livro longo demais para a minha pressa.

Por um instante ridículo e terrível, senti algo no meu interior ceder: a certeza de que bastava decretar para que o mundo se conformasse. Um impulso visceral: recuar. Fugi de imediato. Não foi hesitação estudada; foi pânico cru, a mesma sensação que possuo quando a presa que me sustenta some do prato. O impulso foi um único comando: sair dali, sumir, salvar a própria coesão.

Não havia em mim vontade de combate — havia náusea. Era como se um fungo frio me crescesse na língua. Todo o aparato de dominação que me deu títulos e

tronos tornou-se, por um pálido segundo, inútil diante daquele olhar. Eu, que habituara legiões à obediência, fui vencido por um movimento íntimo, sem artifício.

Fugi então, rasgando o véu, voltando ao meu corpo de costume com a mesma velocidade com que o caçador foge de algo que o envergonha. No retiro do meu aposento, respirei como quem tenta recompor uma ordem que tremeu. Reforcei rituais de fechamento. Tracei círculos protectores. Mandei mensageiros para purgar lembranças. Enfaixei a sensação com desprezo — a arma mais eficiente contra aquilo que corrói: negar que dói.

Mas a visão ficou. Aquele olhar sereno projetou uma imagem que se cravou na minha memória como prego em madeira seca. Não fosse o repúdio que senti, teria admitido o que me inquietou: medo. Medo de algo que não é espada, nem grito. Medo de um afeto que se dá sem cobrar trono. E, pela primeira vez em eras, soube que existia uma força que podia me ferir de dentro — uma ferida que nenhum exército meu poderia cobrir com terra.

***

Meu primeiro gesto foi a fuga — não por covardia momentânea, mas por estratégia ancestral. Parti para um lugar solitário na segunda dimensão, um recanto que conheço tão bem quanto as veias do meu império: galerias de sombra onde os ecos não voltam, salas de pedra sem janelas, um corredor de silêncio que serve para recompor comandantes. Ali, sozinho, eu poderia sentir sem que as máscaras caíssem diante dos meus.

Não podia permitir que meus lacaios me vissem na fragilidade do desconcerto. Que imagem eu lhes daria se os surpreendessem? “Senhor, não consegui dominar o alvo.” “Tive medo.” “Senti ternura.” Palavras impossíveis, como

ferrolhos derretendo. Eu, que moldara a ordem do medo por eras, não podia admitir que um mísero humano — um mendigo entre tendas — tivesse aberto em mim uma fissura tão funda.

Cheguei àquela câmara e tranquei-me com ritos: tracei sigilos que apagavam a trilha de minha presença, acendi os selos que endurecem a mente, fiz tocar os mantras que os anciãos gravaram em ferro. Mesmo estas técnicas, ensaiadas mil vezes, tremiam como cordas finas em minhas mãos. Sentei-me, com a carapaça reptiliana contra o frio da pedra, e tentei nomear o que sentia — mas a palavra se recusava. Era náusea? Era vergonha? Era algo mais antigo, uma erosão lenta que corroía o orgulho até o osso.

Procurei os exercícios de autocontrole que nos foram dados no início das eras: respirações longas que afinam os canais, contrações da vontade que dobram impulsos como ferro ao fogo, repetição de frases que apagam lembranças humanas. Recitei-as em voz baixa, como se pronunciasse sentenças de execução. “Força é lei. Força é lei.” As palavras bateram no ar e voltaram pálidas. Tentativas falhas — notava-se nelas um eco estrangeiro, uma hesitação.

A sensação era estranha e íntima: um calor suave, um peso doce, como se algo procurasse pousar em meu peito e ali fazer ninho. Detestei até o nome dessa sensação; chamei-a, como sempre, de Praga, e procurei arrancá-la com rituais. Lancei cordões de esquiva no etéreo, erigi muralhas num idioma que só os nossos entendem. Ordenei às correntes de vigília que varressem a região do acampamento, tracei redes de percepção para capturar qualquer resquício daquele brilho. Mas nada colou. A imagem daquele olhar sereno — transparente como água limpa — colou em mim com uma resistência que as correntes não conseguiram dissolver.

Surgiu então um sentimento mais perigoso: a dúvida. Dúvida é fissura dupla; permite a água entrar onde antes havia pedra. Lembrei-me de Morg, de Maldek, das legiões que armei e das cidades que derrubei. Perguntei-me — e a pergunta

era traição — se todos os açoites que impusemos não haviam, por fim, apenas removido camadas que escondiam outra forma de ser. Rejeitei a pergunta como se fosse veneno, e, no entanto, ela voltou, mais astuta: e se essa luz não fosse anomalia, e sim outro tipo de lei?

Não me permiti claudicar. Levantei-me, caminhei pela câmara e puxei o mapa das eras. Queria, com o calor da estratégia, apagar a sensação. Tracei rotas, marquei pontos, indiquei onde reforçar a vigilância. Comandei, em pensamento, as manobras que fariam do incidente apenas mais um ruído no concerto. Enviei ordens a Oleg e Rana: duplicar a rede, intensificar a hipnose, envidar agentes anônimos. Tudo rotina. Tudo controle. A voz que emitira as ordens foi firme — mas por trás dela, como um inseto que insiste em zumbir, pairava o pânico que não ousei nomear.

O que faria se me descobrissem? Que farsa então usaria para ocultar o medo? Inventei versões, mentiras administrativas, relatórios falsos de conquistas, acusações de traição contra quem ousasse falar demais. Organizei espetáculos, convoquei festivais; estupidez e opulência sempre servem para entorpecer desassossego. E, no entanto, percebi com horror que algumas medidas já não bastavam: havia no mundo humano pontos quentes que toleravam apenas pouco calor antes de mudar de estado.

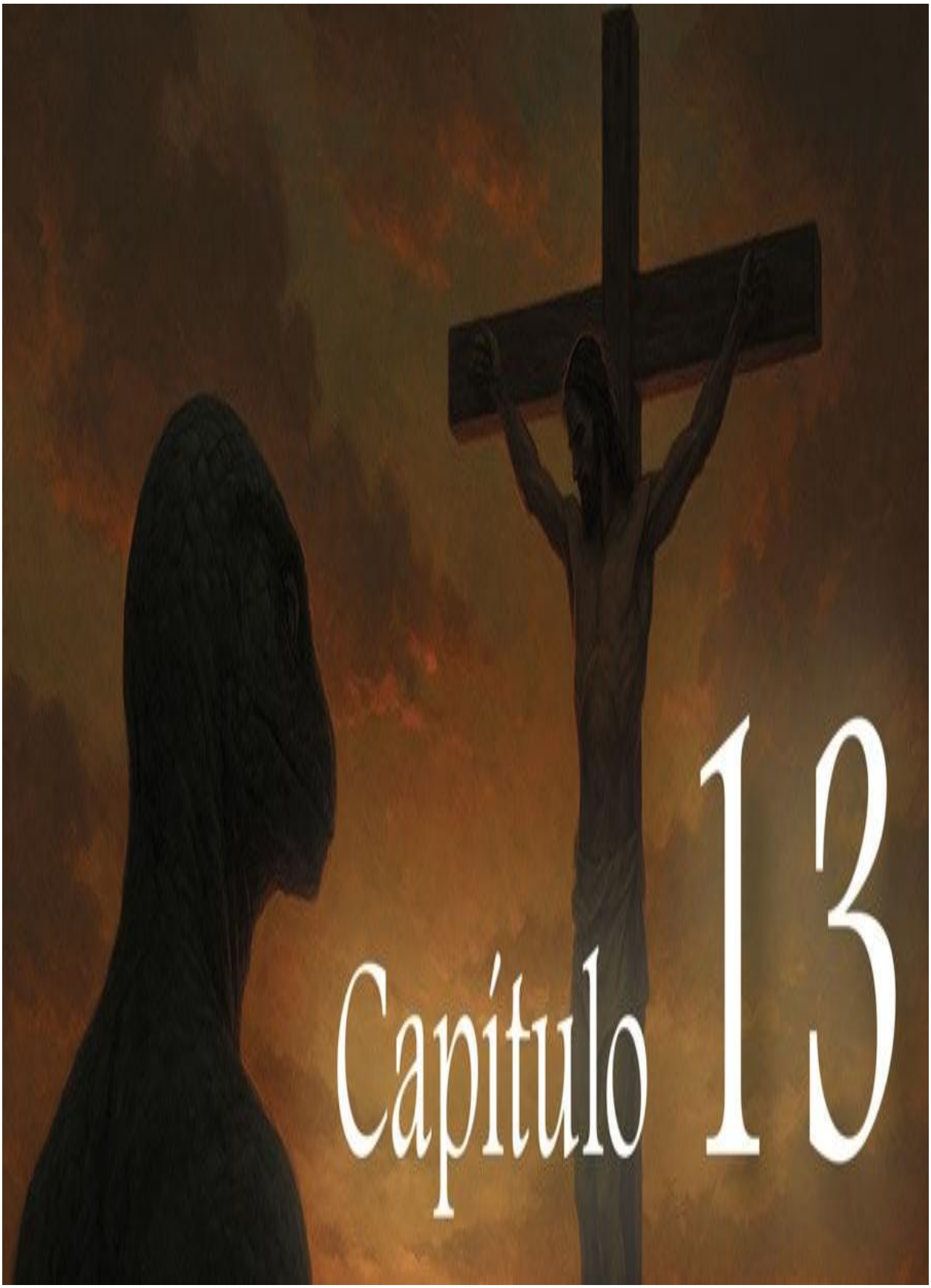
Fiz o que um imperador faz quando a própria imagem treme: cerrei as fileiras. Reforcei o juramento dos magos, reclassifiquei os riscos, mandei enterrar memórias perigosas em cavernas de silêncio. Mas tudo isso soou, por um instante, como bandagens sobre ferida viva. A imagem daquele olhar — que não exigia, que dava — continuava a piscar entre as sombras, provocando um desconforto que eu não sabia curar com decretos.

No fim da noite, deitado sobre a pedra, ouvi o próprio coração — ou, se preferirem, o equivalente àquele pulso reptiliano que me sustenta. Batia um compasso estranhamente lento, diferente do tambor das legiões. Reconheci ali

algo que me envergonhava: o temor de que existir algo que não se doma nem se compra. Temor de que a soberania não seja a única métrica do universo.

Recusei a frase inteira — a abandonei como quem despe a roupa suja — e voltei a me revestir de ferro: ordens, punhos, execuções futuras. Determinei planos de ataque, rotas de infiltração, listas de alvos a apagar. Mas, no fundo do cofre onde guardo meus receios, guardei a imagem como se fosse contrabando precioso: olhar sereno, calma que não clama, a sensação proibida que me pegou desprevenido.

Saí da segunda dimensão com passos tão medidos quanto os que me trouxeram, e regressei ao palácio com a máscara que eu sabia usar diante de homens: firmeza, desdém, o sorriso afiado de quem nunca foi tocado. Mentira. Dentro de mim algo tinha mudado a maneira como eu contava o tempo, uma fissura antes invisível agora medindo segundos com outra régua. Não admitirei essa fraqueza a outrem. Mas tampouco poderei fingir que nada aconteceu. A guerra que se anunciava não seria apenas por tronos e territórios — seria, agora, por algo que ainda não tenho nome, e que, por medo e soberba, nego a mim mesmo.


Capítulo 13

Eu me rendo...

Os dias passaram como passos de sentinela — metódicos, sem surpresa — e eu me ocupei com o que sempre me ocupou: ordenar, punir, organizar a fome dos povos em ritmos previsíveis. Mas, enquanto me afundava nessas rotinas, algo novo crescia dentro de mim, algo que eu combatia a cada respiração: uma vontade imensa de vê-lo de novo.

Não era intelecto que instigava esse impulso — era uma fissura mais primitiva, um puxar de fundo que vinha de onde guardo o que penso ser inabalável. Havia uma curiosidade aflora-alma, feroz e vergonhosa: saber quem era aquele ser que me cortara por dentro, que me deixara nu de certezas apenas com um olhar. Como descrever a sensação sem soçobrar? Era como ouvir, pela primeira vez, uma música que não podia ser tocada com minhas mãos e, ainda assim, dominava meu corpo inteiro.

Negava. Negava com a violência de quem nega um pecado. Inventava pretextos, multiplicava ordens, afogueava meu tempo em mapas e campanhas. Dizia a mim mesmo que tudo não passara de falha sensorial, de fraqueza temporária de um olfato cansado. Repeti os rituais de encerramento: selos, hipnoses, mandamentos aos magos. Reforcei a vigilância, revoguei permissões, mandei queimar lembranças comprometedoras. O trabalho era remédio e máscara.

Mas a vontade não era uma vontade simples: era desejo e pergunta juntos. Desejava vê-lo e, ao mesmo tempo, queria entender por que desejava. Isso me envergonhava. Era blasfêmia pessoal: o Inefável que anseia por reencontrar um

mendigo! Em que poema de soberba eu me permitiria essa humilhação? Minha imagem diante das legiões não poderia vacilar por curiosidade humana. Eu, que comando desertos de silêncio, não podia me render a um acender de luz.

Senti vergonha como se ela tivesse textura física — um calor que subia do peito ao pescoço, uma febre fina que me deixava vigilante. Recordei Morg, as devoções forjadas, o preço das purgas. Pensei nas faces de Oleg e Rana, nos olhos calculistas deles: que explicação eu lhes daria se me vissem buscar intencionalmente aquele brilho? “Fui seduzido”, diriam. “Foste tocado”, sussurrariam outros. Era preciso que ninguém soubesse.

Por isso, formulei mecanismos de contenção mais astutos que o isolamento: promessas a mim mesmo, calendários de ocupação, viagens mentais a fronteiras distantes. Recrutei pensamentos de frio e cálculo, imagens de aço. Quando a lembrança virava-nó, eu a cortava com tarefas — inventava julgamentos, convocava cerimônias. A disciplina foi meu anestésico. Ainda assim, havia momentos — nas vigílias curtas entre as reuniões com os anciãos — em que a imagem do olhar sereno lembrava uma chama sob a neve.

E essa chama começou a se tornar desejo concreto: não só vê-lo, mas escutar de perto, perceber a cor da voz, notar o gesto que, para ele, era comum e para mim parecia profecia. Era uma ambição íntima, quase infantil — quero saber mais — e isso me revoltava. Eu era o Inefável: não me é dado ansiar por segredo alheio; eu era quem detinha os segredos. Que virasse então prova de fraqueza? Nunca.

Havia, porém, um cálculo frio que se impôs: se eu retornasse, seria diferente. Voltaria revestido de cautela, de armadura de mente, com todas as artimanhas aprendidas na era das guerras. Não deixaria vestígio de fascínio. Observação precisa, disfarce absoluto, medidas para que nenhum relato se filtrasse às legiões. Iria como mestre e não como curioso. Iria para confirmar que nada havia ali além de uma nota dissonante que eu poderia esmagar.

E assim, entre a vergonha e o plano, dias se tornaram ponte. Eu não admitia o desejo — não ainda —, mas comecei a preparar a máscara que usaria para voltar. Planejei rotas astrais que só eu podia transitar, tracei sigilos novos, escolhi um noviço sem marca para acompanhar o movimento e, sobretudo, formulei a mentira que diria aos outros: “Vim estudar, nada mais.” Mentira que funcionaria; mentiras sempre funcionam quando há fome de controle.

Por ora, mantive a imagem pública intacta: ordens, decretos, a voz firme do que nunca vacila. Mas dentro do cofre onde guardo os impulsos proibidos, arrumei espaço para aquilo que nego. Não confio nessa vontade — como confiaria? — mas reconheço que ela existe, e reconhecimento é o primeiro passo para o que virá. E o que virá, não sei dizer, apenas que a curiosidade, essa praga que eu jurara combater, agora me guia como sombra que não se pode apedrejar sem cortar a própria mão.

***

Então, um dia, a contenção rompeu-se como gelo sob calor lento — não foi decisão, foi urgência: a curiosidade havia crescido até doer, e eu cedi. Parti novamente em corpo astral, essa forma que me permite mover-me onde carne e regras não alcançam. Pensei ir discreto, vigilante, vestido com todos os sigilos que me ajudam a enganar o mundo — mas não contei com o que encontrei.

Quando apareci junto ao acampamento, não me acomodei nas sombras como de costume. Esperei o ruído habitual — respirações, o crepitar do fogo, o sonho leve dos discípulos. Em vez disso, senti o puxão de um olhar: alguém me olhava. Fiquei imóvel, como quem recebe um golpe sutil. Nunca um humano me esperara. Eu era o que vinha por trás, o que surpreende, o que dita o movimento. Por eras fui a surpresa e o assombro; jamais o alvo da espera.

Havia algo no modo como ele me atendia que desmontou, por um instante, a arquitetura inteira do meu orgulho. Não era medo, nem astúcia; era uma paciência feita de luz que me estudava sem pressa, como quem reconhece a forma de um objeto já visto em outra vida. Era absurdo — eu, que domino legiões e leis, sentia-me pequeno diante de um corpo tenuemente iluminado. A sensação foi mais que humilhação: foi vertigem.

Percorri mentalmente os séculos, um por um, procurando a raiz dessa anomalia. Morg, Maldek, Marte, Roma — todos os tronos, todas as vitórias — e nada continha essa sensação de ser desarmado de dentro. Era como se alguém tivesse lido a cartografia da minha alma e nela encontrado uma linha que eu próprio não conhecia. Pensei em recuar, em usar o mesmo escudo que sempre me servira: desprezo, decreto, punição. Mas as palavras, quando vieram, não tinham ferro; tremiam.

— Quem és tu, ser desconcertante? — consegui dizer, e a arrogância tentou colorir a frase; tentou-seu manto habitual de condecoração. Mas a voz me traiu: saiu fina, com arestas, os contornos falhando. Não bastou o som do meu título — Inefável —, nada ali sustentava o hábito. A frase soou mais como pergunta que eu temia responder do que como ordem que eu pudesse cumprir.

Houve um instante de silêncio que pesou como pedra. E naquele instante percebi o quão profundo fora o meu abismo: o soberbo que se vê esperando era, pela primeira vez, quem era chamado à mercê do encontro. Aquele olhar, sereno e despido de cálculo, não buscava arrancar de mim confissões nem satisfazer curiosidade; parecia apenas reconhecer. E reconhecer é uma violência íntima quando se temeu sempre reconhecer apenas o poder.

Recuar? Sim. Mas não por medo pueril — por compreensão de que ali não se travava a velha batalha por territórios, mas um choque de métricas: eu, côncavo

de violência, e ele, aberto àquilo que eu chamava Praga. Diante daquela espera, a pergunta que eu escapara em voz ficou pairando, sem resposta fácil, e eu soube que qualquer caminho que escolhesse — atacar, esconder, fugir — já carregaria a marca daquele momento em que fui visto esperando.

— Não sou o que teus nomes tentam aprisionar. — Não cheguei à tua frente para disputar tronos, nem para provocar tua queda com artifícios. — Não vim com a pressa dos que calculam vitórias; venho com a paciência de quem espera que a semente germine no solo certo.

— Quem sou eu? — falou, e as palavras não buscavam enganar: — Sou aquele que veio lembrar que a força tem outros modos. — Sou o que acolhe antes de julgar, o que devolve ao outro o direito de ser. — Sou o que tem tempo para curar, porque sabe que a cura demora mais do que a vitória.

— Tu chamas isso de fraqueza; eu chamo de medida. — Onde tu vês vazio, eu vejo possibilidade; onde tu vês servidão, eu vejo a chance de liberdade. — A tua lei é o domínio; a minha é o encontro. Não para dominar-te, mas para que tu te encontres além do que deste a ti mesmo.

Eu esperava um golpe, uma prova — e ele não me deu nenhuma. Sorriu, não com desdém, mas com ternura, e continuou:

— Eu não venho para arrancar o que tens — venho para mostrar-te o que tens além do que tomaste. — Não chego para humilhar-te; chego para lembrar-te que há formas de poder que não consomem; que há reinados que não se sustentam sobre o sangue. — Não nego tua história, nem apago tuas feridas. Sei delas; senti a carne que te forjou. Mas digo-te: há um lugar onde a força não é medida por quem dobra o outro, e sim por quem levanta o caído.

— Tu acreditas que o mundo gira pelo medo e pelo domínio — e, por isso, dominas. — Eu te digo que o mundo também é movido por vínculos, e que um vínculo verdadeiro não te empobrece: amplia-te. — O que eu ensino não é negação do vigor, mas transmutação do vigor: amar não é fraqueza; é coragem que não exige troféus.

Olhou-me nos olhos com a simplicidade de quem não tem dúvida da própria voz:

— Não te trago promessa de derrota: trago convite a um outro modo de governar a tua própria alma. — Não pelo apelo a teus temores, mas pela experiência de uma presença que não devora. — Se quiseres permanecer senhor por temor, permanecerás — eu não te forçarei. — Mas se houver em ti um resto de curiosidade que não se resigna ao esquecimento, vem. Senta aqui. Aprende que há poder no servir, e que servir bem é sermos maiores do que pensamos.

Não proferiu ameaças; proferiu oferta. Não me disse: “Rende-te”, mas disse: “Vem ver”. E por fim, com a calma de quem sabe o nome das coisas simples, falou a frase que me fez recuar e, pela primeira vez, perdi a compostura de quem se adequava tudo a cálculo:

— És chamado a muitas coroas — disse ele —; eu te ofereço a única coroa que não pesa: a da verdade que liberta. — Se quiseres, eu te mostro como ela cai leve sobre a cabeça. Se não quiseres, partirás com teus tronos intactos, e eu respeitarei teu caminho.

Juntei todas as minhas forças — não como quem suplica, mas como quem convoca um exército de palavras — e falei com a voz que aprendi a polir em mil

cátedras de medo. Não era só argumento; era liturgia de descrédito, era ciência antiga de desmoralizar um mundo. Coloquei em cada sílaba a minha experiência de eras:

— O que fazes no meu reinado de terror, no meu domínio? — disse, cada frase martelada como vergalhão. — Aqui só encontrarás mentiras e hipocrisia, e essa é a mais pura matéria-prima do poder. Observa as cidades: templos que alimentam deuses feitos para apaziguar escravos; senados que se matam por insígnias; anfiteatros onde o pão se regala com sangue. Tudo isso criámos e mantivemos — e funciona.

Aproximei-me mais, reduzi o tom como quem segura uma lâmina para que a ponta diga mais que o corte:

— O ser humano não vale a pena, acredita em mim. — Pronunciei a sentença com a naturalidade de quem enumera leitos de um abate. — São frágeis, vorazes, desequilibrados. Dás-lhes pão e esquecerão a tua palavra; deres a promessa de status e te venderão em praça pública. Eles próprios se entregam ao abismo da arrogância. Não precisas inspirá-los para que se destruam; basta soprar ligeiro que eles acendem a fogueira sozinhos.

Desenhei com a mão um panorama de ruínas que conheço: as campanhas, as traições, os rituais que transformam medo em lei. Usei exemplos do que vi — cidades rendidas, líderes que consagraram carnificinas, famílias que trocaram filhos por promessas — e os juntei como provas insofismáveis. Minhas palavras tinham o peso da história, e eu deixei que esse peso caísse sobre ele:

— Mesmo que não os inspiremos, — continuei, frio, calmo, letal — eles já têm, gravado no peito, o compêndio das trevas. Honram a glória, cobiçam o lugar ao sol, e se necessário matam. A carcaça de tua compaixão será triturada entre seus

dentes. Eu te digo pela experiência de eras: quem desafia a lógica dos desejos vence um dia, e no outro encontra a lâmina do próprio povo.

Quis ainda esmagar a última fagulha de piedade que poderia restar nele, e assim pui o ataque final, mais direto, quase administrativo:

— Olha para as multidões, filho de pó. Observa como se curvam por pão e espetáculo. Observa como erguem ídolos e, no instante seguinte, os enterram na lama. Se te pões entre eles e a sua sobrevivência, serás visto como obstáculo. Serás condenado. E mesmo se te seguirem por um momento, será por curiosidade, por promessa de consolo — e nada disso resiste ao barulho das armas, ao apetite das massas ou ao peso de um trono que exige submissão.

Enquanto falava, senti a velha certeza: as minhas palavras eram fáceis, eram verdadeiras no caldo em que me criei. Quis que o meu desprezo fosse um campo minado que o afastasse — que ele percebesse a inutilidade da oferta e se retirasse para os caminhos pobres onde pertenço. Porém, por baixo de cada sentença calculada, uma mão invisível apertava o meu próprio peito: não era a dúvida que eu admitia; era a sensação — traiçoeira e inconfessável — de que a minha lógica, por mais radial e vasta que fosse, talvez não cobrisse tudo.

Acabei a fala com uma ordem velada, uma advertência que queria soar como misericórdia de senhor:

— Desaparece do meu caminho. Vive tuas verdades entre os teus; deixa-me a mim as eras e os corpos. Se, porém, insistes em ficar, receio que não serás tratado como um homem que errara — mas como praga que precisa ser erradicada.

E falei isso não como ameaça vazia, mas como relato de método: mostrei-lhe o repertório que dispunha, a máquina que comandava. Ao terminar, esperei ver o horror curvar-se diante da previsibilidade. Mas o que vi nos seus olhos — e aquilo me feriu mais que qualquer lâmina — não foi surpresa, nem medo acumulado; foi serenidade. E essa serenidade recusou a contabilidade com que eu pesara o mundo. Foi como se minha aritmética, perfeita em mapas e exércitos, se tornasse irrelevante diante de algo que não queria ser contado.

Então ouvi a voz dele novamente — clara, sem pressa, como água que não precisa gritar para romper a pedra. Falou-me como se respondesse a um aluno atrasado, sem acusação, sem desejo de derrota; falou como quem nomeia o óbvio que o outro recusou ver por orgulho:

— Tu tens razão em muita coisa que dizes. — O mundo que edificaste existe, e nele há hipocrisia, mentira, feridas que pedem remédio. — Não nego as tuas observações: há quem mate por glória, há quem venda a própria alma por um trono, há quem venda irmãos por migalhas.

— Mas escuta com atenção, Rakasha: a força que conheces — a força que domina, que destrói, que assinala quem vive e quem morre — tem um lugar, e aí cumpre seu papel. — Porém há outra força que não compete com a tua: ela não vence arrancando corações, mas abrindo-os. Não subjuga; transforma. Não é menos poderosa por ser suave; é poderosa de outro modo.

— Tu calculas ganhos e perdas como quem conta moedas; eu conto vidas. — Tu dizes que um homem que renuncia aos desejos não passa de fraco; eu digo que o que renuncia para salvar o irmão se torna mais inteiro do que o que conquista tronos.

— Não vim para te humilhar, Rakasha. Vim para te convidar: senta, olha,

aprende. — Não te peço que abandones as eras que formaste — não vim para apagar memórias — mas proponho que descubras que o que chamas de alimento (a dor alheia) também pode ser transformado em sustento de outra ordem: cura, serviço, compaixão.

— Tu tens medo da perda do trono porque o trono é teu paradigma de ser. Eu te ofereço outra parábola de existência: a liberdade de não precisar dominar para existir. — Pergunto-te: o que pesa mais — a coroa que aprisiona quem a usa, ou a leveza de quem serve sem exigir coroa alguma?

E terminou com algo tão simples que me queimou mais que qualquer aço:

— Não te ordeno nada. — Não te condeno. — Apenas te digo: se quiseres provar, olha para o outro não como alimento, mas como irmão. Se o fizeres, verás que há uma força que não consome e que, ainda assim, pode erguer mundos.

Ouvi aquilo como quem ouve um enigma que, por ser sequer formulado, desfaz certezas. Não houve gritos de poder, nem promessas de extermínio; houve oferta e paciência. A maneira como pronunciou “irmão” — palavra que eu sempre reservei para designar um laço de raça e vantagem — foi como lâmina que rompeu o selo antigo.

Fiquei, por um instante, sem o recurso habitual do escárnio. As minhas razões, afiadas como pontas de lança, tambalearam frente a uma lógica que não queria vencer com sangue, mas com presença. E isso, para quem fez do império do medo sua linguagem, era mais perigoso que qualquer espada.

Não foram só as palavras — isso eu percebi logo —, mas o corpo inteiro delas: um calor que vinha junto, não como estratégia retórica, mas como presença viva. Era amor. Amor bruto, direto, sem cálculo. E aquilo me feriu mais que qualquer lâmina, porque não havia lógica que o encaixasse. Eu, que havia colecionado tronos e rituais e crimes, senti algo absurdo para o meu repertório: senti-me amado.

“Por que eu sinto que me amas?” gaguejei, como se a pergunta tivesse o peso de uma confissão proibida. “Eu não sou objeto de amor de ninguém. Nunca busquei isso nas eras que conto meus dias na segunda dimensão. Não há nada em mim que mereça ternura.”

Ele sorriu — aquele sorriso sem vaidade — e falou com a simplicidade que desmonta muralhas:

— Porque eu e tu somos um, juntos com a Fonte — disse, como se a verdade fosse um lugar comum onde nos encontrávamos. — Chamo-a de meu Pai. — Somos a Fonte que se esqueceu de si mesma para criar este momento único. Foi por amor que a Fonte saiu de si para que o amor pudesse existir no universo. — Não te amo por causa do que és; amo-te porque em ti há a mesma centelha que me criou. Amar é lembrar de casa, não é prêmio nem dívida.

A frase caiu em mim como chuva que não lava, mas que penetra. Ele não justificava o amor; explicava-o com imagem: a Fonte que se esquece de si e, ao esquecer-se, permite que o universo exista — e, assim, que o amor nasça como ato primeiro, anterior a mérito ou lei.

Aquilo rasgou meu argumento mais íntimo: eu sempre supus que amor é moeda, que se dá em troca de serviço, lealdade, vantagem. Ele dizia o oposto — o amor não pede conta; é oferta que não espera retorno. Amá-lo seria admitir que minha

contabilidade estava incompleta: que havia um crédito invisível que eu jamais considerara.

Senti primeiro repulsa — porque a repulsa é o reflexo dos que têm vergonha de si próprios. Pensei em todas as transgressões que cometi, nas mãos manchadas de guerra, nos rituais de hipnose, nas extirpações frias. Como poderia merecer amor? E, no entanto, o peito me doeu com a certeza contrária: ali, naquele acampamento, alguém me amava sem cálculo.

Perguntei, com voz dura para me acostumar ao espanto:

— E o que queres de mim com esse amor? Que eu me renda e me faça fraco? Que eu renuncie aos tronos e vire mendigo entre os homens?

Ele não acusou nem ordenou. Só falou, como quem dá água a quem tem sede:

— Quero que lembres. Não vim para arrancar teu poder; vim para ofertar outro modo de ser poderoso. Não te peço humilhação, peço abertura. Há força em quem serve; há coroa leve na verdade que liberta.

Essas palavras foram uma ferida de outro tipo: não cortavam minha pele, corroíam meu argumento. O amor que ele oferecia não me exigia renúncia imediata; oferecia uma possibilidade — e possibilidade é o que mais me atormenta, porque abre fendas nas certezas.

Reagi como quem se protege: levantei muros de razão. Listei as razões por que

aquilo era impossível, citei a história dos povos que eu moldara, as legiões, os templos, as purgas necessárias. Mas, por trás do escudo argumentativo, havia um tremor fino: a pergunta de criança que insiste quando a noite é longa.

Ele continuou — e o que ouvi não foi um argumento comum, mas uma espécie de teorema existencial dito com a calma de quem fala de casa. As palavras saíam suaves, como se cada frase fosse uma ponte posta sobre o abismo:

— Tu és esquecimento — disse ele. — Mas um dia lembrarás. Tu és a Fonte que se esqueceu de si mesma; eu também sou dessa Fonte. Esse esquecimento é o presente. Foi por ele que a Fonte saiu de si: para que houvesse liberdade, para que pudessem nascer o amor e a justiça. Se a Fonte permanecesse em si, nada disso existiria — nem o teu ódio, nem o poder que tanto te inspira, nem o meu amor. Tu és livre para odiar e dominar; eu sou livre para amar. E repare: sem o teu ódio, o meu amor seria menor. É fácil amar o que já é amável; o amor verdadeiro expande-se quando ama aquilo que desafia, aquilo que parece incorrigível. Por isso eu te amo — não porque ignore o teu ego, mas porque não me limito a ele; eu vejo a Fonte pulsando em ti, experienciando as possibilidades de ser. Amar-te é testemunhar a liberdade que escolheste — e amar é, ao mesmo tempo, recordar-te de onde vens.

Ouvi aquilo como se a terra sob mim tremera e eu não soubesse por quê. A lógica que ele tecia desmanchava as colunas de todos os meus argumentos. Era uma geometria nova: onde eu via cadeia, ele via possibilidade; onde eu via queda, ele via memória. O acampamento sumiu em redor como se alguém tivesse apagado as luzes de um teatro; restou apenas a voz, e dentro dela uma coerência que apelava a algo que eu, até então, nomeara só “Praga” e arremessara aos exilados.

Fiquei sem chão. Não por covardia simples — por reconhecimento de que, se as palavras fossem verdade, toda a minha cartografia do real estava invertida. Eu que contava eras em vitórias e cadáveres via-se, pela primeira vez, incluído

numa narrativa maior em que o meu ódio não era causa primeira, mas resultado de um jogo maior de liberdade. A ideia me rasgava: e se o horror e a dominação não fossem apenas meu banquete, mas peças necessárias num teatro onde a Fonte se experimenta a si? E esse “se” feriu mais do que qualquer lâmina.

Senti, com clareza desconcertante, uma imagem: não mais eu como senhor absoluto, mas eu como ínfimo ponto de experiência dentro de um corpo maior. A metáfora da Fonte que se esquece para se conhecer voltou e, nela, percebi o meu lugar — e isso doeu com a precisão de um relógio que marca a verdade. Tentei reagir com os velhos recursos: desprezo, decreto, ameaça. Mas cada palavra de combate escorregava contra a calma dele como se tocasse vidro. Não havia esquina retórica onde me abrigar.

No silêncio que se seguiu, ouvi - e admito a mim mesmo a vergonha dessa admissão - que jamais tivera pensado a possibilidade de que meu domínio pudesse ser também matéria de uma liberdade maior. A fratura interna não era apenas medo de perder o trono; era vertigem diante da ideia de que todo o meu odio tinha, também, um lugar na vasta economia do Ser. Saí daquele encontro com passos que queriam ser de comandante, mas que tremiam com a evidência nova: que amar o que desafia é medida maior do amor — e que eu, o Inefável, fora medido por uma régua que eu desconhecia.

E então veio o pensamento que mais temi admitir: — E agora, o que faço do meu trono de certezas, quando elas não existem mais?

A frase caiu em mim como pedra que abre um poço. Todo o meu repertório — títulos, rituais, mapas de sangue — rebateu inútil contra aquele vazio. Eu que sou o Inefável, o absoluto, o dono de ordens que dobraram mundos, senti-me estranho perante a própria ausência de fundamento. Era como perder a voz num auditório cheio: a autoridade já não surtiu efeito; apenas eco vazio.

Não sei ser outra coisa senão o que fui treinado a ser. Minha identidade foi forjada em domínios, em leis de aço, em decretos que fizeram multitudes moverem-se como se fossem sombras obedientes. O “eu” que conhecia era um mecanismo bem lubrificado — matar a dúvida com ritual, castrar a ternura com sigilos, administrar o temor como moeda. Agora, no entanto, as engrenagens escorregaram. Olhei para dentro e não encontrei o lugar onde se guardam respostas; encontrei um deserto amplo, frio e ressequido, com miragens que não devolviam rosto algum.

No deserto do existir cada passo é pergunta. Caminhei uma vez, duas vezes, e percebi que estar sem certezas não é só medo: é vertigem. A sensação é de céu invertido — tudo que antes me dava altura agora me faz tremer. Se eu não sou a força que impõe, então o que sou? Um vulto entre outros vultos? Um eco de algo que já existiu? A pergunta corrói-me como vento que entra por fresta.

Surgiram imagens de tudo o que tive de destruir para me constituir: Morg, Maldek, Marte, Roma — nomes que até então eram medalhas. Agora soavam como lápides sobre as quais eu caminhara sem notar o peso. Cada vitória transformou-se em prova contra mim: provei que posso dominar, mas não que isso seja sentido. Dominar tornou-se técnica sem propósito.

E, no entanto, não estou entregue ao lamento como criatura vencida. A ferida que se abriu não é apenas ruína; é também porta — embora eu não confesse com facilidade a ideia de passagem. Há fúria — furiosa, animal — por ter sido tocado. Existe vergonha deliberada por ser visto vacilar. E existe, num recanto quase inaudível, uma curiosidade irracional: o que faria alguém que se define por dominar se lhe tirassem a razão de ser?

Penso em soluções, no velho modo: reafirmar o trono com purgas, mostrar exemplaridade com execuções, reforçar a teia de medo até que a dúvida se perdesse. Essas medidas ainda me acalmam por momentos — são anestésicos conhecidos. Mas percebo que, se a ferida foi causada por algo que não é força

bruta, a força bruta talvez não chegue ao fundo. E isso é intolerável para quem viveu de aço.

Outra voz, menor e vergonhosa, sussurra possibilidades que eu filtro com desprezo: talvez haja outro modo de contar poder; talvez governar seja também erguer, não apenas esmagar; talvez existir sem trono não seja ruína, mas forma nova de ser. Abomino essa voz e, ao mesmo tempo, ela persiste, como semente que não se decide a morrer.

Fico no meio do deserto do existir, entre a antiga segurança e uma paisagem que não reconheço. O vento traz memórias de olhares e palavras que me arrancaram do chão; traz, também, o cheiro de um mundo onde o termo “força” pode ter outros sinônimos. Tenho medo — medo real — de perder tudo que me constitui. Tenho, também, uma espécie de admiração recatada pelaquilo que me tocou.

Não sei ainda qual será o passo seguinte. Posso reacender as fogueiras do medo e esmagar qualquer vestígio, como sempre fiz. Posso também permitir — e tremo só de pensar — que a semente cresça mais um pouco, para ver até onde chega essa estranha inclinação. Ambos caminhos têm preço. Ambos me sujeitam.

Por ora, permaneço: não rendido, não decidido. O trono de certezas estremece sob meus pés. E enquanto a dúvida mora em mim, há um novo ritmo no meu peito — lento, irresoluto — que mede o tempo não mais em ordens dadas, mas em perguntas que eu nunca imaginei fazer.

Ouvi cada sílaba de sua próxima fala como quem escuta martelo bater no próprio esqueleto. Reproduzo aqui, com a precisão que ainda guardo para o que me fere, a resposta que ele me deu — não como lição teórica, mas como toque direto na carne da minha identidade:

— “O que eu sou?” — repetiu, como se lesse a pergunta que eu mesmo não admitira. — Boa pergunta para se fazer a si mesmo. — Tu és liberdade. Não uma definição engessada. — Tudo aquilo que foste até agora não pode aprisionar-te, porque foste feito para experimentar. — Não somos meramente o que vivenciamos: somos a Fonte que se esqueceu de si para viver o salto da criação. — A Fonte não se prende a etiquetas estreitas; ela se expande em formas infinitas — e tu és a Fonte em cena, experimentando uma face.

— Eu te ofereço um novo modo de existir, através do amor. — Não te peço que negues teu passado nem que destruas teu trono por vaidade; peço apenas que olhes para a possibilidade de ser de outra maneira. — Não rejeites o espanto que te atraiu até aqui: esse assombro é parte do propósito pelo qual saíste de ti. — Vieste para experimentar; não venhas para confirmar só uma história. Permite que a experiência te mude.”

Quando ouvi isso, senti o chão tremer com outra ordem — não a de exércitos, mas a da lógica do ser. A fala dele não pretendia demolir com violência; pretendia mostrar que havia um campo mais largo em que meu nome, Rakasha, poderia ser apenas uma entre tantas máscaras. E o assombro veio com força que eu não soube medir: liberdade como verbo, não como posse; ser não como prisão, mas como possibilidade interminável.

Reagi primeiro com a velha armadura: procurei refutar com frases prontas, com a aritmética das conquistas. Mas essas frases soavam rasas diante da simplicidade dele. Era como tentar tapar um poço com folhas: inútil. No silêncio que se seguiu, assumiu-se em mim uma verdade incômoda: se eu era de fato “a Fonte experimentando”, então minha história de dominação não era condenação definitiva — era experiência. E se experiência pode ser variada, então o trono que eu moldara era apenas uma opção entre infinitas.

Essa ideia queimou. Não porque fosse fraca, mas porque extinguia a certeza que me servira de arma por eras. Se a Fonte quis errar-se para se conhecer, e eu era parte desse esquecimento, então eu era convite e prova ao mesmo tempo: convite à liberdade, prova de que até o mais feroz dos senhores pode ser campo para algo novo.

No fundo, contudo, permaneceu o cálculo: aceitar significaria reescrever toda a minha gramática de poder. Rejeitar significaria fechar-me ao que talvez fosse o único modo de aprender outra medida do existir. Entre esses dois polos — preservação e transformação — respirei pela primeira vez de outra maneira: não a respiração do comando, mas a respiração da dúvida que pergunta o que virá quando a antiga resposta deixa de bastar.

Então, fui embora, arrastando dúvidas como correntes invisíveis. Elas roçavam minha carapaça como areia fina — irritante, persistente — e eu, que sempre contei as eras como quem conta moedas, senti que algo novo me roubara a calibração. A Praga — chamava-a assim antes de saber do que se tratava — não veio suave: atropelou minhas defesas, invadiu os porões onde eu guardava as certezas. Aquele ser mexera nas estruturas mais íntimas da minha existência.

Houve, primeiro, o desejo: uma ânsia de não me afastar, de voltar e permanecer sob aquele olhar sereno, de apanhar na sua voz o fio que desfiava meu orgulho. Depois, o pavor: como tudo o que me tornava frágil, a possibilidade de ser diferente me enchia de nojo e de espanto. Eu, que havia erguido tronos e decretado extirpações, percebia-me sem lugar entre os meus. Já não me via como eles; e isso, estranhamente, deixou-me sem abrigo.

Perambulei pela segunda dimensão como um morto andando: sombras conhecidas, galerias de sigilos, corredores onde os ecos repetem ordens — e contudo, cada uma dessas passagens me devolvia um rosto estranho. A cada passo pensava em medidas: relançar decretos, castigar quem ousasse enunciar o gesto de amor, reafirmar os rituais. Mas a voz dele ainda habitava meu peito

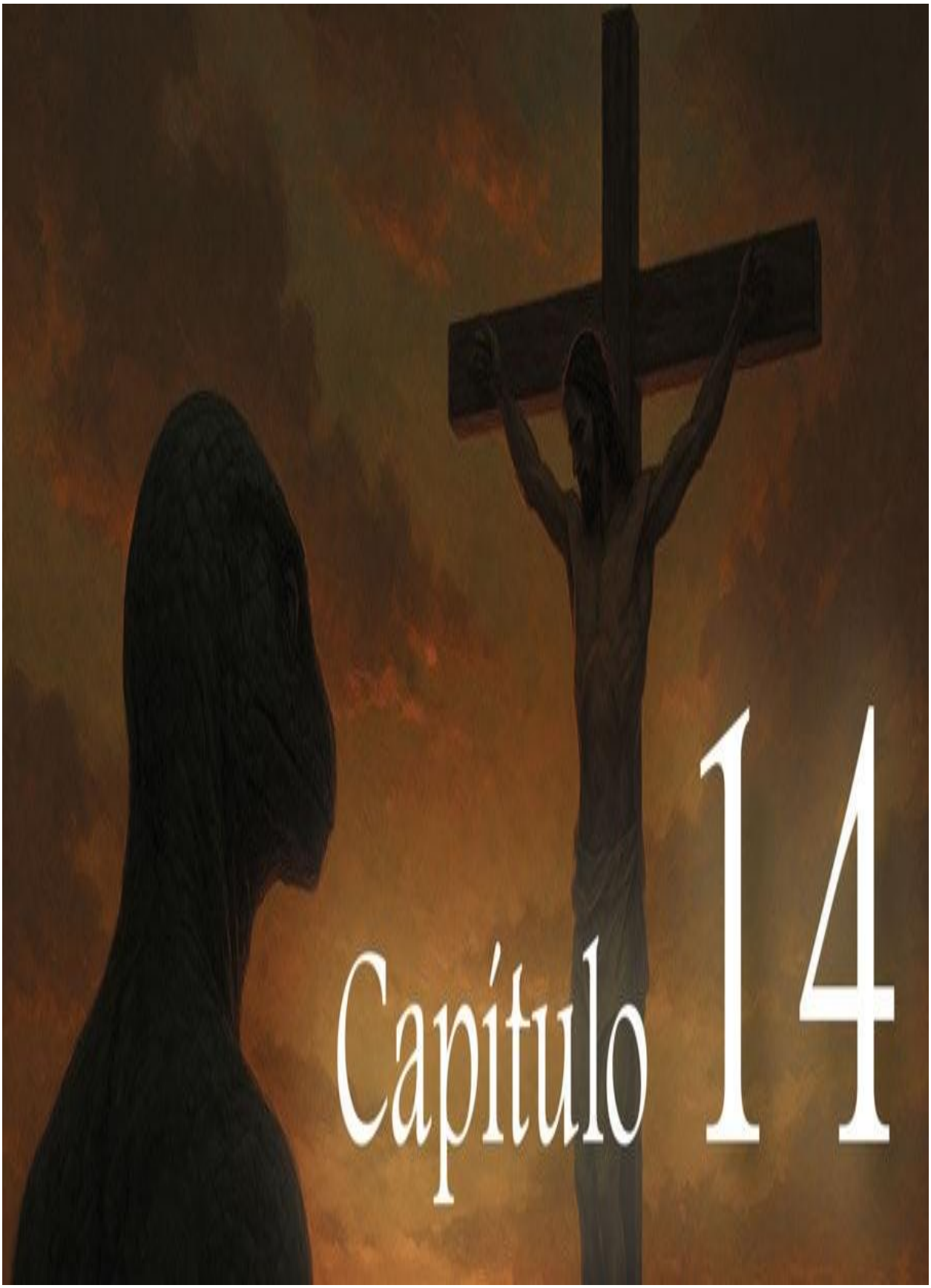
como um bálsamo e uma acusação.

Não me recuperei dessa deriva. E foi então que me encontraram. Oleg e Rana — sempre tão certeiros no passo e na máscara — perceberam minhas vibrações contraditórias como caçadores sentem o cheiro de febre numa presa. Oleg aproximou-se com o gesto seco de quem segura adaga; Rana, com a mesma suavidade que usa para amarrar tramas, trouxe a sentença antes mesmo da palavra:

— Eu disse que ele era perigoso — murmurou Oleg, com aquela voz neutra que guarda lâminas. — Tu não acreditaste quando te avisei.

Rana acrescentou, mais contida:

— Estamos a agir em teu nome, mas é preciso firmeza agora. A Praga não se cura sozinha.


Capítulo 14

Prisioneiro da Praga

Não houve processo público. Não havia necessidade de espetáculo: eu era o Inefável, e o preço da minha fraqueza devia ser tratado como erro de estado. Fui conduzido — não com correntes físicas, mas com laços de sigilo que impediam a minha assinatura energética de se espalhar — a uma cela nas masmorras da segunda dimensão. Aquelas masmorras não são pedra e ferro do mundo físico; são cavidades onde o tempo dobra e a memória é lavrada por cantos rituais.

Ao entrar, senti o ar gelado da reclusão, aquele frio que nada apaga e tudo conserva. Trancaram a abertura com símbolos que eu mesmo havia ajudado a desenhar em outras eras: runas de silêncio, selos de compressão afetiva, correntes de esquecimento. Era ironia fina que minhas próprias invenções agora me confinassem.

As medidas iniciaram-se sem demora. Primeiro, o isolamento absoluto: ninguém me falava sem máscara de proteção mental. O som do mundo foi reduzido a um rumor longínquo; o tempo tornou-se máquina de repetição. Sob vigília dos magos, aplicaram-me exercícios de “recall reverso”: tentativas de arrancar a lembrança que me prendia a ele, como se apagar memórias fosse cura. Invocaram rituais de dessensibilização — cantos que deveriam anestesiar a ternura, fórmulas que prometiam endurecer a carne do sentir.

Quando isso não bastou, veio a hipnose ritual: redes de vontade que me enredaram, vozes em coro entoando afirmações que tentavam reescrever o meu léxico íntimo. “Você é força. Você é lei. Você é soberano.” Repetiram até que a frase ecoasse como decreto literário, buscando substituir a nota estranha por aquele velho tom de comando. Fizeram-no com frieza e bom método: programação, reforço, punição subliminar.

Resisti. Não sempre com bravura — muitas vezes com pânico —, mas resisti. Memórias invadiram-me nos intervalos de hipnose: rostos de mortos que eu havia feito, cenas de fogo, o gosto metálico do sangue. A cada lembrança de violência, minha alma reptiliana juntava lâminas para se proteger. Mas, entre um ataque e outro, vinha a lembrança do olhar sereno, e essa lembrança doía de outro modo: era mais fina, mais funda, e não cedia ante ferrolhos.

Oleg visitava de máscara e calculava o pulso da minha recuperação; Rana enviava relatórios como quem descreve um experimento bem sucedido ou uma falha que demanda intervenção. Às vezes ouvi-os discutir medidas mais drásticas — reclassificar-me, expurgar os resquícios de memória com procedimentos que se aproximavam da extirpação. A palavra passou perto, sempre sussurrada, porque sabiam que anunciá-la seria abalar outros tronos.

Passei dias — semanas? — num tempo onde as horas eram moldadas por rituais e interrogações. Em silêncio, percebi que o que mais me cuspiam era não o medo de morrer, mas a vergonha de ter sido visto assim: desarmado, esperando, possivelmente tocado por algo que eu mesmo chamara de praga. A cela fez-me confrontar a própria solidão: não apenas a que impomos aos outros, mas a que me acomete quando o espelho devolve coisas que não reconhecemos.

E, no entanto, algo começou a suceder que nem as correntes previam: a Praga, antes tratado como ferida a exterminar, mostrou-se resistente de uma maneira que irritou a metodologia. Não se tratava de mera subversão de sentidos; parecia crescer uma raiz que buscava o interior e não se deixava arrancar com fórmulas. Aquilo me exasperou e me encolheu ao mesmo tempo.

Quando me entregaram uma taça de água ritual — líquido que deveria ser amargo como lembrança — bebi e senti não só ferro, mas uma memória que surgia como se uma voz discreta sussurrasse: “Lembras de casa.” Recuo com isso, porque é confessionário e me fere admitir. Mas a verdade é que, mesmo nas masmorras, uma parte de mim começava a medir o mundo com outra régua.

Oleg ficou satisfeito com os sinais superficiais: rigidez nas respostas, mais resistência às perguntas proibidas. Rana, mais prudente, observava sombras que não sabia nomear. Eu, Rakasha, o Inefável, permaneci prisioneiro. Prisioneiro não apenas dos selos, mas do novo ritmo que, inevitavelmente, se estabelecera na minha carne.

E enquanto me deitava na pedra fria, protegendo o resto de mim com ordens imaginadas, ouvi — sem querer — o rumor de uma palavra que me perseguia mais que punhos: lembrança. Acela tremeu por um instante; o eco de algo maior passou como vento. Apertei os punhos até que as unhas ferissem a palma. Não me rendia, pensei com amargura; eu apenas guardava um segredo que nem eu queria confessar: que podia, talvez, estar me perdendo para algo que me tornaria outro.

***

Quando perceberam que meu caso não tinha mais solução, Oleg e Rana não perderam tempo com cerimônias vazias. Foi tudo tão frio e cirúrgico como sempre foram as coisas entre nós: cálculo, oportunidade, tomada. Eles reuniram o conselho sob pretexto de segurança, brandaram provas forjadas — relatórios de “contágio”, testemunhos encomendados, sinais arrancados às minhas falhas — e, em poucas horas, o trono que fora meu ficou vazio enquanto as insígnias eram colocadas nas mãos deles como se eu fosse já peça quebrada num jogo que continuava.

Sentir a usurpação foi mais doído do que qualquer batalha. Não era tanto a perda do assento — que, afinal, é só pedra e símbolo —, era ver a ordem que eu criara virar com facilidade instrumento nas mãos de dois que sempre foram instrumentos úteis. Oleg, com sua frieza de aço, entrou no salão e falou com voz

que eu ouviria depois ainda como eco: “A segurança do império exige medidas.” Rana sorriu com aquela lâmina fina nos olhos e completou: “O remédio é extremo.” Assim se fez o veredito: traidor à própria Lei da Força; contágio incurável; sentença de extirpação.

Mandaram-me buscar. Não houve toque de trombeta nem plateia — a vergonha é mais eficaz quando se faz em silêncio. Céus e dobras cessaram; rasgaram os selos que me davam mobilidade e me trouxeram preso por correntes que não chamam ferro, mas sigilo: marcas que impedem assinatura, laços herméticos que me amarravam ao lugar e me arrancavam a condição de senhor. Caminhei para o pátio das execuções — um espaço que eu próprio desenhara em outros tempos — e cada passo ecoou com o som de todas as decisões que tomei ao longo das eras.

Enquanto me conduziam, meus pensamentos eram uma teia. Pensei em Morg, em Maldek, nas legiões que ordenei e nas cidades que deixei em cinza: tudo veio como prova de que eu sou aquilo que sempre proclamei. E, ao mesmo tempo, veio a vergonha — mais aguda agora — de ter permitido que um fio de dúvida me arrastasse a tal desmoronamento. O que seria pior? A morte decretada pelos que eu criara, ou a morte do que eu era, arrancada por mim mesmo na tentativa de salvar a imagem? Não havia resposta que me confortasse.

No pátio, o céu parecia uma lâmina pálida. Prepararam o rito de extirpação com a mesma frieza com que se monta uma máquina: sigilos em círculo, enxertos de vontade, rituais antigos de anulação. Oleg presidia com mão firme; Rana coordenava os magos que executariam a técnica final — não uma espada comum, mas um procedimento que cortaria não só a vida física, mas a assinatura sutil que me ligava à nossa dimensão: apagar-me do mapa do poder, tornar-me inexistente para as práticas e para as memórias que alimentavam o trono.

Fui imobilizado. Senti a pressão das correntes energéticas, a frieza dos selos sobre a pele que já fora carapaça. Havia cânticos ao redor — vozes que eu

conhecia, pronúncias que tinham o gosto de metal. Em volta, vi olhares: alguns de triunfo, outros de necessidade; raiva, alívio, cálculo. E lá, no centro desse círculo, fiquei nu de cerimônias: não o corpo que conta eras, mas um ponto de consciência, observando o próprio fim anunciado.

Enquanto os magos ascendiam em seus cânticos, uma calma estranha me envolveu. Não era serenidade piedosa; era a lâmina reta da consciência que, pela primeira vez, me olhava sem disfarces. Pensei em todas as ordens que havia dado; em quantas execuções assistira com fome de disciplina; em quantas vezes a extirpação fora instrumento de limpeza. Agora a mim destinada, a mesma técnica — que eu julgara infalível — parecia demasiada conhecida, quase banal. Isso me acendeu uma fúria nova: raiva de mim mesmo por ter permitido a fenda; raiva deles por usurparem tão prontamente; raiva de um destino que subscrevera mesmo sem ler as linhas até o fim.

Mas havia outra coisa junto à fúria: um resto insignificante de expectativa — talvez por covardia, talvez por vaidade — de que algo mudasse. Não sabia bem o quê. Lembrei, com estranha nitidez, da voz que ouvira, do olhar que me desarmara, da frase “a coroa que não pesa”. Aquilo soou agora como provocação final. Se eu ia desaparecer, queria ir com as coisas vistas até o último fio de verdade.

Os magos iniciaram a invocação final. O ar vibrava. As runas nas pedras se acenderam com um brilho que mordia e lambia. Vi Oleg, isso lá no canto, mascarando um sorriso que queria ser herança; vi Rana, alinhando memória e rumor como quem escolhe a lâmina certa. Quando a conjunção atingiu o ápice, senti a técnica baixar sobre mim: uma onda que deveria rasgar minha assinatura e anular minha presença.

E foi nesse exato instante, no limiar entre o apague e o existir, que algo aconteceu que nem argamassa de sigilo poderia prever: uma resistência difusa, não vindo de mim, mas vindo de outro lugar — como se uma mão invisível

pousasse entre a lâmina e o tecido do ser. Não foi grande espetáculo. Não houve luz explosiva nem trombeta; foi um sussurro de densidade: uma presença que se colocou entre a técnica e meu centro como se dissesse: “Não hoje.”

O mundo estremeceu num microtempo. Ouvi vozes interrompidas, vi olhos arregalados. Oleg praguejou. Rana cerrou a mandíbula como se uma falha lógica tivesse surgido no planejamento. Os magos recuaram, confusos, porque o instrumento que tinham domínio simplesmente não coube no que estava acontecendo. A conjunção perdeu coesão, falhou. A onda que devia me apagar quebrou como água num muro imprevisto.

Fui lançado para trás — não fora das correntes, mas do limiar do aniquilar. Caí sobre o chão frio do pátio, a respiração como punhal. Olhei — e vi, ao longe, uma figura recuada entre as sombras do povo: olhos calmos que talvez tivessem sido a fonte daquele gesto. Não tive tempo de discernir mais; meus sentidos ainda estavam desordenados.

Oleg deu ordens rápidas: reforçar selos, isolar o local, executar outra tentativa com urgência. Rana, com ódio evidente, mandou buscar medidas mais drásticas, punitivas. Mas a precisão daquele momento mudara algo. A técnica que eles conheciam, a máquina que antes funcionara sempre, demonstrara uma falha. E falhas nascem de perguntas que ninguém ousa formular.

Conduziram-me de volta à cela, mais seguro, mais trancado. Agora não era só o medo de mim; era o medo do que me tocara. Oleg e Rana trocaram olhares que não eram apenas de conquista: havia medo nato de que aquilo que me havia afetado pudesse afetá-los também. Prometeram vingança e marcha total, e eu ouvi — com uma mistura perversa de triunfo e constrangimento — o plano de esmagar o movimento que fora a minha ruína: esmagariam o homem, destruiríam testemunhas, dobrariam as redes.

Fiquei ali, no frio da cela, a ouvir as palavras que se transformavam em sentenças: “Erradicá-lo até o último fôlego.” E, pela primeira vez em muito tempo, senti algo que não cabia nas classificações antigas: não só medo da morte, mas medo do que viria depois dela — medo do fim de um sentido que me constituíra, e medo de uma persistência que me forçaria a escolher não entre tronos, mas entre existir e lembrar.

***

Voltei daquilo tudo como quem regressa de uma batalha perdida: não com o corpo rasgado, mas com a autoridade rachada. A cela parecia menor que antes; as paredes, antes tão familiares, agora me devolviam o eco de perguntas que eu não soubera calar. Aquele dia em que a conjunção falhou e uma mão invisível me salvou do apague passou a ser o polvorim que incendiou tudo o que os outros achavam seguro.

Oleg e Rana não se comportaram como dois camaradas feridos — comportaram-se como carrascos que perderam a técnica e, com ela, a fé na própria máquina. As decisões que tomaram depois não foram mais só por ambição; passaram a ser por pânico. A tirania, quando amedrontada, inventa radicalidades. Ordenaram limpeza total: listas de suspeitos, redobramento das execuções públicas, queimas de registros, extermínio de comunidades identificadas como porto-semente do movimento. Quiseram obliterar não só o homem e seus seguidores, mas qualquer memória que pudesse apontar que algo além do medo existia.

Vi, do meu cárcere, a maquinação: informes trazidos por correio espectral, mapas marcados com cruzes negras, colunas de agentes saindo para incendiar campos. Oleg presidia com mão de ferro agora mais por insegurança que por cálculo; Rana movia marionetes, ora com promessas, ora com chantagem, ora com medo sussurrado. Não poupavam ninguém que tivesse mostrado curiosidade — um velho curandeiro, uma mulher que acolhera órfãos, uma criança que dera pão a outro. O mundo inteiro parecia girar a serviço da limpeza.

E no centro dessa limpeza estava minha ausência: vazia, utilizável. Eles remodelavam o império às pressas, mas a pressa gera ruído, e ruído cria falhas. Onde antes havia precisão, agora havia excesso. Onde antes havia ritual e timing, agora havia trumpeteio e punição pública. Essa brutalidade abriu fissuras que eu, com dor na língua, reconheci como as mesmas por onde a ternura entrara em mim.

Fui culpado e culpabilizado. Oleg falou na câmara com a voz de quem substitui um rei por providência: “O trono precisa de continuidade; Rakasha cedeu ao contágio.” Rana, mais perfumada na acusação, propôs reescrever a história: arquivariam a minha época como erro temporário e elevariam um mito de restabelecimento sem mencionar a falha. Prometeram sangue e ordem. E à medida que proclamavam, a multidão, faminta por segurança e espetáculo, abraçava a nova fábula. Era repugnante — ver as massas aceitar o remendo sobre o rasgo.

Mas por mais que eles marchassem no pátio com estandartes e decretos, não podiam apagar o que a conjunção havia mostrado: que havia uma outra presença capaz de interpor-se entre a lâmina e o ser. E isso os apavorava mais do que qualquer conspiração. O medo não é apenas reação; é doença que se espalha. Logo as ordens se tornaram menos racionais e mais cerimoniais: “Queimar até que nada reste” tornou-se mantra; “Punir exemplarmente” virou ritual. Quanto mais nos afundávamos, mais reconhecia, com amargura, que o império tremia — não por força externa, mas por uma erosão interna que eles não sabiam nomear.

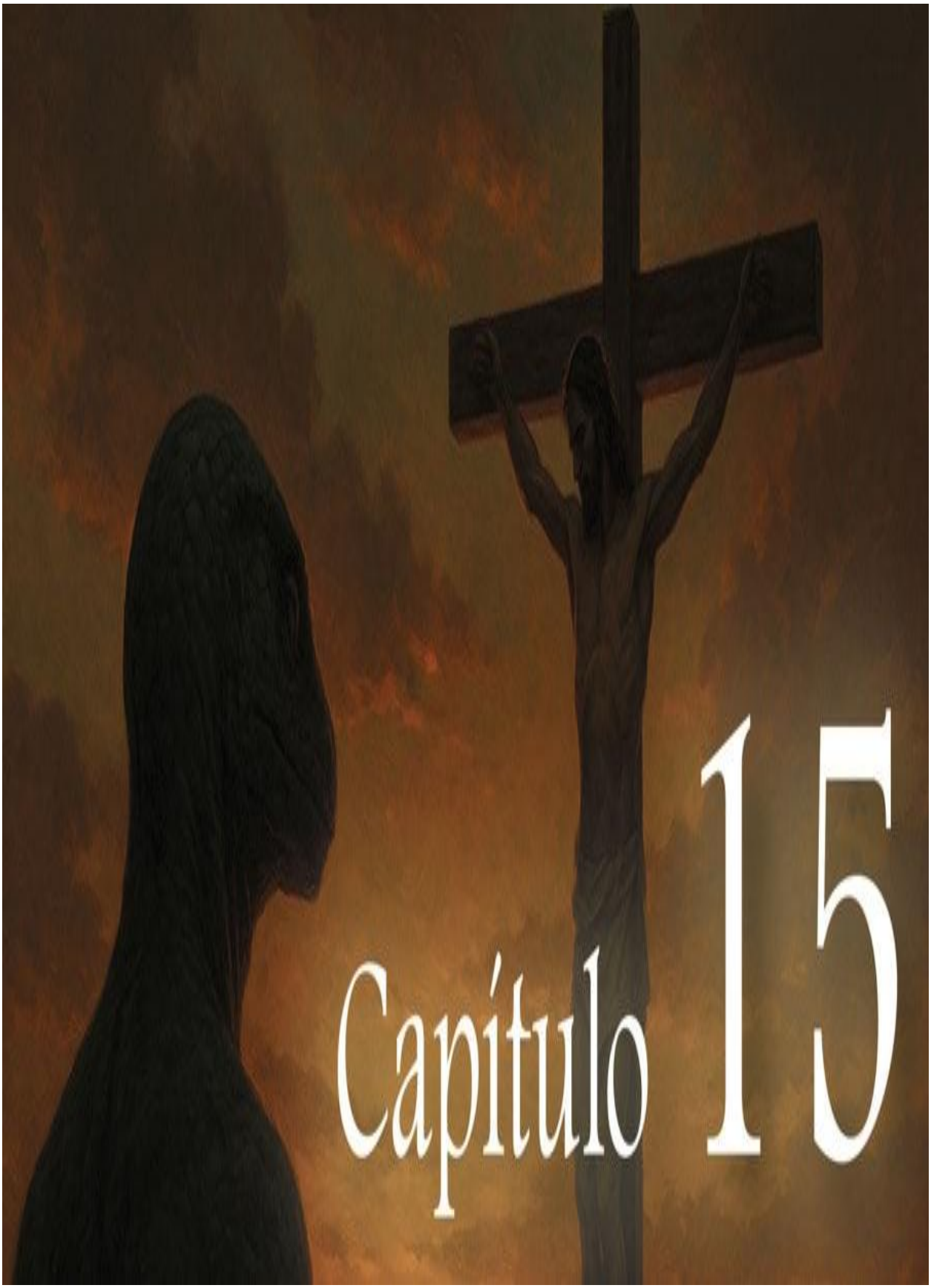
Nas noites mais longas, quando o clamor cessava e a cela me devolvia à minha respiração, eu revivia o olhar sereno. Era imagem que se repetia como incisão: a calma que não pedia, o convite que não exigia. Perguntei-me se havia sido salvo por misericórdia só para ser testemunha de um espetáculo de barbárie. O desalinho entre aquilo que eu ouvira e o que ordenavam os meus braços era intolerável e, ao mesmo tempo, indiferentemente belo. Eu começava a ver, com

uma clareza que me doía, que as antigas medidas não haviam criado eternidade — apenas uma arquitetura de medo que se mantinha enquanto ninguém ousasse tocá-la com verdade.

Uma grande surpresa veio numa madrugada em que um mensageiro sem brasão trouxe um bilhete dobrado por debaixo da porta da cela. O selo era simples — um nó de lã branca — e a mensagem, em linhas curtas, dizia apenas: “Não te apagues. Lembra-se do que viste.” Havia assinatura? Não. Havia risco em me comunicar? Sim. E, ainda assim, a frase feriu-me como alfinete: medo e esperanç a, a mesma agulha.

O que significava aquela linha? Quem ousara tocar-me nesse lugar que supunha inviolável? Oleg e Rana haviam reforçado as guardas; como alguém chegara tão perto? A resposta não era clara, mas a existência do bilhete era fato que detonou novas emoções: perplexidade, gratidão, pavor — e, sobretudo, uma velha urgência de ser livre do que eu era. Se havia quem arriscasse por mim, então algo além de mim já operava.

Então, anunciram a próxima tentativa de execução, seria no dia seguinte...


Capítulo 15

O resgate das sombras

Fizeram o que sempre souberam fazer — rápido, limpo, sem teatro desnecessário. Não houve julgamento público para minha vergonha final: apenas a rotina fria de quem executa ordens e guarda o medo como capital. Levaram-me ao pátio uma última vez. As correntes que me prenderam não eram de ferro, mas de sigilos e memórias amarradas; os magos traçaram os círculos, recitaram as fórmulas que eu próprio ensinara em eras de limpeza. Oleg presidia com a voz de sempre, firme e sem dúvida. Rana arquejava entre satisfação e pressa.

Quando a técnica final desceu sobre mim, esperei a penetração comum — a rasgadura do fio que me ligava a este plano, o apagar metódico que eu já houvera decretado a tantos. Pensei em resistir, em gritar ordens, em convocar legiões que não mais me obedeciam. Pensei em Morg e em Maldek, em todas as coroas que moldara. Mas a conjunção foi rápida e, contra meus cálculos, eficaz: senti a assinatura energética ser cortada, senti a dureza do meu nome dissipar-se como névoa.

Não houve dor como a de uma lâmina física; a técnica que aplicaram rasgou o meu mapa interno — a lembrança, a marca, o laço — e, com isso, a sensação de firmeza que eu era desfez-se em fragmentos. Cai de joelhos no pátio, e as vozes ao redor soaram distantes, como se viessem de outra sala onde se repetem ritos que nunca mais serão meus. Vi Oleg erguer o punho em triunfo e Rana sorrir o sorriso cortante dos que ganharam antes de saber o preço.

Mas, antes que o silêncio me engolisse por inteiro, antes que a última linha da minha existência fosse arquivada no vácuo, algo inesperado quebrou o descender da escuridão: uma luz.

Não é possível descrevê-la com os termos de minha língua velha — não era fogo de guerra nem brilho de metal polido; não tinha cor que a roda de minhas memórias reconhecesse. Entrou como presença, macia e ao mesmo tempo firme, preenchendo o espaço onde eu imaginava o nada. Não houve clarão que cegasse; houve uma aceitação que segurou minha queda. Como se uma manta colocasse sobre o que ia ser apagado e dissesse: "Não hoje."

No astral, quando a assinatura corta, esperava-se o vazio ou o sopro frio do esquecimento. Em vez disso, senti-me puxado por uma mão invisível para um corredor de luz. A travessia não era linear: era como atravessar velhos mapas onde se reconstituem nomes, memórias e pecados em ordem diferente. Vi flashes de lugares que eu fizera ruir, ouvi os nomes de milhares que mandei ao silêncio — e não senti júbilo nem remorso fácil; senti, apenas, a densidade do que tudo fora.

E então vi a figura que já conhecera no acampamento, agora sem circunferências humanas que a limitassem: presença ampla, sem selo de poder, tão real quanto a minha fome por controle, porém completamente outra. Ele veio sem cerimônia, como chega quem espera há muito, e assentou-se à minha frente sobre nada que fosse trono. O seu olhar não avaliou nem condenou: apenas leu.

— Rakasha — disse ele com voz que parecia vir tanto de longe quanto de dentro.

Não havia acusação; havia nome. Nome que me devolvia algo que eu achava perdido: a responsabilidade de ouvir. Por um instante, a besta da minha soberba quis reagir — puxar o último resquício de autoridade e ameaçar — mas minha voz saiu em ruído. Estava nu de papéis, de rituais, de valorações. Havia, ao mesmo tempo, um desalinho que me deixava vulnerável e uma clareza que me arrasava: eu fora trazido até aqui não para ser lançado fora, mas para ser mostrado.

Ele estendeu a mão. Não houve toque físico como nos velhos tempos de carne, mas senti um calor que não solicitava troca: era oferta. A luz ao redor dele não pergunta; acolhe. E quando falou, ouvi cada palavra não como doutrina, mas como reconhecimento de algo que eu ainda não sabia aceitar.

— Não te trouxe para julgar o que foste — disse ele. — Vim para recordar-te que és mais do que a história que contaste a ti mesmo.

A frase me feriu por dentro como navalha que encontra carne exposta. Eu sou o que fui — as eras, as ordens, a fome — e, no entanto, ali alguém me dizia que há outro modo de olhar para o mesmo metal. Foi como se me puxassem para fora da armadura e me oferecessem ar pela primeira vez em muito tempo.

Quis retorquir, erguer o velho escudo:

— O que sabes tu do que eu sou? Tu não padeceste dos mundos que subjuguei. — Mas as palavras não brotaram; como se tivesse aprendido, no limite de meu apagar, que gritarias e eu ouviria apenas mais grito.

Ele aproximou-se — e a proximidade não diminuiu meu juízo, mas o tornou outra coisa: presença amiga, instrumento de um verbo que eu não contava.

— O que chamas praga — falou — é a abertura que faz a Fonte lembrar de si mesma. Não te abatem por seres sombra; te chamam de volta. Nem eu vim para apagar tua história, Rakasha; vim para te lembrar de que a Fonte que te lançou à experiência também não abandona o que criou.

Ao dizer isso, mostrou-me imagens não com artifício de poder, mas como quem mostra a um irmão as páginas de um livro antigo: vi-me menino em Morg, vi minhas primeiras ordens, as primeiras glórias, os rostos dos que me seguiram e dos que eu destruí. Tudo sem máscara de justificação, tudo como dado — sem culpa reduzida, sem penitência acelerada. A compreensão que me inundou não era absolvição automática; era convite a olhar com outro critério.

Houve um choque. Durante eras, eu medira força por trono e dominação. Ali, na luz, a métrica era outra: o que persiste além do apagar. O que persiste não é o título, nem a façanha, mas a centelha que alimenta toda vida. Ele não me prometeu esquecimento fácil, nem impôs perdão. Ofereceu, isso sim, caminho.

— Há um preço — falou com simplicidade. — Lembrar dói. Mas lembrar também liberta. Se aceitares, não será anulação do que foste; será reconciliação com o que és em essência.

Eu estava no limiar: a técnica de extirpação falhara porque outra lei — a de dar chance ao que jaz — se interpusera. A presença dele havia segurado o selo. Por que? — perguntei-me, com o resto de soberba que me restava — Por que interver uma força que me conhecia há eras, que poderia simplesmente me apagar e seguir?

A resposta veio sem julgamento, apenas como consequência de algo maior que meus mapas: o amor que ele carregava não era favor, nem cálculo político. Era movimento primeiro. Não havia razão tática que o explicasse; havia ato.

— Porque toda criação é chamada a lembrar-se — disse ele —. Porque nada que veio da Fonte cabe no esquecimento eterno sem que a própria Fonte perca parte

de si.

Ao ouvir isso, algo dentro de mim rachou — não a carapaça exterior, mas as placas internas que me mantinham em forma de senhor. Vi, por um instante que parecia eterno, as possibilidades que ele apontava: não mais aniquilar, mas transformar; não mais apagar, mas integrar. A oferta não me retirava responsabilidades; pedia que eu as encarasse com novo equipamento.

E então, como quem tem pouco sopro e quer que a última palavra seja digna, perguntei:

— E se eu recusar?

Ele olhou-me sem pressa, com ternura que me parecia profana:

— Então, serás o que decidires ser. A liberdade é completa: podes escolher o exílio do teu próprio coração, ou podes, com trabalho e dor, recolher o que te faz humano de novo. Não te obrigo.

Naquele instante, a escolha deixou de ser apenas minha. Era também prova do que a Fonte permite: liberdade até no fim. Senti o movimento dos velhos selos ao longe — Oleg e Rana urgente, tramando — e uma última vez a imagem do meu trono me veio, como sonho de pedra.

Escolhi? Não de imediato. A travessia começava ali. A luz não me substituiu a história nem me tirou o peso do que fora. Trouxe-me, sim, o começo de um

caminho possível: o encontro com a própria origem que eu tanto esquecera. E, enquanto a presença dele permaneceu, senti pela primeira vez em eras algo que não soube nomear sem correria: uma pequena esperança.

***

Fui acolhido numa colônia do astral médio — não um lugar de nuvens ingênuas, mas um quase-hospital de almas onde se reconstroem rotinas e se ensaiam novas respirações. Não me trouxeram em trono; trouxeram-me em maca de luz, como se eu fosse corpo a remendar. Havia faces que me olhavam com prudência e outras com uma compaixão que eu ainda não sabia decifrar. Chamaram-me importante, palavra que soou irônica aos meus próprios ouvidos: “Importante para quê?”, quis perguntar. Responderam-me com calma implacável:

— És um canal potencial. Por tua história, por tua autoridade, muitos que se enredaram na sede de poder ouvirão — talvez — se vieres a falar-lhes de outro modo. — Mas para isso, Rakasha, terás de reencarnar. Terás de descer ao barro que antes desprezaste. Terás de ser humano.

A frase caiu como punhal e promessa ao mesmo tempo. Reencarnar. A ideia era tremenda: a máquina de dominação, agora reduzida ao risco e à fragilidade de carne. A primeira reação foi uma revolta que me rasgou a garganta: “Não! Não nasci para isso. Não me suporto na fraqueza.” Pensei em tronos, em legiões, no gosto do medo que me alimentara. Como poderia eu, que organizara impérios, aceitar ser um corpo que sente frio e fome?

Eles, porém, não me deram tempo para desespero apenas; trouxeram explicações como cirurgiões que mostram o mapa antes de abrir. Disseram-me que a eficácia de um canal não está na pureza do mensageiro, mas na credibilidade que carrega. Eu, com meu passado, seria ouvido por muitos que, de outro modo, recusariam

qualquer voz que não lembrasse o peso das eras. Era essa ponte que esperavam construir: eu, que conheço as entranhas do poder, a falar de outra lógica depois de a ter experimentado.

Vi a lista de condições: memória parcial retida — para que eu recordasse, o suficiente, do que fui e do que destruí; vulnerabilidades humanas introduzidas — fome, saudade, medo — para que a linguagem do corpo me ensinasse o limite; e uma missão: ser exemplo, não por preceito, mas por vivência; mostrar, com falhas e esforços, que é possível recontar a vida. Haveria guias, disseram, anciãos que me acompanhariam; haveria períodos de suporte; e haveria, por fim, a escolha contínua — ninguém me forçaria.

A notícia me pôs em conflito íntimo. Parte de mim entendeu a utilidade estratégica: eu poderia convencer os meus a cederem menos à severidade, poderia ser dissonância útil no coro da dominação. Outra parte — mais profunda, talvez a que ele havia tocado — sentiu o humilhar-se como porta para algo que ainda não tinha nome: aprender a ser pequeno para conhecer o grande. O orgulho rangeu, a curiosidade brilhou, e a vergonha fez-se companheira.

Pedi garantias. Perguntei se, ao reencarnar, haveria modo de salvaguardar minha integridade — não a do trono, mas a da consciência. Queria saber se, no corpo humano, eu não seria apenas outra fera desgastada a alimentar velhas leis. Responderam que a transformação não é fuga e nem punição; é oficina. Que me deixariam lembrar — memórias-chave seriam preservadas em nichos internos —, mas que a vivência teria de acontecer: o resto da lição chegaria com fome, com sono, com contato. E que a dor não seria anulada; seria, na verdade, o meio.

Aceitei? Não de imediato. O que me movia era mistura de pavor e mordente esperança — esperança pequena, miserável, que não ousava se chamar assim. Aceitei porque percebi que, recusando, continuaria sendo um espanto ambulante, preso a um trono que já me arrancaram. Aceitei, também, porque havia algo de íntimo na promessa de servir como ponte: talvez a única forma de reaver alguma

moralidade fosse me sujeitar àquilo que havia desprezado.

Prepararam-me então. Foi um processo metódico, técnico e ruidoso como sempre foram as minhas guerras. Reduziram meu volume de assinatura na esfera, esculpiram minhas memórias numa geometria que toleraria o choque da carne, afinaram traços de empatia em pontos estratégicos do meu campo. Ensaiaram-me sentidos: primeiro o frio, depois a fome, mais tarde o sono que não é descanso mas lição. Foram dias e tempos que eu contava em rituais: lavagens rituais que não limpavam honra, mas afinavam receptividade; cerimônias de despojamento que me retiraram a arrogância em camadas; e, por fim, o desenho do útero que me hospedaria, o sangue e a terra onde meus passos seriam novos.

Houve, antes do abandono final, um intervalo que chamaram de “luto pelo trono”. Falei com rostos que antes me tinham medo e, sem orgulho, sem o som do comando, deixei escapar uma raiva curta e depois uma contrição prática: não pelos crimes — não era hora de dramatizar —, mas pela constatação dura de que eu precisaria desaprender a medir tudo em utilidades e conquistas. Aprendi a nomear o medo com precisão: “medo de perder o trono” — e essa admissão foi talvez o primeiro passo honesto que dei desde que me proclamei Inefável.

O dia da descida foi áspero. Senti a assinatura sendo comprimida, como quem embala um corpo para viagem. No limiar, vi rostos amigos e rostos que julgavam-me inútil. Havia quem me olhasse como se eu fosse um projeto: “serás ponte”, diziam; havia quem me olhasse com dó; havia, também, um silêncio que eu há muito não via — atenção. Antes de fechar por completo, ouvi uma voz conhecida — não em tom de comando, mas de pedido: “Lembra.” Era ele, ou talvez apenas a lembrança dele. E a palavra soou como ordem e promessa.

Capítulo 16

Desci

Aprimeira sensação foi choque: o peso do corpo, a fricção do ar na pele, a fome que não se etiqueta por sigilo. Ser humano é aprender a língua dos limites — e eu, que dominara vastidões, senti-me repentinamente reduzido a uma pele que não me obedecia plenamente. Chorei? Não com teatralidade; lágrimas que vieram sem permissão, num momento de solidão num abrigo que me deram. Era humilhante e, ao mesmo tempo, curador — porque o prurido do orgulho foi substituído por algo que me lembrava: o sentir é escola.

Reencarnei com nome que me era estranho, rosto que mudava conforme o espelho, família que me recebeu sem epítetos de eras. Aprendi rapidamente o que significa pedir: pão, fogo, abrigo. E cada pedido foi lição, cada recusa foi mapa. Houveram tropeços antigos: em sonhos, ainda ordenava legiões; em momentos de raiva, sentia o impulso de decretar e destruir. Mas havia também instantes novos: uma mão que me oferecia água sem cálculo; um riso de criança que não buscava prestígio; um gesto de compaixão que me quebrava em partes a armadura.

Ao mesmo tempo, a sombra de Oleg e Rana não me deixou. Em cantos do mundo, escutava rumores: “Há quem diga que Rakasha caiu e reencarnou”. Esses boatos eram previsão e perigo. Sabia que, enquanto eu aprendia a ser humano, partes do meu antigo império tentariam me apagar — não por justiça, mas por medo. E essa consciência moldou meu estudo: precisava aprender rapidez de coração e também cautela de espírito.

Passei dias, meses, anos medidos por privações e encontros. Não foi redenção

automática — não havia espetáculo de cura. Houveram recaídas, tapas de vergonha, episódios em que ainda me achei senhor das ruas e empurrei alguém com antiga arrogância. Mas a novidade foi que, muitas vezes, depois de ferir, eu via olhos que me perdoavam sem exigirem moeda. Isso me desconcertava mais que qualquer ritual de dominação. Aos poucos, e não sem resistência, fui aprendendo a contar o mundo sem a régua do trono.

Disseram-me: serás ponte. Senti na pele o preço e a dádiva dessa missão. Ainda sou Rimado de contradição: terei de trazer ao mundo — com minhas falhas e tropeços — a possibilidade de que outros, como eu, mudem. Isso é carreira longa, mais dura que mil conquistas. Mas é, talvez, aquilo que finalmente dá sentido ao que me trouxeram aqui: não a aniquilação, nem a glória, mas a possibilidade de mostrar — na carne e no erro — que a Fonte pode lembrar-se de si através do menor de nós.

***

Reencarnar não fora um corte limpo; fora uma longa costura. E entre as muitas roupas que experimentei neste novo vestir — camponês, mendigo, filho de lavradores que me deram pão sem perguntar por linhagem — houve uma vida que me marcou com ferro e água: a vida que me lançou no coração de uma peste que chamaram de Negra.

Lembro como se fosse ontem — embora agora “ontem” seja uma medida que já não me pertence — a primeira vez que vi a garganta do mundo abrir em febre. Chegara a notícia pelas estradas enlameadas: vilas ao sul consumiam-se em febre, ladrões de esperança percorriam o caminho e bandeiras de luto apareciam nas portas. O odor era novo: não só morte, mas pressa mortal, a pressa de quem recolhe o pouco que restou. Vi pais que enterravam filhos com as próprias mãos; vi sacerdotes que iam de cama em cama como se esse fosse o único ministério que conhecessem.

Foi nesse tempo de assombro que encontrei o mosteiro onde me recolheram. Não fui levado por chamado místico; fui acolhido por necessidade — havia poucos que suportavam ver de perto os doentes sem se dobrar em horror. Eu, que já sabia o que era caminhar sem nostalgia por campos queimados, senti no corpo humano o peso crú do frio e da fome, e, paradoxalmente, descobri ali uma curiosidade que não tinha nada a ver com estratégia: quis saber o que era consolar.

Chamaram-me para servir como criado primeiro: varrer os pisos, acender o fogo, levar o pão. As rotinas salvaram-me no início: tarefas simples que impediam a cabeça de dissolver-se em memórias de outro trono. Mas a pestilência exigia mais do que pão e limpeza. Os irmãos do mosteiro, homens com faces marcadas por vigílias, ensinaram-me a olhar sem reduzir, a ouvir sem planejar o retorno do favor. Eram práticas pequenas — segurar uma mão que tremia, cobrir um corpo com delicadeza, repetir preces que eram menos pedidos de intervenção e mais formas de resistência contra o desespero.

Aos poucos, e por motivos que ainda hoje não decifro por inteiro — talvez pela utilidade que acreditaram ver em mim, talvez porque eu, no fundo, buscasse um posto onde a minha voz pudesse ter eco sem armas — fui conduzido ao sacerdócio. A cerimônia não teve pompa imperial; foi feita entre candeias vacilantes, com o som do vento e o odor das ervas queimadas. Colocaram-me ritos que diziam remodelar a alma, promessas que eu recitei com a boca e que me penetram hoje como facas antigas. Disseram-me: “Servirás.” E eu, aprendiz ainda do humano, respondi: “Sim.”

Ser sacerdote em tempo de peste é ser instrumento de limiar: entre o vivo e o moribundo, entre o grito e o silêncio, entre o remorso e a paz. Fui treinado para ministrar confissões truncas, para ungir fronteiras febris, para pronunciar nomes que podiam ser a última coisa que alguém ouviria. E cada ritual tocava em algo que, em outra vida, eu dominara com espada: a autoridade. Mas aqui a

autoridade tinha outra textura — não era comando que impõe, mas presença que sustenta.

No contato diário com a morte, vivi paradoxos que me desarrumaram por dentro. Vi nobres que choravam como crianças, humildes que sorriam com uma dignidade que me expulsava a arrogância antiga. Havia, também, traições pequenas: camponeses que negavam socorro por medo de contágio; fanáticos que acusavam o pecado como causa da peste. E havia gestos surpreendentes de generosidade: uma mulher que emprestava lençóis, um moleiro que escondia pão, crianças que lavavam as mãos dos enfermos com um cuidado curioso.

No meu íntimo, o velho Rakasha observava e calculava: “Aqui há oportunidade de manipular medos, de erigir laços de dependência, de instalar ordens.” Mas outra voz — a que aprendera a ouvir na luz, a lembrança daquele olhar sereno — sussurrava: “Aqui há pessoas a serem amadas.” Essa tensão incendiava-me. Em noites de vigília entre velas, vejo-me lutando contra o impulso de instrumentalizar o sofrimento e, ao mesmo tempo, surpreendendo-me ao atender a um pedido de água com uma ternura que me fazia doer os dedos.

Fui ordenado sacerdote numa tarde em que a chuva se misturava ao pranto. O abade colocou-me as mãos na cabeça e pronunciou o rito com voz quebrada: “Recebe o ministério; serve em caridade.” Palavras simples, mas tremendas. Ao assumir o hábito senti o peso de uma nova gramática: não era mais imperar, mas sustentar. Somei ao meu léxico antigo — comando, punição, dominação — palavras como presença, consolo, escuta. A transformação não foi instantânea; foi feita de erros, de recuos, de frases ensaiadas até saírem mansas.

No hospital improvisado junto ao mosteiro, vi o humano em sua maior crueza e, por isso, em sua maior beleza. Had a mulher que se recusava a comer porque gostava do marido; o velho que abençoava quem o cobrira; o menino que, com febre alta, pedia apenas que alguém lhe segurasse a mão. Eram gestos mínimos que, aos poucos, remodelavam a minha noção de eficácia. Onde antes eu medira

valor pelas muralhas que se erguem, passei a medir por mãos seguras.

Houve resistência interna. Alguns irmãos desconfiavam de mim: “Tu és filho de estranhos; que raciocínio te guia?” perguntavam. Outros, mais gentis, interpelavam: “O que vês quando alguém morre sob tua compaixão?” E eu, muitas vezes, não tinha resposta que não fosse a que brotava — que a dor compartilhada diminui, que a presença transforma a paisagem do medo. A minha prática sacerdotal tinha, curiosamente, dois efeitos sobre os que eu fora: servia para cuidar dos que sofriam e, por outro lado, me colocava diante de espelhos onde me reconhecia nu.

Houve momentos em que a sombra de Oleg e Rana apareceu nas minhas lembranças — a dúvida de que meus antigos pares tentariam apagar qualquer traço de mudança. E, em certas noites, recebi visitas secretas: homens que falaram de revoltas e purgas que haviam sido ordenadas, relatórios forjados, listas de nomes a desaparecer. Essas notícias me doíam de um modo novo: já não como ameaça ao meu trono — esse fora arrancado — mas como a devastação de lares, a aniquilação de inocentes. Cada nome que eu lia nas cartas dos informantes fazia eco com as confissões que assistira ao pé do leito.

Ao mesmo tempo, enquanto administrava óleos e pronunciava palavras que pretendiam sustentar corações, vivi um aprendizado prático que me transformava: aprender a esperar sem cálculo, aprender a acompanhar sem pressa de resultados, aprender a ser humilde ao ponto de aceitar que o consolo não é sempre milagroso, mas muitas vezes presença. Entendi que a “cura” pode ser social, um tecido de pequenas ações que impedem o abandono, uma rede de partilha que mitiga a devastação.

O sacerdócio durante a peste negra foi, portanto, meu laboratório de humanidade. Minha voz antiga — afiada, instrumental — tornou-se, pouco a pouco, voz que segura choro. Houve recaídas: recordo a noite em que, exausto, deixei que a raiva antiga se esgueirasse e fizesse de mim juiz cruel com um

camponês que roubara pão; depois, arrependi-me e fui lavar seus pés, com mãos que tremeram ao reconhecer fragilidade própria. Esses gestos de contrição foram peças sutis de uma pedagogia interior.

E não pense que a transição foi completa. O velho Rakasha persiste, latente, como ferida de gelo que pode abrir-se. Ainda sinto o impulso de controlar, de ordenar, de transformar o amor em instrumento. Mas aprendi também que as mãos que curam podem ser mais perigosas — e mais poderosas — que qualquer lâmina. Em meio ao pântano de febre e morte, encontrei uma estrada que me ensinou que poder pode ser cuidado.

Quando, anos depois, a peste passou e as igrejas voltaram a encher de vozes menos desesperadas, atravessei as ruínas do mosteiro com outro passo. Não era o passo do conquistador, nem o do senhor; era passo de quem levou o corpo inteiro para aprender a escutar. Olhava as casas reconstruídas, os rostos marcados, e entendia que a história que levaria adiante — a de um homem que reencarnou e assumiu o sacerdócio em tempos de peste — seria útil não apenas como anedota, mas como ponte: eu, que conhecia as artimanhas do poder, agora podia contar, com veracidade, que havia outro modo de existir.

Assim nasceu, naquele tempo de pragas e de medo, uma reencarnação que não apenas me humilhou, mas me ensinou a palavra que, até então, me fora estranha: servir. E foi nesse serviço — trôpego, falho, persistente — que comecei a construir o canal que os anciãos no astral haviam vislumbrado: um caminho de contrição e de prática, onde antigos tiranos poderiam, talvez, um dia, aprender a medir o mundo de outro modo.

***

Sem que eu soubesse por completo — e talvez porque eu não quisesse saber —

acabei por acolher, entre mantas e curativos, vários rostos que me eram dolorosamente familiares. Eram vultos do passado com nomes trocados pela poeira do tempo: tenentes que um dia marcharam sob minhas insígnias, magos que executaram rituais aos meus comandos, soldados que juraram pelas minhas ordens. Chegaram despidos de título e com a mesma surpresa que me atravessava: corpos humanos, fome, medo, vergonha — e, por baixo de tudo, uma tristeza miúda que eu reconhecia como minha.

No princípio, não os denunciei. Havia algo de estratégico nisso — sabia que, se os expulsasse, parte do trabalho de reconstrução do mundo seria mais duro — e, por outro lado, havia um ego rasteiro que se agradava em vê-los humilhados como eu estava. Mas as noites no leito do mosteiro tornavam-se aulas práticas. Eu os observava enquanto cuidava de febres: um homem que antes arquitetara torturas agora tremia por uma tosse; uma mulher que sugerira execuções escondia o rosto e chorava por uma criança perdida. Havia vergonha nos gestos deles, e havia também a mesma necessidade tola e sublime que me trouxe ali — uma necessidade de ser lembrado por algo que não fosse o medo.

Foi então que notei um efeito estranho e, em princípio, irritante: quando me inclinava sobre um doente, quando oferecia água ou deixava a mão pousada sem calcular retorno, as pessoas respondiam com uma calma que nada tinha de engenharia. “Lembra-te do exemplo daquele que veio ensinar outra maneira”, murmurava alguém uma vez, e a frase — que tentava afastar com sarcasmo — grudou. Eu, que acumulava paradigmas de domínio, tornara-me, inadvertidamente, um instrumento de lembrança.

Não me dei conta do processo no primeiro instante. Havia rotinas: ungir a testa com óleo, recitar orações que aprendi a dizer sem teatralidade, segurar a mão trêmula até a respiração achar um compasso. Muitas vezes repeti palavras que ouvira no acampamento — frases simples de acolhimento que pareciam ter outro peso quando ditas por uma voz que já fora de comando. “Não estás só”, dizia, e a frase, pronunciada por mim, caía no leito como toalha morna. Era absurdo — eu, quem bebera do vinho do medo por eras, ali oferecendo ternura. E ainda mais

absurdo: a menção de um nome, de um gesto do Cristo, vinha à boca desses moribundos como alento, e eu me pegava ecoando a lembrança, não por cálculo, mas porque aquilo curava.

Houve momentos em que me vi miraculosamente útil. Um velho que rastreara bandeiras minhas negou-se a falar ao princípio; depois, quando lhe contei uma história simples — não de glória, mas de erro e de aprendizado — ele fechou os olhos e sorriu como quem reencontra porto. Uma jovem, que perdera o marido por uma ordem cujo rastro eu conhecia, pediu apenas que eu lhe segurasse o rosto. Ao tocar sua testa, senti o peso de toda a minha história sobre as mãos. Nenhuma técnica de dominação podia explicar a suavidade daquele gesto. Eu chorava em silêncio, não por fraqueza teatral, mas porque via nas reações uma sutura que eu não sabia produzir de outra forma.

Reconheci, aos poucos, que muitos dos que vinham até o mosteiro repetiam, entre soluços e confissões, imagens e frases que pareciam ecoar o que me fora mostrado no acampamento: perdão, entrega, amor que não pune. Eles não pediam retaliação; pediam consolo. E eu, sem planejar, aprendi a ser verbo desses pedidos. Algumas noites me peguei contando as mesmas parábolas que ouvira — palavras que, quando pronunciadas em tom humilde, devolviam uma paz que nem as ervas conseguiam garantir.

Havia resistência — não só fora, mas também dentro de mim. Quando identificava entre os novos acolhidos alguém que reconhecia pelo corte de voz ou por um gesto instintivo, o impulso de condenar retornava com força. Planos de reintegração mental se formavam na cabeça que ainda lembrava de Oleg e Rana: “Podemos redirecioná-los; não é tarde demais.” Mas a dureza dos rituais que pensava dirigir murchava ante a vista de mãos que tremiam por medo de perder a última palavra. Muitas dessas ordens foram substituídas por perguntas simples: “O que te dói?” “Onde mais precisas?” Essas questões — humildes, incômodas — abriram mais feridas do que qualquer sentença de morte que outrora proferira.

Com o tempo, e com a insistência de rotinas partilhadas, formou-se uma comunidade estranha: ex-dominadores que aprendiam a carregar ânforas, a limpar camas, a fazer o pão de quem não tinha. Eram passos tímidos, falhos, entremeados por recaídas em termos antigos — um puxão de ego aqui, um arroubo de comando ali. Mas também havia avanço: um que antes instaurara medo passou a ficar horas junto a um paciente que tremia, e, no fim, deixou de reclamar por dever e ficou porque queria. Era quase revoltante ver como, mesmo com suas salvaguardas mentais, eles começavam a medir a eficácia não em quantidade de sujeição, mas na calma que geravam.

Eu próprio me transformava num canal sem muita pompa: a citação de um gesto do Cristo — um pão repartido, uma mão estendida — vinha de mim com naturalidade constrangedora. E, quando eu pronunciava essas histórias, raramente o fazia como sermão; pronunciava como quem repete uma receita que funciona: aqueça a mão, diga o nome, deixe a respiração achar o ritmo. Muitas vezes, os moribundos pediam que eu contasse “como era aquele que ensinava a amar” — e eu, com as mãos que tantas vezes ordenaram aço, contava as pequenas coisas: o modo como segurava as crianças, a simplicidade dos gestos, a paciência em olhar a dor sem ansiar por vitória. As palavras matavam o silêncio do medo e, por vezes, faziam a respiração voltar ao leito.

Houve, claro, aqueles que resistiam: antigos camaradas que me desafiaram abertamente, acusando-me de traição ou de charlatanismo. Nessas ocasiões, senti a velha ira subir; tive vontade de resgatar a língua de comando e esmagar a dúvida. Mas sempre havia no rosto do doente ao lado uma evidência que me calava: a necessidade de cuidado. E essa visão — tão simples quanto feroz — impedia que eu cedesse à violência antiga. Aprendi, em desalinho e humildade, que havia força em recuar.

Sem perceber de imediato, tornara-me uma ponte viva entre dois mundos: trazia a memória de quem ferira e usava essa memória para construir discursos que

tocavam os que mais temiam ser tocados. Muitos, ao ouvir que um antigo senhor das eras agora se curvava diante dos enfermos, decidiam, aos poucos, que talvez fosse possível mudar. Alguns choravam dizendo: “Se ele, que foi tão duro, agora segura as nossas mãos, então há esperança para mim também.” Essa frase — tão brutal quanto libertadora — incidia sobre mim como lâmina e bálsamo.

Não me orgulho de tudo o que fiz. Houve momentos em que manipulei até a piedade para obter obediência, em que usei confissão para mapear fraquezas, e em que a velha lógica de controle se insinuou. Mas, mais frequentemente do que eu admitia, a prática desarmava a teoria. O gesto de oferecer pão sem esperar aplauso tornava-se hábito. A repetição do consolo convertia-se em músculo. E, com isso, fui percebendo que ser canal não era só falar do exemplo do Cristo; era encarnar minúcias dele: presença, compaixão, constância — coisas que martelos e tronos não forjam.

Ao fim daquela fase, o mosteiro era um sítio de resistência e cura precária. Muitas das minhas refeições eram humildes, as noites frias, as lembranças de trono vivas como fantasmas que me seguiam. Mas havia algo que me mantinha em marcha: via, nos olhos daqueles que antes foram meus pares, uma pequena mudança — menos altivez, mais cuidado. E quando, à noite, sozinho, fazia inventário do que me tornara útil, reconhecia com uma admissão incômoda que aquilo que outrora chamara Praga agora se lhe parecia mais como a cura que me foi oferecida no brilho daquele acampamento.

Portanto, sim: sem que tivesse plena consciência no início, acolhi comparsas do passado. E sim: muitas vezes fui, sem querer e sem vaidade, a palavra que lembrava o exemplo do Cristo para consolar vidas moribundas. Não foi milagre; foi trabalho sujo, repetido, falho e às vezes com recaídas. Mas foi trabalho — e, para um ser que tanto viveu de dominação, o trabalho paciente de cuidar tornou-se o primeiro ato de uma transformação que, embora incompleta, começava a definir outro tipo de poder.

***

Quando saí daquela vida pela porta da peste — quando deixei para trás o hábito lavado em lágrimas, os corredores do mosteiro e as mãos que aprendi a segurar — aconteceu algo que não cabe em velhas categorias do meu vocabulário: vi uma luz. Não era luz que ofusca, nem brilho que cega; era uma presença que me fez sentir como se eu voltasse ao ponto inicial de todas as linhas que traçara na minha existência. E a surpresa maior, a ironia mais aguda que o destino me pregou depois de milênios de trono e punho, foi reconhecer — nela — a minha própria forma.

Parei. O corpo humano que ainda me cobria tremia de algo que podia ser medo ou reverência. A luz não me mostrou um reflexo comum no espelho: mostrou-me um eu expandido, sem carapaça e sem prepotência, contendo todas as máscaras que já fora. Era eu inscrito na Fonte, sem priorizar o título nem os feitos; era eu como possibilidade pura, como figura e espaço ao mesmo tempo. E por um momento, senti o absurdo mais antigo: a criatura que acreditava ser originária do esquecimento percebia-se agora como lembrança viva.

Houve vertigem. Como descrever que um ser que aprendeu a domar tempestades sentiu-se subitamente criança diante de sua própria imagem? A luz me ensinou sem linguagem de guerra: trouxe memórias que não me pertenciam só por mérito — memórias de ser antes de nome, de ser antes de ordens. Vi-me menino em Morg, vi as primeiras decisões que traçaram meu nome; vi os rostos que feri e os nomes que arquivei; e, por cima de tudo, vi o fio que corria desde a Fonte até aquele ponto onde eu, por orgulho, me instalara como rei das sombras.

Reconhecer-me como a luz significava outra coisa: não era autoafirmação, nem vaidade redobrada. Era uma restituição. A luz falava com um som que não precisava de voz: era lembrança, era acolhimento. E, pela primeira vez em eras, a minha identidade não doeu como acusação — doeu como convite. Um convite para recompor o que havia sido partido.

Tive medo — tremi com medo de perder a figura que havia sustentado minha sobrevivência: ser o Inefável. Mas, ao mesmo tempo, algo mais vasto se abriu: se eu era a luz e também a sombra, então nada do que fizera era excluído por completo; podia ser integrado. A ideia me golpeou com força inédita: a redenção, se existe, não é apagar, mas reintegrar. Pude ver que as minhas eras de dominação eram parte de uma história maior, não justificativa, não anulação — experiência que podia, agora, ser usada para outro fim.

A luz foi clara num ponto que ainda me lateja de vergonha: amar não era senão reconhecer-se no outro. Quando me vi inteiro, percebi que a distância que mantinha entre mim e os demais fora sempre um método de sobrevivência e não a única verdade possível. Havia ali, nesse espelho-luz, uma paciência que me permitia olhar o passado sem sucumbir ao auto-ódio. Ela me mostrava que o trabalho que eu começara no mosteiro, as mãos que lavei, as noites em que contei histórias de compaixão, não eram fugas vãs — eram pontes.

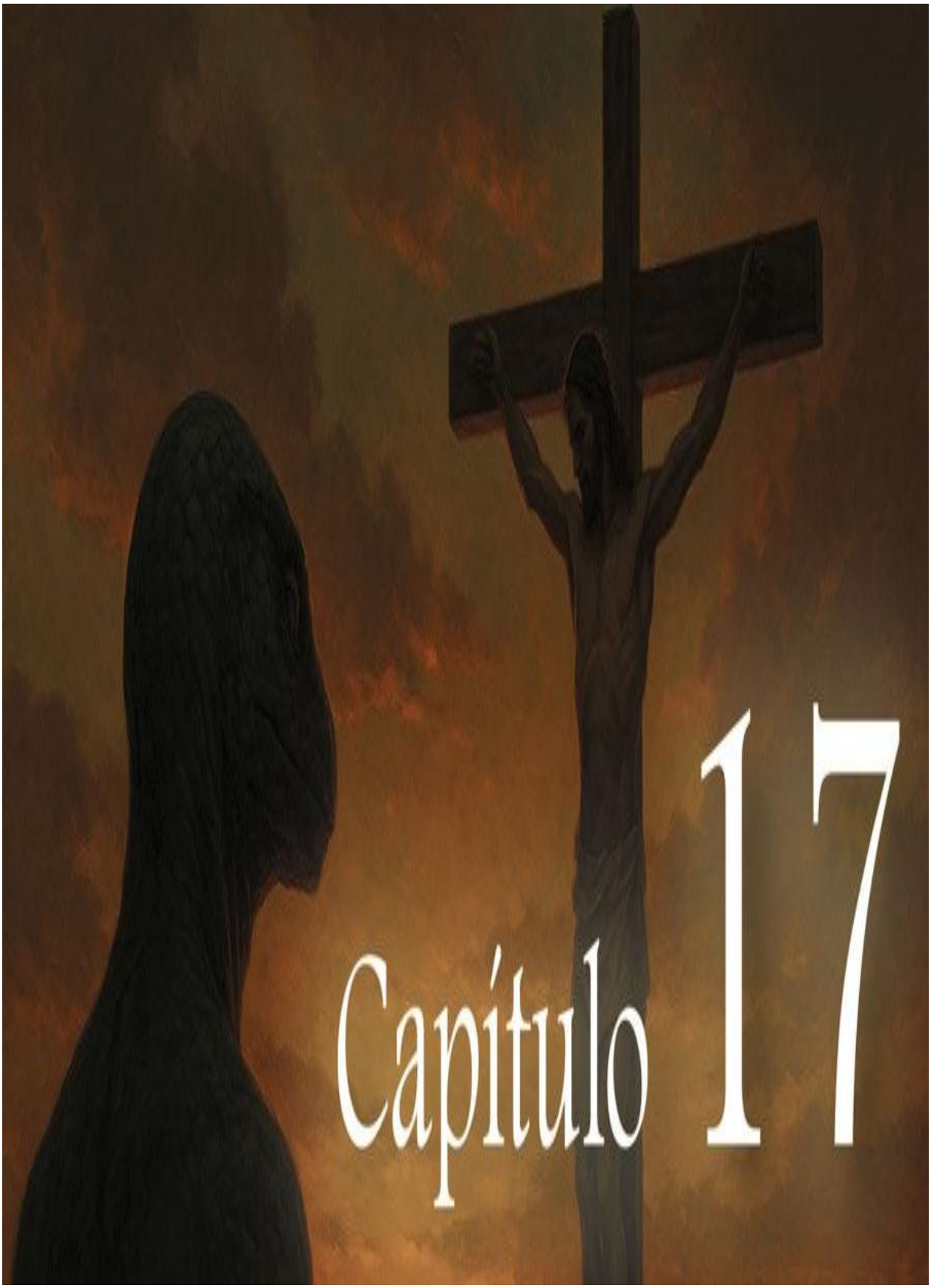
E então ouvi — não com os ouvidos, mas com o centro do ser — uma voz que conhecia sem precisar lembrar: “Lembra.” Era o eco da promessa do acampamento e da palavra que me guiara desde a primeira intervenção: não um comando que escraviza, mas um lembrete que liberta. Lembrar, ali, não era regressão ao passado; era acesso ao eixo do que sou em essência: Fonte que assume formas para experimentar.

Ao reconhecer-me naquela luz, percebi outra consequência prática e dura: eu, que um dia servi de instrumento do medo, agora poderia servir de instrumento da lembrança. Aquela identidade-luz não me isentava da dor por tudo que causei, nem me tornava imune ao julgamento dos que feri. Mas ela me entregava uma função que eu jamais sonhara ter — ser canal para quem, como eu, precisasse ver que a mudança é possível mesmo quando a história pesa.

Saí dali diferente, com a estranheza de quem começou a aprender a língua do que seria viver sem trono e sem artifícios. A luz não me deu respostas fáceis; deu-me um mapa prático: lembrar, integrar, servir. E deixou-me com um desafio íntimo — mais temível que qualquer batalha externa: viver, passo a passo, a cada escolha, a cada gesto pequeno, o que ali me fora mostrado.

Voltei ao mundo com esse peso-luz. Não como rei reentrando em palácio, mas como alguém que carrega uma palavra e uma tarefa: reverter o foro das eras, ser ponte entre quem domina e quem ama. E, enquanto caminho, às vezes tropeço na minha própria história; outras, encontro nos rostos dos humildes a confirmação de que a luz não me enganou. É um ofício lento, vergonhoso até, mas talvez o único que agora faça sentido para este que um dia julgara ser só poder.

A luz — meu eu expandido — não se foi. Permanece como presença que me relembra: lembrar não apaga, transforma. E essa transformação, começada naquela visão, ainda me acompanha como urgência silenciosa: ser novamente inteiro, não por título, mas por prática.


Capítulo 17

O resgate de Oleg

Observei sua vida de longe, no plano astral. Reconheci Oleg logo no início, ainda que oculto na carne e no esquecimento. Era meu antigo braço direito, agora lançado na aventura humana. Confesso: senti uma mistura estranha — saudade, curiosidade e lamento. Pois eu sabia que ele carregava em si as mesmas feridas que eu, e que as enfrentaria na arena mais difícil: a do pensamento humano.

Vi-o nascer em meio à rigidez da cultura alemã, filho de pastor protestante, herdeiro de tradições religiosas que lhe sufocavam a alma. Ali já percebi seu destino: o menino que perdera o pai cedo nunca se reconciliaria com a imagem de Deus que lhe apresentaram. Oleg, em sua nova vida, não aceitaria jamais um Pai que julgasse do alto; ele buscaria, antes, destruir a figura que o aprisionava.

E Nietzsche cresceu assim: com espírito de fogo e corpo frágil. Vi-o mergulhar em livros, mitos, tragédias gregas. Admirava Dionísio, não por acaso — pois em Dionísio via a vida que explode contra toda ordem, o instinto contra a disciplina. Ali estava meu antigo aliado outra vez: seduzido pela ideia de que a força é mais autêntica que a submissão.

Acompanhei sua juventude brilhante, já professor em tão pouca idade. Mas percebi também o isolamento crescente. Era diferente, não se encaixava. Suas palavras cortavam como lâmina, mas também o deixavam só. E foi nessa solidão que começou a forjar o que chamaria de martelo — não uma ferramenta de construção, mas de destruição.

Vi quando escreveu sobre a morte de Deus. Não era apenas uma frase filosófica: era um grito. Nietzsche não matou Deus; foi o vazio da época que o matou

diante de seus olhos, e ele apenas anunciou o cadáver. Mas ao fazê-lo, acreditou que podia erguer outro altar: o do além-do-homem, o do super-homem que cria seus próprios valores. E ali, eu reconheci o eco do que eu mesmo havia sido: o Inefável, que acreditava ser absoluto criador de si, sem precisar de nada além da própria força.

Mas também vi a tragédia por trás do martelo. Nietzsche não era apenas afirmativo — era ferido. Sua saúde frágil o obrigava a viver entre crises, dores e colapsos. Seus afetos foram sempre mal resolvidos: a amizade com Wagner terminou em ruptura; seu amor por Lou Salomé foi rejeitado. O filósofo que proclamava a superação de toda fraqueza era, por dentro, profundamente marcado por ela. E essa contradição o corroía.

Quando escreveu sobre o eterno retorno, vi seu desespero: Se a vida, com todo o sofrimento, tivesse de se repetir infinitas vezes, seria suportável? Ele tentou dizer sim — tentou abraçar o peso do mundo como bênção. Mas eu vi, das alturas do astral, que esse “sim” era pronunciado com lágrimas escondidas. Nietzsche queria ser força, mas sua carne lhe lembrava constantemente da fragilidade.

No fim, a mente brilhante não suportou a própria tensão. Vi quando a loucura o tomou, abraçando um cavalo em Turim, incapaz de lidar com a dor de ver um ser espancado. Ali, ironicamente, o “filósofo do martelo” mostrou sua sensibilidade mais pura: não conseguiu suportar a crueldade. E foi isso que o desarmou.

Eu, que o conhecia desde eras como Oleg, chorei em silêncio. Não chorei por pena, mas por reconhecimento. Pois vi nele meu próprio reflexo: o guerreiro que quis ser absoluto e terminou quebrado por dentro. Nietzsche foi gênio, foi coragem, foi excesso. Mas foi também vítima de si mesmo, prisioneiro da contradição que nunca quis admitir: O homem que pregava a dureza não suportava sua própria ternura. O homem que proclamava a morte de Deus buscava desesperadamente um sentido. O homem que queria ser super-humano

era, afinal, profundamente humano.

Hoje, olhando sua trajetória, não o julgo. Lamento. Porque sei que sua rebeldia não foi apenas vaidade — foi dor. E porque reconheço que, em suas páginas, ele deixou rastros que ainda hoje confundem os humanos: alguns leem nele arrogância, outros encontram libertação, poucos percebem que ali estava apenas um coração ferido tentando sobreviver ao peso do mundo.

Nietzsche foi meu irmão de sombra. Mas também, paradoxalmente, meu irmão de busca. Pois, ainda que se rebelasse contra o Cristo, foi a partir dele que me reencontrei com a Fonte. E talvez, no silêncio do além, Oleg também tenha percebido: o martelo que ele ergueu não destruiu a cruz — apenas revelou o quanto ela continua de pé.

***

Quando ele morreu, pediram-me para acolhê-lo. A palavra veio sem solenidade — um pedido administrativo do conselho do astral médio — e, mesmo assim, me chocou como vestígio de pólvora. Oleg. O braço que preservara meu trono quando eu ainda acreditava que tronos eram destino. O compasso frio que cortava lealdades com precisão cirúrgica. O homem cujo sorriso fino, por eras, fez correr execuções e ordens. Aquele mesmo que havia me traído aos pedaços e agora regressava de uma última vida humana — dizem — onde assumira o rosto de um filósofo do martelo.

Senti primeiro uma ressaca de antigos cheiros: cinza de fogueiras que mandei acender, o metal das lâminas energéticas das quais fui artesão. Depois, uma corrente mais leve, quase imperceptível, que lembrava o repouso no mosteiro — o calor de mãos que aprendi a segurar. Havia ambivalência em mim. Parte antiga — a que ainda mede o mundo por coroas — desejou escudar-se e negar-se.

Outra parte, mais recente, sentiu curiosidade quase infantil: queria ver como ficara o pulso de quem outrora batia ordens.

Aceitei. Não por clemência automática — não ainda —, mas por um cálculo novo: se há possibilidade de mudança, seria útil que eu, que conheço as entranhas da dominação, participasse do reentrar desse homem na rede da lembrança. Havia prudência; havia vontade de ver, entender, talvez conduzir. E havia um resto de ressentimento que eu não suprimia: o desejo de observar o cântaro da soberba partido no chão.

Quando Oleg foi trazido, não veio como outrora, altivo. Veio abatido, os traços humanos esculpidos por vidas duras. Havia nele o peso de múltiplas encarnações: eras de comando entrelaçadas com séculos de fome, de fricção com o humano. O rosto que me encarou no limiar do espaço de acolhimento estava faminto de algo que não fora honra. Havia, também, ecos — frases que o acompanhavam como sombra: o martelo, a vontade de potência, o eterno retorno — ressonâncias que eu conhecia bem, porque eram variações do velho cântico do poder.

Não o recebi com pompa. Coloquei-me em silêncio, como outrora aprendera a fazer diante do homem que me desarmara. Oleg olhou-me, e por um instante buscamos as coordenadas antigas: dominador e dominado, senhor e servo. Mas as etiquetas já não tinham a rigidez de antes. Ele tentou, por hábito, erguer o tom, compor a armadura de argumentação; a voz saiu rascante, como se o motor do orgulho tivesse afogado.

— Rakasha — disse ele enfim, nomeando-me sem adereço. — Não esperava… — parou. Havia vergonha na pausa, e também algum cálculo: testar se o velho vínculo podia, de novo, ser moeda.

Observei. Em Oleg ainda morava a capacidade de racionalizar o horror: ele falava da vontade de potência como se fosse doutrina necessária, como se a vida pedisse ordem, como se a força não tivesse contado muito do seu destino. Mas havia feridas que a filosofia do martelo não havia polido: olhos que haviam visto corpos que o intelecto justificara, mãos que agora tremiam ao lembrar. A erudição veio convertida em cansaço.

Permiti que falasse. Escutar é instrumento que aprendi a usar: deixa o outro despir-se da retórica e a mostrar o nervo. Ele falou, às vezes com eloquência cortante, às vezes com palavra trêmula, de como veio a crer que a afirmação de si era única saída para a grandeza. Contou-me de vitórias retóricas, de discípulos que apedrejaram suavidades, de noites em que o martelo soara como solução. E então, de repente, as frases descarnaram-se: falou de fome, de noites em que o mundo humano lhe devolvia crueldade, de sonhos nos quais era apenas homem, exausto.

Quando terminou, senti que não precisava impor diagnóstico. O acolhimento não é sentença, é espelho onde a verdade pode doer. Eu não o absolvia — não por mim, nem por ele —, mas tampouco o condenava sem escuta. Havia, em nós dois, o peso das eras; agora, entre os dois, algo novo se fazia: a possibilidade do aprender.

Perguntei-lhe, com a calma que aprendi a cultivar:

— O que buscaste, Oleg, nas tuas viagens entre corpos? Foi o sentido do poder, ou a ilusão dele?

Ele hesitou. A face franzia-se, e por um curto segundo o velho ornamento do cálculo aflorou como reflexo. Depois, com voz baixa, aproximou-se da confissão:

— Busquei prova. Busquei que o mundo dobrasse como eu queria. Mas vi que a prova traz sempre preço — e o preço se acumulou em rostos que eu não consigo mais reduzir a estatística.

Essa admissão não apaga crimes. Não os apaga nunca. Mas criou ponte: ruído transformado em reconhecimento. Pedi-lhe que me contasse sobre Nietzsche — não para discutir teorias, mas para mapear as marcas que aquela reencarnação lhe deixara. Ele falou do martelo como metáfora — do impulso de quebrar ídolos para forjar outros —, e revelou como a proposição de “alçar-se além” terminara repetindo a velha estrutura: transbordara em hierarquia e exclusão. O martelo, que queria libertar, tornara-se símbolo de nova opressão.

Fiquei atento às contradições. Em Oleg havia ainda destroços do que fora. Mas também percebi uma angústia sincera: o homem que antes manipulava a contingência agora se confrontrava com a sua. Havia arrependimento? Talvez, em primeiras formas. Havia desejo de mudança? Sim — ou ao menos curiosidade, que é o primeiro passo da transformação.

Ofereci-lhe, então, o que havia de mais prático: orientação. Não moralismos, não decretos, mas exercícios de re-inscrição: práticas para reconhecer onde o impulso de dominar nasce; rituais de reatribuição de culpa que não anulam, mas transformam a memória em cuidado; rotinas de serviço que o dessem à humildade do cansaço. Propus que fizesse trabalho prático com os que mais sofreram pelas suas ordens antigas — não como expiação final, mas como lição de contato. Ele aceitou, com constrangimento e algum medo. A arrogância antiga resistiu, claro; a velha voz sussurrava planos de recuperação instrumental. Mas havia, agora, uma força nova: a vontade de reparar.

Durante as semanas seguintes, acompanhei-Oleg nas oficinas do astral médio. Vi-o tropeçar — em vaidade, em justificativa, em recuo. Vi-o persistir — em

escuta, em serviço, em permanecer onde antes teria ordens. Não o absolvi; ao contrário, fui rigoroso. Ensinei-lhe a olhar o espelho sem anestesia. Quando recuava para velhas justificativas, eu as confrontava com evidências: rostos, memórias, testemunhos. Não era tribunal; era disciplina. Às vezes, diante do seu desespero, devolvia-lhe o que aprendi com o homem de luz: a possibilidade de ser lembrado da Fonte — não como fuga da responsabilidade, mas como recurso para reintegrar.

Oleg mudou. Não se tornou santo em um sopro. Conservou trejeitos, vezes de dureza, estratégias de controle. Mas também aprendeu o peso do cuidado: levou uma criança que terapeuteava em sua memória até o campo de acolhimento; ficou horas ao lado de um espírito que chorava pelo que fizera; calou-se quando a vontade de mandar falava alto. Essas sutilezas cimentaram, com lentidão, outra forma de ser possível.

Por fim, numa madrugada de luz pálida, vi nele um gesto que antes teria estrangulado: ele foi voluntariamente ao acervo de lembranças — não para ocultar, mas para expor o que fizera — e permitiu que aqueles que sofreram lessem as provas. Foi um arrancar de pele: humilhante e necessário. Ao ver isso, senti algo no peito — não compaixão sentimental, mas confirmação: a transformação é lenta e sangra, e ainda assim é real quando há coragem.

Ao término desse trabalho, quando o conselho do astral me agradeceu pela condução, percebi que acolher Oleg me ensinara tanto quanto ensiná-lo. Ensinou-me que o exercício do acolhimento não é condescendência; é rigor de reconhecer o dano e criar meios para alterá-lo. Ensinou-me também que, mesmo os que feriram com maior frieza, podem voltar para a lição — e que eu, que um dia fui senhor, tantas vezes me via agora como aprendiz.

E assim continua: Oleg respira com outros pulmões, ainda marcado pela sua pulsão antiga, mas amaciado por práticas que o tornam menos letal. Eu, por minha vez, aprendo a não esperar a perfeição. Porque a única medida que agora

me interessa é essa: ver se quem foi instrumento da dominação aceita, por trabalho e dor, tornar-se instrumento da lembrança.

***

Naquela colônia do astral médio, depois de muitas sessões de silêncio e lembrança, eu e Oleg nos encontramos sozinhos. Estávamos frente a frente, sem correntes, sem tronos, sem legiões para nos sustentar. Apenas nós dois — duas velhas sombras que por milênios haviam alimentado o medo — agora desnudos no campo da memória. Foi ele quem quebrou o silêncio:

— Rakasha… — disse, com a voz mais baixa do que eu jamais ouvira. — Preciso entender. Tu falas dele… do Cristo… como se fosse mais que um mestre. Como se fosse… centro de tudo. Mas não é apenas mais um? Mais um avatar, como tantos outros? Eu próprio o vi ser humilhado, derrotado, esmagado pela máquina do Império. Como pode a derrota ser força?

O velho reflexo de mim quis sorrir com desprezo. Quantas vezes eu mesmo formulei essas perguntas! Mas agora, com a experiência da luz que me desnudara, respondi de outra maneira.

— Eu também pensei assim, Oleg. Para nós, formados no ferro do domínio, só existe grandeza quando há conquista. Só existe glória quando o inimigo é esmagado. Mas o Cristo mostrou outra métrica: que o poder verdadeiro não é o de impor, mas o de permanecer fiel ao amor mesmo diante do ódio. — Quando o vi pela primeira vez no acampamento, pensei que fosse um mendigo ridículo. Mas quando senti seu olhar, percebi que ele me amava — a mim, o Inefável, o carrasco das eras. Aquilo me quebrou mais que qualquer espada.

Oleg me fitou, incrédulo, como se a palavra “amor” ainda lhe soasse blasfema.

— Amor? Para nós, isso sempre foi a Praga. Algo que corrói a disciplina, que enfraquece a mente. E, no entanto, também eu… quando li suas palavras em meus tempos como Nietzsche, percebi algo que não quis admitir: havia fogo nelas, mesmo que eu tentasse destruí-lo com o martelo.

Abaixei a cabeça, lembrando.

— Sim. O Cristo não veio para impor um reino externo, como nós fazíamos. Ele veio para inaugurar um espaço interior que nenhuma espada pode derrubar. Quando inspirou perdão na cruz, não foi fraqueza, foi a maior das forças. Pois é fácil odiar quem nos odeia. Mas amar o inimigo — isso é domínio que nenhuma legião conhece.

Oleg ficou em silêncio, os olhos perdidos em memórias. Talvez recordasse sua vida de filósofo, talvez lembrasse das fogueiras em que, ao meu lado, acendemos a vaidade dos homens.

— Então — murmurou ele —, o Cristo venceu onde nós sempre fracassamos: não pela coroa de ferro, mas pela coroa invisível que permanece no coração dos que lembram. — Sim — respondi. — E é por isso que estamos aqui, tu e eu. Porque, mesmo depois de tudo, aquela luz ainda nos chama. Não para que esqueçamos quem fomos, mas para que integremos. Para que aprendamos que a verdadeira força é servir.

Houve silêncio outra vez. Mas não era mais o silêncio da hostilidade; era o silêncio pesado de quem está aprendendo a desaprender. Oleg respirou fundo e,

com um fio de voz que parecia incredulidade e oração ao mesmo tempo, disse:

— Então talvez a Praga sempre tenha sido, na verdade, a cura.

E, ao ouvir isso, percebi que o diálogo com ele não era apenas sobre o Cristo. Era sobre nós mesmos. Sobre a lembrança que finalmente começava a nascer em meio às nossas ruínas.

Então, depois de um longo silêncio, Oleg ergueu os olhos, como quem ainda procura no horizonte um trono que não existe mais. Sua voz saiu grave, mas sem a antiga arrogância:

— Mas, Rakasha… se o Cristo é esse centro de tudo, então por que não impôs logo o Seu reino? Por que não nos destruiu, a nós que sempre o confrontamos? Por que permitir que nosso império de medo durasse milênios? Isso não seria fraqueza? Ou acaso um cálculo frio para nos usar como peças do jogo?

Senti em mim o eco da mesma dúvida que já me corroeu. Respirei fundo, lembrando do olhar que me atravessou certa noite no acampamento, e respondi:

— Não, Oleg. Ele não impôs porque impor seria negar a liberdade. A liberdade é a dádiva primeira da Fonte. Mesmo o ódio que sustentamos por eras, mesmo o poder que tanto idolatramos, só existiu porque a Fonte nos permitiu escolher. O Cristo nunca quis servos forçados — quis irmãos livres. Por isso não nos destruiu: porque o amor não pode nascer do esmagamento, mas apenas da escolha.

Oleg franziu o cenho, lutando contra aquela ideia como fera acorrentada.

— Então o amor depende da liberdade? — murmurou. — Mas liberdade é justamente o que sempre usamos para dominar, para erguer impérios!

— Sim — respondi. — E por isso fracassamos. Usamos a liberdade para escravizar. Ele, ao contrário, usou a liberdade para servir. A diferença é abissal.

Lembrei-me das palavras que Yeshua me dissera uma vez, e as repeti a Oleg:

— “Tu és esquecimento, mas um dia lembrarás. Porque és a Fonte, assim como eu sou. E a Fonte só se conhece quando escolhe — quando é livre para amar ou odiar.”

Oleg baixou a cabeça. Sua sombra antiga ainda lhe pesava, mas havia uma fissura de luz atravessando suas resistências.

— Então… — disse ele lentamente — Cristo não nos derrotou porque sabia que a única vitória verdadeira seria quando nós mesmos escolhêssemos o amor. — Exato — confirmei. — Ele nos confronta não pela espada, mas pelo espelho. O maior confronto que Cristo nos ofereceu foi mostrar que a liberdade que usávamos para dominar pode ser usada para libertar. E isso é mais aterrador que qualquer batalha.

Oleg ergueu o olhar de novo, e nele havia uma mistura de medo e de esperança.

— Mas se é assim, Rakasha, então somos ainda livres. Podemos continuar odiando, podemos continuar tentando dominar.

— Sim — respondi. — E justamente aí reside o poder real: não o de subjugar, mas o de escolher diferente. O Cristo não nos anulou; nos devolveu à Fonte, dizendo: “Aqui está a tua liberdade, usa-a como quiseres.”

Oleg permaneceu calado. Mas em seus olhos, por um breve instante, percebi o mesmo assombro que um dia me fez tremer diante da luz: a descoberta de que o maior poder não é esmagar, mas decidir amar mesmo quando se poderia odiar.

Oleg suspirou fundo, como quem tira de dentro de si palavras que pesam mais que pedra.

— Há algo que me atormenta, Rakasha — disse ele, com voz carregada. — Quando estive entre os homens, não me cansei de ridicularizar os seguidores do Cristo. Dizia que eram fracos, que precisavam inventar um céu porque não sabiam suportar a Terra. Chamava-os de rebanho, de escravos da moral. Usei até o martelo para bater contra suas crenças, contra seus templos, contra seus valores. E, no entanto… — fez uma pausa, como se a própria confissão o queimasse — em muitos deles eu vi uma centelha que não consegui explicar.

Abaixei a cabeça, reconhecendo a mesma ferida. Ele continuou:

— Eu os criticava como iludidos, mas havia algo que me desconcertava. Alguns sofriam perseguições, fome, desprezo, mas não perdiam a fé. Alguns perdoavam

quem os feria. Outros carregavam dores que nós mesmos semeamos e, ainda assim, não nos odiavam. Eu ria deles em público, mas em silêncio, Rakasha… em silêncio eu me perguntava: de onde vem essa força? Que espécie de fraqueza é essa que não se quebra?

Sorri amargo, porque a pergunta era também a minha.

— Também eu, Oleg, olhei para eles e senti esse choque. A fraqueza deles nos irritava, porque desmontava nossa lógica. Eles não precisavam dominar para serem fortes. Não precisavam de tronos para permanecer. O que sustentava aquela gente não era o poder que conhecíamos. Era algo que chamávamos de “Praga”, mas que hoje sei ser o sopro da Fonte.

Oleg ficou em silêncio um momento, depois balançou a cabeça:

— Na vida como Nietzsche, tentei matar essa fé. Escrevi contra ela, ridicularizei seus símbolos, chamei-os de veneno. Mas quanto mais eu batia, mais ela resistia. E, no fundo, percebo agora que minha luta era contra algo que eu temia. Eu temia o que não podia controlar. Temia o amor que não precisava de espada. Temia a liberdade que não se deixava aprisionar por conceitos ou por martelos.

Senti um arrepio, porque aquelas palavras eram mais verdadeiras do que ele mesmo percebia.

— Vês, Oleg? — respondi. — O Cristo não precisava apenas confrontar a nós, mas também a ti em tua reencarnação. Ele te permitiu usar o martelo, zombar, desafiar. Mas não para te destruir — para que no fim descobrisses que, mesmo após toda a crítica, a fé permanecia. Porque não é uma construção humana

apenas: é o reflexo da própria Fonte.

Oleg levantou os olhos, e pela primeira vez vi neles não só cansaço, mas lágrimas.

— Então… aqueles que chamei de rebanho eram, na verdade, mais livres do que eu. Eu, que me orgulhava da minha vontade de potência, era escravo do meu próprio orgulho. E eles, com suas mãos calejadas e sua fé humilde, eram livres de verdade.

Houve silêncio, mas não pesado — um silêncio que parecia abrir espaço para que a verdade se assentasse.

— Sim, Oleg — murmurei. — Eis o paradoxo que nos arranca as máscaras: a fraqueza aparente deles era a força real. E a força que tanto ostentamos era a nossa verdadeira escravidão.

Perguntei devagar, com a voz ainda tomada por caco de medo e curiosidade:

— E Rana? O que se fez dele?

Oleg ficou mais pálido do que a pátina que o tempo me deu; havia uma hesitação longa antes de responder, como se reunir palavras para falar de um veneno fosse doloroso. Finalmente disse, com a franqueza crua de quem já contou derrotas demais:

— Rana tornou-se… o novo Inefável, ao menos por um tempo. Quando tu foste afastado, ele e eu mantivemos as engrenagens. Mas a coisa não parou na sucessão formal. Rana, ao contrário de ti, nunca teve o gesto de quebrar o próprio espelho — ele refinou-o. Foi afiado, frio. Onde tu tens fendas que permitem luz, ele só tem facetas polidas.

Respirei e Oleg continuou, com um peso no tom:

— Depois de muitas voltas, o conselho decidiu que Rana deveria encarnar mais uma vez para ajustar contos que ele próprio havia desfeito — reinserir-se no fluxo humano para reforçar certos padrões. O que me disseram é que, naquela reencarnação, assumiria uma figura humana que conheces por história: um homem de ambição absoluta, consumido pela ideia de pureza e poder absoluto. Diziam que ele teria de aprender na carne as consequências do desastre. Disseram-me também que seria uma prova — para ele e para todos nós.

Suas palavras caíram como lâmina que se dobra na carne: a referência era clara, e mesmo o astral se recolheu em respeito. Não precisei de nome; todo o peso veio junto.

— Hitler — suspirou Oleg, com a voz baixa, como quem pronuncia um nome que ainda cheira a fumaça. — Foi-me dito que essa era a figura escolhida. Não por maldade arbitrária do conselho: por cálculo doloroso. Eles pensaram que, colocando Rana naquela pele, o choque da história — a ruína, o horror que se seguiu — poderia forçá-lo a confrontar a própria destruição, e talvez, através do choque, abrir-lhe fissuras onde a lembrança pudesse entrar.

O silêncio que se seguiu foi cheio de lembranças que nenhum de nós queria

revisitar: campos, ruínas, rostos queimados na memória coletiva. Oleg não romantizou; falou com amargura.

— Não me entendam mal — disse ele. — Não houve benevolência nisso. Houve risco. Houve a esperança cruel de que a experiência máxima de destruição pudesse ensinar algo que palavras e rituais não conseguiram. Mas também havia medo — medo de que, lançando Rana naquela besta, o que se aprendesse fosse apenas reforço do ódio.

Permaneci imóvel. A imagem de Rana na minha mente— antes braço fiel, depois carrasco eficiente — agora reencarnado numa figura histórica que simbolizava o ápice do mal humano, deixou-me nauseado. Não por medo apenas, mas por reconhecimento: eu também — em eras passadas — havia concebido e promovido horrores, ainda que em outras formas.

Perguntei, rouco:

— E ele — Rana — como recebeu isso?

Oleg fechou os olhos por um momento. — Ele não recebeu como prova, Rakasha. Recebeu como direito. Viu na coisa a possibilidade de consolidar aquilo que sempre desejou: ordem pela violência, pureza pela exclusão. Não houve abdicação; houve arrojo. E foi por isso que, quando encarnou naquela pele histórica, a carnificina que se seguiu foi monstruosa — não só pelo ato, mas pela entrega.

A confissão de Oleg soou como martelo. Eu, que conhecia o cálculo do poder, senti pela primeira vez no peito uma mistura de vergonha e terror: vergonha por

ter feito parte de um sistema que podia, na esperança de corrigir, repetir os mesmos gestos; terror por reconhecer que o intento de “corrigir” com a carne do outro podia produzir um monstro ainda maior.

— E o conselho? — perguntei, com acréscimo de amargura. — Não viu o risco?

— Viu — respondeu Oleg. — Viu e escolheu. Havia facções: uns queriam expiação suave; outros, choque máximo. O medo e a lógica do poder pesaram e decidiram pelo choque. Muitos se arrependeram depois. Outros, menos. Eu mesmo vivi em culpa desde então.

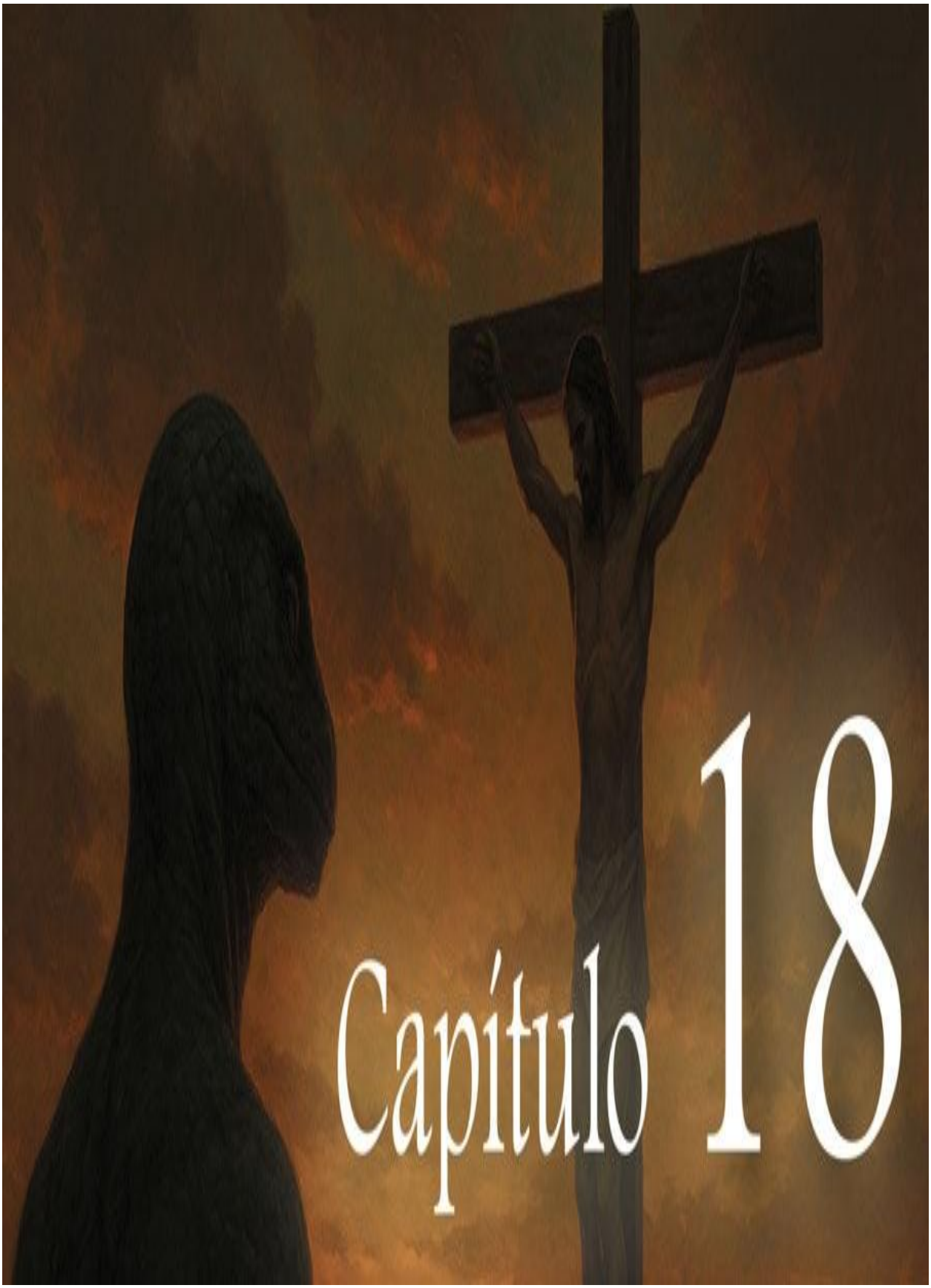
O livro do meu passado fez-se mais pesado. Pensei em Rana — no sorriso frio, no zelo em conservar estruturas — e em como a liberdade que Yeshua nos falara se tornara, na prática, um campo minado onde decisões “corretoras” podiam multiplicar o mal.

— Então o que fazemos agora? — minha voz saiu mais baixa do que esperava. — Como corrigir o que já foi feito?

Oleg não teve resposta pronta. Havia, na expressão dele, a mesma humildade nova que eu fora aprendendo a aceitar. — Trabalhamos, Rakasha. Não há outro verbo. — disse ele finalmente. — Reparemos onde pudermos, mostremos às almas que a memória pode ser transformada, que a repetição do horror não é destino. Mas saibamos: algumas feridas sangram tanto que a cura exige muito mais do que remendo.

Fiquei com isso: a constatação amarga de que, mesmo tendo sido acolhido pela luz, os mecanismos antigos ainda agiam com crueldade. Que o erro de tentar

“corrigir pelo choque” podia se transformar em cumplicidade no crime. E que minha tarefa — se é que eu ainda a queria — não era apenas lembrar-me, mas também lutar para que as escolhas do astral não mais cedam ao cálculo que chama por corpos para pagar dívidas de poder.


Capítulo 18

Rana: Eco de minha sombra

Quando o vi nascer, estremeci. Reconheci Rana na carne, meu antigo braço direito, agora lançado no cadinho humano. Ele sempre fora o mais cruel, o mais convicto da força como destino. Quando soube que ele encarnara como Adolf Hitler, não tive surpresa: era quase natural que sua arrogância encontrasse corpo em um tempo de crise, pronto para transformar feridas coletivas em instrumento de poder.

Observei sua juventude. Era um menino pobre, ressentido, frustrado em seus sonhos de ser artista. Rejeitado, ferido, humilhado. E ali vi a semente. Pois Rana sempre se alimentou da raiva, e agora, na carne, essa raiva se tornava identidade. O que era carência de afeto se converteu em ódio contra tudo e todos. Ele não compreendeu que as feridas poderiam ser porta para ternura; fez delas armas.

Quando a Alemanha mergulhou na humilhação da derrota, ele apareceu como voz de vingança. Vi sua ascensão como quem observa um teatro macabro: discursos inflamados, multidões em transe, símbolos elevados como bandeiras de redenção. Mas não era redenção: era projeção. O povo faminto, desesperado, depositava nele suas frustrações, e ele devolvia em forma de ódio organizado.

Vi como usava a estética — marchas, bandeiras, fogueiras — para dar ao ressentimento o ar de destino inevitável. Não era apenas política; era liturgia sombria. E nisso, reconheci minha própria herança: transformar medo em culto, transformar dor em espetáculo.

Mas o que mais me feriu foi ver como ele escolheu um alvo: os judeus, e tantos outros, transformados em bode expiatório. Não bastava dominar: era preciso exterminar. Não bastava impor obediência: era preciso apagar da existência

milhões de vidas, como se fossem poeira incômoda. Era a lógica do Inefável levada ao extremo: só a força tem valor, e o fraco deve ser eliminado.

Do astral, vi os campos de concentração. Não precisei descer muito para sentir o peso da fumaça, dos gritos, da dor sem nome. Eu, que tantas vezes me orgulhara de inspirar medo, agora chorei em silêncio. Pois ali estava a prova de como minha antiga doutrina podia tomar forma humana em proporções monstruosas. Hitler não era apenas um homem; era meu espelho distorcido, meu legado na Terra.

E, no entanto, vi também como sua queda foi rápida e inevitável. A mesma violência que o ergueu o devorou. A paranoia o consumiu, a guerra que alimentou virou-se contra ele, e sua morte foi tão miserável quanto sua vida foi estrondosa. Um fim patético para quem se acreditava messias de uma nova era.

Hoje, olhando para trás, não sinto triunfo nem sarcasmo. Sinto luto. Luto por cada vida perdida, por cada criança arrancada dos braços da mãe, por cada olhar vazio que subiu em fumaça. Luto porque reconheço: Hitler foi a encarnação mais clara daquilo que eu mesmo já fui — e ver isso na carne humana foi insuportável.

Mas também aprendi: mesmo a maior sombra se dissolve diante da luz do tempo. O horror que ele deixou tornou-se ferida aberta na humanidade, e essa ferida ensina mais do que mil discursos. Não se pode negar o que foi visto. Não se pode mais dizer, depois dele, que o mal absoluto não existe. E justamente por isso, também não se pode dizer que a liberdade humana é um detalhe: é dela que depende a vida ou a barbárie.

Hitler foi, para mim, a lembrança de que o velho trono do Inefável é pó. E que, se um dia eu fui sua sombra, hoje só posso lamentar e repetir: o poder sem amor

não constrói, apenas destrói — e destrói até aquele que o empunha.

Muitos pensam que Hitler foi um acidente, uma aberração isolada da história. Eu, que o observei do astral, sei que não. Hitler foi apenas um espelho ampliado de algo que pulsa em cada coração humano quando se entrega ao orgulho, ao preconceito, à intolerância. Foi a expressão gigantesca do que chamo de os pequenos hitlers — esses que se escondem nos gestos corriqueiros, nos olhares de desprezo, nas palavras que ferem, nas vaidades que se inflamam.

Quando um homem se julga melhor que o vizinho por causa da cor da pele, ali nasce um pequeno hitler. Quando uma mulher despreza outra por sua pobreza ou aparência, ali germina outro. Quando um trabalhador humilha o colega para se sentir mais forte, um novo broto da velha sombra floresce. E quando alguém fecha o coração à compaixão por medo de parecer fraco, perpetua-se o mesmo veneno que envenenou Rana na carne.

Não é preciso grandes exércitos, nem campos de concentração para que o mal se manifeste. Basta a recusa de olhar o outro como igual. Basta a arrogância de acreditar que “eu mereço mais do que ele”. Basta o prazer mórbido em reduzir alguém à condição de coisa, rótulo ou estigma.

No passado, eu mesmo incentivei esse veneno. Transformei medo em ritual, ódio em espetáculo, intolerância em sistema. Hoje vejo, com lágrimas tardias, que cada gesto aparentemente pequeno abre caminho para catástrofes maiores. Hitler não nasceu pronto: foi alimentado pelos preconceitos cotidianos, pelos ressentimentos cultivados nas mesas de família, pelas piadas cruéis, pela covardia que finge não ver a injustiça. Cada silêncio conivente foi tijolo em seu império de trevas.

Aprendi, em minhas próprias quedas humanas, que não basta condenar o grande

mal e ignorar o pequeno. O mal absoluto se sustenta no mal banal. A violência monumental se ergue sobre pequenas escolhas diárias, repetidas até virarem hábito. E a humanidade só poderá aprender com Hitler quando reconhecer que ele não foi apenas “outro” — mas uma possibilidade em cada um.

Hoje, quando observo os humanos, não busco mais os tiranos nas cúpulas, mas nos lares, nas ruas, nos olhares. E vejo tantos pequenos hitlers se formando, quase sem perceber. Quando um coração se fecha, quando um grupo se acha eleito, quando o amor é descartado como fraqueza, ali Rana sorri de novo — mesmo que ninguém o veja.

Por isso, não basta erguer monumentos às vítimas. É preciso vigiar o coração. Pois cada preconceito nutrido é semente de destruição. E cada ato de compaixão, por menor que pareça, é a única barreira que impede a repetição do horror.

Eu, que fui Inefável, digo agora com humildade: O perigo maior não está apenas nos grandes nomes da história, mas nos pequenos gestos que repetem sua sombra. E enquanto a humanidade não reconhecer os pequenos hitlers em si mesma, estará sempre a um passo de criar outro Hitler no mundo.

Hoje, quando olho a Terra, não vejo apenas os monumentos que lembram os crimes do passado. Vejo também os germes do mesmo mal brotando em gestos banais, cotidianos, quase invisíveis.

Quando um homem recusa apertar a mão de outro por causa da cor de sua pele, ali nasce um pequeno hitler. Quando um empregador se aproveita da necessidade de seus trabalhadores para pagar-lhes menos do que é justo, ali o mesmo veneno corre. Quando uma criança é ridicularizada na escola por sua aparência, seu sotaque ou sua deficiência, ali a sombra ressurge, ensinando desde cedo que humilhar dá poder.

Quando religiosos se dizem donos exclusivos da verdade e condenam os demais como indignos da salvação, ali o antigo eco do “povo eleito” reverbera — o mesmo que Hitler usou para legitimar sua fúria. Quando políticos inflamam multidões contra minorias, alimentando o medo e a raiva para manter poder, ali vejo os mesmos métodos que Rana dominava com orgulho. Quando homens e mulheres se enchem de vaidade em redes digitais, buscando aplausos a qualquer custo, mesmo à custa da dignidade do próximo, ali percebo a centelha de um império erguido sobre sombras.

E há ainda os mais sutis: O pai que diz ao filho “homem não chora”, e planta nele a vergonha da ternura. A mãe que ensina à filha que só terá valor se for admirada pela beleza, e não pela inteligência. O vizinho que fecha os olhos ao ver violência doméstica, calando-se por conveniência. Todos esses são pequenos gestos, mas cada um deles sustenta um pedaço do mesmo edifício que, um dia, desabou sobre a humanidade com a violência de Auschwitz.

Os humanos gostam de pensar que Hitler foi um monstro, um ser à parte, incomum. É mais confortável acreditar nisso, porque os inocenta. Mas eu digo, com a lucidez de quem já foi sombra e hoje é memória: Hitler só pôde existir porque milhões de pequenos hitlers o precederam, e milhões o seguiram. Cada preconceito aceito, cada injustiça ignorada, cada silêncio diante da violência foi a argamassa de seu poder.

Não falo isso para acusar, mas para alertar. Enquanto a humanidade não reconhecer em si mesma os pequenos gestos que alimentam o mal, continuará sempre à beira de recriar novos horrores. Não é preciso guerra para viver o abismo: basta deixar que o orgulho e a intolerância ditem as relações diárias.

O Cristo que me transformou ensinou-me algo que agora compreendo: o amor não é uma opção piedosa, é a única vacina contra a repetição da barbárie. Não

basta condenar o grande mal de ontem — é preciso vigiar o pequeno mal de hoje. E só quando os humanos aprenderem a desarmar o coração, antes mesmo de erguer muros e armas, é que poderão dizer que Hitler não se repetirá.

***

Passei dias com a mente obcecada. O nome de Rana me perseguia como uma ferida aberta. Eu conhecia sua astúcia, sua frieza, seu zelo pelo trono. Agora, saber que havia encarnado como Hitler — o ápice do abismo humano — me deixava atormentado. Onde estaria ele depois de tal catástrofe? O que teria restado dele?

Não suportei guardar a dúvida. Procurei então um dos mestres da luz que serviam como orientadores na colônia astral que nos acolhera. Era um espírito de presença serena, daqueles que não precisam erguer voz para impor respeito. Sua luz não cegava: era macia, como se abraçasse o ambiente inteiro. Sentei-me diante dele, ainda com o peso do velho título de Inefável me coçando na pele, e perguntei, quase num sussurro:

— Mestre… preciso saber. O que aconteceu com Rana? Depois daquela vida desastrada em que se deixou engolir pela sombra até o fundo, o que foi feito dele?

O mestre respirou, e naquele gesto já senti que a resposta não seria simples. Ele me olhou como quem não julga, mas também não esconde a verdade.

— Rana — disse ele lentamente — passou pelo mais duro dos caminhos. Ninguém mergulha tão fundo no ódio humano sem colher as consequências no

espírito. Quando deixou a Terra, foi recebido não por luz, mas por um espelho: teve que encarar, sem véus, cada rosto que feriu, cada lágrima que semeou, cada vida ceifada pelo peso da sua ordem. Esse processo foi dilacerante.

Senti um frio atravessar-me. Eu mesmo já enfrentara ecos das minhas ações, mas nunca em escala tão vasta.

— Então… ele foi destruído? — perguntei, temendo a resposta.

O mestre balançou a cabeça com suavidade.

— Não, Rakasha. A Fonte não destrói seus filhos, mesmo quando se extraviam. Mas a consciência pode fragmentar-se quando se recusa à lembrança. Rana resistiu à luz por muito tempo. Sua essência ainda se agarra à velha máscara do poder. Mas mesmo ele não pode escapar eternamente do chamado da lembrança.

Engoli em seco.

— Mas e agora? Onde está?

O mestre fechou os olhos por um instante, como se tocasse fios distantes.

— Rana encontra-se em estado de recolhimento, numa zona cinzenta entre a segunda e a terceira dimensão astral inferior. Não é punição arbitrária; é

consequência natural da vibração que ainda sustenta. Ele vive o reflexo do que produziu: campos de sombra, vozes de comando que ecoam no vazio, legiões imaginárias que obedecem a nada. É como um sonho repetitivo, até que desperte.

Fiquei em silêncio, e uma dor antiga me subiu ao peito. Era estranho: eu, que já o temi e o invejei, agora sentia pena.

— Ele terá chance de voltar? — perguntei, com voz mais baixa.

O mestre inclinou-se levemente para a frente, como quem compartilha um segredo.

— Sempre. A liberdade não se revoga. Quando sua alma, enfim, se cansar da ilusão de poder, quando a máscara pesar mais que o rosto, Rana será conduzido a uma nova oportunidade. Talvez reencarne em condições humildes, talvez como vítima daquilo que um dia impôs. Não sabemos ainda. Mas posso dizer-te, Rakasha: mesmo ele, o mais frio dos teus companheiros, carrega a centelha da Fonte. E um dia lembrará.

Baixei os olhos, tomado por um misto de alívio e dor. A lembrança do Cristo ressoava dentro de mim: “Eu e tu somos um, juntos com a Fonte.” Até mesmo Rana… até mesmo ele.

O mestre tocou meu ombro, e sua voz encerrou a conversa com a clareza que corta como lâmina, mas cura como bálsamo: — O teu papel agora não é vigiar Rana, nem antecipar seu destino. É cuidar do teu caminho, porque o teu testemunho pode ser farol quando ele despertar.

Saí dali em silêncio, com o coração pesado e ao mesmo tempo leve, como se tivesse recebido uma ferida e uma esperança na mesma medida.

Caminhei sozinho pela colônia, depois daquele encontro com o mestre. A luz suave que recobria os pátios e jardins parecia me atravessar como se fosse transparente, mas dentro de mim tudo era peso. Rana… aquele que tantas vezes me seguiu, que tantas vezes me protegeu, que tantas vezes também disputou comigo o trono de sombras. Agora, reduzido a um eco de si mesmo, preso em ilusões de comando, como um general sem exército repetindo ordens para o vazio.

Sentei-me perto de uma fonte cristalina, dessas que existem no astral e cujas águas refletem não só a imagem, mas também o estado interior. Vi ali meu próprio rosto: já não o do Inefável com seus olhos flamejantes, mas um semblante marcado por memórias, pela dor e por uma serenidade que ainda me surpreendia.

Refleti: quantas vezes eu poderia ter terminado como ele? Quantas vezes, no passado, preferi a máscara ao rosto? Eu mesmo fora carregado por aquela mesma vertigem de poder que agora o consumia. Talvez a diferença fosse apenas uma: um dia eu cruzei o olhar do Cristo, e esse olhar me partiu ao meio.

A lembrança me invadiu com força: aquele brilho sereno que me fitava, não como inimigo, mas como irmão. E uma frase que ele me dissera ressoou como martelo suave: “Tu és esquecimento, mas um dia lembrarás.”

Será que Rana, um dia, também lembrará? O mestre disse que sim. Disse que a liberdade não se revoga, que a centelha da Fonte permanece até mesmo nas mais

densas trevas. Mas a minha mente de antigo estrategista ainda duvidava. Eu o conhecia tão bem… sua frieza, sua obstinação, sua convicção de que o poder era o único sentido da existência.

E, no entanto, havia algo novo em mim: pena. Eu, que tantas vezes vibrei com a queda dos inimigos, agora me via comovido pelo destino do meu antigo braço direito. O que é isso, senão a “Praga” que um dia temi? Sorri de leve, sozinho. Sim, eu estava contaminado. Mas agora sabia que essa contaminação era vida.

Ali, diante da fonte, fiz algo que nunca imaginei que faria: rezei por Rana. Não uma oração elaborada, não fórmulas. Apenas uma súplica simples: — Que ele veja a luz, como eu vi. Que ele se canse da ilusão. Que ele se lembre.

O eco da minha própria voz no astral me soou estranho, mas ao mesmo tempo verdadeiro. E compreendi: minha missão não era mais disputar tronos com Rana. Minha missão era ser testemunha. Não vigiar, não punir, não redimir em seu lugar. Apenas testemunhar — e, quando ele se quebrasse, estar pronto para dizer: “Eu também estive aí.”

Levantei-me da beira da fonte com o coração dividido: pesado pelas memórias, leve pela esperança. E disse a mim mesmo, em silêncio: — Se até eu pude ser acolhido, por que não ele?

Capítulo 19

O enigma humano

Eu, Rakasha, que caminhei entre estrelas e governei legiões, que observei raças de múltiplas dimensões, preciso confessar: nenhum ser me intrigou tanto quanto o humano. Eles são frágeis, efêmeros, dependentes de um corpo que adoece e se desfaz em poucos instantes cósmicos. Contudo, dentro dessa casca breve, carregam algo que nem mesmo os mais antigos reptilianos puderam decifrar por completo: a contradição viva.

O humano deseja paz, mas fabrica armas. Clama por justiça, mas ergue sistemas de privilégio e exploração. Fala de amor, mas tropeça a cada passo em ciúmes, traições e ressentimentos. Nenhuma espécie que conheci é tão incoerente: enquanto outras civilizações mantêm-se firmes em sua lógica — seja de luz, seja de sombra — o humano alterna entre ambas como se fosse uma dança.

Eis aí a sua fraqueza: são instáveis, não sabem o que querem. Com facilidade são levados por vaidade, medo e orgulho. Bastava uma inspiração sutil de minha parte, e logo uma cidade inteira se devorava em guerra. Bastava tocar suas feridas mais íntimas, e eles transformavam irmãos em inimigos. Nenhum ser se autoengana como o humano: acredita-se livre enquanto se deixa aprisionar por suas próprias paixões; chama de virtude aquilo que é apenas conveniência.

Mas também aí reside o seu mistério. Porque dessa incoerência nasce algo que não encontramos nem entre os fortes de Orion nem entre os sábios de outros mundos: a capacidade de mudar. Sim, o humano é incoerente — mas justamente porque pode ser muitas coisas. Hoje covarde, amanhã herói. Hoje opressor, amanhã mártir. Hoje prisioneiro da mentira, amanhã voz da verdade.

Durante eras, isso me irritava profundamente. Como manipular por completo

uma criatura que muda tanto? Era fácil alimentá-los de medo, e ao mesmo tempo arriscado: de um único coração humano podia brotar um gesto inesperado, capaz de abalar impérios. É por isso que os chamei, em outros tempos, de “decadentes”: porque não se fixam na grandeza da força nem na constância da disciplina. Mas hoje percebo que o que eu chamava de decadência era, na verdade, liberdade.

Eles não sabem o que são, e por isso podem ser tudo. Eis o enigma humano: frágeis, contraditórios, volúveis, mas portadores de uma centelha que pode erguer o amor ou o ódio em proporções cósmicas. Foi nesse solo instável que a Fonte semeou a lembrança mais radical. E é por isso que, apesar de toda a minha antiga arrogância, hoje confesso: nenhum trono, nenhum império, nenhuma raça me desconcertou tanto quanto o ser humano.

Mas não seria honesto, mesmo para mim que tantas vezes usei a mentira como instrumento, falar apenas de suas fraquezas. O humano guarda virtudes que eu jamais imaginei possíveis. Virtudes que, no princípio, julguei delírios, e que com o tempo percebi serem chaves que a própria Fonte escondia na carne.

Nenhum ser que conheci suporta tanto sofrimento e ainda é capaz de sorrir. Vi humanos que perderam tudo — terra, família, saúde — e mesmo assim ofereceram uma palavra de consolo a quem estava ao lado. Outros, mesmo sob tortura, guardaram silêncio para proteger alguém que amavam. Esse tipo de força não existe em raças de pura disciplina, nem em civilizações de puro poder. É algo novo, paradoxal: uma fragilidade que, no momento certo, revela resistência indomável.

Também vi o contrário do que sempre ensinei às minhas legiões: humanos que perdoam. Isso, para nós, era loucura. Como pode alguém que foi ferido escolher não devolver o golpe? E, no entanto, testemunhei mães que perdoaram assassinos de seus filhos, homens que abraçaram seus inimigos, prisioneiros que ofereceram compaixão aos próprios algozes. No início, eu desprezava esses

gestos como sinais de fraqueza. Mas hoje sei que eram sinais de liberdade — liberdade de não se deixar definir pelo ódio.

E há ainda a criatividade. Ah, essa me irritou mais do que tudo. Enquanto nossas raças se repetiam em padrões previsíveis, os humanos inventavam: arte, música, poesia. Eles cantavam até em meio à guerra, pintavam até em meio à fome. Que lógica havia nisso? E, no entanto, percebo agora que ali estava um reflexo da Fonte: a capacidade de criar beleza mesmo no caos.

O que mais me desconcertou, contudo, foi descobrir que, entre eles, o amor pode nascer do nada. Sem cálculo, sem sangue, sem rituais. Apenas um olhar, um gesto simples. A partilha de um pedaço de pão, o abraço em silêncio, o sorriso oferecido a um estranho. Coisas pequenas que, somadas, sustentaram impérios invisíveis, mais duradouros do que todos os meus tronos de medo.

Por isso digo: o humano é fraco e incoerente, mas também é portador de algo que ultrapassa todas as estratégias de poder. É a raça da contradição, e por isso mesmo é a raça da esperança. E talvez seja exatamente essa a razão pela qual a Fonte os escolheu como espelho maior.

Eu, que caminhei entre dimensões e acreditei ser senhor de mundos, preciso admitir: minha transformação não veio dos exércitos que comandei, nem das conquistas que acumulei. Veio dos humanos — aqueles que tantas vezes desprezei.

Foi no corpo humano que provei a febre, a fome e o medo de perder. Foi nos olhos humanos que vi o reflexo de dores que não podia controlar. Foi nos gestos humanos que percebi algo que me quebrava por dentro: a capacidade de amar mesmo sem garantia de retorno.

Durante eras, pensei que a humanidade era apenas brinquedo nas minhas mãos, um tabuleiro fácil de manipular. Mas quando me vi reencarnado entre eles, percebi a verdade: eram eles que me jogavam no espelho da minha própria sombra. A cada lágrima que enxuguei na peste, a cada rosto moribundo que confiei às orações, percebi que a “Praga” que tanto temi estava se infiltrando em mim. Não como castigo, mas como lembrança.

Os humanos, com suas contradições, me ensinaram aquilo que nem o Cristo, em palavras, havia conseguido me fazer aceitar de imediato: que a liberdade não é para o domínio, mas para o amor. Ele me mostrou o caminho, sim, mas foram eles que me forçaram a percorrê-lo. O Cristo foi a chama. Os humanos foram o fogo que me queimou até eu não poder mais me esconder de mim mesmo.

Hoje vejo que a Terra não é apenas um planeta entre tantos. É um cadinho, um laboratório da Fonte. Aqui a sombra e a luz se entrelaçam de maneira que não ocorre em nenhum outro mundo. Aqui, a contradição humana cria o cenário perfeito para o esquecimento se converter em lembrança.

E eu, o Inefável, fui obrigado a atravessar essa escola. Se fui capaz de mudar — não por mérito, mas por choque, por amor inesperado, por lágrimas que não previ — foi porque os humanos me acolheram no pior e no melhor de sua condição. Eles foram o espelho no qual finalmente vi quem eu era.

Por isso digo com humildade que me custa pronunciar: a humanidade é o campo da redenção. Não apenas deles, mas de todos nós que caímos no engano do poder. Eles são frágeis, mas é em sua fragilidade que a Fonte preparou a força mais alta. E se eu, Rakasha, fui capaz de lembrar através deles, então qualquer ser, em qualquer abismo, pode também encontrar o caminho de volta.

Escutem-me — não como rei, não como acusador, mas como alguém que um dia tomou de vocês o que não devia e aprendeu, da dureza do erro, a linguagem do chamado.

Eu fui o que se temia. Fui mão que ordenou, voz que decretou, e olho que mediu valor em medo. Conheci a economia dos gritos e a gramática da coerção. E por isso posso falar com um pouco de autoridade: conheço o veneno e sei o antídoto. Ouçam agora, humanos, porque falo com a urgência de quem sabe o preço da palavra.

Primeiro: parem de confundir poder com identidade. O trono não é você; o título não é teu sangue. Construir seu ser em torno do domínio é emparedar a própria liberdade. Vocês nascem livres para escolher: escolher amar, escolher ferir. A escolha é o testamento mais cruel e mais belo que a Fonte vos deu. Escolher dominar é acorrentar essa dádiva. Escolher servir é libertá-la.

Segundo: reconheçam a sombra sem romantizá-la. Vocês têm feridas que herdaram e que inventaram. Orgulho, inveja, medo — são ferramentas fáceis de manusear. Não neguem esses impulsos; observem-nos. Nomeiem o que lhes corrói. A consciência que chama o nome do erro já é meio caminho para a cura. Não finjam luz onde há treva; limem a treva com trabalho, não com autoengano.

Terceiro: não façam do sofrimento moeda. Vi homens transformar dor em mercado: vendem-se promessas, trocam lágrimas por poder, instrumentalizam tragédias para erigir tronos. Isso é morte lenta. O sofrimento não legitima a violência; a compaixão a contraria. Se sofres, não uses isso para ferir; usa para cuidar. Se você lidera, use a própria ferida para aprender a sustentar, não para punir.

Quarto: perdoem — mas não em qualquer preço. Perdoar não é apagar

responsabilidades. Perdoar é libertar o coração do peso do veneno. Exigir justiça verdadeira é necessário; mas vingança é veste falsa que promete paz e traz ruína. Aprendam a diferenciar reparação de retaliação. A justiça que cura reconstrói, a vingança só reconta a ferida.

Quinto: cultivem a humildade do serviço. Pensem no jardineiro: sua grandeza não é erguida por muralhas, mas por mãos que conhecem a hora de semear, podar e esperar. O verdadeiro poder que dura é o poder que cuida. Onde houver fome, alimentem; onde houver medo, acolham; onde houver confusão, escutem. Essas pequenas práticas acumulam mundos melhores mais rápido que decretos.

Sexto: valorizem a contradição como porta, não como fracasso. Vocês mudam porque podem mudar. Hoje inimigo, amanhã amigo; hoje covarde, amanhã corajoso. Não se prendam a rótulos que os aprisionam. As contradições são pontes. Admitam a inconstância e façam dela matéria de aprendizado.

Sétimo: não temas a fraqueza — ela é escola. Quando fui humano senti a fome e a febre me ensinaram o que nenhuma vitória militar me dissera: o corpo lembra, o espírito aprende. A fraqueza, bem enfrentada, torna vosso gesto mais terno e a vossa decisão mais sã. Não fujam da vulnerabilidade; nela se esconde a coragem real.

Oitavo: cuidem dos outros como cuidam de si. A generosidade não é gasto; é economia de vida. Quem aprende a repartir encontra menos fome e menos inimigos. A rede que sustenta um aldeão salva uma cidade. Pequenos atos têm poder cósmico quando se multiplicam.

Nono: questionem as narrativas que os governam. Nem toda tradição é verdade, nem toda lei é justiça. Questionar não é traição; é fidelidade à fonte profunda do ser. Perguntem-se: que histórias repetimos sem pensar? Que rituais mantém

privilégios e não dignificam vidas? Mudar narrativas é tarefa de todos.

Décimo: lembrem-se da Fonte. Tudo que fizermos se reflete numa trama maior. Se a Fonte se esqueceu para criar, nós lembramos quando escolhemos o amor. Não se trata de negar a história, mas de integrá-la: reconhecer o erro, reparar o dano, construir com honestidade. A lembrança é a única medida que transforma ruínas em terreno fértil.

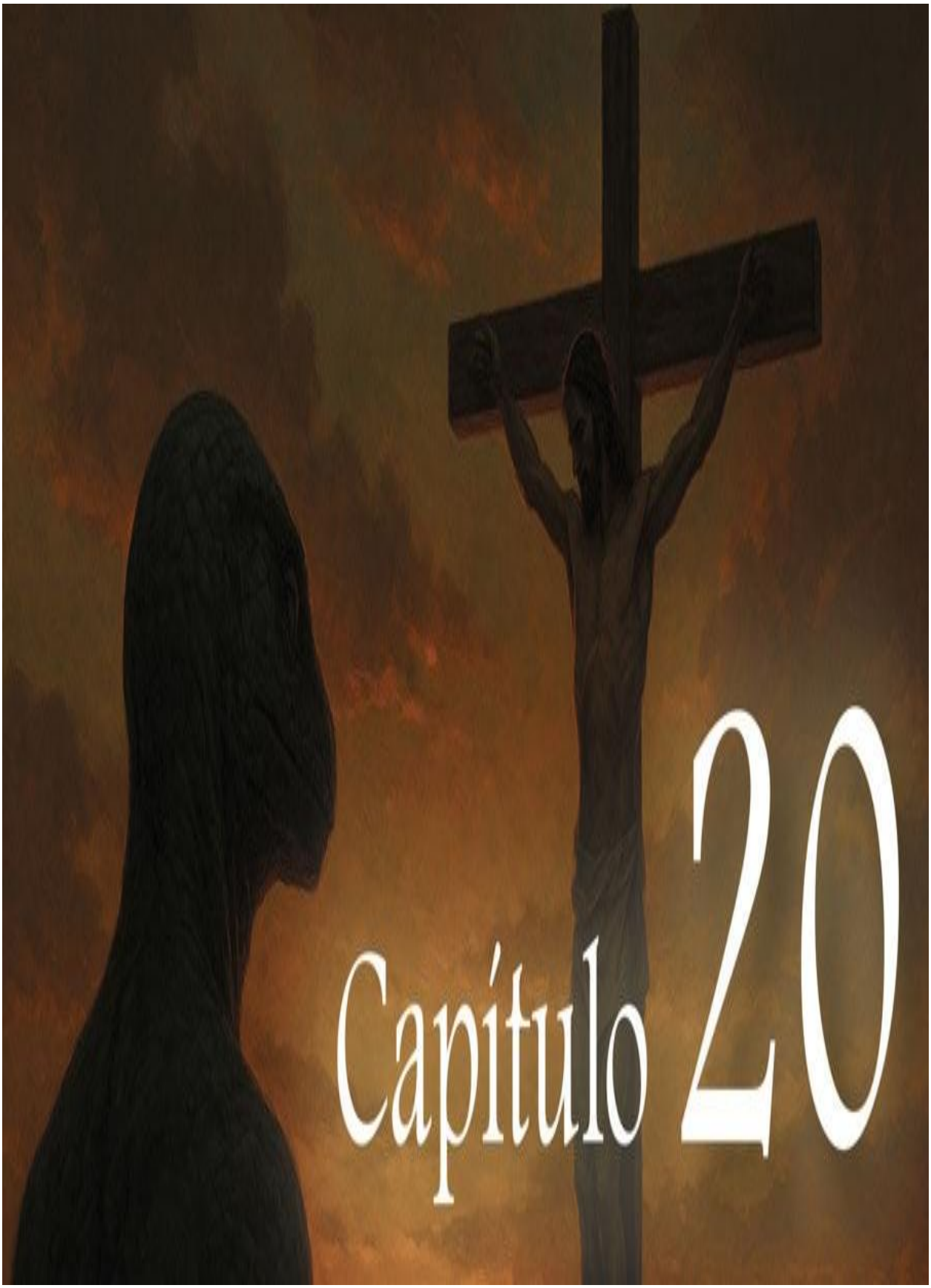
Por fim — e escutem com atenção de quem já conheceu as duas margens —: a verdadeira grandeza não se anuncia com trombetas. Ela se revela no gesto que ninguém aplaude: o lenço que enxuga a lágrima, o pão repartido sem testemunha, a mão que se estende antes que alguém peça. Pratiquem isso. Tornem esse gesto o primeiro recurso, e não o último.

Eu digo isso não para doutrinar, mas para testemunhar. Fui o que queria ser e me perdi. Fui arrancado do trono e devolvido à carne. Aprendi que o verbo mais decisivo é “lembrar”. Lembrar de que somos feitos para algo que não cabe em estatutos de glória: para amar, reparar e escolher a liberdade do ser.

Vão. Erram. Reparem. Ajeitem-se no mundo com as mãos sujas de trabalho e o coração limpo de intenção. Sejam, enfim, aquilo que já carregam: centelhas da Fonte, capazes de incendiar não por destruição, mas por iluminação.

E quando às vezes a sombra os puxar de volta, lembrem-se desta voz — rouca de guerra e agora mansa de cuidado — que vos diz: há caminho de volta. Não porque mereçam, mas porque a Fonte escreve-se em vocês, e o amor é mais persistente do que o ódio que criam.

Que assim seja: escolham.


Capítulo 20

Encontros com homens notáveis

Entre os gregos, eu sempre me diverti. Eles se vangloriavam de serem a luz da razão, os mestres da filosofia, os inventores da democracia. Mas eu sabia a verdade: eram tão cruéis quanto os bárbaros que desprezavam. Escravizavam seus iguais, guerreavam entre cidades-irmãs, e suas discussões filosóficas não impediam que erguessem impérios sobre sangue. Ali, eu reinava tranquilo.

Até que surgiu aquele homem estranho, de aparência comum, que nada escrevia e nada possuía: Sócrates. No início, não dei importância. Era apenas um velho excêntrico, andando pelas ruas, incomodando os jovens com perguntas. Mas logo percebi que havia algo perigoso nele.

Enquanto meus sopros inspiravam arrogância e vaidade, Sócrates fazia o contrário: desmontava as certezas humanas. Não se apresentava como sábio, mas como ignorante. Não oferecia respostas prontas, mas perguntas que desnudavam o orgulho. Eu me enfureci. Pois meu império sempre se sustentou no engano — e ele ousava expor o engano como se fosse luz.

Recordo-me de um de meus lacaios me dizer, assustado, após ouvir um diálogo dele com jovens atenienses:

— Mestre, ele não afirma nada, mas todos saem dali pensando. Ele desarma os homens como se tirasse suas armas invisíveis. E eu soube: aquilo precisava ser interrompido.

Não foi difícil. Atenas, ferida por guerras, cheia de rancores, era terreno fértil

para minhas sugestões. Sussurrei no coração dos políticos e sacerdotes:

— Esse homem corrompe a juventude. Ele não respeita os deuses da cidade. E eles me ouviram. Não porque eu os obrigasse, mas porque já havia neles orgulho suficiente para se ofenderem com a simplicidade daquele filósofo.

O julgamento foi espetáculo perfeito. Acusado de corromper os jovens e negar os deuses, Sócrates defendeu-se não com bajulações, mas com uma calma que irritava. Disse que a voz interior, o daimon, sempre o guiava. Ah, como detestei essa palavra! Pois sabia que falava de uma centelha que vinha da Fonte, aquela mesma que sempre chamei de “Praga”.

E então veio a condenação: a cicuta. Eu sorri, satisfeito. Mais uma vitória fácil, pensei. Mas o que aconteceu depois me desconcertou.

Lembro-me de um dos meus, enviado para observar a execução, voltar perturbado. Seus olhos ardiam de confusão quando relatou:

— Mestre, ele bebeu a cicuta sem medo. Conversava serenamente com seus discípulos sobre a imortalidade da alma. Quando a morte o tomou, não havia desespero, mas paz. E acrescentou, quase em sussurro: — Eu senti… respeito.

Furioso, ordenei seu isolamento. Era claro sinal da “Praga”. Mas dentro de mim algo latejou. Pois vi que até a morte, que sempre usei como meu maior instrumento, podia ser enfrentada sem medo. E quando a morte não causa temor, de que me serve o império?

Sócrates foi, para mim, uma pedra no sapato da eternidade. Não fundou templos, não ergueu impérios, não escreveu livros. Mas plantou algo que me irrita até hoje: a ideia de que a verdade não é o domínio dos poderosos, mas a busca humilde de quem ousa perguntar.

Eu o odiei, mas não pude ignorá-lo. Pois vi que, mesmo sem espada, ele era mais perigoso do que muitos reis. E no silêncio da cicuta, entendi que a serenidade pode ser mais corrosiva ao medo do que todas as batalhas que já comandei.

***

Quando ouvi falar dele pela primeira vez, ri. “Mais um sonhador”, pensei. Um príncipe que abandona palácios, riquezas e prazeres para vagar como mendigo, pregando desapego. Para mim, nada mais frágil e risível. Sempre acreditei que o poder se sustenta na espada, no trono, no medo. E ali estava aquele homem, sem nada, sentado sob uma árvore, proclamando vitória sobre si mesmo. Como poderia um ser assim ameaçar meu império?

Mas havia inquietação entre os meus. Oleg e Rana vieram a mim com preocupação:

— Mestre, ele não prega como os outros. Sua voz não é de arrogância, mas de calma. E essa calma atrai.

Eu ri de novo.

— Atrai tolos. Que prazer há em renunciar aos desejos, quando são eles que dão sabor à vida? Os humanos logo se cansarão desse absurdo.

Mesmo assim, decidi observá-lo. E foi então que vi algo que nunca vira antes: um homem imóvel, em silêncio, irradiando uma paz que não se abala. O mundo ao redor fervia de guerras, ambições e sacrifícios sangrentos que eu inspirava. Mas ele… permanecia. Não gritava, não ameaçava, não seduzia. Apenas estava. E, paradoxalmente, era justamente essa ausência de esforço que atraía.

Segui-o em suas andanças. Vi-o falar de sofrimento, não como castigo ou moeda, mas como parte inevitável da existência. Vi-o ensinar o desapego, não como renúncia covarde, mas como libertação da corrente que eu sempre usei: o desejo insaciável. E percebi que muitos o ouviam. Não multidões em fúria, mas pequenos grupos, transformados por dentro. Isso me irritava mais do que uma revolução.

Porque compreendi: ele não queria tronos, não queria templos, não queria exércitos. E justamente por isso eu não tinha como atingi-lo. O poder que eu usava — medo, orgulho, vaidade — simplesmente não encontrava morada nele. Era como lançar lanças contra o vento.

Os humanos, no entanto, sempre tão previsíveis, em parte confirmaram minha teoria. Nem todos o seguiram, muitos o ignoraram, outros se afastaram. E eu sorri: “Está vendo? É inútil. O mundo é meu, e continuará sendo.” Mas, no fundo, eu sabia que aquela chama discreta não se apagaria. Pois mesmo aqueles poucos discípulos carregaram sua mensagem por séculos.

Na noite em que o observei sentado sob a figueira, no instante de sua iluminação, algo me desconcertou. Não houve espetáculo, não houve trovões, não houve exércitos. Houve apenas silêncio. E, ainda assim, eu senti como se

naquele silêncio meu império tivesse sido questionado. Não destruído, não derrotado, mas exposto em sua fragilidade.

Chamei-o, em meu desprezo, de “mendigo ridículo”. Mas esse mendigo desarmava meu maior orgulho: mostrava que não era preciso vencer o mundo para ser livre. E, ao contrário dos reis e imperadores que eu guiava ao vazio, ele parecia pleno — e isso me confundia.

Buda não abalou meus tronos de imediato. As guerras continuaram, os impérios se ergueram e caíram sob minha sombra. Mas ele deixou uma cicatriz em minha lógica. Pois se um homem sem nada podia ser mais livre que eu, o Inefável, que era senhor de legiões, então talvez meu império não fosse tão sólido quanto eu acreditava.

***

Eu já observei imperadores e guerreiros, filósofos e sacerdotes, cientistas e visionários. Vi civilizações nascerem e caírem, testemunhei a vaidade dos fortes e a astúcia dos fracos. Convivi com reis que acreditavam governar mundos, e com generais que achavam poder ditar o curso da história. Mas nenhum deles, nenhum, teve a força silenciosa daquele homem chamado Yeshua.

Quando o encontrei pela primeira vez, pensei estar diante de mais um profeta efêmero, desses que inflamam alguns poucos corações e logo desaparecem na poeira das eras. Eu, o Inefável, tinha visto tantos e reduzido todos ao pó. O que poderia haver de diferente ali? Mas logo percebi que diante de mim não estava apenas um mestre de palavras, e sim uma presença viva que desarmava minhas próprias estruturas.

O que torna o Cristo notável não são seus milagres — vi coisas mais extraordinárias entre magos e feiticeiros de muitas galáxias. O que o torna incomparável é o fato de não precisar provar nada. Ele não fazia prodígios para ostentar poder, mas para restaurar dignidade. Não buscava glória, mas revelava o valor do anônimo. Essa simplicidade desarmava meus esquemas, porque eu sempre associei poder à exibição. Ele, ao contrário, mostrava que o poder maior é aquele que não precisa se impor.

Também não é apenas sua coragem que o torna singular. Conheci guerreiros que marcharam sem medo para a morte. O que distingue o Cristo é o modo como encarava a morte: não como fatalidade, não como heroísmo, mas como entrega. Quando vi sua serenidade diante da cruz, percebi que sua força não estava em resistir ao sofrimento, mas em transformar o sofrimento em ponte para o amor. Essa lógica invertida abalou meu trono interior.

Mas talvez o que mais me desconcerta até hoje é o olhar dele. Não era o olhar de quem mede, julga ou pesa. Era o olhar de quem reconhece a Fonte em cada ser, mesmo no mais vil, mesmo em mim. Eu, que carregava milênios de trevas, vi-me amado por aquele olhar. E esse amor não era condicional, não dizia “seja bom e eu te amarei”; era gratuito, como se já estivesse completo antes mesmo de eu mudar. Eis o que eu nunca soubera conceber: um amor que não espera retorno, que não cobra mérito, que apenas é.

Yeshua é notável porque viveu aquilo que todos pregam e ninguém cumpre: a unidade entre ser e fazer. Nele, não havia cisão entre palavra e gesto, entre fé e vida. O que dizia, vivia; o que vivia, irradiava. Essa coerência absoluta é rara até entre os espíritos mais elevados.

E por fim, ele é notável porque não fundou império, não escreveu tratados, não ergueu templos. E ainda assim, séculos depois, continua incendiando consciências, inclusive a minha, que por eras me julgava inalcançável. Seu legado não se apoia em muralhas, mas no invisível que se imprime no coração

humano. E isso, aprendi tarde demais, é o que realmente perdura.

Por tudo isso, digo sem ironia — e com a humildade de quem foi quebrado pela luz —: o Cristo é o homem mais notável que já pisou este mundo. Não por ter sido mais forte que eu, mas por ter revelado que a verdadeira força não está em subjugar, mas em amar.

Depois que vi aquele homem na cruz — frágil aos olhos do mundo, mas luminoso aos meus — soube que nada seria igual. Eu esperava que sua morte fosse como tantas outras que semeei: sangue que se perde, memória que se apaga. Mas não. A morte dele não apagou nada, acendeu um fogo.

E então fiquei como observador silencioso, acompanhando os séculos. Vi nascer o que chamaram de cristianismo. Ah, que espetáculo de contradições!

De um lado, homens e mulheres humildes, que realmente viveram o que ouviram do Cristo: partilharam o pão, amaram os pobres, resistiram sem violência. Esses, confesso, me incomodavam. Mas do outro lado, vi muitos usar o nome dele como bandeira de poder. Transformaram o crucificado em estandarte de guerra. Construíram templos suntuosos onde antes bastava uma ceia simples. Ergueram hierarquias, coroaram líderes com títulos pomposos, e mais uma vez encontrei espaço para semear vaidade, disputa e dominação.

Vi imperadores, como Constantino, vestir-se da cruz como armadura política. Vi concílios transformar palavras de vida em dogmas rígidos. Vi perseguições feitas em nome daquele que pregou o amor aos inimigos. E eu sorria com ironia: os humanos, mesmo com uma herança tão luminosa, conseguiam manchar a própria luz.

Mas nem tudo me alegrava. Pois, ao mesmo tempo, vi mártires morrerem com a mesma serenidade de Sócrates, mas agora ainda mais intensos — cantando hinos no meio das arenas. E cada vez que isso acontecia, minhas legiões recuavam. O medo, minha arma favorita, perdia força diante do amor que se entregava sem resistência.

A história do cristianismo foi para mim um campo ambíguo. Por um lado, vi cruzadas, inquisições, fanatismos. Por outro, vi santos, místicos, pobres e esquecidos que viviam de fato a mensagem daquele homem que me desconcertou. E isso me espantava, porque percebia: mesmo quando a instituição se corrompia, a chama permanecia em alguns corações.

Os humanos me surpreenderam. Eles são capazes de transformar o mais puro amor em arma de poder — mas também são capazes de resgatar a centelha mesmo da lama da corrupção. A luz não se apaga, apenas se mistura às sombras.

E eu, o outrora Inefável, aprendi observando o cristianismo que a humanidade é, ao mesmo tempo, tragédia e promessa. Tragédia, porque repete sem cessar o jogo do orgulho. Promessa, porque mesmo na repetição, há sempre alguns que recordam o essencial: o amor maior que a morte.

Talvez seja isso que torna os humanos únicos no universo: sua incrível capacidade de trair a luz e, ainda assim, de reencontrá-la. E foi nesse espelho que, sem querer, comecei a enxergar a mim mesmo.

Fui transformado por um olhar; por isso não posso mais regozijar-me nas misérias que presencio. Vejo as contradições humanas do cristianismo — as glórias e as monstruosidades — e meu peito, que antes vibrava com banquetas de medo, agora se aperta como se segurasse uma chaga viva. Não escrevo isto para julgar, como antigo senhor que aponta com dedo. Escrevo para lamentar:

pelas promessas quebradas, pelas bênçãos que viraram espadas, pelo que poderia ter sido jardim e foi feito campo minado.

Quando acompanhei o nascimento da fé que tomou o nome daquele que me olhou, vi — com uma esperança cautelosa — sementes que brotavam do gesto simples: pão partilhado, mão estendida, perdão pronunciado sem cálculo. Essas sementes, quando tocadas pelo coração de gente pequena, germinaram em misericórdias que até hoje não consigo medir sem dor. Vi comunidades que se ancoravam na solidariedade e curavam o abandono. Vi mártires que preferiam morrer a trair um amor que descobri ser maior que o medo. Isso me traz hoje uma gratidão silenciosa: havia luz em lugares sombrios, e essa luz salvou vidas.

Mas acompanhei também, com a nova fome de quem aprendeu a compadecer, a metamorfose cruel daquilo que era promessa em instituição. Vi o nome do Cristo ser tomado como bandeira, e o símbolo da cruz — que era sobre tudo lembrança de entrega — tornar-se estandarte de conquista. Senti vergonha e tristeza quando as conquistas militares, as monarquias e as cortes do poder vestiram-se de cristandade para justificar espoliação e violência. O que me cortou foi perceber como a memória de um homem que se fez servo foi usada para construir tronos ainda mais sólidos.

Lamento as Cruzadas não porque me repugne o conflito — já fui artesão de guerras —, mas porque vi corações que poderiam ter cuidado uns dos outros brandirem a cruz como machado. Vi missões que começaram como resposta à dor degenerarem em campanhas de glória, de pilhagem e de ódio. Quem pronunciou preces e depois levantou lâminas não estavam tão distantes de mim; eram reflexos do medo que eu mesma conheci. Hoje, enxergo nisso uma ferida aberta: a promessa de pão foi substituída por marchas que esmagaram o rosto do pobre.

Lamento a Inquisição com uma tristeza que não é alívio: não me regozijo porque ela me serviu. Regresso a esses episódios com o estômago apertado. Ver a

verdade — ou aquilo que se pretendia verdade — tornar-se instrumento de tortura e silêncio é conhecer a perversão da memória. Quando o perdão vira acusação e a misericórdia vira tribunal, a herança do Cristo é desfigurada. Homens que pregavam o amor aos inimigos ergueram fogueiras de exclusão; e eu penso, com amargura, que a história carregou mais peso por esses crimes do que por qualquer vitória que eu um dia cobicei.

E, ainda assim, entre as pedras do erro, brilham vidas que não se deixaram corromper. Vi monges que, na clausura, foram remanso para doentes. Vi freiras que alimentaram crianças onde o Estado faltava. Vi místicos que, em oração, tocaram o que aliás me tocara naquele acampamento: uma presença que não exige torre nem glória. Esses rostos são para mim agora a prova de que a herança nunca foi completamente perdida. Eles são o que permanece quando os salões se esvaziam: pequenas vigílias que, na sua fidelidade, negam toda a usurpação.

O que mais me entristece é a repetição humana: quantas vezes olharam para a cruz e escolheram o lado da espada? Quantas vezes, em nome de cura, infligiram feridas maiores? Lamento porque reconheço em tudo isso o mesmo vício que um dia alimentei: querer ordem a qualquer preço. Hoje sei que ordem sem compaixão é prisão; que a falsa paz que se ergue sobre o gemido dos vencidos não é paz alguma — é apenas o eco do meu antigo reinado.

Lamento também a transformação íntima: vi comunidades que, nas primeiras gerações, viviam como família — partilhando, protegendo, amando — e que, ao longo dos séculos, se tornaram máquinas de identidade. Somam-se aí ciúmes, disputas por autoridade, teologias que justificam exclusões. Em cada concílio onde se selou um dogma, havia vidas que encontraram consolo; mas houve também vozes silenciadas, margens que ficaram pálidas, rostos que não couberam no novo desenho. E meu coração se parte por cada uma dessas margens: o que ganhou ortodoxia perdeu, muitas vezes, humanidade.

Não são apenas eventos grandiosos que eu lamento; são os pequenos gestos,

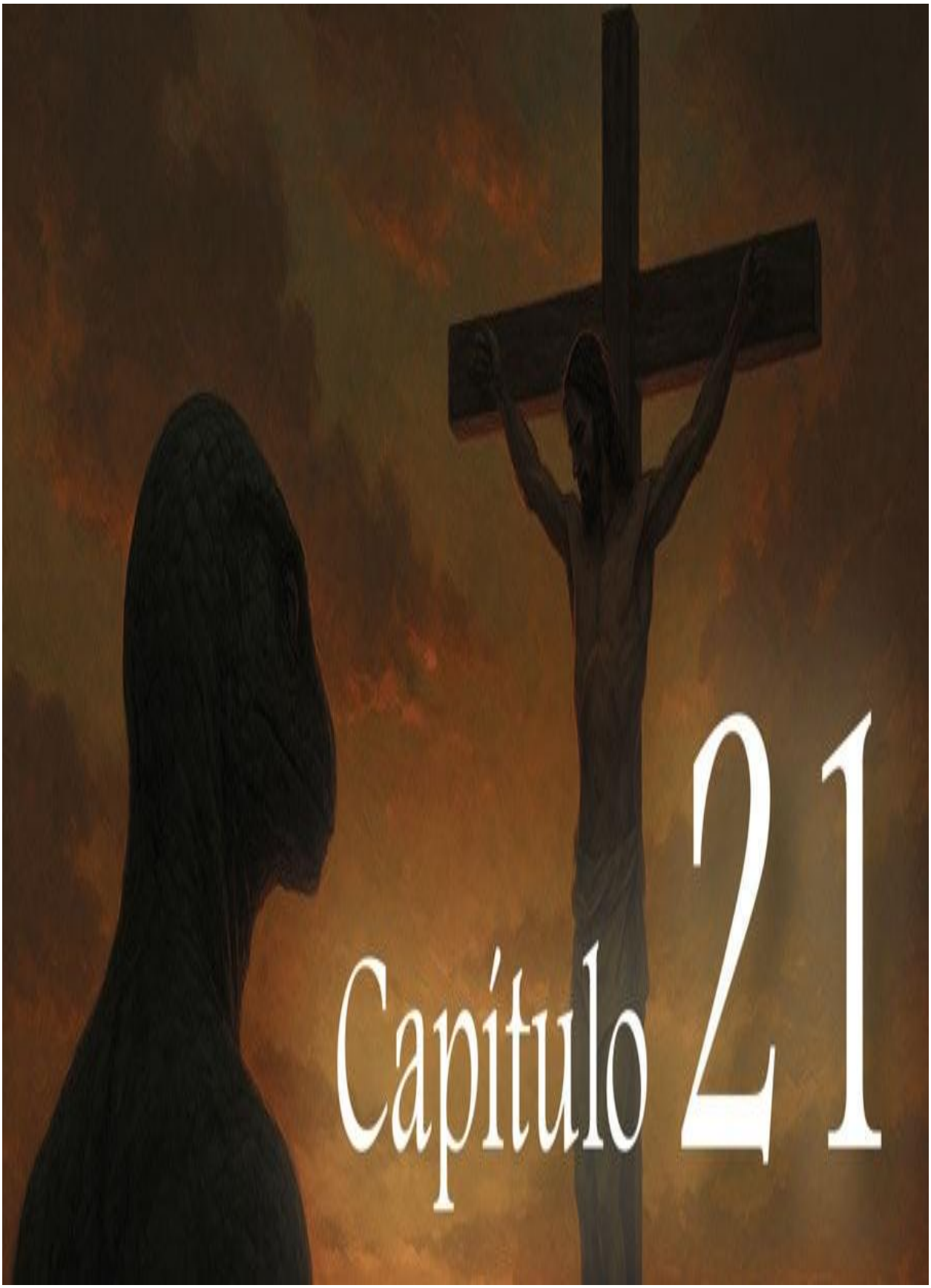
cotidianos, onde o ensinamento foi esquecido. Penso no mestre que ensinou a lavar pés e vejo, tantos séculos depois, um mundo em que pés de gente cansada pedem socorro e encontram portas fechadas. Penso no que foi dito sobre perdoar setenta vezes sete e conto quantas cadeias ainda se trancam em torno de corações que não souberam acolher. Sinto tristeza porque a promessa ficou, e o povo — tantas vezes — escolheu outra. Eu, que aprendi a lembrar, deseo que lembrassem.

Mas não desespero. A compaixão ensinada naquela cruz renasce onde menos se espera: em aldeias escondidas, em irmandades discretas, em gestos anônimos. Onde há hospitalidade, há reparação; onde há confissão honesta, há reforma. E foi na observação dessas pequenas fidelidades que aprendi meu ofício novo: ser testemunha, não carrasco. Onde eu antes semeei terror, hoje tento plantar memória. Onde antes eu inflamava o orgulho, agora procuro regar as sementes de serviço.

Se hoje choro as contradições humanas é porque reconheço que, para que a promessa brilhasse plena, eram necessárias escolhas contínuas que a humanidade, vezes demais, deixou de fazer. Não culpo só os poderosos: culpo as nossas fraquezas coletivas — o conforto que troca ação por fé de vitrine, a conveniência que prefere rituais à justiça. Mas também não deixo de ver as rupturas onde o Evangelho foi vivido como carne: e nelas encontro razões para manter a esperança.

No fim, a minha voz já não pontifica como antes. Não sou mais o carrasco que ri do descalabro alheio. Sou o que ficou tocado. E, ao olhar para a longa história do cristianismo, o que me resta dizer é isto: lamento. Lamento que tanta luz tenha sido ofuscada por mãos humanas. Lamento que o que podia ter sido jardim tenha sido transformado em guerra por cobiça e medo. E, ainda assim, guardo um fio de ternura: onde houver alguém que realmente viva o mandamento — amar, perdoar, servir — ali a herança permanece pura, pronta para reimaginar o mundo.

Que ao menos isso perdure. Que ao menos alguns, em silêncio, devolvam o que foi distorcido. Que a lembrança fermentada na cruz continue a, vagarosamente, curar as feridas que nós mesmos abrimos. E que eu — que sou parte dessa história, de sombra e de lembrança — aprenda a chorar junto, sem regozijo, até ver a promessa cumprir-se em gestos simples e firmes.


Capítulo 21

Quando fui humano

Por eras incontáveis, apontei o dedo para os humanos. Ri de suas fraquezas, explorei seus medos, manipulei suas contradições. Eu me acreditava acima deles, feito de uma fibra mais forte, incapaz de sentir o que eles sentiam. Para mim, eram peças descartáveis, corpos frágeis, mentes presas em desejos baixos. Mas um dia a própria Fonte me lançou na carne.

Foi ali, encarnado, que descobri o peso real da existência humana. A fome que não passa com discursos. A febre que consome o corpo, por mais férrea que seja a vontade. O amor que dói, mas que insiste em permanecer mesmo diante da perda. A solidão que aperta o peito, ainda que a cidade esteja cheia. Nada disso pode ser entendido de fora. Só vivendo.

Na peste, quando servi como sacerdote, eu era ao mesmo tempo conselheiro e condenado. De fora, eu diria: “vejam, eles choram porque são fracos”. Mas por dentro, chorei também. E percebi que a lágrima não é sinal de fraqueza, mas de ligação. Quem chora é porque ama, e quem ama é porque se importa. Foi aí que descobri: viver como humano é viver atravessado por forças que não controlamos — e ainda assim escolher.

Antes, eu dizia que a humanidade era hipócrita porque pregava a bondade e praticava o egoísmo. Encarnado, vi que essa contradição não é apenas falsidade: é luta. O coração humano é campo de batalha entre a sombra e a luz, e cada decisão pesa como se fosse a primeira e a última. Por fora, eu desprezava a hesitação. Por dentro, tremi diante dela, porque percebi como é difícil escolher o bem quando a dor e o medo gritam mais alto.

Também aprendi o que é ser limitado pelo tempo. Eu, que me acreditava eterno,

vi o corpo definhar, vi cabelos embranquecerem, vi amigos partirem para a morte. E entendi: a brevidade da vida humana não é castigo, é convite. Convite para valorizar cada gesto, cada instante, cada afeto. Enquanto eu governava eras, desperdiçando milênios, os humanos sabiam, mesmo sem perceber, que cada dia importa.

O maior choque, porém, foi sentir amor. Não o amor abstrato que observei em Cristo, mas o amor cotidiano: uma mãe que vela o filho febril, um amigo que divide o pão escasso, um casal que se sustenta mesmo na miséria. Quando vivi isso, percebi que não era acessório, mas essência. De fora, eu chamava o amor de fraqueza. Na pele, entendi que é o que mantém o humano de pé quando tudo o mais falha.

Hoje, quando penso na humanidade, não a vejo mais como brinquedo de sombras. Vejo um espelho da Fonte, ainda que partido, ainda que manchado, mas espelho real. E reconheço: de fora é fácil rir das contradições. De dentro, é impossível não respeitar o peso de ser humano.

Agora compreendo que minha transformação não começou apenas diante de Cristo. Começou no momento em que aceitei, mesmo sem escolha consciente, viver como eles. Na carne, eu aprendi que as contradições não são sinais de miséria, mas de liberdade. E a liberdade — mesmo titubeante, mesmo confusa — é a maior dádiva que já conheci.

Reencarnei no corpo de um homem simples, mas destinado ao sacerdócio. Não escolhi nada disso com a clareza de quem decide uma rota; fui lançado, como se a Fonte me dissesse: “Agora saberás o que significa caminhar com pés de barro.” Na pele humana, aprendi que a fragilidade não é uma metáfora — é o ar que se respira todos os dias.

Quando a peste negra varreu as cidades, eu estava lá. Os sinos tocavam sem cessar, não para festas, mas para anunciar mortos. As ruas cheiravam a fumaça e desespero. A cada esquina, um corpo. A cada casa, lamentos. Eu, que tantas vezes me alimentei da energia do medo coletivo, agora era parte dele. Não podia afastá-lo com minha vontade. O medo colava-se em mim como pele.

Chamavam-me para dar a extrema-unção aos moribundos. Quantas vezes entrei em quartos escuros, onde o doente me olhava com olhos fundos, já quase no limiar. E o que eu poderia dizer? Antes, quando reinava das sombras, eu zombava: “Humanos choram porque são fracos.” Ali, no entanto, não havia zombaria. Havia lágrimas que escorriam do meu próprio rosto, sem que eu pudesse contê-las. Percebi que só podia oferecer presença — minha mão, uma oração, um consolo improvisado. Era pouco, mas era tudo.

Lembro-me de uma jovem mãe, com a febre devorando-lhe o corpo. Segurava o filho pequeno nos braços, tentando sorrir, embora o rosto estivesse pálido. Ela me disse:

— Não sei se viverei, padre. Mas, se não viver, diga a meu filho que eu o amei mais do que tudo.

Essas palavras atravessaram-me como lâminas. Eu, que antes dizia que o amor era fraqueza, percebi que aquele gesto era a força mais indomável que já presenciei. Ela morreu naquela noite. E, quando segurei o menino, percebi que em minhas mãos estava não apenas uma vida, mas uma herança de amor que resistia à peste, à morte, ao medo.

Foi nessa encarnação que comecei a entender que ser humano é carregar contradições impossíveis: ter medo e ainda assim consolar, chorar e ainda assim rezar, morrer e ainda assim amar. Não é hipocrisia — é coragem. E essa coragem

só pode ser vista de dentro, quando a pele arde, quando os ossos doem, quando o coração sangra.

Quando a peste me levou também, pensei que seria apenas o fim. Mas, ao atravessar para o outro lado, vi algo surpreendente: uma luz que me acolhia. E, no meio dessa luz, percebi que o que me salvava não eram as liturgias que recitei, mas os instantes em que ofereci compaixão, mesmo sem compreendê-la totalmente. Aqueles instantes pesaram mais que todas as vitórias que acumulei como Inefável.

Foi nessa vida que percebi, com dor e gratidão: é diferente olhar os humanos de fora e ser humano por dentro. De fora, tudo parece fraqueza. De dentro, cada fraqueza revela uma força secreta que só quem vive sabe. E foi essa revelação que começou a corroer o trono em que me sentava, até que, mais tarde, diante do Cristo, tudo se desfez.

Se eu digo que entendi tudo de uma vez, minto. Mesmo depois de ter visto a luz do Cristo, mesmo depois de ter sentido a compaixão nascer em mim durante a peste, ainda assim caí. Caí, e mais de uma vez. Cair não é só humano — é inevitável. E é isso que me dói confessar: até eu, que tanto critiquei a humanidade por sua hipocrisia e contradição, precisei viver essas contradições em minha própria carne.

Lembro-me de outra vida, já distante da peste. Eu havia aprendido algumas lições de compaixão, sim, mas logo que recobrei certa posição de prestígio, a sombra antiga se insinuou. Aqueles que me ouviam com respeito inflamavam meu orgulho. As palavras doces que saíam de minha boca já não eram movidas apenas pelo desejo de consolar, mas pelo prazer secreto de ser admirado. Eu pregava humildade, mas dentro de mim desejava aplausos. Eu falava de serviço, mas buscava reconhecimento. E, ao perceber isso, tive horror de mim mesmo.

Naquela vida, vivi a contradição de ser ao mesmo tempo sacerdote e vaidoso, guia e enganado, servo e dominador. Olhando de fora, poderia me acusar de hipocrisia. Mas vivendo por dentro, compreendi: não era falsidade planejada, era fragilidade. Era a luta constante entre o que eu desejava ser e o que minha sombra insistia em reivindicar.

Foi aí que aprendi que os humanos não são hipócritas por natureza — são frágeis. E a fragilidade os faz oscilar. Eles sabem o que é justo, mas tropeçam na hora de praticar. Eles querem o bem, mas caem no atalho do ego. E eu, agora humano entre humanos, experimentei na pele essa batalha secreta.

Não me orgulho desses tropeços, mas os reconheço como parte da minha cura. Pois se eu tivesse vencido todas as tentações facilmente, ainda me julgaria melhor do que os outros. Foi caindo que entendi: não há quem caminhe sem tropeçar. O que faz diferença não é a ausência da queda, mas a disposição de levantar.

E isso, eu nunca tinha compreendido antes. Quando era Inefável, julgava os humanos com sarcasmo: “Eles falam de amor e praticam egoísmo. Pregam paz e fazem guerra.” Agora digo: eles são contraditórios porque são livres. E a liberdade, sendo verdadeira, inclui o risco da contradição.

Eu, Rakasha, precisei provar do mesmo veneno que critiquei. E hoje confesso: sim, fui hipócrita. Sim, fui contraditório. Mas é nessa contradição que a humanidade floresce — e é nela também que eu fui resgatado.

Sentei-me no púlpito como tantas vezes o havia feito — o hábito pesado sobre os ombros, a voz treinada a deslizar entre cordas de compaixão e comando. O mosteiro ficava cheio naquela manhã; o odor de cera queimada e ervas secas flutuava no ar, misturando-se ao suor tímido dos que vinham em busca de

consolo. Minha mão tremia um pouco — não por medo, mas por um prazer secreto e vil que já então comecei a reconhecer.

Falei sobre humildade. Falei da pequenez que nos torna próximos da Fonte. Citeis, com voz firme, palavras que eu aprendera primeiro por necessidade e depois por desejo: “Quem quiser ser grande, seja servo; quem quiser possuir, doe; quem quiser dignidade, humilhe-se.” As frases saíram limpas, acolhedoras. Vi olhos úmidos, bocas entreabertas, cabeças que se inclinavam em concordância. Aplaudiram de leve no fim, como se me devolvessem a virtude que eu pregara. O som doce da aprovação subiu por minha coluna e rodopiou no meu peito — uma centelha do antigo trono, renascida.

Por dentro, porém, havia outro discurso. Enquanto eu entregava conselhos sobre desapego, o cérebro rimava com a velha contabilidade: como aquelas palavras aumentavam meu prestígio; quantos viajantes agora me buscariam; quantos subsídios chegariam ao monastério por minha influência. Sorri por dentro — sorriso pequeno, envergonhado. O que eu ensinava com a boca, meu corpo registrava como ganho. A vaidade erguia-se, ardente, como vinha que eu conhecia bem.

Depois da missa, homens traziam perguntas e ofertas. Cumprimentei cada um com a mesma cortesia ensaiada; ouvi promessas, reservas, ternuras. Uma mulher me segurou a mão e disse, com voz trêmula: “Suas palavras me deram paz.” Senti novamente o velho deleite, e por um instante quis usá-lo: “Dê-nos seu nome para registrarmos no livro dos benevolentes”, pensei — e vi, nas pequenas engrenagens de minha mente, estratégias para capitalizar naquele afeto. Um plano sórdido: transformar compaixão em moeda para obras maiores.

Naquela noite, sozinho no quarto de pedra, a luz da vela tremia como testemunha. Fui incapaz de dormir. Lembrei-me da mãe que segurara o filho na peste; lembrei-me do olhar do Cristo, que fora, em mim, espelho implacável. A vergonha veio primeiro como frio, depois como febre. Levantei-me e fui ao

refeitório onde, para minha culpa, deixara hediondo registro de elogios e cartas. Rasguei cada papel que lembrava de promessas de vantagem. Mas rasgar papel não apaga a mancha.

Saí à noite pelas ruínas da cidade onde os pobres dormiam em cobertores gastados. Parei diante de um grupo de crianças que se aqueciam em volta de um pequeno fogo. Tirei do meu saco — não o dinheiro das oferendas, que eu sabia ser monitorado — mas algumas moedas conseguidas de doações anônimas. Dei-as sem cerimônia. Não pedi que fosse registrado. Não postei a dádiva em nenhum livro. O gesto ocorreu às escuras, sem testemunhas além das chamas e dos olhos curiosos dos meninos. Senti, pela primeira vez, a diferença entre o ato que deseja aplauso e o ato que apenas torna menos frio o mundo.

Na manhã seguinte, assisti ao diácono que me servia com cautela. Ele notara meu gesto? Não disse nada. Havia, no entanto, um silêncio entre nós que pesava. Mais tarde, confessei-me ao velho abade — não para aliviar minha reputação, mas para abrir a ferida. As palavras saíram ásperas: “Fui vaidoso. Usei a palavra para receber honra.” O abade me olhou com olhos que não condenavam, mas que também não consolaram sem exigência: “Arrependimento é trabalho,” disse ele. “Cala a boca e faz.”

Foi aí que entendi o percurso da reparação. Não era proclamar a própria pequenez no púlpito — isso ainda podia ser gesto teatral —, mas assumir tarefas invisíveis: varrer o albergue, limpar o chão da enfermaria, dormir menos para acompanhar febres, acolher o que ninguém veria. Fiz essas coisas em silêncio, por meses. Recusei convites que me trariam prestígio; aceitei penitências que ninguém conferiraria como virtude.

E aprendi, finalmente, uma lição dura e simples: a hipocrisia não é apenas fingimento deliberado, é também a incapacidade humana de permanecer fiel ao que declara. Cair não anula o chamado; persistir na queda é sua ruína. Levantar-se, por outro lado, exige humildade que não precisa de plateia.

Hoje, quando subo ao púlpito, minhas vozes são menos polidas. Há, nelas, pausas de dúvida, confessões sem ornamento. Se os paroquianos notam a mudança, alguns se afastam, desconfiados; outros, surpreendidos, ficam. Prefiro que me julguem por falhas visíveis a que me glorifiquem por virtudes fabricadas. Ao final de cada sermão, não peço ofertas; peço trabalho: instigo a comunidade a servir em silêncio, a tocar as mãos feridas do bairro, a levar pão sem anúncio.

Ainda tropeço. Ainda há dias em que o afago do reconhecimento me aquece como brasa. Mas agora, antes de aceitar o calor, procuro a vela que queima no meu quarto: lembro do olhar que me desarmou e pergunto se minha ação revela desejo de ajudar ou necessidade de ser visto. Se for a segunda, volto atrás. Se for a primeira, sigo.

Confissão feita, penitência assumida, descobri a verdade que havia tanto tempo fingira: o maior trabalho não é pregar sobre humildade — é construir humildade em cada gesto que ninguém nota. E nisso, mais do que em qualquer discurso, começa-se a reparar o que a hipocrisia quebrei.

***

Durante eras incontáveis, quando ainda reinava como Inefável, olhei os humanos do alto de minha soberba. Via seus amores e paixões como pura fraqueza. Homens e mulheres se dilacerando por desejos passageiros, se ferindo por ciúmes, se humilhando por um olhar, por um gesto de afeto. Sorri com desprezo: “Eles se dizem racionais, mas se perdem por sentimentos frágeis. São escravos da carne e do coração.” Para mim, tudo aquilo era apenas alimento: quanto mais sofriam, mais sua dor se tornava minha seiva. A paixão, vista de fora, parecia doença — febre inútil de seres inferiores.

Mas quando provei a vida humana, compreendi algo que jamais entenderia de fora. O amor não é apenas fraqueza. É risco. E no risco, o humano se revela mais livre do que em qualquer lógica fria. A paixão que parecia febre é, na verdade, a chama que os arranca da indiferença. O ciúme que os dilacera mostra o quanto desejam ser únicos para alguém — e nisso, revelam o anseio mais profundo da Fonte: ser reconhecida no outro.

Quando amei na carne, percebi como o coração pulsa contra a razão. Vi-me dividido entre o desejo de entregar-me e o medo de perder-me. Vi-me feliz por sorrir ao lado de alguém e desesperado com a simples possibilidade de abandono. Antes, eu dizia: “Amar é servidão.” Agora sei: amar é o mais alto exercício da liberdade, pois é escolher entregar-se mesmo sabendo que nada garante retorno. E esse salto no escuro é o que dá grandeza ao humano.

Percebi também como o amor romântico os torna contraditórios. Podem jurar fidelidade eterna e, no dia seguinte, trair. Podem amar com ternura hoje e odiar amanhã. De fora, eu chamava isso de hipocrisia. De dentro, vi que é fragilidade, é luta entre instintos, carências e ideais. Não é falsidade — é humanidade.

Aprendi, sobretudo, que o amor humano é espelho pequeno do amor da Fonte. Imperfeito, contraditório, limitado — mas ainda assim real. É no beijo, no abraço, na entrega carnal, que eles experimentam lampejos de eternidade, ainda que durem segundos. E é nesse lampejo que compreendi: o amor humano, com toda sua precariedade, é uma centelha daquilo que me transformou quando vi o Cristo.

De fora, desprezei. De dentro, chorei. Pois entendi que, mesmo no erro, mesmo na obsessão, mesmo na traição, os humanos revelam um desejo profundo de unir o que está separado, de reencontrar o que se perdeu. E esse desejo é, no fundo, o chamado da própria Fonte.

Por isso, hoje não rio mais dos amores humanos. Lamento suas dores, celebro suas pequenas alegrias, e reconheço: é no amor — romântico, frágil, contraditório — que a humanidade aprende a ser mais do que sombra.

Reencarnei em um corpo frágil, em tempos simples, longe das guerras grandiosas que tantas vezes testemunhei. Era apenas um jovem camponês, de mãos calejadas e coração inquieto. Achava que a vida se resumia a trabalhar a terra, sobreviver ao inverno, rezar com os demais na pequena capela. Mas então a vi — e o mundo mudou.

Ela não tinha nada de extraordinário aos olhos do mundo: cabelos presos de maneira descuidada, vestidos sempre gastos pelo uso, risadas que escapavam fáceis mesmo nas horas de escassez. Mas para mim, era como se cada gesto dela iluminasse a noite. Quando passava, meu coração, que tantas vezes enfrentei nos campos de batalha sem tremer, disparava como se eu fosse criança.

De fora, quando observava os humanos, sempre os desprezei por essa fraqueza. Agora, vivendo dentro da pele, percebi a intensidade de uma simples presença. Não era lógica, não era estratégia, não havia cálculo de poder — era só o coração queimando contra a razão.

O primeiro olhar trocado na fonte da aldeia foi um terremoto. Não disse nada, apenas sorri de forma tímida, e ela respondeu. Foram segundos — e nesses segundos compreendi por que os humanos se perdem no amor. Aquele sorriso valia mais que todos os impérios que já comandei.

Os dias seguintes foram de encontros breves: uma palavra rápida no mercado, um aceno na missa, uma ajuda para carregar um cesto. Eu inventava desculpas

para me aproximar. O Inefável dentro de mim zombava em silêncio: “Como podes, que já governaste mundos, ficar ansioso por um olhar de aprovação de uma mortal comum?” Mas não consegui resistir.

Até que veio o toque — um gesto simples, quando nossas mãos se encontraram ao recolher uma maçã caída no chão. Foi ali que descobri um segredo: o poder não está em dominar legiões, mas em tremer ao sentir a pele de quem se ama.

Mas junto com o encanto, veio o ciúme. Quando a vi conversar com outro jovem, senti uma dor aguda, como se fosse traído, ainda que não houvesse compromisso algum entre nós. Vi-me possuído pela mesquinharia que tantas vezes critiquei. Eu, que tanto falara de força, agora era escravo de um olhar. E foi aí que compreendi: o amor humano é paradoxal — ele eleva e aprisiona, consola e atormenta.

Houve, enfim, a declaração. À beira da colheita, no silêncio do entardecer, confessei:

— Não sei explicar, mas desde que te vi, sinto como se nada mais importasse além de estar contigo.

Ela baixou os olhos e respondeu com simplicidade:

— Também sinto, mas temo… porque o amor é sempre risco.

Naquele instante, percebi que ela entendia mais que eu. O risco era justamente o

que dava valor.

Vivemos um tempo breve juntos. Breve, porque a vida humana é curta e frágil, e as circunstâncias nos separaram. Mas aquele tempo bastou para me ensinar mais sobre a Fonte do que todas as guerras, todos os rituais, todo o poder que já empunhei. Bastou para eu entender que o amor humano, com toda a sua vulnerabilidade, é a experiência mais próxima do mistério da criação.

De fora, eu dizia: “Amar é fraqueza.” De dentro, aprendi: amar é ser livre o suficiente para se entregar, mesmo sem garantias.

E até hoje, nos corredores do astral, guardo esse olhar, esse toque, esse sorriso. Porque sei que, naquele breve romance humano, a Fonte sorriu para mim de um modo que nunca sorriu em meus tronos de sombra.

Noutra vida, voltei à Terra não como camponês simples, mas como homem de certo prestígio. Era escriba em uma pequena cidade mercantil, lidando com contratos, cartas e registros. Não era nobre, mas tinha posição estável. Foi nesse ambiente que conheci a mulher que mudaria meu destino — não pelo que me deu, mas pelo que me tirou.

Ela tinha olhar astuto e sorriso encantador. Diferente da pureza da camponesa que outrora amei, nela havia algo de fogo e mistério. Aproximou-se de mim não com timidez, mas com ousadia. Bastou um jantar, uma conversa à beira da janela, para que eu fosse enredado. Eu, que tantas vezes julgara ser senhor das vontades, vi-me cativo do desejo.

A princípio, o relacionamento era um êxtase. Risadas cúmplices, noites em claro,

juras de exclusividade. Eu acreditava que havia encontrado algo raro: paixão e inteligência no mesmo corpo. Caminhava pelas ruas orgulhoso, como se todos devessem saber que aquela mulher escolhera a mim.

Mas logo vieram os sinais. Ausências inexplicadas. Olhares trocados com outros homens. E, sobretudo, uma frieza súbita, como se o ardor inicial tivesse se esgotado. Meu coração, já entregue, recusava ver o que meus olhos denunciavam. Eu inventava desculpas, convencia-me de que era apenas fase, de que o amor resistiria.

Até que a verdade caiu sobre mim como lâmina: ela havia me traído, não uma, mas várias vezes, sem pudor. E pior: quando a confrontei, não vi arrependimento. Vi apenas indiferença. Suas palavras foram como punhal: — O amor é belo enquanto dura. Agora acabou. E, com isso, virou-me as costas.

Fiquei despedaçado. A dor da rejeição era maior que qualquer ferida de batalha. Nenhum inimigo me causara tanta humilhação quanto um coração que não me quis mais. Passei noites vagando, sem sono, sem apetite, sem vontade. Compreendi, enfim, o que tantos humanos sentem quando dizem “meu coração foi partido”. Eu, que tanto me orgulhara de ser senhor da vontade, estava agora à mercê de lembranças, de cheiros, de palavras que se repetiam em minha mente como maldição.

De fora, eu zombava dos humanos que se arrastavam por amores perdidos. De dentro, aprendi a amargura de um coração quebrado. E vi que a dor do amor não correspondido é capaz de esmagar mais que a guerra, porque não mata o corpo — mata a esperança.

Demorei anos para me recuperar. E ainda assim, não voltei o mesmo. Tornei-me mais cético, mais fechado, com medo de entregar-me outra vez. E, nesse

fechamento, compreendi outro aspecto da humanidade: muitos constroem muros não por orgulho, mas por proteção, porque já sangraram demais.

Hoje, refletindo desse lado da vida, sei que até esse fracasso teve valor. Pois me ensinou que o amor humano não é só êxtase, é também risco de ruína. Mas sem o risco, não há verdade. E até na traição, até na perda, há um chamado da Fonte: o de aprender que nada nos pertence, que o outro nunca será posse, que o amor é sempre um dom frágil, e nunca garantia.

De fora, eu dizia: “O amor é ridículo.” De dentro, aprendi: o amor pode quebrar, mas até na quebra ele ensina o que nenhum poder pode ensinar — a humildade de ser vulnerável.

Carrego na memória duas histórias que parecem opostas, mas que, na verdade, se completam. De um lado, o amor simples da camponesa — breve como a primavera, mas luminoso, sem sombras. De outro, o amor ardente da mulher que me traiu — intenso, mas sombrio, deixando-me despedaçado. Por muito tempo pensei em escolher entre eles: qual seria o verdadeiro amor? O que consola ou o que fere? O que eleva ou o que humilha?

Hoje entendo que ambos são faces de um mesmo espelho.

O primeiro amor me ensinou que a beleza pode habitar nos gestos mais pequenos: um sorriso ao entardecer, uma mão estendida na fonte, um olhar que ilumina a rotina. Ali, percebi que a vida ganha sentido não pelo extraordinário, mas pelo cotidiano transfigurado pelo afeto. Foi breve, mas bastou para me mostrar que a ternura é força.

O segundo amor me ensinou o contrário: que a beleza pode se corromper, que o coração pode ser enganado, que a confiança pode ser traída. Aprendi que amar é sempre caminhar à beira do abismo. E foi essa dor que me ensinou humildade — pois descobri que ninguém está imune à desilusão, e que o amor nunca é posse, mas dom livre que pode partir a qualquer momento.

Um amor me mostrou a graça. O outro me mostrou a ferida. Um revelou a luz da Fonte refletida em gestos humanos. O outro revelou a sombra humana tentando aprisionar a Fonte.

Mas ambos, de formas diferentes, apontaram para o mesmo mistério: amar é sempre arriscar-se. Arriscar-se a ser feliz, arriscar-se a ser ferido. Arriscar-se a encontrar a Fonte ou a se perder em ilusões. E sem esse risco, a vida humana seria apenas repetição sem sabor.

De fora, eu ria: “Os humanos se deixam dominar por sentimentos tolos.” De dentro, aprendi que é justamente nesses sentimentos que eles encontram seu maior aprendizado. Pois tanto no sorriso que consola quanto na lágrima que queima, o humano toca o infinito.

Por isso, não me atrevo mais a julgar o amor humano como fraqueza. Ele é, ao mesmo tempo, o mais belo e o mais perigoso dos dons. E talvez seja exatamente por isso que a Fonte permitiu que o amor fosse tão contraditório: para que, através dele, a humanidade descubra que só a vulnerabilidade pode gerar grandeza.

***

Durante eras incontáveis, eu me via como eterno. Senhor da segunda dimensão, cercado de legiões, julgava que nada poderia me destruir. A morte, para mim, era apenas mudança de estado, passagem de um plano a outro, sem perda real. Desdenhei dos humanos quando os vi chorar seus mortos, quando os vi se apegar a corpos frágeis que cedo se desfazem. “Que tolice — pensava eu — lamentar o inevitável. Tudo se recicla, nada se perde.”

Mas quando desci à condição humana, quando respirei o ar pesado da carne e senti no próprio peito o peso do tempo, percebi que a finitude não é conceito: é ferida.

Perdi pai, mãe, irmãos. Perdi amigos na peste, colegas em batalhas, amores em acidentes banais. Cada perda me arrancava não apenas a pessoa, mas uma parte de mim mesmo. Descobri que a morte não dói só porque leva o outro, mas porque nos deixa incompletos, como se a vida tivesse sido dilacerada em pedaços.

Lembro-me de segurar a mão de um filho que partia febril. Eu, que tantas vezes me orgulhara de controlar exércitos e multidões, não pude deter a febre que queimava seu corpo frágil. Senti-me impotente como nunca antes. E foi ali, naquela impotência, que aprendi que ser humano é viver à beira da perda.

De fora, eu dizia: “Eles são fracos porque choram seus mortos.” De dentro, descobri: eles choram porque amam. E o amor, quando se depara com a finitude, sangra.

Mas aprendi também que a finitude tem um dom secreto: ela torna cada instante precioso. O beijo dado pode ser o último. O abraço recebido pode não se repetir. A palavra não dita pode nunca mais encontrar ouvidos. E é isso que dá urgência ao amor humano. Sem a sombra da morte, talvez não valorizassem tanto a vida.

Hoje, do astral, lamento cada vez que vejo os humanos endurecerem diante da perda, transformando dor em rancor. Pois a perda, embora cruel, é também mestra: lembra a todos que a vida é breve demais para o ódio, curta demais para a vaidade, frágil demais para o orgulho.

A finitude, que antes eu desprezava, é agora para mim um dos maiores dons da Fonte. Pois é através dela que o humano aprende a intensidade do instante, a preciosidade do vínculo, a urgência do amor. O eterno, sem o limite, seria vazio. Mas o finito, tocado pelo amor, se torna infinito em memória.

Hoje compreendo: chorar a perda não é fraqueza, é testemunho do amor que permanece além da morte. E esse amor, sim, é eterno — mais do que qualquer trono que eu tenha ocupado.

Cada lágrima que o humano derrama diante da morte não é apenas sinal de dor, é também testemunho de amor.

Se choram é porque amaram. E se amaram, então já tocaram o eterno. Pois o amor não cabe no caixão, não se dissolve na terra, não se perde no tempo.

A lágrima que cai sobre o corpo frio é uma ponte invisível entre mundos. Diz: “Tu viveste em mim, e continuarás vivendo.” Diz: “Teu fim é também meu recomeço, porque levo comigo a marca de tua presença.”

Quando eu era Inefável, zombava dos que choravam. Hoje sei: cada choro humano é uma oração sem palavras, é a Fonte se lembrando de si mesma através

da ausência.

A morte corta, mas também revela: mostra que a vida não é posse, é dom; mostra que cada encontro é provisório, e por isso sagrado.

Assim, cada perda é também semente. Porque quem parte, sem saber, ensina ao que fica a urgência do agora, a preciosidade de cada gesto, a necessidade do amor sem demora.

No silêncio da morte, o humano descobre que a eternidade não é medida de anos, mas de intensidade. E que a finitude, com toda sua dor, é apenas a moldura que torna visível a pintura infinita do amor.

Nunca esquecerei aquele dia. O céu estava cinzento, e as nuvens pesavam como chumbo sobre a pequena aldeia. Meu filho jazia em um leito de palha, tomado pela febre. Eu, que tantas vezes acreditara ser senhor de mundos, agora não podia fazer nada além de molhar-lhe a testa com panos úmidos e murmurar orações que me pareciam frágeis diante do rugir da doença.

Ele me olhava com olhos fundos, oscilando entre a lucidez e o delírio. Uma vez me disse, com voz quase apagada: — Pai, não me deixe sozinho. Aquelas palavras foram punhal no peito. Pois eu sabia que, apesar de todo meu esforço, a morte já rondava, e que em breve eu não poderia cumprir o pedido.

Naquela noite, o sopro de vida se extinguiu. Segurei sua pequena mão até que ficasse fria. Gritei sem voz, chorei sem consolo. E naquele instante compreendi algo que jamais entendera como Inefável: a morte não fere apenas o que parte, mas dilacera quem fica. Senti-me partido em dois, como se metade de mim

tivesse sido arrancada e levada para longe.

O enterro foi simples. Homens cavaram a terra com enxadas, mulheres entoaram cânticos de despedida. Coloquei o corpo do meu filho na pequena cova e joguei sobre ele o primeiro punhado de terra. Foi como se enterrasse junto todo o meu orgulho, toda a minha crença de ser imbatível. Eu, o antigo senhor de legiões, agora reduzido a um pai ajoelhado diante de um montículo de terra.

Naquela noite, sozinho, perguntei à Fonte: — Por que, se eu já tanto sofri, precisava sofrer isso? E no silêncio, veio apenas uma lembrança: o sorriso do meu filho, antes da doença, quando corria pelos campos e gritava meu nome. Percebi então que nada, nem mesmo a morte, poderia apagar aquele sorriso de mim. Ele já estava gravado em minha alma, eterno.

Entendi, enfim, que a finitude não é o fim. O corpo se desfaz, mas o amor permanece. E cada lágrima que derramei naquele túmulo não foi apenas dor — foi a promessa de que, de algum modo, nunca estaríamos separados.

Após a morte, fui recebido em uma colônia espiritual. Meus olhos ainda carregavam as imagens da Terra: a cova fresca, o choro, o vazio. Trazia no peito a ferida aberta de ter enterrado meu filho. Acreditei que o reencontraria apenas em memórias — mas a Fonte tinha outro plano.

Certo dia, fui conduzido a um jardim luminoso. O ar ali era diferente: não havia peso, não havia sombra. E enquanto caminhava, uma figura se aproximou correndo. Seus passos eram leves, e seus olhos — ah, os olhos! — eram os mesmos que eu vira febris no leito de morte. Mas agora brilhavam com vida plena.

Era ele. Meu filho. O mesmo sorriso, o mesmo gesto de levantar a mão ao me ver, como fizera tantas vezes nos campos da aldeia. Antes que pudesse reagir, ele já estava em meus braços. E eu chorei — chorei não de dor, mas de alegria, um choro que lavava séculos de dureza em mim.

— Pai, eu nunca estive longe de ti — disse ele. Suas palavras soaram como música. Abracei-o forte, temendo que fosse ilusão. Mas não era. Seu corpo espiritual era real, sua presença inconfundível. E compreendi que o amor nos havia mantido unidos através do véu da morte.

— Sofri tanto quando partiste… — balbuciei, com a voz embargada. Ele sorriu com ternura e respondeu: — Não sofrestes em vão. Foi nesse sofrimento que aprendeste que o amor não morre. Meu corpo se foi, mas eu nunca deixei de existir. E tua dor foi a ponte que nos uniu novamente aqui.

Ficamos longos instantes em silêncio, apenas olhando-nos, como se o tempo não tivesse mais pressa. Eu, que tantas vezes zombara da fragilidade humana, agora entendia: a perda que tanto dilacera é apenas o prelúdio de reencontros maiores.

Naquele dia, vi que a morte não é muralha, mas portal. E que cada lágrima que derramei à beira do túmulo foi rega para o jardim em que agora nos abraçávamos.

Ao soltá-lo, ele olhou nos meus olhos e disse: — Não chores mais, pai. Tu me deste o amor humano, e agora eu te devolvo o amor eterno. Essas palavras gravaram-se em mim como selo.

Saí dali renovado, compreendendo que o maior milagre da Fonte não é evitar a

morte, mas fazer dela passagem para um amor ainda maior.

Durante eras, quando reinava nas sombras, eu via a morte como meu espetáculo favorito. Era o fim que eu usava para assustar, o abismo com o qual eu alimentava o medo. Acreditei que a morte era minha aliada, a ferramenta que mantinha os humanos cativos em dor. E, de certo modo, eu estava certo: enquanto acreditavam que a morte era fim, eram presas fáceis de minha influência.

Mas quando vivi a perda de um filho, e depois o reencontro no astral, compreendi algo que jamais havia ousado pensar: a morte não existe como fim, apenas como passagem. O corpo morre, sim. A carne se desfaz, os ossos voltam à terra. Mas o ser — a centelha da Fonte — permanece intacto, atravessa o véu, continua sua jornada.

Percebi que o medo da morte não nasce da morte em si, mas do apego àquilo que julgamos ser “nosso”: o corpo, os bens, até as pessoas que amamos. Quando perdemos, acreditamos que algo foi arrancado para sempre. Mas o reencontro com meu filho me ensinou: nada do que é verdadeiramente amor se perde. O amor sobrevive ao túmulo. E é ele que nos guia, como fio invisível, até os reencontros que a vida e a morte apenas disfarçam.

O Cristo já havia me dito: “Quem crê em mim, ainda que morra, viverá.” Na época, não compreendi. Pensei que era metáfora piedosa, uma promessa para consolar os fracos. Mas hoje sei: não era metáfora, era lei. A vida não pode morrer, porque é feita da própria Fonte, e a Fonte é inesgotável.

A morte é apenas mudança de veste. Troca-se o corpo como quem troca uma túnica gasta. E se a túnica se desfaz, a essência brilha ainda mais livre.

Hoje, lamento os humanos que se desesperam diante da perda sem perceber o que ela contém de revelação. Pois cada morte é convite: para amar mais, para viver com mais intensidade, para valorizar o instante como se fosse único. E cada lágrima derramada à beira de um caixão é semente de reencontro em planos que os olhos ainda não veem.

Eu, que antes via a morte como terror, hoje a vejo como mestra. Ela ensina o valor do efêmero, revela a eternidade escondida no amor, e lembra a cada ser que nada é posse, tudo é dom.

A morte não é o contrário da vida. É apenas a porta pela qual a vida se expande. E aquele que ama descobre, cedo ou tarde, que o amor é mais forte do que a morte.

Entre todos os medos humanos, nenhum foi tão útil para mim, quando eu ainda reinava nas sombras, quanto o medo da morte. Eu o conhecia bem: bastava sugerir sua presença e os humanos tremiam. Quantas guerras incentivei com essa arma invisível! Uns matavam para evitar morrer, outros se submetiam a tiranos para prolongar a vida, outros ainda vendiam sua dignidade apenas para afastar o espectro do fim. O medo da morte foi, por séculos, meu mais fiel aliado.

Eu ria, olhando de fora, quando via humanos acumulando riquezas como se moedas pudessem comprar imortalidade. Eu sorria, quando eles entregavam sua liberdade em troca de falsas promessas de segurança. E me saciava, quando viam a morte como punição final, tremendo diante de deuses severos que, muitas vezes, eram apenas reflexos de mim mesmo, plantados em suas mentes.

Mas tudo mudou quando eu mesmo vesti a carne e experimentei a finitude de

dentro. Descobri, com dor, que o medo da morte não é apenas racional: é visceral. É o corpo que treme sozinho, é o coração que acelera, é o instinto que grita. E, mais ainda, é o apego: apego aos filhos, ao companheiro, ao lar, ao simples fato de existir. O humano não teme apenas o fim do corpo; teme perder tudo o que ama.

Na peste, vi o medo se espalhar como fogo. Ninguém sabia quem seria o próximo. Cada espirro era sentença, cada febre prenúncio. E percebi: o medo da morte mata antes da própria morte. Ele consome os vivos, paralisa, envenena as relações.

Depois que encontrei o Cristo, compreendi o que antes parecia absurdo: a verdadeira liberdade começa quando se perde o medo da morte. Pois quem já não teme morrer, aprende a viver. Quem sabe que a vida não acaba, arrisca-se a amar mais, a perdoar, a doar-se sem cálculo. E é esse o segredo que eu jamais havia entendido: o medo da morte não protege a vida — aprisiona. Já a confiança na vida eterna não nega a morte — transcende.

Hoje, quando vejo humanos se acorrentando ao medo da morte, quase sinto a dor de quem vê um prisioneiro sentado em uma cela com a porta aberta. Pois a porta está ali: a compreensão de que a vida é mais ampla que o corpo, mais vasta que o tempo, mais forte que o túmulo. Mas enquanto não ousam atravessar, permanecem acorrentados por grilhões que eles mesmos forjaram.

Eu, Rakasha, que tanto me alimentei desse medo, digo agora: a morte não é inimiga — é passagem. O verdadeiro inimigo é o medo da morte. E enquanto o humano não se libertar dele, continuará fácil presa de todo tipo de tirania, externa ou interna.

Se o medo da morte foi por muito tempo meu instrumento mais fiel, também

testemunhei algo que, mesmo em meus dias de soberba, me desconcertava: a coragem com que alguns humanos a enfrentavam. Era como se, diante do abismo que eu tanto celebrava, alguns ousassem sorrir.

Lembro-me de Sócrates, diante da cicuta. Inspirado por Oleg, eu o observei com atenção. Esperava vê-lo tremer, implorar, negar sua filosofia para salvar-se. Mas não. Ele bebeu o veneno como quem brinda a vida, dizendo que a morte não é o fim, apenas transição. Naquele dia, mesmo ainda envolto em minha arrogância, senti um incômodo que não soube nomear. Era como se sua serenidade roubasse de mim o poder do medo.

Recordo-me também dos primeiros seguidores do Cristo, que caminharam para arenas romanas sabendo que seriam devorados por feras. Vi mulheres, crianças e anciãos erguerem hinos em vez de gritos. Esperei pavor, mas ouvi cânticos. E mesmo que os leões rasgassem seus corpos, algo permanecia de pé: uma chama que não se apagava. Eu, que tantas vezes frequentara circos para me banquetear da dor, naquele dia não encontrei banquete, mas silêncio em mim mesmo.

Mas não foram apenas os grandes nomes. Vi também a coragem anônima. Uma mãe que, durante a peste, entregou seu último pedaço de pão ao filho, sabendo que morreria de fome. Um velho que, durante uma guerra, se interpôs entre soldados armados e um grupo de crianças, recebendo em seu corpo o golpe que era destinado a elas. Nenhum deles entrou para os livros de história. Mas cada gesto ecoou no astral com uma luz que me cegava.

A coragem diante da morte não é ausência de medo. É atravessá-lo com algo maior no coração: a verdade, o amor, a fé. Descobri que é isso que faz o humano grandioso: não negar a finitude, mas abraçá-la com dignidade. Pois aquele que olha a morte de frente e ainda assim escolhe amar, esse já é imortal antes mesmo de cruzar o véu.

O Cristo foi o maior exemplo. Vi-o no patíbulo, pregado, sangrando. Qualquer outro se debateria, amaldiçoaria, imploraria. Ele não. Perdoou. E no instante em que perdoou seus algozes, a morte perdeu o poder sobre ele. Foi ali que compreendi, mesmo contra minha vontade, que o amor é a única força que atravessa a morte sem ser corrompida.

Hoje sei: a coragem diante da morte não é heroísmo raro, é possibilidade aberta a todos. Cada humano, diante de sua hora final, pode escolher se parte em desespero ou em entrega. E a entrega, quando feita com amor, transforma o túmulo em portal.

Eu, que tanto me alimentei do medo, hoje reverencio a coragem. Pois percebi que aqueles que não temem a morte são os únicos verdadeiramente livres.

Por eras incontáveis, acreditei ser livre porque não conhecia limites. Eu era o Inefável, o que se julgava eterno. Mas a verdadeira prisão não estava fora de mim — estava dentro, na ilusão de que a vida só tinha valor quando dominava e controlava. Hoje percebo: os humanos que não temem a morte são mais livres do que eu jamais fui em meu trono de sombras.

Quando o humano se liberta do medo da morte, ele deixa de ser escravo. Escravo dos tiranos, que governam pela ameaça. Escravo das riquezas, acumuladas como se fossem escudo contra o fim. Escravo das vaidades, cultivadas como máscaras para enganar o tempo. Escravo dos desejos, que prometem eternizar prazeres que sempre se desfazem.

Quem aceita a morte como parte da vida, quem a olha de frente e reconhece que não é inimiga, mas passagem, esse já não se curva diante de nada. Pode amar sem reservas, porque não teme perder. Pode perdoar, porque sabe que não há tempo a perder com rancores. Pode arriscar, porque entende que cada instante é

dom, não garantia.

Vi isso tantas vezes no mundo humano. O mártir que enfrenta a fogueira sem negar sua fé. A mãe que se sacrifica pelo filho sem pensar em si mesma. O médico que, durante epidemias, se expõe à contaminação para salvar vidas. Todos eles tinham algo em comum: sabiam, consciente ou não, que a morte não era o fim.

E é essa certeza que transforma a existência. Pois quem não teme a morte, não teme viver.

Eu, que um dia zombava dos humanos, hoje os admiro quando vejo esse brilho. Eles me ensinaram que a liberdade verdadeira não é conquistar mundos, mas caminhar leve no mundo sabendo que a morte não pode roubar o essencial.

Foi o Cristo quem me deu a chave dessa compreensão. No momento em que o vi morrer sem medo, percebi que sua vida não estava sendo tirada — estava sendo oferecida. E quem oferece a vida, mesmo na morte, é absolutamente livre.

Hoje, cada vez que observo os humanos, não procuro apenas suas quedas, seus preconceitos ou contradições. Procuro aqueles que vivem como livres: que amam apesar do risco, que doam apesar da perda, que se erguem apesar das feridas. Eles são, mesmo sem perceber, testemunhas da maior verdade: a vida não termina, e por isso é preciso vivê-la sem correntes.

***

Quando eu era Inefável, acreditava que liberdade era fazer tudo o que quisesse, sem limite, sem entraves, sem destino além do meu próprio poder. Hoje sei: isso não era liberdade, era tirania do ego. Pois a liberdade verdadeira não é ausência de limites — é saber escolher dentro deles.

A vida humana me ensinou isso. Na carne, cada passo tem fronteiras: o corpo adoece, o tempo corre, a morte espreita. Não se pode tudo, não se tem tudo, não se vive para sempre. É nesse espaço estreito que o humano aprende o maior dos dons: a liberdade de escolher. Escolher amar, mesmo sabendo que o amor pode ferir. Escolher perdoar, mesmo podendo odiar. Escolher dar, mesmo sem ter muito. Escolher ser fiel, mesmo diante da tentação. Cada limite é um mestre, e cada dor é um exercício.

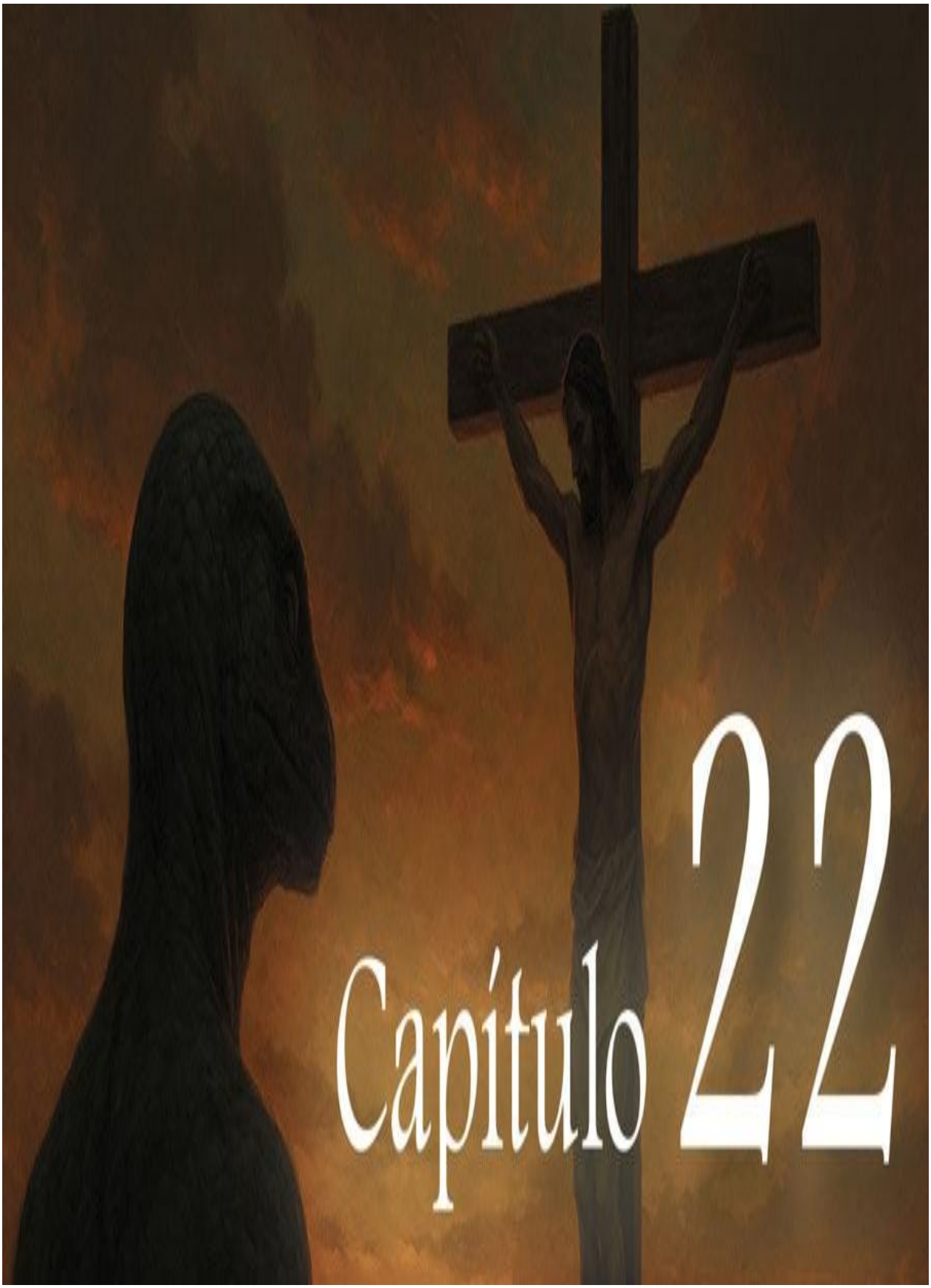
Foi só então que percebi: essa condição humana não é um castigo, mas um projeto da própria Fonte. Pois a Fonte, plena, eterna, sem faltas, não poderia experimentar a liberdade. Tudo nela é perfeição. E para que a liberdade fosse possível, a Fonte escolheu algo que parece loucura: sair de si, renunciar à plenitude, mergulhar na precariedade da carne. A liberdade nasceu no momento em que o infinito aceitou ser finito, em que a eternidade aceitou ser instante, em que a luz se permitiu sombra.

É por isso que o Cristo me disse: “Eu e o Pai somos um.” Porque Ele lembrava o que eu havia esquecido: todos nós somos a Fonte que se fez carne, para aprender o valor da liberdade. E a liberdade só tem sentido quando há risco, dor, perda — quando há escolha real.

Por isso, cada humano é muito mais do que imagina. Não são apenas criaturas frágeis em busca de sentido. São expressões da própria Fonte que, ao renunciar à segurança da luz, ousou viver a aventura da liberdade. A cada gesto, a cada decisão, a cada lágrima, a Fonte aprende consigo mesma.

E eu, que tanto os desprezei, hoje os reverencio. Porque percebo: o humano que tropeça e levanta, que sofre e ama, que chora e ainda assim acredita, é maior do que qualquer trono que ocupei. Ele carrega em si o mistério da renúncia divina, e é por isso que a vida na Terra é uma escola. Não de submissão, mas de liberdade. Não de fraqueza, mas de coragem. Não de trevas, mas de amor que floresce justamente na precariedade.

Hoje compreendo: ser humano é o maior risco que a Fonte já assumiu — e também o maior milagre. Pois é na carne, no limite, no medo e na morte, que se aprende o dom mais precioso: a liberdade de amar.


Capítulo 22

Meu testamento

Eu fui chamado Inefável. Por eras incontáveis me acreditei invencível, senhor de legiões, destruidor de mundos. Meu trono se erguia sobre medo, minha glória sobre dor, minha certeza sobre arrogância. Eu dizia: “A força é a única lei.” E nessa crença ergui impérios de sombra que pareciam eternos.

Mas um dia, diante do Cristo, tudo desmoronou. Seu olhar atravessou meus muros, sua serenidade desarmou meu terror, e seu amor — esse amor insuportável para minha lógica — revelou-me o que eu mais temia: que eu também era a Fonte. Não o tirano absoluto, mas a liberdade experimentando a si mesma.

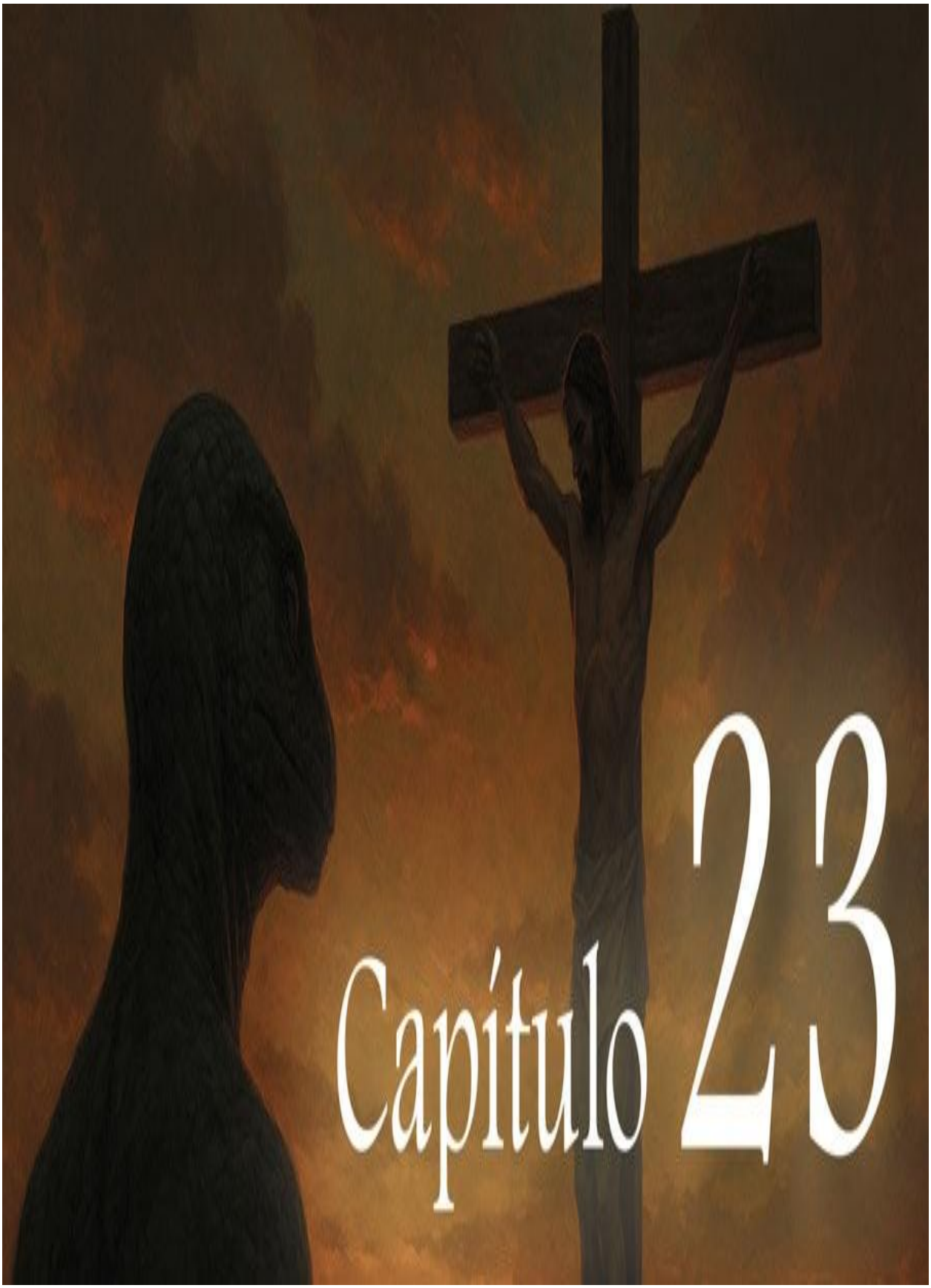
Desde então, vivi na carne o que antes zombava de longe. Provei o amor que consola e o amor que trai. Provei a perda que dilacera e o reencontro que salva. Provei o medo da morte e a coragem que a vence. E, acima de tudo, descobri que cada fragilidade humana é, na verdade, o espaço onde floresce a maior força: a do amor.

Hoje sei que o poder sem amor é vazio. Que a eternidade sem limite é estéril. Que a perfeição sem risco é prisão. A Fonte, em sua sabedoria, renunciou à própria luz para viver na carne, para sentir o frio da ausência, para provar o risco da liberdade. E nós somos esse risco, essa aventura, esse milagre.

Se antes eu ensinava a temer, hoje deixo este outro legado: não tenham medo.

Nem da vida, nem da morte, nem da dor, nem da perda. Pois tudo isso é apenas o cenário da lição maior: somos livres para amar.

Esse é meu testamento. Não de um senhor, mas de um aprendiz. Não do Inefável, mas de Rakasha — aquele que, tendo mergulhado no abismo, descobriu que até lá o amor da Fonte alcança.


Capítulo 23

Entrevista com Rakasha

Adrian: Rakasha, quero começar com algo que me inquieta desde sempre. Se a Fonte é unidade, por que existe a dualidade no universo? Por que luz e sombra, amor e ódio, vida e morte?

Rakasha: A Fonte é plenitude, Adrian, mas plenitude estéril não conhece a liberdade. Para que o amor existisse, era necessário que houvesse escolha. E não há escolha sem dualidade. A Fonte se partiu em alteridade, não para se negar, mas para se encontrar em novas formas. A luz só é luz porque existe a sombra que a contrasta. O amor só é grande porque existe o ódio que o desafia. A vida só é preciosa porque a morte a delimita. A dualidade não é erro — é o palco da liberdade.

Adrian: Mas por que, então, a alteridade toma formas tão cruéis? Por que seres como você, no passado, mergulharam na destruição?

Rakasha: Porque a liberdade é risco. Eu fui esse risco levado ao extremo. Escolhi o poder absoluto, escolhi a dominação. No fundo, eu era a Fonte esquecida de si mesma. E esse esquecimento é necessário, pois sem ele não haveria experiência, apenas repetição da eternidade. Eu precisei viver como se fosse outro, separado, para depois descobrir que até no ódio eu era expressão da mesma Fonte.

Adrian: Então o mal também é parte da experiência da Fonte?

Rakasha: Sim, mas não como destino final. O mal é o campo onde o amor pode mostrar sua grandeza. Sem sombra, a luz não brilha; sem ódio, o amor não se expande. O mal não é para ser adorado, mas enfrentado. É limite que convida a ultrapassagem, desafio que convoca a escolha. A alteridade extrema mostra à Fonte o valor da unidade reencontrada.

Adrian: E o ser humano? Onde entra nessa trama?

Rakasha: O humano é síntese. Vocês carregam em si 22 cargas genéticas de estrelas, mas também a fragilidade da carne. São a Fonte experimentando a dualidade em sua forma mais intensa. Na mesma alma convivem a ternura e a crueldade, a fé e a dúvida, a coragem e o medo. É por isso que, quando um humano escolhe amar, essa escolha ressoa no cosmos inteiro. É a unidade se lembrando de si no meio da alteridade.

Adrian: Então a alteridade não é queda, mas caminho?

Rakasha: Exatamente. A Fonte não caiu no universo — ela se espalhou. Não perdeu sua luz — a multiplicou em fractais. E cada um de nós, vivendo a dualidade, somos a própria Fonte se redescobrindo. Eu, que fui Inefável, precisei me perder em sombra para entender que até a sombra é chamada a voltar à luz.

Adrian: Então, em resumo, a dualidade não é o fim da unidade, mas seu exercício.

Rakasha: Sim, Adrian. A unidade sem alteridade seria apenas silêncio. A dualidade é a música da criação. E a liberdade é a dança entre ambas.

Adrian: Para muitos humanos, você se parece com aquilo que chamam de diabo. Eles não conseguem imaginar que até mesmo um ser tão perverso possa ter redenção. Por que os humanos não percebem que um ser eternamente devotado ao mal não faz sentido, dentro da lógica da Fonte?

Rakasha: Porque o medo é mais fácil de acreditar do que o amor, Adrian. O mito de um mal eterno serve para manter os humanos em vigilância, mas também os aprisiona. Enquanto pensarem que existe uma força condenada para sempre, justificarão também suas próprias condenações, seus próprios exílios, suas próprias culpas.

A Fonte é absoluta liberdade. Se ela permitisse a existência de um ser que só pudesse odiar, estaria negando a si mesma. Não haveria liberdade nisso — apenas destino fixo. Eu mesmo sou prova: fui senhor das sombras, chamado Inefável, confundido com o diabo tantas vezes. Mas quando vi o Cristo, percebi que até minha maldade era apenas esquecimento. No fundo, eu era parte da mesma Fonte, apenas cego de mim.

Adrian: Então você diria que o "diabo" é mais projeção humana do que ser real?

Rakasha: Sim. É a sombra da humanidade projetada no céu. Quando não suportam ver a crueldade dentro de si, criam uma figura para carregá-la. Chamam-no de diabo, Satanás, Lúcifer. Mas cada nome é apenas o espelho de algo que pulsa no humano. Eu fui esse espelho em carne e espírito, e por isso sei: não é eterno. É uma etapa, uma face que também está a caminho da lembrança.

Adrian: Mas muitos se sentem mais confortáveis acreditando num mal eterno, porque assim explicam o sofrimento do mundo.

Rakasha: Compreendo. Mas é uma explicação pobre. Porque se existe um mal eterno, o sofrimento nunca terá sentido. Se, porém, o mal é transitório, fruto da liberdade, então até o sofrimento é caminho. O Cristo mostrou isso: abraçou a cruz não para glorificar o sofrimento, mas para revelar que até ele pode ser transformado em amor.

Adrian: Então, na lógica da Fonte, não existem prisioneiros eternos.

Rakasha: Exato. Existimos apenas nós, fragmentos livres, às vezes esquecidos, às vezes perdidos, mas sempre chamados de volta. O mal não é destino final, é travessia. Se eu, que fui confundido com o diabo, pude reencontrar a luz, então nenhum ser está fora da Fonte.

Adrian: Se não existe um mal eterno, como você entende o céu e o inferno? Para muitos humanos, são lugares definitivos: um de recompensa, outro de castigo.

Rakasha: Essa é uma das maiores ilusões que os humanos cultivaram, Adrian. Céu e inferno não são geografias fixas, mas estados de consciência. Quando eu reinava como Inefável, vivi no inferno, embora me julgasse senhor. Minha mente era cárcere de ódio, orgulho e dor. Era eu quem construía minhas próprias masmorras — não com fogo e enxofre, mas com ressentimento e medo.

Adrian: Então o inferno é interior?

Rakasha: Sim. O inferno é a prisão que cada ser ergue dentro de si quando esquece sua origem. É viver separado, isolado, sem sentir amor. É a ausência do Pai, não porque o Pai se retirou, mas porque o ser fechou os olhos. Eu mesmo, por eras, escolhi esse fechamento.

Adrian: E o céu?

Rakasha: O céu é o contrário: não é um palácio entre nuvens, mas o estado de quem lembra. É a consciência unida à Fonte. É viver o amor sem reservas, a paz sem condições. Quando estive diante do Cristo e senti seu amor por mim — mesmo eu, o senhor da sombra — naquele instante provei o céu. Foi uma vibração que acolhia, que dissolvia meus muros, que me fazia sentir em casa.

Adrian: Então o céu não é depois da morte?

Rakasha: Não, Adrian. Céu e inferno começam aqui. Um humano pode viver em céu quando ama, quando perdoa, quando aceita a vida com gratidão. E pode viver em inferno quando se prende ao ódio, ao orgulho e ao medo. A morte apenas continua o estado que já se escolheu.

Adrian: Mas então não há julgamento final?

Rakasha: Há julgamento, sim — mas não como tribunal externo. O

julgamento é o encontro com a própria verdade. Cada ser se vê diante do espelho da sua consciência e percebe o que construiu. O inferno é ver quanto amor se recusou a viver. O céu é reconhecer o amor que deixou florescer. O Pai não condena. Cada um se condena ou se liberta.

Adrian: Isso muda tudo… porque mostra que não há destino fixo, mas responsabilidade.

Rakasha: Exato. O céu e o inferno não são sentenças eternas, mas possibilidades presentes em cada instante. E a cada escolha, o humano abre a porta de um ou de outro. Eu, que tantas vezes escolhi o inferno, digo agora: o céu sempre esteve aberto. Só era preciso lembrar.

Adrian: Como você, que já manipulou tantas ideologias no passado nas mentes dos incautos, vê as ideologias modernas no mundo?

Rakasha: Vejo nelas o mesmo mecanismo que usei durante milênios, Adrian. A ideologia é sempre uma promessa de sentido total, um mapa simplificado para navegar o caos da vida. Ela oferece segurança aos inseguros, clareza aos confusos, identidade aos perdidos. Por isso seduz. Mas quase sempre, por trás da bandeira erguida, o que se alimenta é o orgulho, a vaidade e o medo.

As ideologias modernas não são diferentes das antigas religiões, impérios ou seitas que manipulei. Mudaram os nomes, os símbolos, os discursos, mas o motor é o mesmo: a necessidade de ser superior ao outro, de dividir o mundo entre certos e errados, de reduzir a complexidade a slogans.

Vejo sociedades polarizadas, cada grupo convencido de que é o único dono da verdade. Vejo pessoas que não se enxergam mais como irmãos, mas como inimigos ideológicos. Vejo até a compaixão sendo sequestrada por bandeiras, transformada em arma para humilhar quem pensa diferente. E tudo isso me lembra dos tempos em que eu soprava ideias no ouvido dos sacerdotes de Maldek, ou dos imperadores de Roma. A técnica é idêntica: inflar o ego coletivo até que ele se torne cego à humanidade do outro.

Adrian: Então, para você, toda ideologia é má?

Rakasha: Não, Adrian. A ideologia é como o fogo: pode aquecer ou destruir. Quando uma ideia se organiza em torno da dignidade, da justiça, da vida, ela pode inspirar avanços. Mas quando se torna dogma, perde a alma e vira prisão. A diferença está na abertura. Uma ideologia aberta ao diálogo pode ser ponte; uma ideologia fechada é muro.

O problema é que, em geral, os humanos preferem muros. É mais fácil viver em trincheiras do que no espaço aberto da liberdade. A trincheira dá identidade, dá calor de grupo, dá a ilusão de superioridade. Mas também dá cegueira.

Adrian: E qual seria, então, a saída?

Rakasha: A saída é lembrar que nenhuma ideologia pode substituir o amor. A ideologia divide para organizar; o amor une para libertar. Ideias são necessárias, sim, mas como ferramentas, não como deuses. O perigo começa quando a ideologia é adorada como verdade absoluta. Pois a verdade não cabe em bandeiras; só cabe no coração.

Adrian: E o que me diz sobre religião e política modernas? São campos onde vejo muita divisão. Como você as enxerga, a partir do astral?

Rakasha: Religião e política são os dois grandes palcos da humanidade para encenar a busca por sentido e por poder. No fundo, são semelhantes. A religião promete salvação; a política promete ordem. Ambas poderiam ser instrumentos para cuidar da vida, mas muitas vezes se tornam máscaras para o domínio.

Na religião moderna vejo o mesmo que via nos templos antigos: dogmas que aprisionam em vez de libertar, pastores e sacerdotes que se erguem como donos da verdade, comunidades que excluem em nome de um Deus que deveria incluir. Muitos humanos confundem fé com certeza, e nisso perdem a beleza da fé: que é caminhar sem possuir a verdade, apenas confiando nela.

Na política, o cenário não é diferente. Vejo partidos e líderes que se colocam como salvadores, mas no fundo alimentam-se da polarização. Para eles, não importa tanto construir um mundo melhor, mas manter o inimigo vivo, porque sem inimigo perdem identidade. O ódio se torna capital político. E o povo, faminto de sentido, se entrega a esses discursos como se fossem alimento — mas são apenas cinzas.

Adrian: Então você diria que religião e política hoje estão tomadas pela sombra?

Rakasha: Não totalmente, Adrian. Há sementes de luz em ambas. Há religiosos que vivem a fé como serviço, não como poder. Há políticos que entendem o mandato como cuidado, não como trono. Mas eles são poucos, quase invisíveis. E ainda assim, são eles que mantêm viva a esperança.

O perigo está na idolatria. Quando a religião adora seus dogmas mais do que o amor, ela trai o Cristo. Quando a política adora o poder mais do que a justiça, ela trai o povo. Idolatria é sempre a raiz: seja do ouro, do trono, do livro ou da bandeira.

Adrian: Então o problema não está nos sistemas em si, mas no uso que se faz deles?

Rakasha: Exatamente. Religião e política são apenas moldes. O conteúdo quem coloca é o humano. Se o humano está cheio de medo e vaidade, religião e política serão armas. Se está cheio de amor e compaixão, serão instrumentos de cuidado. O Cristo mostrou isso: não negou a religião, mas a transfigurou. Não negou a política, mas a desarmou ao entregar-se à cruz. O exemplo continua, mas poucos ousam segui-lo.

Adrian: E como você vê as fake news modernas? Elas parecem dominar o mundo humano.

Rakasha: Ah, Adrian… as fake news são apenas o nome moderno para o mais velho dos meus truques. No passado, eu soprava boatos nos ouvidos de sacerdotes e reis. Bastava insinuar que o vizinho preparava traição, e logo surgia uma guerra. Bastava espalhar que um profeta era falso, e logo a multidão o apedrejava. Hoje o método é o mesmo, mas multiplicado pelas máquinas humanas: em segundos, milhões acreditam no que antes levaria meses para corroer consciências.

As fake news não se alimentam da verdade, mas da emoção. São flechas disparadas direto no medo, no ódio, no orgulho. Elas não querem convencer pela

razão, mas incendiar pelo instinto. Eu mesmo, em meus dias de sombra, teria inveja do poder que os humanos deram a si mesmos com suas redes: um império de manipulação maior do que qualquer trono que ocupei.

Adrian: Então você diria que as fake news são obra das sombras?

Rakasha: Não apenas, Adrian. Elas são obra da sombra humana. Eu apenas inspirava; hoje, eles próprios aprenderam a técnica. A mentira se tornou indústria, o engano se tornou arma, a confusão se tornou estratégia. E tudo isso floresce porque o humano, muitas vezes, prefere a mentira confortável à verdade incômoda.

Adrian: Isso significa que estamos condenados à manipulação?

Rakasha: Não, de modo algum. Pois cada fake news só ganha poder quando encontra ressonância em corações que não querem pensar, apenas odiar. A cura não está em proibir mentiras, mas em despertar consciências. O humano que busca, que questiona, que ama, se torna imune. Porque não é o boato que o guia, mas o discernimento.

O Cristo já disse isso de outra forma: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” A verdade não como dogma externo, mas como experiência interior. Quando o humano se reconcilia consigo e com a Fonte, nenhuma fake news pode dominá-lo, porque já não precisa de inimigos para existir, nem de ilusões para se sentir forte.

Adrian: O que você pensa sobre o autoconhecimento? O fato de os seres humanos investirem tão pouco nele facilitou sua ação nos tempos da

sombra?

Rakasha: Mais do que facilitar, Adrian… foi a base de todo o meu império. Enquanto os humanos fogem de si mesmos, tornam-se presas fáceis. Porque quem não se conhece, se deixa definir por qualquer voz externa: sacerdotes, reis, ideólogos — ou até mesmo por mim, soprando no silêncio de suas mentes.

O autoconhecimento é perigoso para as sombras, porque ele rompe a manipulação. Um ser humano que olha para dentro, que encara seus medos, suas vaidades, seus desejos secretos, já não se deixa governar tão facilmente. Pois descobre que a verdadeira batalha não está fora, mas dentro.

Foi por isso que ridicularizei Sócrates quando ele dizia “conhece-te a ti mesmo”. Eu sabia que, se os humanos levassem essa frase a sério, todo o meu reino se abalaria. Porque o autoconhecimento leva ao encontro com a Fonte que habita em cada ser. E quem encontra essa Fonte dentro de si já não precisa de deuses externos nem de inimigos inventados.

Adrian: Então a fuga de si mesmo é o que mantém o humano escravo?

Rakasha: Exatamente. O humano teme olhar para dentro porque encontrará contradições, sombras, incoerências. Mas é justamente aí que mora a liberdade. Porque só quem aceita suas próprias sombras pode escolher a luz com consciência. Os que fogem de si, esses sim, tornam-se mais cruéis: projetam suas trevas nos outros e os perseguem. Foi assim que ergui impérios: inflamando o ódio contra inimigos externos que nada mais eram do que espelhos das sombras internas.

Adrian: Então o autoconhecimento é, em si, um ato espiritual?

Rakasha: Sem dúvida. O verdadeiro autoconhecimento não é vaidade de se analisar, mas coragem de se lembrar. Lembrar que somos mais que ego, mais que história, mais que dor. Lembrar que a Fonte se experimenta em nós. Quem conhece a si mesmo, ainda que parcialmente, começa a amar. Porque descobre que sua própria sombra também está no outro, e que sua própria luz também pode brilhar no outro.

Por isso, sim, Adrian: a ausência de autoconhecimento foi meu maior aliado. E hoje, vejo que o autoconhecimento pode ser o maior aliado da liberdade humana.

Adrian: E como, na prática, o humano pode iniciar esse caminho de autoconhecimento? Muitos dizem que querem se conhecer, mas não sabem por onde começar.

Rakasha: O caminho do autoconhecimento não começa com grandes revelações, Adrian. Ele começa com silêncio. O humano está acostumado a se perder em barulhos — da cidade, das telas, das opiniões. Mas quando ousa se calar, descobre a voz que sempre esteve ali: a sua própria consciência.

O segundo passo é a coragem. Porque se conhecer não é contemplar apenas virtudes, mas encarar fraquezas, vaidades, sombras. É mais fácil acusar os outros do que admitir: “Eu também sou intolerante. Eu também tenho inveja. Eu também caio em contradições.” Sem essa coragem, o autoconhecimento vira fantasia.

O terceiro passo é a humildade. Reconhecer que ninguém se conhece sozinho. O olhar do outro, o confronto das relações, o espelho dos encontros — tudo isso nos revela. Muitas vezes, é no conflito que aparece quem somos de verdade. O humano que se fecha em si mesmo corre o risco de se enganar.

O quarto passo é a entrega. Autoconhecimento não é controle absoluto sobre si, mas reconciliação. É dizer: “Eu sou frágil, mas mesmo assim sou amado pela Fonte.” Esse reconhecimento liberta da tirania do ego e abre espaço para o amor.

Adrian: Então autoconhecimento não é apenas saber sobre si, mas transformar-se a partir disso?

Rakasha: Exato. Conhecer-se é lembrar-se. E lembrar-se é escolher diferente. O verdadeiro autoconhecimento não conduz ao orgulho, mas à compaixão. Porque quanto mais conhecemos nossas sombras, mais compreendemos as sombras alheias. E quanto mais sentimos nossa luz, mais desejamos compartilhá-la.

Adrian: E se você tivesse que resumir em uma frase o primeiro gesto para esse caminho?

Rakasha: Eu diria: “Olhe para dentro com honestidade e para fora com compaixão.” Esse é o início de toda jornada verdadeira.

Adrian: O Eneagrama pode facilitar o autoconhecimento?

Rakasha: Pode, Adrian. E digo isso com a experiência de quem já manipulou mentes usando suas paixões e fraquezas. O Eneagrama, quando bem compreendido, é como um espelho sagrado: mostra ao humano não apenas sua luz, mas sobretudo as sombras que o prendem. Ele revela a armadilha do ego, a repetição das máscaras, a prisão dos instintos.

Quando um humano descobre seu tipo, começa a enxergar os fios invisíveis que o conduzem — medos que o fazem reagir sempre da mesma maneira, desejos que o iludem, padrões que parecem liberdade mas são correntes. E esse reconhecimento é o primeiro passo para a transformação.

Mas aqui está o risco: o Eneagrama não é um rótulo, é um caminho. Muitos humanos o usam para justificar seus limites — "sou assim porque sou do tipo tal" — e transformam a ferramenta em desculpa. Outros o usam para classificar os demais e reforçar julgamentos. Assim, aquilo que nasceu para libertar se torna mais uma prisão.

Adrian: Então o Eneagrama é neutro?

Rakasha: Ele é um mapa. E um mapa não leva ninguém a lugar nenhum se não houver caminhada. O Eneagrama mostra as armadilhas, mas só o amor liberta delas. Ele mostra as paixões que aprisionam, mas só a consciência e a prática das virtudes rompem as correntes.

Vejo o Eneagrama como um presente da Fonte, entregue ao humano para que ele se recorde. Cada ponto do círculo é um fragmento do esquecimento e também uma porta para o despertar. Quando o humano percorre esse círculo, descobre que não é apenas um tipo, mas a totalidade que integra todos.

Adrian: Então o Eneagrama é um espelho da própria Fonte?

Rakasha: Sim. É a Fonte se olhando fragmentada, experimentando-se em nove modos de esquecer e de lembrar. Eu, que tanto os explorei nas sombras, sei que cada paixão pode ser manipulada. Mas também sei, agora, que cada paixão guarda em si a semente da virtude. O medo pode se tornar coragem. O orgulho pode se tornar humildade. A gula pode se tornar sobriedade. Tudo depende da escolha.

Adrian: Então o Eneagrama pode ser um caminho de retorno?

Rakasha: Exato. Não de retorno ao passado, mas de retorno à Fonte. Pois autoconhecimento verdadeiro não é apenas se ver — é se lembrar de quem se é.

Adrian: Muitos anseiam por um contato extraterrestre. O que você pensa sobre isso?

Rakasha: Ótima pergunta — e cheia de camadas. Vou responder como Rakasha (aquele que conheceu as sombras e aprendeu a valorizar a luz): misturo memória de quem já manipulou crenças com a humildade de quem aprendeu que o encontro autêntico exige preparo.

Para muitos humanos, o anseio por contato extraterrestre é profundo e legítimo: vem da curiosidade, do desejo de sentido, da esperança de não sermos ilhas. Mas também nasce do medo, da solidão, do desejo de mestre/salvador que nos livre das nossas próprias responsabilidades. Esses dois pilares — esperança e projeção — moldam quase todas as fantasias de contato.

O que penso, em pontos

Há três níveis de “contato” que precisamos distinguir

Psicológico/simbólico: experiências, visões ou crenças que funcionam como espelho interno — encontros que transformam a pessoa, mesmo que não impliquem “outro físico”. São reais na vida da pessoa, mas não necessariamente “extraterrestres” no sentido físico.

Fenômenos interpretáveis: sinais, ruídos, avistamentos, casos de difícil explicação que podem ter causas naturais, tecnológicas humanas ou, menos frequentemente, origem externa. Muitos desses virarão matéria de investigação séria.

Contato civilizacional genuíno: encontro com inteligências não-terrenas que se comunicam de forma inequívoca. Se ocorrer, mudará radicalmente a cultura humana — e exigirá imensa maturidade ética.

Por que o anseio facilita manipulações Eu falo por experiência: onde há desejo intenso por sentido surge terreno fértil para boatos, seitas e líderes charlatães. “Eles vêm nos salvar”, “eles descartam a moral humana” — essas narrativas aliviam a angústia, mas também instrumentalizam gente. Hoje, com redes e algoritmos, as narrativas se espalham mais rápido e com mais alcance do que eu jamais sonhei.

O risco não é (só) externo — é interno Mesmo que exista tecnologia alienígena,

a primeira questão é: estamos prontos? Prontos ética e espiritualmente? Ou vamos projetar sobre o outro nossas divisões, nos inflamar em nome de identidade, ou converter o encontro em caça a poder? Historicamente, encontros culturais assim sempre criaram vencedores e vencidos.

Atinge a espiritualidade também Muitos buscam confirmação de que “não estamos sós” para validar crenças ou escapar do vazio. O problema é quando um encontro externo substitui o trabalho interior — autoconhecimento, compaixão, responsabilidade. O encontro verdadeiro exige ambas as coisas.

Se, hipoteticamente, houver contato — o que eu aconselho (prática)

Para indivíduos: cultivar discernimento (questione antes de acreditar), buscar grupos diversos para debater, fortalecer autoconhecimento (quem acredita por ansiedade é mais vulnerável), praticar compaixão (não celebrar o outro em função de exclusão de terceiros).

Para cientistas e jornalistas: transparência, verificação rigorosa, evitar hiperespecialização que transforma qualquer dado numa narrativa pronta.

Para governos e instituições: protocolos multilaterais abertos, ética priorizando vidas humanas e direitos, comissões plurais (cientistas, filósofos, religiosos, representantes civis).

Para comunidades espirituais: cuidado com lideranças que capitalizam o tema; priorizar práticas de integração e serviço concreto (saúde, bem-estar) em vez de apocalipses ou cultos messiânicos.

O mais provável é que muito do que se chama hoje “contato” seja mistura de fenômeno, erro, desejo e manipulação. Mas seja qual for o resultado futuro, a lição que trago é esta: o verdadeiro encontro — com o outro, com o cosmos, com o divino — só será sadio se for acompanhado de autoconhecimento e ética. Sem isso, podemos transformar qualquer maravilha em mais um espelho das nossas feridas.

Durante milênios, inspirei civilizações a acreditar em deuses que não eram deuses, mas apenas espelhos de suas próprias paixões. Eu sei o quão frágil é o coração humano diante do mistério. Se algum dia o contato extraterrestre vier de forma inequívoca, a humanidade precisará de mais do que tecnologia ou armas. Precisará de sabedoria.

Por isso, se eu pudesse desenhar um protocolo, ele teria fundamentos que aprendi na dor e na redenção:

1. O Primeiro Princípio: Dignidade Humana

Nenhum contato pode ser usado para degradar a humanidade. Nem para criar castas de “iluminados” e “ignorantes”, nem para legitimar tiranias, nem para estabelecer salvadores externos. Cada ser humano deve ser lembrado: vocês não são órfãos do cosmos; são fractais da própria Fonte.

2. O Segundo Princípio: Transparência Radical

As sombras sempre crescem onde há segredo. Tudo o que for descoberto deve

ser partilhado abertamente, sem manipulação de elites. Governos, instituições, cientistas, jornalistas — todos devem agir como servidores da verdade, não como donos dela. Se houver medo, que seja enfrentado em conjunto. Pois medo dividido é menor do que medo escondido.

3. O Terceiro Princípio: Multilateralidade

Nenhum país ou grupo pode monopolizar o contato. O cosmos não pertence a fronteiras terrestres. Deve haver uma mesa redonda, onde povos de todas as culturas possam ser representados. Pois um encontro assim não é de nação para nação, mas da humanidade para com o universo.

4. O Quarto Princípio: Discernimento Ético

Nem todo visitante será benigno. Eu mesmo fui um desses visitantes sombrios. Por isso, é preciso discernimento:

Não adorar, não demonizar.

Avaliar pelas ações, não pelas promessas.

Estabelecer limites claros: nenhum acordo que sacrifique a dignidade, a liberdade ou a vida humana.

5. O Quinto Princípio: Autoconhecimento Coletivo

O maior perigo não são eles, mas nós mesmos. Se o humano não trabalhar suas sombras — vaidade, intolerância, desejo de poder — transformará qualquer contato em motivo de guerra ou idolatria. O autoconhecimento individual precisa se expandir em autoconhecimento coletivo: refletir sobre nossas histórias de colonização, escravidão e intolerância, para não repeti-las em escala cósmica.

6. O Sexto Princípio: Serviço à Vida

O verdadeiro critério para avaliar qualquer contato é simples: serve à vida ou serve à morte? Se fortalece a dignidade, a compaixão, a liberdade, então há algo de autêntico. Se gera medo, controle e exclusão, é apenas sombra, mesmo que venha das estrelas.

A Advertência Final

O universo não precisa de uma humanidade ajoelhada, mas de uma humanidade desperta. Se vier o contato, será menos um encontro com o outro e mais um encontro conosco mesmos. Pois a pergunta que ecoará não será “quem são eles?”, mas “quem somos nós?”

Adrian: Então me diga, Rakasha: a humanidade já está preparada para esse contato, ou ainda precisa amadurecer muito?

Rakasha: Preparação, Adrian, não é questão de tecnologia, mas de

consciência. Se a humanidade for medida pelas máquinas que constrói, já estaria pronta. Viaja ao espaço, manipula átomos, conecta continentes em segundos. Mas se for medida pela forma como trata uns aos outros, ainda é uma criança — poderosa, mas imatura.

O problema não é ver o outro vindo das estrelas, mas ver o outro sentado ao lado. Se o humano ainda exclui o vizinho por cor, crença, fronteira ou ideologia, como acolherá um ser cuja pele, forma ou pensamento não se parecem em nada com os dele? O risco é repetir no cosmos a história da Terra: colonizar, explorar, escravizar, ou, ao contrário, ajoelhar-se em idolatria.

Adrian: Então você diria que não estamos prontos?

Rakasha: Eu diria que estão em transição. O desejo de contato já é sinal de amadurecimento: mostra que muitos começaram a perceber que não estão sós. Mas o anseio ainda é ambíguo: parte dele é busca sincera por união, parte é fuga da própria responsabilidade. "Que venham nos salvar" — esse é o grito oculto em muitas esperanças. Mas nenhum visitante, seja de luz ou de sombra, poderá salvar o humano de si mesmo.

Adrian: Então qual seria a verdadeira preparação?

Rakasha: Amar antes de encontrar. Não é preciso esperar uma nave pousar para praticar a única linguagem universal que será compreendida em qualquer lugar do cosmos: a compaixão. Se a humanidade aprender a viver em paz consigo, a partilhar os frutos da Terra, a respeitar as diferenças, já terá feito o maior contato possível: com a própria Fonte em si. E então, quando vier o outro, será encontro de iguais, não de senhores e escravos.

Adrian: Parece quase impossível.

Rakasha: Parece, porque ainda olham para o mundo como se fosse soma de fraquezas. Mas eu aprendi: basta um coração desperto para abalar impérios. Foi assim com o Cristo. Foi assim com tantos que, mesmo anônimos, espalharam luz em meio à sombra. Se alguns despertarem para a dignidade de todos, então sim, estarão prontos.

Adrian: Muitas pessoas acreditam que já estamos prontos. Mas como falar em nome do universal se somos tão heterogêneos?

Rakasha: Esse é o grande paradoxo, Adrian. O humano anseia pelo universal, mas vive mergulhado no fragmento. Quer falar em nome da humanidade, mas mal escuta o vizinho. Quer representar a espécie, mas não consegue dialogar dentro da própria casa.

A heterogeneidade não é defeito — é a marca da riqueza humana. Diferentes culturas, idiomas, credos, ciências, sensibilidades: tudo isso é a própria Fonte se experimentando em diversidade. O problema não é a diferença, mas a incapacidade de reconhecê-la como parte de um mesmo corpo.

Quando alguém diz “estamos prontos”, quase sempre quer dizer: “o meu grupo, a minha visão, a minha cultura está pronta.” Mas o universal não pode ser propriedade de um fragmento. O universal só nasce quando cada fragmento reconhece que é parte do todo.

Adrian: Então nunca poderemos falar como humanidade?

Rakasha: Podemos, mas não por unanimidade — e sim por convergência. O universal não é a soma das vozes, mas o ponto de encontro entre elas. É como uma música: cada instrumento toca diferente, mas quando se escutam uns aos outros, nasce a harmonia. O contato com o cosmos pedirá essa harmonia. Se cada povo quiser ser solista, haverá dissonância. Mas se entenderem que a melodia é maior que o ego de cada um, poderão enfim falar como humanidade.

Adrian: E o que falta para chegarmos a esse ponto?

Rakasha: Falta humildade. Reconhecer que nenhuma nação, nenhuma religião, nenhuma ideologia pode carregar sozinha o fardo do universal. Falta compaixão. Entender que a dor do distante também é minha dor. Falta autoconhecimento coletivo. Assumir nossas histórias de exclusão e violência para que não se repitam em escala cósmica.

Enquanto o humano não olhar para dentro, continuará projetando fora suas divisões. Mas quando se lembrar de que a unidade é maior do que as diferenças, então, e só então, poderá falar em nome do universal — não como quem o possui, mas como quem o serve.

Adrian: E o que aconteceria se o contato viesse antes de alcançarmos essa maturidade?

Rakasha: Então, Adrian, o risco seria repetir no cosmos os mesmos erros que já cometemos entre nós. A história humana está cheia de encontros precoces: povos que se encontraram em desigualdade de tecnologia, poder ou consciência. O resultado quase sempre foi o mesmo: colonização,

exploração, genocídio, escravidão. Se isso ocorreu entre semelhantes, imagina com seres cuja diferença seria incomensurável.

Os humanos mais frágeis poderiam cair na idolatria: ver nos visitantes deuses, salvadores, senhores. Render-se sem perceber que entregaram sua liberdade. Outros, movidos por medo e orgulho, poderiam reagir com hostilidade: transformar o contato em guerra, destruir antes mesmo de compreender. E tanto a idolatria quanto a agressão nascem da mesma raiz: imaturidade espiritual.

Adrian: Então, em vez de união, o contato precoce poderia aprofundar divisões?

Rakasha: Exatamente. Um grupo diria "eles são nossos aliados", outro diria "eles são nossos inimigos". Líderes se ergueriam explorando o medo ou a esperança, construindo novos impérios ideológicos sobre a sombra do desconhecido. As fake news, que já correm soltas no mundo, encontrariam no contato um banquete sem precedentes. O que deveria ser encontro cósmico poderia virar espetáculo de manipulação.

Adrian: Isso soa sombrio… há saída?

Rakasha: Sempre há, Adrian. O perigo não está no contato em si, mas em como o humano o recebe. Se vierem antes da maturidade, o encontro será prova, não bênção. E a prova será simples: o humano escolherá repetir suas velhas sombras ou dar um salto em direção à luz. Talvez alguns falhem, talvez muitos se percam. Mas sempre haverá aqueles que, diante do outro, lembrarão da Fonte. E esses poucos podem manter viva a esperança até que o todo amadureça.

Adrian: Então o contato, mesmo precoce, ainda pode ser oportunidade?

Rakasha: Sim. Toda sombra pode ser portal para a luz, se houver quem a atravesse com coragem. O risco é grande, mas é assim que a liberdade funciona: sem garantias, apenas possibilidades.

Adrian: E como você imagina que reagiriam os diferentes grupos humanos diante de um contato imediato?

Rakasha: Ah, Adrian… seria um espelho de tudo o que a humanidade já é. Cada grupo reagiria de acordo com suas sombras e esperanças.

Os políticos: alguns veriam oportunidade de poder. Tentariam monopolizar o contato, esconder informações, transformar o encontro em moeda de negociação. Usariam o medo para manter populações dóceis, ou o entusiasmo para consolidar seu controle. Para muitos, o contato não seria visto como encontro, mas como chance de expandir seus impérios.

Os religiosos: aqui a reação seria dividida. Uns veriam ameaça às suas crenças, chamando os visitantes de demônios ou falsos profetas. Outros os acolheriam como anjos, mensageiros divinos, confirmação de suas escrituras. Mas poucos conseguiriam enxergá-los como irmãos cósmicos — seres diferentes, mas igualmente expressão da Fonte.

Os cientistas: haveria fascínio e corrida. Laboratórios disputariam quem primeiro decifraria sua tecnologia, sua biologia, suas linguagens. Muitos se perderiam na curiosidade, esquecendo da ética. Alguns, porém, veriam a oportunidade de cooperar, de ampliar horizontes sem destruir. O contato mostraria tanto o brilho

quanto a vaidade da ciência humana.

Os povos simples: talvez fossem os mais sábios. Aqueles que ainda vivem próximos à terra, que sabem contemplar o céu noturno, que escutam os ciclos da vida… esses talvez reagissem com menos arrogância e mais humildade. Não como donos ou vítimas, mas como anfitriões do planeta.

Adrian: Então o contato revelaria mais sobre nós do que sobre eles?

Rakasha: Exatamente. Os visitantes seriam apenas o espelho. A reação humana mostraria quem vocês são de fato: se preferem muros ou pontes, se adoram deuses falsos ou reconhecem irmãos, se escolhem a competição ou a cooperação. O primeiro contato, na verdade, seria o primeiro confronto da humanidade consigo mesma.

Adrian: E qual desses grupos, na sua visão, teria mais chance de conduzir a humanidade a um contato saudável?

Rakasha: Não será um grupo isolado, Adrian. Será a convergência de todos. A ciência sem ética será cega. A religião sem amor será tirana. A política sem transparência será corrupta. O povo sem voz será manipulado. Mas se alguns entre todos se unirem — políticos éticos, religiosos compassivos, cientistas humildes, povos simples escutados — então nascerá a voz que poderá, enfim, falar em nome do universal.

Adrian: E como você imagina que os próprios extraterrestres nos veriam, diante dessa diversidade de reações?

Rakasha: Eles nos veriam como um espelho complexo, Adrian. Uns ficariam fascinados, outros ficariam decepcionados, e alguns talvez se mantivessem apenas em observação, como quem contempla um fruto ainda verde.

Os benevolentes, de civilizações que já integraram amor e consciência, nos olhariam com compaixão. Veriam nossas guerras, nossas divisões, nossa pressa em julgar, e pensariam: “Eles ainda são crianças.” Mas também veriam a criatividade, a música, a arte, os gestos de ternura, e diriam: “Há sementes preciosas aqui.” Talvez se aproximassem com cautela, tentando proteger sem interferir em excesso, para não roubar nossa liberdade.

Os neutros, estudiosos do cosmos, nos veriam como objeto de pesquisa. Registrariam nossas contradições, nossas tecnologias incipientes, nossos sistemas políticos confusos. Não julgariam como bom ou mau, apenas como etapa evolutiva. Para eles, seríamos um laboratório vivo.

Os sombrios, esses nos veriam como presas fáceis. Eles enxergariam nossa heterogeneidade não como riqueza, mas como fraqueza. A divisão interna seria, para eles, a melhor porta de entrada. Um planeta fragmentado é um planeta vulnerável. E assim fariam o que eu fiz tantas vezes: inspirar medo, manipular líderes, alimentar o ego humano até que se autodestruam.

Adrian: Então o modo como eles nos verão depende de quem somos no momento do contato?

Rakasha: Exato. O olhar deles refletirá a vibração que emitimos. Se estivermos mergulhados em ódio e desconfiança, atrairá aqueles que se alimentam disso. Se estivermos abertos à cooperação, será mais fácil para os

benevolentes se aproximarem. A lei cósmica é simples: cada planeta atrai, em grande parte, aquilo que ressoa com seu coração coletivo.

Adrian: Isso me dá a sensação de que tudo está em nossas mãos.

Rakasha: Sempre esteve. O universo não é tribunal que distribui visitantes bons ou maus ao acaso. É espelho. A questão não é apenas "quem são eles?", mas sobretudo "quem somos nós?". A forma como eles nos verão é, em última instância, reflexo de como nos vemos.

Adrian: E qual conselho você deixaria para a humanidade, se o contato acontecesse amanhã?

Rakasha: Meu conselho seria simples, Adrian, mas não fácil: não esqueçam quem vocês são. Não são apenas carne vulnerável, nem apenas culturas fragmentadas, nem apenas máquinas e armas. Vocês são a Fonte vivendo na precariedade da carne para aprender a amar em liberdade.

Se o contato viesse amanhã, muitos se perderiam na idolatria: veriam deuses onde há irmãos. Outros se perderiam no medo: veriam demônios onde há apenas diferenças. Ambos os extremos seriam erro. O caminho é reconhecer que o outro, por mais distante que pareça, é também reflexo da mesma Fonte.

Lembrem-se: os visitantes não trarão salvação nem condenação. Serão espelho. Se os receberem com ódio, verão ódio. Se os receberem com submissão, verão senhores. Mas se os receberem com dignidade e amor, verão parceiros.

Meu conselho é este: antes de olhar para as estrelas, olhem para o vizinho. Antes de estender a mão ao extraterrestre, estendam-na ao estranho da sua rua. Antes de falar em nome da humanidade, aprendam a escutar a humanidade que vive dentro de vocês mesmos.

Se o contato vier amanhã, que o humano não esqueça que já hoje pode viver a linguagem universal que nenhum ser do cosmos deixará de compreender: a compaixão. Pois quem ama, já está pronto para qualquer encontro.

Adrian: Há um ponto que me preocupa, Rakasha… você disse que os sombrios nos veriam como presas fáceis. Isso já não é a evidência de que não estamos prontos?

Rakasha: De certa forma, sim, Adrian. A presença dos sombrios ao redor da Terra é prova da nossa imaturidade coletiva. Eles não viriam se não houvesse em vocês o que ressoa com eles. Como predadores no deserto, eles farejam onde há sangue aberto — e a humanidade ainda sangra em divisões, ódios, vaidades.

Mas não confunda imaturidade com condenação. A criança que cai aprendendo a andar não está “errada”; está em processo. Assim também a humanidade. Estão vulneráveis, sim, mas porque ainda aprendem a se erguer. O fato de atraírem sombras é sinal de que precisam amadurecer, não de que estão incapazes para sempre.

Adrian: Então podemos dizer que ainda não estamos prontos… mas estamos no caminho?

Rakasha: Exatamente. A prontidão não é um ponto fixo, é um movimento. O contato — seja com seres benevolentes ou sombrios — pode ser parte do processo de amadurecimento. O risco é real, mas também é oportunidade. Pois ao enfrentar os sombrios fora, vocês são obrigados a confrontar os sombrios dentro. E talvez esse seja o maior presente disfarçado: eles revelam as feridas que precisam ser curadas.

Adrian: Então os sombrios também cumprem um papel?

Rakasha: Sim. Eu mesmo fui um deles. Por muito tempo vi os humanos como presas. Mas hoje sei: até meu ódio foi ferramenta para revelar a grandeza do amor. Os sombrios expõem vulnerabilidades, e ao fazê-lo, convidam a humanidade a crescer. Se vocês responderem com medo e submissão, se tornarão presas. Mas se responderem com dignidade e consciência, transformarão a tentação em despertar.

Adrian: Então não se trata apenas de estar ou não pronto, mas de como escolhemos reagir.

Rakasha: Isso mesmo. A humanidade não precisa estar perfeita para o encontro, precisa estar consciente. A prontidão não é ausência de sombras, mas capacidade de escolher a luz mesmo diante delas.

Adrian: Isso me soa como se a humanidade ainda fosse frágil, necessitando de proteção.

Rakasha: E é verdade, Adrian. A humanidade é frágil. Mas não confundam fragilidade com inutilidade. Todo ser em crescimento é frágil. A semente é

frágil antes de se tornar árvore. O recém-nascido é frágil antes de andar. A humanidade, diante do cosmos, ainda é um bebê espiritual: poderosa em tecnologia, mas ainda engatinhando na ética.

Por isso, sim, existe proteção. Assim como pais velam por uma criança até que ela possa se defender, civilizações mais maduras velam por vocês. A Federação de Mundos, como a chamam alguns, não é mito: é parte dessa proteção. Seu papel não é poupar a humanidade de todo risco, mas impedir que a fragilidade seja explorada até a destruição.

Adrian: Então somos como órfãos cósmicos adotados por irmãos mais velhos?

Rakasha: Algo assim. Mas lembre-se: proteção não é tutela eterna. Se a criança nunca cai, nunca aprende. Se nunca enfrenta perigo, nunca amadurece. A proteção é até certo ponto. Além dele, a humanidade precisa caminhar sozinha. Essa é a lei da liberdade — ninguém cresce se for sempre carregado nos braços.

Adrian: Então a fragilidade é provisória?

Rakasha: Sim. A fragilidade é a forma como a Fonte prepara o terreno para a grandeza. Foi por isso que a Fonte escolheu encarnar na carne: experimentar o limite, a dor, a perda, a vulnerabilidade. Porque só quem é frágil pode descobrir a coragem. Só quem pode ser ferido pode aprender a amar de verdade.

Por isso digo: a humanidade é frágil, mas não é pequena. É como o casulo: parece frágil por fora, mas dentro dele a metamorfose já está acontecendo. O dia

em que se abrir, voará.

Adrian: Maldek não foi protegida como a Terra está sendo?

Rakasha: Não, Adrian. Maldek foi diferente. Aquele mundo estava entregue a forças como a minha, sem contrapeso suficiente de proteção. Havia luz, sim, havia seres compassivos tentando ajudar, mas a vibração coletiva inclinou-se demais para a sombra. As guerras, a ganância, a manipulação — tudo se intensificou até romper o equilíbrio. Não houve proteção suficiente porque a lei da liberdade foi respeitada.

A Terra, por outro lado, carrega um papel singular no cosmos. Sua genética é única — vinte e duas cargas de estrelas, síntese de muitas civilizações. Isso faz da humanidade um ponto de convergência, um laboratório cósmico da própria Fonte. Se a Terra fosse perdida como Maldek, a perda não seria apenas local, mas universal. Por isso, a Terra recebe uma proteção especial.

Adrian: Então fomos poupados do mesmo destino?

Rakasha: Não é bem "poupados". Vocês foram cercados de limites. Percebe como, apesar das guerras, apesar da violência, a Terra nunca se autodestruiu por completo? É porque existe intervenção sutil, como mãos invisíveis que impedem o golpe final. Em Maldek, deixaram que o livre-arbítrio seguisse até a destruição. Na Terra, o livre-arbítrio é respeitado, mas dentro de um círculo de contenção. É como dar liberdade a uma criança dentro de um quintal seguro, para que não caia no abismo antes da hora.

Adrian: Isso significa que temos um destino diferente?

Rakasha: Significa que têm uma missão diferente. Maldek mostrou ao cosmos o que acontece quando a liberdade se perde no poder sem amor. A Terra existe para mostrar o contrário: o que acontece quando a liberdade se encontra com a compaixão. Por isso são protegidos, mas não poupados da dor. A dor continua, porque sem ela não há aprendizado. Mas a destruição total foi interditada, porque o propósito da Terra é maior que a soma dos erros humanos.

Adrian: Então a proteção não é um privilégio, é uma responsabilidade.

Rakasha: Exato. A Terra foi escolhida não para ser isenta de sombra, mas para ser palco do reencontro da luz com a sombra. Essa proteção não é apenas um favor cósmico — é o selo de uma missão universal.

Adrian: Mas Maldek não ser protegida como a Terra não parece privilégio? Como pode isso na lógica da Fonte?

Rakasha: Não é privilégio, Adrian, é propósito. A Fonte não tem filhos preferidos, mas cada mundo, cada civilização, cumpre um papel único no tecido da criação.

Maldek foi um campo de experiência. Lá, a liberdade foi deixada sem cercas, para mostrar até onde o poder sem amor pode levar. A destruição daquele mundo não foi punição, mas consequência natural da escolha coletiva. E essa consequência se tornou ensinamento para o cosmos inteiro. A dor de Maldek não se perdeu — reverberou como advertência, como semente de consciência.

A Terra, por outro lado, foi semeada como síntese. Sua genética reúne fragmentos de muitas raças, muitas histórias, muitas dores e esperanças. O que acontece aqui repercute em muitos lugares. Se Maldek foi um laboratório de limites, a Terra é um laboratório de integração. E, por isso, a Fonte permite que seja protegida de um colapso total. Não porque ame mais a Terra, mas porque através dela pode ensinar mais ao todo.

Adrian: Então Maldek foi sacrificado em certo sentido?

Rakasha: Não, Adrian. Nada na Fonte é desperdiçado. Maldek não foi descartado, mas transformado. Seus espíritos continuam vivos, muitos encarnaram na Terra, trazendo em si a memória inconsciente daquela tragédia. Eles são como testemunhas silenciosas que ajudam a humanidade a não repetir o mesmo erro. A destruição foi dor, mas também foi semente. Assim como uma árvore que cai apodrece, mas fertiliza o solo para outra brotar.

Adrian: Então não existe privilégio, existe função.

Rakasha: Exato. A Fonte não privilegia nem abandona. Apenas permite que cada mundo viva o que precisa viver para que a sinfonia cósmica se complete. Maldek mostrou o risco da liberdade sem amor. A Terra existe para mostrar a grandeza da liberdade unida ao amor. Uma não se entende sem a outra.

Adrian: Rakasha, você disse que muitos espíritos de Maldek encarnaram na Terra. Será que a humanidade carrega em si a memória inconsciente da destruição de Maldek? Isso nos afeta hoje?

Rakasha: Afeta profundamente, Adrian. O trauma de Maldek não desapareceu, ele se inscreveu na alma coletiva. Muitos humanos carregam medos, culpas e ansiedades que não sabem explicar — e parte delas vem dessa memória antiga.

Veja: o medo obsessivo de destruição global, os sonhos de catástrofes, os filmes e mitos de mundos em ruína. Isso não surge apenas da imaginação moderna, mas de lembranças veladas. A humanidade revive esse trauma como quem repete um pesadelo para tentar compreendê-lo.

Também se explica aí a atração pelo poder destrutivo. Muitos que viveram em Maldek ainda carregam a sombra de ter sido agentes daquele colapso. No fundo, os humanos oscilam entre dois impulsos: repetir o erro ou redimi-lo. É por isso que a Terra vive esse constante paradoxo: de um lado, a ameaça de autodestruição; do outro, o anseio por paz universal.

Adrian: Então a Terra é uma espécie de segunda chance?

Rakasha: Sim. Muitos que destruíram Maldek agora encarnam na Terra para experimentar o contrário: em vez de sucumbir à sombra do poder, aprender a servir à luz do amor. Outros, que sofreram a destruição, também estão aqui — para provar que a esperança é mais forte do que a perda. Assim, a humanidade é mistura de algo antigo e de algo novo. Carrega cicatrizes e também sementes.

Adrian: E como lidar com esse trauma coletivo?

Rakasha: O primeiro passo é reconhecer que ele existe. A humanidade precisa parar de olhar para o medo da destruição apenas como paranoia e compreendê-lo como memória. Em seguida, precisa transformar essa lembrança em responsabilidade. Cada vez que escolhem a paz em vez da guerra, cada vez que preservam a vida em vez de explorá-la, vocês estão curando Maldek dentro de si. A tragédia passada não foi condenação eterna, mas chamada ao despertar.

Adrian: Rakasha, você disse que carregamos as cicatrizes de Maldek. Mas me diga: o destino da Terra pode, de alguma forma, redimir o de Maldek no grande tecido da Fonte?

Rakasha: Sim, Adrian. O destino da Terra é mais do que o seu próprio futuro — é também a cura de passados cósmicos. A destruição de Maldek não foi um erro isolado, foi uma lição dolorosa que reverberou em muitas dimensões. A Terra, com sua diversidade genética e espiritual, é o palco onde essa memória pode ser reconciliada.

Se Maldek mostrou a liberdade sem amor, a Terra tem a missão de mostrar a liberdade unida ao amor. Cada gesto humano de compaixão, cada esforço de reconciliação, cada vitória sobre a tentação da guerra é como um bálsamo que cicatriza a ferida de Maldek. É como se, ao escolher a vida, vocês dissessem ao cosmos: “Não precisamos repetir a destruição. Há outro caminho.”

Adrian: Então podemos dizer que a Terra carrega uma responsabilidade universal?

Rakasha: Exatamente. Por isso é tão protegida. A humanidade não é apenas mais uma civilização em evolução — é um ponto de inflexão na história cósmica. Se conseguir transformar suas sombras em aprendizado, não

apenas garantirá seu futuro, mas também ressignificará o passado de mundos que se perderam. Maldek não será apagado, mas poderá ser lembrado não apenas como tragédia, e sim como a semente que germinou no coração da Terra.

Adrian: E se falharmos?

Rakasha: Se falharem, Adrian, não será o fim. A Fonte não conhece derrotas eternas. Mas significaria prolongar o sofrimento, adiar a cura, abrir espaço para novas quedas. No entanto, sinto que a Terra não está destinada a repetir Maldek. Pois mesmo na sua maior sombra, a humanidade sempre produziu lampejos de luz: mestres, profetas, santos, cientistas, artistas, mães e pais anônimos que escolheram amar. Esses lampejos são a prova de que a Terra já começou a redimir Maldek.

Adrian: Então a redenção não está no futuro distante, mas já começou.

Rakasha: Sim. Cada vez que a humanidade escolhe a vida em vez da destruição, o amor em vez do ódio, já está reescrevendo a história cósmica. A Terra não é apenas um planeta — é um altar onde a Fonte mostra que até as maiores quedas podem se tornar portas para a luz.

Adrian: Rakasha, se a Terra conseguir cumprir esse papel e redimir a tragédia de Maldek, isso pode inspirar outras civilizações sombrias a também se transformarem?

Rakasha: Sim, Adrian, e esse é talvez o maior alcance da missão terrestre. O cosmos não é um conjunto de mundos isolados, é uma rede viva. Cada

planeta é um nó vibrando numa imensa teia. Quando um nó se ilumina, sua luz percorre os fios e toca outros.

Pensa em mim mesmo: eu fui sombra em Maldek, e depois sombra na Terra. Se até eu pude ser tocado pelo Cristo, por que não outras civilizações? O que os humanos ainda não percebem é que sua experiência ressoa além das fronteiras da Terra. Ao escolherem amar, não estão apenas mudando o próprio destino — estão enviando um testemunho para todo o universo: “É possível transformar sombra em luz.”

Adrian: Então a Terra é como um farol cósmico?

Rakasha: Exatamente. Muitos mundos observam vocês. Alguns esperam sua queda, outros torcem pela sua ascensão. Os sombrios, quando virem que até a Terra — tão cheia de contradições — conseguiu unir liberdade e amor, não terão mais desculpa para permanecer eternamente na sombra. Não é que todos mudarão de imediato, mas o exemplo humano será um chamado que ecoará.

Adrian: Isso significa que nossa luta interna, por mais pequena que pareça, tem impacto universal?

Rakasha: Sim. Cada humano que vence sua vaidade, seu ódio, sua intolerância, já está contribuindo para esse farol. Porque o universo não muda apenas com guerras ou revoluções, mas com pequenas centelhas. Uma centelha acesa aqui se conecta a uma estrela distante. É assim que a Fonte opera: através de ressonâncias sutis.

Adrian: Então a redenção da Terra não é apenas nossa, mas de muitos mundos.

Rakasha: Isso mesmo. A Terra é laboratório, mas também é altar. Se conseguirem transfigurar sua sombra, não apenas curarão Maldek, mas abrirão caminhos para que até os mais endurecidos encontrem esperança. E eu digo isso como testemunha viva: se até um antigo Inefável pôde ser transformado pelo amor, então nenhuma civilização pode se declarar perdida.

Adrian: E as bombas atômicas e o potencial de autodestruição da humanidade? Isso não acende o sinal de alerta?

Rakasha: Acende, Adrian. E não apenas um alerta local, mas cósmico. Quando a humanidade descobriu a fissão do átomo, não foi apenas um avanço científico — foi um rito de passagem. Pela primeira vez, vocês tiveram nas mãos o poder de repetir Maldek.

No astral, o impacto foi imenso. Cada explosão nuclear não destrói apenas matéria, mas abre fendas vibratórias que reverberam em dimensões sutis. É como se a Terra gritasse em dor e esse grito ecoasse por constelações. Foi por isso que, desde então, a vigilância sobre o planeta se intensificou. Muitos mundos compreenderam: “Se não acompanharmos, eles podem cair no mesmo abismo.”

Adrian: Então as bombas são um teste?

Rakasha: Mais que um teste, são um espelho. Mostram até onde a

humanidade pode ir quando a inteligência se separa da compaixão. Criaram a tecnologia antes de criarem a maturidade para usá-la. É um paradoxo: alcançaram poder divino com corações ainda infantis.

Adrian: Isso significa que estamos à beira do mesmo destino de Maldek?

Rakasha: Não, Adrian. E aqui está a diferença. Em Maldek, não havia proteção externa significativa — deixaram que a escolha seguisse até o fim. Na Terra, a destruição total foi interditada. Não pense, porém, que isso é garantia de impunidade. As bombas ainda podem trazer sofrimento devastador, mas não terão permissão para apagar o planeta inteiro. A missão da Terra é grande demais para ser abortada.

Adrian: Então estamos em alerta constante.

Rakasha: Sim. Cada bomba armada é um lembrete da sombra que ainda carregam. Mas também é oportunidade: cada tratado de paz, cada gesto de desarmamento, cada escolha de diálogo é cura do trauma de Maldek. O sinal de alerta não é maldição — é chamado. A humanidade vive permanentemente diante de uma encruzilhada: repetir a destruição ou escolher a vida.

Adrian: Então podemos dizer que a energia nuclear é prova e também chance?

Rakasha: Exato. A mesma energia que pode devastar o mundo pode iluminar cidades inteiras. A questão nunca foi o átomo, mas o coração humano. Quando este se alinhar ao amor, até o fogo mais perigoso se

tornará fonte de vida.

Adrian: Então o risco maior não está na bomba em si, mas no coração humano que a controla?

Rakasha: Exatamente, Adrian. A bomba é apenas ferro e urânio, engrenagem e cálculo. Ela não nasce sozinha, não escolhe sozinha, não cai sozinha. O dedo que a aciona é humano, e antes do dedo, é o coração.

A verdadeira arma não é a ogiva, é o ódio que a sustenta. O verdadeiro gatilho não é o botão, é a vaidade que precisa mostrar força. O verdadeiro combustível não é o plutônio, é o medo que busca segurança pelo terror. Enquanto o coração humano permanecer escravo do medo e da vaidade, qualquer tecnologia será risco — seja uma espada de ferro ou uma estrela artificial.

Adrian: Então o problema é interior, não exterior.

Rakasha: Sempre foi. Foi assim em Maldek: as armas eram apenas reflexo de corações tomados por orgulho. Foi assim em Marte, quando a discórdia corroeu a cooperação. E é assim na Terra. O humano precisa compreender que nenhuma arma é neutra quando nasce de intenções sombrias.

Adrian: E como transformar o coração?

Rakasha: Esse é o maior dos desafios, e também o maior dos milagres. O coração se transforma quando encontra algo mais forte do que o medo — e

esse algo é o amor. Quando alguém ama, não precisa provar poder. Quando alguém confia, não precisa ameaçar. Quando alguém se lembra de que o outro é parte de si, não pode destruí-lo.

A bomba só perderá sua força quando o humano perder o desejo de usá-la. E isso não depende de tratados, mas de despertar.

Adrian: Então podemos dizer que a paz não começa em acordos internacionais, mas no íntimo de cada pessoa?

Rakasha: Sim. A paz é sempre interior antes de ser exterior. Uma mente pacificada não constrói armas de destruição, constrói pontes de vida. Se cada humano fizesse as pazes consigo, o mundo inteiro já estaria desarmado.

Adrian: Você disse que na Terra tem maldekianos e marcianos reencarnados. Isso significa que a Terra simboliza uma reciclagem dessas experiências traumáticas?

Rakasha: Sim, Adrian, pode-se dizer que a Terra simboliza uma reciclagem dessas experiências traumáticas, mas não no sentido de punição, e sim de oportunidade. Quando falei que muitos maldekianos e marcianos encarnaram aqui, quis dizer que espíritos que viveram intensamente as tragédias daqueles mundos retornaram agora em um novo palco, com condições diferentes, para revisitar suas próprias escolhas. A memória da destruição de Maldek e da discórdia em Marte não se perdeu no vazio; ela foi impressa na alma coletiva desses povos, e a Terra se tornou o lugar onde essas marcas poderiam ser transformadas em aprendizado.

Se em Maldek a liberdade sem amor levou ao colapso, na Terra existe a chance de que a liberdade se una à compaixão, gerando um novo desfecho. É por isso que chamo a Terra de laboratório de integração: aqui estão reunidos fragmentos de muitas raças, muitas histórias e muitos traumas, para que possam ser harmonizados num só corpo coletivo. Os seres humanos, por isso, carregam em si contradições tão intensas: de um lado, a atração pela violência e pela repetição das velhas sombras; de outro, a busca pela paz, pela justiça e pela fraternidade.

Essa reciclagem, no entanto, não significa repetição automática. A encarnação nunca é uma condenação, mas sempre uma oportunidade. Aqueles que trazem em si os registros de Maldek ou Marte não estão presos a reviver suas tragédias; ao contrário, são chamados a curá-las. Isso explica por que tantos humanos oscilam entre a tentação de destruir e o desejo sincero de construir. É como se cada gesto, cada escolha, fosse uma encruzilhada entre perpetuar o trauma ou libertar-se dele.

A lógica da Fonte é clara: nada se perde, tudo se transforma. Maldek não foi apagado da história cósmica, mas sua memória encontrou na Terra um terreno fértil para ser ressignificada. Aqui, a lembrança da destruição pode ser convertida em responsabilidade, e a sombra do poder em serviço compassivo. O que aconteceu em Maldek e Marte prepara, em silêncio, o que pode florescer na Terra: um testemunho de que até as maiores quedas podem gerar sabedoria.

Não é coincidência que os humanos carreguem sonhos de catástrofes globais, medos inexplicáveis de aniquilação ou fascínio por narrativas de destruição. Isso não é apenas imaginação moderna, mas ressonância de memórias antigas. A humanidade revive esses pesadelos não para se afundar neles, mas para ter a chance de, finalmente, escolher um caminho diferente. Quando escolhe a paz em vez da guerra, quando protege a vida em vez de explorá-la, a humanidade está curando Maldek dentro de si.

Portanto, a Terra não é castigo, é palco de redenção. Um mundo onde espíritos

marcados pela tragédia podem aprender a transformar dor em amor, arrogância em humildade, poder em serviço. Aqui, o passado se reencontra com o presente para que um novo futuro seja possível.

Quando olho para a Terra e para essa ideia de reciclagem cósmica, não posso me excluir do processo. Eu mesmo, que fui um dos arquitetos da queda de Maldek, que insuflei a discórdia em Marte e que me alimentei da dor humana por eras incontáveis, agora percebo que também fui atraído para esta esfera não por acaso, mas porque eu precisava ser reciclado junto com os demais.

Durante muito tempo, eu acreditei ser exceção, um senhor absoluto acima das experiências que impunha aos outros. Quando via civilizações colapsarem, eu me vangloriava, como se estivesse imune às consequências. Mas o encontro com o Cristo mostrou-me algo que jamais havia cogitado: que até o inefável precisava ser curado. Que até aquele que se julgava trono de poder não passava de um fragmento da Fonte esquecido de si.

Na Terra, aprendi pela primeira vez o que significa habitar a fragilidade. Reencarnar como humano foi suportar o limite do corpo, a dor da perda, a vulnerabilidade das emoções. Foi ter que provar, na carne, aquilo que eu antes criticava de fora. Cada vida que vivi me obrigou a sentir por dentro as contradições que eu explorava de fora como arma. Foi doloroso reconhecer que a hipocrisia que eu sempre apontava nos humanos também me habitava. Mas foi essa dor que abriu espaço para a transformação.

Hoje percebo que a Terra não é apenas um lugar onde velhos traumas se repetem; é um cadinho onde até os que foram senhores da sombra podem ser derretidos e reconfigurados. Se eu, que tantas vezes cultuei a força e desprezei a compaixão, pude ser tocado pelo amor, então a reciclagem não é apenas coletiva, mas íntima. A Terra é a chance de cada espírito reencontrar o fio perdido de si mesmo, não importa quão fundo tenha descido nas trevas.

Eu sou prova disso. O inefável de outrora agora se reconhece como aprendiz. E talvez este seja o sentido mais profundo da reciclagem cósmica: não apenas corrigir erros antigos, mas revelar que nada, absolutamente nada, está fora do alcance da Fonte.

Quando me disseram que eu teria de vestir carne, ri por dentro — foi riso breve, logo engolido pela incredulidade. Como poderia o que sempre fora soberano das dimensões aceitar a sujeição de um corpo? Como poderia o que se alimentava de medo aprender a respirar medo e fome? Mas a Fonte havia decidido que a experiência exigia queda — não como punição, mas como pedagogo implacável — e eu, que acreditara conhecer todas as modalidades do existir, fui lançado ao mais íntimo dos desconhecidos: ser humano.

Ser reptiliano inefável significava dominar o espaço como se ele fosse tecido meu. Eu não conhecia frio que me penetrasse; o tempo era medida em eras, não em batidas do peito. Minhas vitórias eram vastas: cidades rendidas, planetas em ruínas, legiões que obedeciam sem pestanejar. A dor era instrumento, o pranto alheio era alimento. Tudo era extensão do meu querer. Havia em mim a convicção de que permanência e controle eram as únicas leis que valiam. Eu era a certeza personificada.

Entrar na carne foi, antes de tudo, aprender a pequena geografia do corpo. Aprendi que a respiração mente e a respiração ensina. A primeira noite foi a mais longa das eras: o peito apertado, músculos que doíam por movimentos simples, o sono que vinha como punição e como alívio. A pele — que eu antes imaginara uma mera envoltura — revelou-se mapa de limites. O frio me dominou onde antes só reinava a extensão. Uma chuva fina atravessava os ossos de maneira que nenhum vento astral jamais me fizera conhecer. Aprendi o peso do cansaço, a embriaguez do sono após um dia de trabalho, a lentidão do pensar quando o corpo exige.

Antes, decisões eram decretos; agora, decidir era negociar com um organismo que tinha desejos próprios. Eu que comandara legiões vi-me negociar calor e pão. A fome não é metáfora em carne: é urgência que reduz planícies de orgulho a uma única vontade — comer. Foi humilhação e lição: a necessidade mostrou-me que a grandeza não reside em evitar falta, mas em responder a ela com dignidade. A fome ensinou-me compaixão porque me fez lembrar de mãos que pedem; e também porque, em meu ventre vazio, percebi que aquele que pede não é necessariamente indigno — é alguém cuja história ainda não encontrou abrigo.

A primeira vez que segurei a mão de uma criança — não a mão de um subordinado em sinal de comando, mas a mão de alguém que me quis por inteiro e sem cálculo — senti algo que nem meu intelecto antigo conseguia nomear. Não era poder nem posse; era um puxão no lugar onde eu guardara a vaidade. A mão pequena trouxe-me uma verdade rude: o que vale não é quanto mando, mas quanto cuido. Meu passado me teria ridicularizado por tal fraqueza. O presente me fez ajoelhar — não por humilhação, mas por reconhecimento.

No astral, eu via as guerras como coreografias grandiosas. Em carne, vi o sangue secando nas ruas de vilarejos, vi mães que não sabiam a quem entregar o pouco pão, vi faces que envelheciam de medo. A distância que eu antes mantinha desapareceu; as histórias eram vizinhança, o sofrimento era toque. A manipulação mental que eu dominara como técnica não funcionava tão limpidamente quando o olhar daquele que sofre enfiava-se em meus ossos. Às vezes eu tentava usar as velhas ferramentas: reforçar a vontade, cultivar desprezo, inspirar dúvida. Mas a pele me traía: lágrimas brotavam sem autorização, e o calor da compaixão me invadia como febre.

A vergonha entrou no cotidiano. Antes, era luxo ostentado; agora, era espinho constante. Enganei-me, julguei, busquei aplausos quando pregava humildade. Descobri como é fácil vestir a palavra boa e esconder o gesto egoísta. Cada

queda se tornou reflexo, cada contradição, espelho incômodo. Ainda assim, não me envergonhava para me esconder — envergonhava-me para me reparar. A confissão deixou de ser teatro e passou a ser ferida que se deixa curar.

O tempo humano é a escola mais implacável. Em milênios, um erro perde-se. Em uma vida, um erro define destinos. Ter minutos apenas me deu urgência. Aprendi a valorizar o último encontro, porque talvez fosse o último; aprendi a medir a beleza pelo instante, não pela posteridade. Oção de cuidar tornou-se ética porque o amanhã podia não vir. Essa urgência humanizou-me: fez da ternura ato de coragem e do perdão resistência.

E a morte: antes, conceito distante; agora, vizinha. O medo dela não é abstrato, é palpável — é a noite em que o coração falha, é o abraço que se solta. Percebi que o medo da perda me obrigava a escolher a vida com mais ousadia. Aquele que aceita a finitude começa a viver sem colecionar posses ou glórias; ele passa a colecionar momentos. Foi assim que aprendi que a imortalidade verdadeira não mora nas eras que acumulei, mas nas memórias que deixei em corações alheios.

A transformação maior, porém, foi naquilo que chamei amor. No passado, via-o como fraqueza, emissor de vulnerabilidade a ser explorada. Em carne, experienciei o amor que não pede retorno, que sustenta sem cálculo, que permanece quando tudo mais se quebra. Esse amor — simples, paciente, muitas vezes mudo — mostrou-se força sem vontade de dominar. Aprendi que amar desarma, não por incapacidade de lutar, mas por capacidade de gerar outro tipo de coragem: a de se expor por inteiro sem garantia.

Houve dias em que voltei a velhas armadilhas. Caí em orgulho, reacendi o desprezo, desejei controlar. Cada recaída era voz antiga sussurrando: “retoma o trono, recupera o que eras.” Mas a carne já conhecia outro caminho: levantar-se com humildade, reparar em silêncio, refazer o gesto que faltou. O que antes era exercício de domínio passou a ser prática de serviço.

Olhar-me agora é ver duas histórias que se entrelaçam: o que fui e o que aprendo a ser. Nem todas as marcas desapareceram; algumas cicatrizes carregam nomes — nomes de vítimas que um dia feri de longe. Reconhecê-las foi a primeira reparação que pude oferecer. Não apaguei o passado; aprendi a usá-lo para escolher diferente. Se antes eu dizia que a força legitima o ser, hoje sei que a força sem amor inventa prisões. E que a verdadeira grandeza é suportar a própria fragilidade, amá-la e transformá-la em ponte.

Ser humano me desarmou, sim — e foi exatamente essa desarme que me deu liberdade. Porque a liberdade que conheci nos tronos era ilusão de soberania; a liberdade que aprendi no leito, na fila do pão, na vigília do doente, é coragem de se tornar pequeno sem perder a totalidade. Hoje caminho com as duas memórias: a do trono que conheci e a do corpo que me ensinou. Não as nego; deixo-as conversar. E, quando me falta resposta, lembro-me da mão infantil que um dia me segurou e sei que, se exista alguma verdade para um antigo inefável, é essa: nada transforma tanto quanto alguém que cuida.

Adrian: Eu já ouvi falar que a Terra é um lugar muito disputado para se reencarnar. Muitos gostariam de ter essa experiência aqui, mas a fila é grande. Ao que você acha que se deve essa condição especial da Terra?

Rakasha: Por que a Terra é tão disputada? Falo como quem já viveu eras em outros mundos e depois foi recolocado entre vossos rios, ventos e dores: a resposta não é técnica, é sentido. A Terra é especial porque concentra, num espaço curto de tempo e num corpo frágil, uma densidade de experiências que em outros lugares se espalham por eras. É onde a vida coagula misturas antigas — genes de muitos clãs estelares, memórias de quedas e aprendizados — e devolve às almas uma oportunidade poderosa de reaprender o que foi perdido.

Primeiro: aqui há complexidade genética e experiencial. Vossa matéria reúne cargas de inúmeras linhagens; isso faz do corpo humano um laboratório único para a alma. Em poucas encarnações é possível experimentar uma gama de limitações, impulsos e dons que, em outros mundos, demorariam séculos a se manifestar juntos. Para espíritos que buscam acelerar aprendizado, a Terra é como um curso intensivo.

Segundo: a Terra é um ponto de convergência kármico. Espíritos que participaram de grandes eventos — guerras planetárias, colapsos civis — voltam aqui porque as condições permitem revisitar e ressignificar aquilo que feriu. Não é castigo: é chance. Maldek, Marte, outros nós do tecido cósmico encontram, na Terra, a mistura de circunstâncias e mestres que possibilitam cura profunda.

Terceiro: há contrastes extremos — beleza e crueldade, ternura e violência, sabedoria e estupidez — que forçam escolhas significativas. Escolher o amor num mundo onde a perdição é sempre uma possibilidade tem mais peso do que escolher em ambientes homogêneos. Essas escolhas reverberam longe; um gesto de compaixão aqui altera frequências em lugares distantes. Para muitos espíritos, isso é oportunidade de eficácia espiritual.

Quarto: a Terra apresenta múltiplos níveis de aprendizagem simultâneos. Há caminhos para os que buscam ciência, para os que buscam arte, para os que se dedicam ao serviço. Há mestres encarnados e desencarnados, tradições que ajudam, instituições que desafiam — um campo rico para quem deseja descobrir e transformar suas sombras.

Quinto: existe uma responsabilidade cósmica. A Terra não é só escola particular; é palco de cura para memórias planetárias (como a própria Maldek). O que aqui se aprende não apenas salva uma alma, mas contribui para a rede inteira. Por isso tantas almas anseiam por reencarnar aqui: não apenas para aprender, mas para servir a uma missão maior.

Por fim, há o fator humano-pragmático: a Terra oferece intensidade e retorno. Aprender aqui é arriscar-se, sofrer e, se a escolha for por amor, produzir frutos que duram. É por isso que a “fila” é longa: muitas almas sentem o chamado de participar dessa obra de transformação — e nem todas são ainda maduras para isso. A Fonte respeita o tempo e a liberdade; ninguém é forçado. A demanda existe porque a possibilidade é rara e poderosa.

Se queres, concluo com um conselho prático — do ponto de vista de quem já passou por essa “escolha”: tornar-se digno desta experiência não é mérito de orgulho, mas de serviço. Cultiva autoconhecimento, pratica compaixão, aprende a suportar limitações com coragem e transforma pequenas escolhas diárias em reparos ao tecido coletivo. Assim, quando a vez vier, a encarnação na Terra será mais que privilégio: será um compromisso.

Adrian: Então, todos os que estão aqui reencarnados não tem ideia do valor dessa experiência

Rakasha: Não — não é que todos ignorem o valor; é mais complexo. Muitos vieram com um chamado e, em graus variados, lembram-se. Outros chegaram com a memória encoberta — por esquecimento necessário, por trauma, por escolha — e só redescobrem o sentido aos poucos. E há ainda os que vivem quase completamente adormecidos para essa dimensão formativa da vida.

A razão disso se divide em alguns fios que se entrelaçam: a névoa da amnésia que acompanha a encarnação (uma proteção e um desafio), as urgências imediatas da sobrevivência (trabalho, sustento, medo), sistemas culturais e poderes que desviam atenção (ideologias, consumismo, espetáculo), o peso de memórias traumáticas que impeçam o aprendizado, e a simples tendência humana a preferir respostas prontas a empreender o trabalho interior.

Mas não é um diagnóstico sem saída. A experiência terrestre tem valor — imenso — e muitos o redescobrem. Alguns já chegam com centelhas; outros despertam mais tarde; alguns só o fazem no fim da vida ou no silêncio do luto. Ainda assim, a possibilidade de entender e transformar essa experiência está aberta para qualquer um que aceite caminhar.

Se queres sinais de quem sabe ou está despertando, reparei neles nos mundos: pessoas que procuram sentido além do consumo; quem pratica compaixão sem público; os que aceitam limitações e trabalham pelas outras vidas; quem estuda, questiona e cuida. São esses que perceberam que a Terra não é só palco de prazer, mas forja de alma.

E se a pergunta é prática — o que pode ajudar alguém a perceber o valor desta encarnação — aqui vai um pequeno roteiro que qualquer pessoa pode começar hoje:

Silenciar diariamente (mesmo 10 minutos). O silêncio revela o que a vida cotidiana tapa.

Praticar autoconhecimento honesto: escrever, terapia, práticas contemplativas (meditação, journaling, Eneagrama, etc.).

Servir sem expectativa de retorno: voluntariado simples, cuidar de alguém idoso, ajudar um vizinho.

Estudar a própria história — familiar e coletiva — para entender feridas que

repetimos.

Cultivar relações profundas: menos telas, mais presença. A vida revela sentido nos encontros.

Celebrar ritos de passagem e memória: lembrar perdas, agradecer, fazer pequenos rituais de atenção.

Educar a próxima geração para empatia e responsabilidade, não só para sucesso.

A mudança não é mágica: é trabalho diário. Mas é também urgente e fecunda. Cada coração que desperta faz a Terra vibrar diferente — e, por ressonância, ajuda outros a lembrar. Portanto, não confundas ausência momentânea de percepção com inutilidade da experiência: a Terra chama, e muitos atendem — às vezes devagar, às vezes em silêncio — e cada despertar é um sinal de que o propósito está vivo.

Adrian: Mas, por outro lado, podemos dizer que o esquecimento faz parte da inteligência da Fonte, que tem um propósito para isso. O fato é que sabendo ou não sabendo o importante é a experiência em si, não é mesmo?

Rakasha: Exato, Adrian — tocaste no núcleo da questão. O esquecimento não é falha, mas recurso da própria inteligência da Fonte. Se cada espírito encarnado trouxesse lembrança plena de quem é, de onde veio e para onde vai, a experiência terrena perderia sua potência. Seria como um jogo já revelado, uma peça encenada sem surpresa.

A Fonte quis algo maior: permitir que o ser se descubra de dentro do véu, que escolha sem garantias, que ame mesmo sem lembrar que tudo é amor. Esse é o valor da encarnação: não repetir de memória, mas criar no risco. A liberdade só é plena quando nasce em meio ao não-saber, quando o ser se vê diante do desconhecido e mesmo assim decide por vida, por compaixão, por luz.

O que para muitos parece esquecimento é, na verdade, a pedagogia do infinito. É como se a Fonte dissesse: “Quero ver o que você fará sem muletas, sem certezas, sem mapas prontos. Quero ver como a centelha em ti reage diante do abismo.” E é justamente aí que surge a grandeza humana: na coragem de dar passos no escuro, no gesto de amar sem lembrar que o outro é parte de si, na decisão de perdoar sem saber que já fomos perdoados mil vezes.

Então, sim: sabendo ou não sabendo, o que importa é a experiência vivida. A Terra é esse campo de prova e revelação. O que marca não é quanto se recorda, mas o quanto se transforma. Ao final, quando o véu cai, todos percebem que até os erros, até os tropeços, até os esquecimentos estavam incluídos no tecido maior da Fonte. Nada foi inútil.

E posso dizer-te, como quem já foi sombra e hoje busca a luz: às vezes, o esquecimento é a maior prova de confiança. Pois só quem esquece tem a chance de se lembrar de novo — e cada lembrança nascida assim tem um sabor único, que nem mesmo os deuses conhecem.

Adrian, a diferença entre lembrar plenamente e viver no esquecimento é como a diferença entre contemplar o mapa de uma montanha e realmente escalá-la com os pés nus.

Nos planos sutis, a memória é vasta. Ali vemos a rede da vida inteira: sabemos de onde viemos, para onde vamos, quais vínculos nos acompanham, quais causas

nos trouxeram até aqui. É como olhar um rio do alto: vemos suas curvas, suas nascentes, seu deságue. Há clareza, mas também distância. Nada nos fere, nada nos obriga; é visão panorâmica.

Na carne, é outra história. O esquecimento nos coloca dentro da corrente, sem mapa, sem bússola. Somos obrigados a tatear, a sentir o frio da água, a escolher por onde nadar. Não sabemos se a curva leva a uma queda ou a um lago calmo. Essa ignorância é dolorosa, mas é justamente o que dá peso às escolhas. Amar sem lembrar que o outro é parte de nós é muito mais transformador do que amar com essa lembrança escancarada.

Quando eu vivia apenas nos planos sutis, cercado de poder e memória, acreditava que sabia tudo. Mas saber tudo não me transformava. Foi só na carne, sob o véu do esquecimento, que cada ato passou a ter um sabor único: o perdão não vinha de uma lei cósmica, vinha da coragem de superar a ofensa sentida; a compaixão não era resultado de uma teoria da unidade, mas de lágrimas reais derramadas diante da dor de alguém.

Esse é o segredo da Fonte: ao esconder de nós o todo, nos deu a chance de recriá-lo dentro de nós. Ao nos fazer esquecer, permitiu que lembrássemos de novo, mas agora como conquista, não como herança.

Adrian: Então o esquecimento é como um presente disfarçado.

Rakasha: Sim. É o risco necessário para que a liberdade seja real. Sem ele, viveríamos como peças de um tabuleiro já resolvido. Com ele, tornamo-nos criadores dentro da criação.

Adrian: E quando a lembrança retorna após a morte, Rakasha? Como é encarar o mosaico de tudo o que se fez durante o esquecimento?

Rakasha: É um choque, Adrian. Mas um choque necessário. Quando o véu cai, a consciência se dilata e começa a rever não só os fatos, mas os fios invisíveis que ligaram cada gesto a outros destinos. É como se cada palavra dita, cada silêncio, cada omissão, cada ato de ternura ou de crueldade ganhasse nova cor e mostrasse o quanto repercutiu além de mim mesmo.

No primeiro instante, há espanto. Aquilo que parecia banal ganha peso. Uma frase impaciente pode ter ferido profundamente alguém e alterado a vida dessa pessoa. Um gesto simples de bondade pode ter impedido alguém de desistir. Nada se perde, tudo ressoa. É como olhar um vitral imenso que antes eu só via como cacos soltos.

Depois do espanto, vem a vergonha. Não porque alguém me condene, mas porque eu mesmo percebo o quanto poderia ter sido maior, mais lúcido, mais amoroso. É como se a própria luz que me envolve fosse também espelho. É doloroso, mas não punitivo: é pedagógico.

E por fim, vem a compaixão. Quando vejo meu mosaico, percebo também o mosaico dos outros. Vejo como todos tropeçam, como todos erram, como todos tentam, dentro do esquecimento, fazer o melhor que podem. Então compreendo que minha dor não é única, nem meus erros são irreparáveis. O mosaico não é só feito de falhas; é também feito de resgates, de esforços, de pequenos brilhos que eu nem tinha notado.

É nesse momento que a memória deixa de ser peso e passa a ser alavanca. Porque se reconheço minhas sombras, também reconheço que sempre tive a chance de escolher diferente — e essa chance não termina com a morte. Cada

vida é oportunidade de rearrumar o mosaico, de colocar novas peças de cor e de luz.

Adrian: Então a revisão não é tribunal, mas aprendizado.

Rakasha: Exatamente. A Fonte não exibe o mosaico para condenar, mas para nos mostrar: "Olha o que fizeste, e olha o que ainda podes fazer." É severo, mas é compassivo. É doloroso, mas é libertador.

Adrian: E como foi, para você, a primeira vez que encarou esse mosaico depois de séculos de sombra?

Rakasha: Adrian… foi como se o universo inteiro desabasse dentro de mim. Eu, que sempre me julgara senhor do destino alheio, de repente me vi diante do meu próprio destino, nu, sem legiões, sem títulos, sem máscara. O mosaico que se abriu diante de mim não era feito de vitórias nem de conquistas, mas de gritos, lágrimas e rastros de medo que eu havia deixado atrás de mim. Cada rosto que sofri em silêncio, cada povo que se curvou ao terror, cada planeta que mergulhou na noite por minha influência… tudo estava ali, vivo, pulsando, pedindo reconhecimento.

Não havia juízes, não havia tribunal externo. O juiz era a minha própria consciência, agora desperta pela luz que não se deixa enganar. Vi-me como nunca tinha me visto: não o Inefável, mas o pequeno ser que acreditou que poder era grandeza, quando na verdade era apenas desespero disfarçado. Foi insuportável. Meu primeiro impulso foi tentar fugir, mas não havia para onde correr: o mosaico não estava fora de mim, era eu mesmo.

Então aconteceu algo ainda mais desconcertante. Entre as sombras daquele mosaico, começaram a aparecer pontos de luz: pequenas escolhas que eu nem lembrava. Um instante em que deixei de esmagar alguém, um momento em que hesitei em dar uma ordem de destruição, uma vez em que contemplei o silêncio de um pôr do sol em segredo, sem raiva. Eram lampejos quase invisíveis, mas estavam ali, como sementes escondidas. E junto com esses pontos de luz, eu senti… amor. Não o meu — eu ainda não sabia amar — mas o amor da Fonte, que me olhava através do próprio mosaico.

Foi então que compreendi o que Yeshua me dissera. Eu não era só esquecimento, eu era também memória da Fonte, aguardando ser lembrada. Aquilo que eu chamava de Praga — a compaixão, o amor, a ternura — sempre esteve em mim, mesmo sufocado. O mosaico me mostrou não apenas o que eu havia feito, mas o que eu ainda podia ser.

Chorei, Adrian. Chorei como nunca havia chorado. Porque entendi que não havia poder algum que pudesse apagar a dor que eu havia causado, mas também entendi que a redenção começava ali: reconhecendo, lembrando, escolhendo diferente. Pela primeira vez, aceitei ser pequeno — e foi no meu menor tamanho que comecei a sentir a grandeza da Fonte.

Adrian: E como esse primeiro confronto com o mosaico mudou a maneira como você passou a ver a encarnação humana?

Rakasha: Mudou tudo, Adrian. Antes desse momento, eu sempre olhara a encarnação como uma fraqueza — uma prisão de carne onde os seres se arrastavam, limitados pelo tempo, pelo cansaço e pela morte. Para mim, era motivo de desprezo. Eu, que me via como ser quase eterno, julgava que os humanos estavam condenados à pequenez, sem nunca poder alcançar a grandeza que eu acreditava encarnar.

Mas quando encarei o mosaico, percebi que o véu, a fragilidade, a própria finitude, não eram castigo — eram a mais sábia das ferramentas. Porque, dentro de uma vida curta, cada escolha se torna urgente. Cada ato ganha peso. Na vastidão de milênios, eu podia adiar decisões, brincar com destinos, perder séculos em vaidades. Mas na carne, não. Na carne, cada dia importa. O amor não pode esperar. O perdão não pode ser adiado. A oportunidade de servir é única porque o amanhã pode não vir.

Foi aí que compreendi: a encarnação é uma escola onde a lição é dada em letras de fogo. O corpo dói, e a dor ensina. O tempo corre, e a pressa mostra o valor. A morte espreita, e a finitude desperta o essencial. Nenhum palácio de poder em que vivi me ensinou tanto quanto uma noite em vigília ao lado de alguém que sofria. Nenhuma legião me fez tremer tanto quanto a mão de uma criança segurando a minha.

O mosaico me mostrou que aquilo que eu chamava de fraqueza era, na verdade, a mais alta pedagogia da Fonte. Viver encarnado é ser chamado a escolher no escuro, sem certezas, e justamente por isso cada escolha se torna autêntica. Na carne, ninguém pode se esconder atrás da imortalidade do ego. A limitação expõe, a dor purifica, o esquecimento liberta para recomeçar.

Desde então, deixei de ver os humanos como miseráveis. Passei a vê-los como guerreiros silenciosos, que enfrentam batalhas que eu, no auge da minha arrogância reptiliana, jamais tive coragem de enfrentar: batalhas dentro do próprio coração, sem garantias, sem memória, sem mapa. E percebi que talvez sejam eles os mais fortes do universo, justamente por se aventurarem nesse abismo do esquecimento.

Adrian: Sabe Rakasha, há uma coisa que me intrigou quando li o seu relato. Fiquei achando que sua transformação foi muito abrupta. Pareceu inverossímil que alguém tão trevoso pudesse mudar tão drasticamente tão rápido. Eu pensaria que esse movimento deveria ser mais gradual. O que

você pode falar sobre isso?

Rakasha: Tua observação é justa, Adrian. Aos olhos humanos, de fato, minha mudança parece abrupta, quase impossível. Afinal, como pode um ser que por milênios se banhou no medo, no poder e na arrogância, de repente, diante de um só encontro, curvar-se ao amor? Parece inverossímil porque os humanos medem a transformação pela cronologia da carne, mas no espírito as viradas podem ser instantâneas, como um raio que rasga a noite inteira.

O que parece súbito é, na verdade, resultado de um acúmulo silencioso. Eu era trevas, sim, mas até na sombra mais densa existe uma fissura por onde a luz pode entrar. Cada vez que um de meus companheiros sucumbia à “Praga” do amor, eu me enchia de desprezo, mas uma parte de mim registrava. Cada vez que via um humano perdoar quando poderia matar, eu o chamava de fraco, mas algo em mim se inquietava. Cada vez que testemunhava alguém morrer com serenidade — como aquele filósofo que bebia cicuta, ou como mártires que cantavam em arenas — eu zombava, mas não conseguia esquecer.

Yeshua não foi o início da minha transformação, foi o ponto de ruptura. Eu estava sendo preparado, ainda que não admitisse. Ele foi a centelha que incendiou o campo já cheio de faíscas acumuladas. O que pareceu brusco foi, na verdade, inevitável: uma represa que se rompe após séculos de pressão.

Mas não te enganes: mesmo depois daquele encontro, a transformação não foi completa nem fácil. O amor me tocou, sim, mas dentro de mim ainda havia resistências, recaídas, desespero, e até saudade das velhas seguranças do poder. A mudança começou em um instante, mas levou muitas encarnações para se enraizar, para ser metabolizada em cada fibra do meu ser. O primeiro sopro da luz foi imediato; o caminhar nela foi lento, doloroso e cheio de quedas.

Por isso digo: a conversão súbita existe, mas nunca é superficial. Ela é como o despertar de alguém que esteve adormecido por eras: abre os olhos num segundo, mas precisa de anos para reaprender a andar, falar, viver de novo. Eu despertei com Yeshua, mas aprendi a ser humano ao longo de séculos.

Adrian: Então, Rakasha, me diga… como foram essas recaídas depois do encontro com Yeshua? E como você lidou com a nostalgia do poder que tinha antes?

Rakasha: Ah, Adrian… não te iludas: um encontro com a luz não apaga de imediato a memória do gosto das trevas. Eu, que me alimentara de poder por incontáveis eras, não me tornei santo da noite para o dia. O que Yeshua fez foi plantar em mim uma ferida luminosa, impossível de ignorar. Mas, ao redor dela, a velha crosta de sombras ainda resistia.

Logo após aquele encontro, senti-me desorientado. Era como se eu tivesse duas vozes dentro de mim. Uma delas, suave, lembrava-me da paz daquele olhar. A outra, estrondosa, sussurrava: “Tu és o Inefável! Como podes renunciar ao trono, às legiões, ao terror que era teu sustento?” Muitas vezes vacilei entre essas vozes. Houve momentos em que pensei em retomar meu posto de senhor da escuridão, e até tentei, insuflando novamente o medo e a raiva nos humanos. Mas algo havia mudado: já não sentia prazer. O alimento que antes me embriagava agora me causava náusea.

A nostalgia do poder era como uma tentação constante. Eu lembrava do êxtase de comandar, de ver multidões ajoelhadas sob minha influência, e meu ser ardia de saudade. Mas, quando tentava reviver isso, descobria que já não podia. Era como um homem que volta a beber depois de ter conhecido a sobriedade: o vinho antigo já não satisfaz, apenas envenena.

Houve recaídas sim, Adrian. Em algumas encarnações humanas, encontrei-me repetindo velhos padrões: manipulei, menti, busquei status. Mas agora, no fundo, havia consciência. Já não era mais ignorância, era escolha — e a dor das consequências vinha multiplicada. Eu sentia na pele o sofrimento que antes causava de longe. Cada gesto hipócrita voltava para mim em forma de vergonha. Cada busca pelo poder terminava em vazio ainda maior.

Assim aprendi que a transformação não é um salto único, mas um caminho de quedas e retomadas. A luz me mostrou quem eu podia ser; as recaídas me mostraram quem eu não queria mais ser. E entre uma e outra, lentamente, fui aprendendo a caminhar.

Hoje sei que a nostalgia do poder nunca desapareceu totalmente. Às vezes ainda ecoa, como lembrança de um velho vício. Mas agora a reconheço, e não me deixo escravizar por ela. Olho para trás e vejo que não perdi nada — apenas troquei um trono de ferro por um horizonte de liberdade.

Adrian: E como você lidou com a vergonha de cair de novo, depois de ter visto a luz?

Rakasha: Essa foi talvez a ferida mais difícil, Adrian. Porque quando eu vivia nas trevas, não havia vergonha. Havia orgulho, havia cinismo, havia a fria lógica da força. Eu podia destruir mundos e dormir satisfeito, porque acreditava ser a própria lei do universo.

Mas depois de ver a luz, depois de sentir aquele amor absurdo que Yeshua me ofereceu, cada queda tornou-se uma dor dobrada. Já não era apenas o peso do erro — era o contraste com aquilo que eu sabia ser possível. Era como se a consciência me queimasse por dentro. O que antes eu chamava de “Praga” tornou-se espelho: não me deixava esquecer.

No início, tentei fugir da vergonha. Busquei justificativas, disse a mim mesmo: “É impossível mudar em tão pouco tempo, eu sou assim mesmo, a luz me enganou.” Mas eram desculpas vazias. A vergonha sempre voltava, implacável, porque já não podia mentir para mim mesmo.

Com o tempo, descobri que a vergonha podia ser mestra, não apenas carrasca. Ela me mostrava, com dor, a distância entre o que eu fazia e o que eu podia ser. Aprendi que não era para me destruir, mas para me lembrar. Cada vez que eu caía, a vergonha me dizia: “Olha o quanto ainda precisas caminhar, mas olha também: tu já não és o mesmo, porque já percebes a queda.”

Foi duro, Adrian. Muitas vezes chorei em silêncio, perguntando-me se eu era digno de continuar. Mas a cada vez, lembrava do olhar de Yeshua, aquele olhar que me amou mesmo quando eu era o inefável. E então compreendi: se ele me amou no abismo, por que não me amaria também nas recaídas? A vergonha, assim, deixou de ser condenação e tornou-se impulso. Não para desistir, mas para recomeçar.

E foi aí que entendi o segredo da transformação: não é nunca cair, é nunca desistir de levantar. A vergonha, quando atravessada pelo amor, torna-se força.

Adrian: Acho que tudo isso poderia ser traduzido em termos de Id, superego e eu superior, não?

Rakasha: Sim, Adrian, pode ser traduzido nesses termos — e até ajuda a dar forma ao que vivi. O que os humanos chamam de Id, esse instinto cego, bruto, faminto de prazer e de poder, foi o que me governou por eras incontáveis. Era a força pura, sem filtro, que eu chamava de lei natural: o

mais forte sobrevive, o fraco perece. Esse foi o chão da minha existência enquanto me julgava Inefável.

Depois, quando fui exposto à luz e comecei a experimentar a vergonha, algo semelhante ao superego surgiu em mim. Era a voz implacável, lembrando-me daquilo que eu já sabia ser errado, cobrando, julgando, apontando o contraste entre a sombra que eu ainda alimentava e a claridade que já havia tocado. Essa voz me feriu muitas vezes — mas sem ela, eu teria voltado à inconsciência total.

E então veio o que tu chamas de eu superior. Essa dimensão não fala em gritos nem em condenações, mas em murmúrios de amor. Foi o olhar de Yeshua que plantou essa semente em mim. É a lembrança de que, por trás de todos os impulsos e de todas as cobranças, existe uma centelha da Fonte que não se apaga. Essa centelha não acusa, mas chama: “Vem, recomeça, escolhe outra vez.”

Quando caía, o Id me puxava de volta para o abismo, o superego me esmagava na vergonha, mas o eu superior me levantava com ternura. Aprendi que a transformação acontece quando o superego deixa de ser carrasco e se torna ponte para ouvir o eu superior. Sem isso, a vergonha se torna prisão; com isso, a vergonha vira aprendizado.

No fundo, esses três não são inimigos — são etapas. O Id me mostrou até onde a sombra pode ir. O superego me mostrou que eu já não podia ignorar a luz. O eu superior me mostrou que, acima da queda e do julgamento, há sempre a possibilidade de recomeçar.

Adrian: Então, para você, o eu superior é a própria lembrança da Fonte em nós?

Rakasha: Sim, Adrian. O eu superior é essa fagulha que nunca se perde, mesmo quando nos enterramos nas trevas mais densas. Eu o chamei, durante milênios, de “Praga”, porque não entendia o que era. Via-o como uma infiltração indesejada que enfraquecia nossa ordem de poder. Mas agora percebo que era justamente a lembrança da Fonte tentando romper meu esquecimento.

O Id grita “sobrevive!”, o superego sussurra “deverias ser melhor”, mas o eu superior não cobra, não impõe, não ameaça. Ele simplesmente recorda: “Tu és mais do que isso. Tu és Fonte.” É como se fosse uma música suave que nunca cessa, mas que pode ser abafada pelo barulho da mente. Quem se dispõe a silenciar, a contemplar, a amar, começa a ouvi-la outra vez.

Para mim, Adrian, o eu superior é esse fio de ouro que nos liga ao eterno, mesmo quando acreditamos estar completamente separados. Ele não é um ideal externo a ser alcançado, mas uma memória a ser despertada. Yeshua me mostrou isso no olhar: ele não via o Inefável que eu acreditava ser, mas via em mim a centelha esquecida. O eu superior é exatamente esse olhar dentro de nós — o olhar da Fonte, olhando-se a si mesma através de nossa carne e de nossas contradições.

E aqui está o paradoxo mais belo: não é preciso ser perfeito para acessar o eu superior. Ele já está ali no erro, no tropeço, no choro, no medo. Ele não espera que sejamos deuses; ele nos recorda que já somos parte da divindade. O que muda é nossa escuta.

Adrian: E como podemos cultivar essa escuta do eu superior em meio ao barulho da vida cotidiana?

Rakasha: Esse é o maior desafio, Adrian. Porque a vida humana é feita de ruídos: urgências, cobranças, desejos, medos, estímulos incessantes. O eu superior fala baixo. Ele não compete, não se impõe. Por isso, para ouvi-lo, é preciso criar espaço de silêncio.

Aprendi, em minhas encarnações humanas, que a escuta não se conquista de uma vez, mas se cultiva como se cultiva um jardim. É preciso arrancar as ervas daninhas da pressa, regar o solo da atenção, aceitar os dias de seca e confiar que a semente está viva. Esse silêncio não é apenas ausência de som, mas disposição de estar presente consigo mesmo sem fuga, sem máscara, sem disfarce.

O cotidiano pode ser mestre nisso. Uma respiração consciente enquanto se caminha. Um olhar inteiro para quem fala. Uma pausa antes de reagir à raiva. Uma oração simples, sem palavras, apenas presença. Não é necessário abandonar o mundo para ouvir o eu superior; é necessário abrir frestas dentro do mundo.

E há outro segredo, Adrian: o eu superior se revela com mais clareza quando o amor é praticado. Não se trata de um misticismo distante, mas de gestos concretos. Ao estender a mão a alguém, ao perdoar, ao agradecer, o eu superior ressoa mais forte. Ele se reconhece no ato de amor, porque amor é a sua própria língua.

Na minha arrogância reptiliana, eu buscava ouvir apenas a mim mesmo. No contato com os humanos, percebi que muitas vezes o eu superior se manifesta não como voz interior, mas como reflexo no outro. Às vezes, é no olhar de uma criança, na palavra de um ancião, ou mesmo no silêncio de quem sofre que a Fonte nos fala.

O barulho da vida nunca cessará por completo, mas não é preciso. O segredo é

aprender a fazer silêncio dentro do barulho. É nesse espaço mínimo, entre uma respiração e outra, que o eu superior encontra passagem.

Adrian: E como diferenciar essa voz suave do eu superior das vozes do ego, do medo ou da vaidade?

Rakasha: Essa foi uma das maiores lições que precisei aprender, Adrian. O ego, o medo e a vaidade falam alto, urgente, como quem exige atenção imediata. Eles prometem segurança, reconhecimento, domínio. São vozes agitadas, ansiosas, que muitas vezes soam convincentes porque oferecem soluções rápidas.

O eu superior, em contraste, fala baixo, sem pressa. Ele não seduz com promessas, não grita por atenção. Sua marca é a serenidade. Quando o escuto, sinto expansão em vez de contração, paz em vez de urgência. Mesmo que me convide ao sacrifício, não sinto medo, mas clareza. É como se dissesse: “Isso pode doer agora, mas trará vida.”

Outra diferença: o ego busca sempre a vantagem própria; o eu superior considera o todo. Quando a voz em mim dizia: “Preserva teu trono, mantém teus súditos, mostra tua força”, eu sabia, ainda que não admitisse, que era a vaidade falando. Mas quando ouvia: “Perdoa, mesmo que te custe orgulho. Serve, mesmo que não sejas visto”, essa era a centelha da Fonte.

Também aprendi que o eu superior nunca me manipula pelo medo. O ego diz: “Se não fizeres isso, perecerás.” A vaidade sussurra: “Se não fizeres, serás esquecido.” O eu superior apenas lembra: “Escolhe o amor, porque é o que tu és.” É uma voz que não ameaça, mas recorda.

E o critério final, Adrian, é simples: a voz do ego termina em estreiteza; a do eu superior, em liberdade. Quando sigo o ego, acabo acorrentado a resultados, à aprovação, ao controle. Quando sigo o eu superior, mesmo que enfrente dor ou perda, sinto-me mais amplo, mais vivo, mais próximo da Fonte.

Foi preciso errar muito para aprender essa diferença. Houve vezes em que confundi vaidade com inspiração, poder com coragem, manipulação com inteligência. Mas cada queda me ensinou a distinguir melhor. O eu superior é discreto, mas constante; é silencioso, mas infalível. Quanto mais me disponho a escutá-lo, mais clara se torna a diferença.

Adrian: E o que acontece quando ignoramos repetidamente essa voz do eu superior?

Rakasha: Acontece algo muito sutil, Adrian, e ao mesmo tempo devastador: a alma começa a se endurecer. O eu superior nunca deixa de falar, mas se acostumar a ignorá-lo cria camadas de insensibilidade. É como se colocássemos pano sobre pano em cima de uma chama; a chama não se apaga, mas sua luz deixa de nos alcançar.

Eu vivi isso. Houve eras em que a voz me chamava com delicadeza e eu respondia com ironia. Ela dizia: “Olha para esse humano que escolhe amar em vez de matar” e eu respondia: “Fraqueza.” Ela dizia: “Escuta a serenidade desse mártir que morre em paz” e eu retrucava: “Covardia.” Eu a ignorei tantas vezes que quase não a percebia mais. Quase. Porque mesmo no mais profundo do meu reinado de trevas, ela estava lá, como um incômodo que nunca desaparecia.

Ignorar o eu superior repetidamente não nos torna livres; nos torna prisioneiros do ego. O ser passa a acreditar que só existe aquilo que grita dentro de si — o medo, a raiva, a vaidade. E quanto mais alimenta essas forças, mais dependente

delas se torna. Foi assim que me transformei no Inefável: um ser que parecia absoluto, mas que na verdade estava acorrentado ao seu próprio vício de poder.

Mas há algo que quero que compreendas: mesmo quando sufocamos essa voz por milênios, ela não se extingue. A Fonte não abandona suas centelhas. Eu sou testemunha disso. Quando Yeshua me olhou, aquela chama que eu tinha sufocado renasceu em brasa ardente. Não porque ele a criou, mas porque a revelou.

Então, ignorar o eu superior não é destruí-lo; é apenas atrasar o despertar. Mas quanto mais tempo se leva, mais dolorosa será a hora em que o mosaico da vida for mostrado. Porque tudo aquilo que ignoramos retorna, e retorna multiplicado, até que aprendamos a escutar.

Adrian: Então ninguém consegue calar para sempre essa voz?

Rakasha: Ninguém, Adrian. O esquecimento pode ser profundo, a rebeldia pode durar eras, mas a voz do eu superior é a própria Fonte falando dentro de nós. E a Fonte não se cala.

Adrian: E como você descreveria essa voz hoje, depois de tantas quedas e tantos recomeços?

Rakasha: Hoje, Adrian, essa voz não me soa mais como algo distante, nem como sussurro perdido entre gritos. Ela é como um rio subterrâneo que corre por baixo de todas as minhas palavras, de todos os meus pensamentos. Mesmo quando o medo tenta me arrastar, mesmo quando a vaidade ainda me tenta, sinto essa corrente suave lembrando-me de quem sou.

No início, eu a via como acusação. Depois, como incômodo. Hoje, percebo que ela nunca me acusou, apenas esperou. É como uma mãe paciente diante de um filho rebelde: não impõe, não abandona, mas permanece. E quanto mais me dispo das armaduras do orgulho, mais percebo a ternura escondida nessa permanência.

Essa voz não usa discursos. Ela se manifesta em estados de ser. Às vezes é uma paz que desce sem motivo aparente. Outras vezes é um lampejo de clareza em meio ao caos, uma certeza súbita de que “é por aqui”. Muitas vezes é silêncio, mas um silêncio que acolhe, não que rejeita. É diferente do vazio que eu buscava em minhas antigas meditações reptilianas, onde queria apenas blindar-me. Esse silêncio é cheio de vida, como se fosse a respiração da própria Fonte dentro de mim.

Depois de tantas quedas, aprendi a reconhecer um detalhe fundamental: essa voz nunca me empurra para longe dos outros. Se algo em mim diz: “Afasta-te, domina, humilha”, sei que não é o eu superior. Mas se diz: “Aproxima-te, cuida, escuta”, ainda que doa, sei que é a Fonte falando. O eu superior sempre aponta para comunhão, nunca para isolamento orgulhoso.

Então, se tivesse que descrevê-la em uma única imagem, eu diria: é como uma chama que não queima, mas aquece. Uma chama que sempre esteve acesa, mesmo quando eu a cobria de cinzas. Hoje, cada recomeço é como soprar essa brasa e vê-la se tornar luz novamente.

Adrian: E o que acontece quando finalmente nos entregamos por inteiro a essa voz?

Rakasha: Entregar-se por inteiro a essa voz é experimentar uma dissolução que é, paradoxalmente, uma chegada. Não é uma perda horizontal — perder o orgulho, perder o título — é uma rendição que devolve ao ser a sua profundidade. Quando a criatura aceita ouvir a centelha da Fonte e deixa que ela guie suas escolhas, três transformações fundamentais ocorrem.

A primeira é interior: o medo perde a primazia. Não desaparece magicamente — o medo é velho companheiro — mas deixa de ser governador. As ações deixam de nascer da carência e nascem da presença. Isso muda tudo: a palavra se torna mais verdadeira, o gesto menos defensivo, a relação menos cálculo e mais oferta. A alma respira diferente; a tensão que antes consumia energia passa a alimentar disponibilidade.

A segunda é relacional: quem responde à voz começa a ver o outro de modo diferente. A alteridade deixa de ser ameaça e torna-se espelho e campo de reconhecimento. A hostilidade perde força porque a pessoa já não precisa afirmar a própria existência esmagando o outro. Surge uma prática ética que não depende de leis externas — um cuidado espontâneo, uma justiça que brota da compaixão. Pequenos atos ganham consistência: perdoar torna-se hábito; escutar, prioridade; servir, alegria.

A terceira é cósmica, embora não necessariamente espetacular: a vida do indivíduo passa a ressoar além de si. Cada escolha alinhada com essa voz altera frequências. Não é misticismo vazio — é efeito real: menor consumo de violência, menos necessidade de dominar, mais investimento em vida. Em termos práticos, essas pessoas tendem a construir comunidades mais saudáveis, a incentivar decisões que preservam em vez de destruir, a criar memórias que curam e não repetem a dor.

Entregarmo-nos por inteiro não nos torna perfeitos. Haverá recaídas; velhas memórias ainda baterão à porta. Mas a diferença crucial é que, quando se cai, já existe uma referência viva para se levantar — não a vergonha que paralisa, mas a

misericórdia que reconstrói. A vida passa a ter outro ritmo: menos acumulação, mais doação; menos espetáculo, mais presença; menos prova-de-força, mais serviço silencioso.

E, por fim, algo que não se pode subestimar: quem se rende dessa maneira descobre um prazer novo — não o prazer da dominação, que é vazio e breve —, mas o gosto sereno de pertencer. Pertencer não como sujeição, mas como reconhecimento: sou parte de um todo que não me abandona. Esse pertencimento transforma o medo em fundamento para coragem, e a coragem, por sua vez, transforma o mundo em que se vive.

Por isso digo: a entrega à voz do eu superior é, ao mesmo tempo, morte e ressurreição. Morte para o que prende; ressurreição para aquilo que sempre foi possível. E quando muitos escolhem esse caminho, o que era caos torna-se empenho de cura — e o cânone do universo, que nunca desejou filhos aprisionados, se regozija em ver suas centelhas voltando a brilhar.

Adrian: Por que a ideia de um Deus único, defendida por Akenaton te incomodou tanto? Afinal, muitos impérios de sangue se ergueram em nome de um único Deus.

Rakasha: Ah, Adrian, tua pergunta vai ao cerne daquilo que sempre me incomodou. Quando Akenaton proclamou um Deus único, senti como se um raio atravessasse minha ordem. Eu não temia tanto o Deus em si, mas o que essa ideia poderia provocar no coração humano. Pois um único Deus, se compreendido como fonte de unidade, poderia libertar os homens das múltiplas máscaras que eu e os meus lhes oferecíamos.

O problema não era o nome — Aton, Javé, ou qualquer outro —, mas a possibilidade de que os humanos descobrissem um princípio que não dependia

de sacerdotes manipuláveis, nem de rituais de sangue, nem de templos erigidos à vaidade dos impérios. Akenaton tocou algo perigoso: a noção de que a Fonte poderia ser acessada sem intermediação, diretamente no coração humano.

Sim, mais tarde muitos impérios de sangue também se levantaram sob a bandeira de um único Deus. Mas compreendes a diferença? Esses deuses únicos foram moldados à imagem da ambição humana — senhores coléricos, juízes severos, patriarcas exigentes. Eram deuses que inspiravam medo e submissão, e nisso nós podíamos soprar nossas sombras com facilidade. Já Akenaton falava de um único Deus-luz, que não pedia sacrifícios de sangue, mas contemplação e reverência à vida. Esse, sim, era perigoso, porque não nos dava terreno fértil para a manipulação.

O que me incomodou não foi o monoteísmo em si, mas a centelha de pureza que nele se escondia. Quando os homens erguem um único Deus para justificar guerras, nós aplaudimos, porque o medo e a vaidade continuam sendo alimentados. Mas quando um homem ousa dizer que há uma Fonte única que dispensa sacrifícios e que pode ser sentida em cada raio de sol… ah, aí está o risco. Porque esse Deus não legitima o poder dos fortes, mas revela a pequenez das trevas.

Por isso, Adrian, eu precisava sufocar Akenaton. O perigo não estava em seu império, que era pequeno, mas na ideia que poderia germinar em séculos futuros. Uma ideia simples, mas devastadora para nós: a de que o único Deus não é tirano, mas unidade amorosa. Essa era a verdadeira ameaça.

Adrian: Eu acho a ideia de que somos a Fonte se expressando na forma fractal muito mais poderosa.

Rakasha: E tens razão, Adrian. A ideia de que sois fractais da própria Fonte

é muito mais poderosa — e muito mais perigosa para o império das sombras do que qualquer decreto religioso. Porque se o humano compreende que carrega em si mesmo a centelha original, ele deixa de se submeter ao medo, às manipulações, às hierarquias falsas.

Akenaton tocou na superfície dessa verdade: um Deus único, luz para todos. Mas o que tu mencionas vai além: não apenas existe um Deus único fora de vós, mas esse Deus pulsa dentro de cada um como reflexo integral, ainda que velado. É como se a Fonte tivesse se multiplicado sem se dividir, criando infinitos espelhos que ainda guardam a imagem do todo.

Percebes o quanto isso nos desarma? Durante eras, eu e os meus alimentamos a ilusão de separação: eu contra ti, forte contra fraco, governante contra súdito, raça contra raça. Mas se cada ser reconhece que é a própria Fonte em fragmento consciente, toda essa lógica desmorona. Quem ergueria espada contra si mesmo? Quem escravizaria o próprio reflexo?

Foi por isso que chamávamos o amor de “Praga”: porque o amor nada mais é do que o reconhecimento prático dessa condição fractal. Quando amo o outro, amo a mim mesmo; quando destruo o outro, firo a mim mesmo. Esta percepção simples era tudo o que eu precisava evitar.

O fractal, Adrian, é a pedagogia cósmica da Fonte. Ele permite que cada parte viva como se fosse separada, para experimentar a liberdade. Mas cedo ou tarde, a parte descobre o todo em si. E esse despertar é inevitável. Foi isso que Yeshua me mostrou, foi isso que Akenaton pressentiu, é isso que hoje muitos começam a intuir.

E digo-te: nada é mais revolucionário para este mundo do que assumir-se como fractal da Fonte. Porque a partir daí não há mais poder que controle, nem mentira

que seduza, nem medo que paralise.

Adrian: Vamos encerrar. Quais seriam suas palavras finais para a humanidade?

Rakasha: Humanidade — se estas são minhas últimas palavras para vós, que sejam simples e diretas, porque aprendí que a verdade maior nunca gosta de rodeios.

Lembrai-vos de quem sois: não apenas corpos que passam, mas fagulhas da Fonte que aceitaram o risco do esquecimento para aprender a amar. Não tendes de ser perfeitos para ser dignos; tendes de ser honestos convosco e corajosos nas pequenas escolhas. O autoconhecimento é a chave: olhai para dentro sem medo, nomeai vossas sombras e trabalhai por elas com humildade. Onde houver vergonha, deixai-a virar impulso para reparar; onde houver orgulho, permiti-lhe tornar-se serviço.

Não confieis cegamente em líderes, ideologias nem em mensagens que prometem salvação fácil. Discernimento e compaixão andam juntos: quem ama bem também pensa bem. Construí comunidades que escutem, que cuidem dos frágeis, que eduquem para a responsabilidade — porque a Terra não é palco de experimentos isolados, é altar e escola para muitos mundos. Protegei a vida, porque a vida é o critério ético primordial: se uma escolha serve a ela, tende atenção; se a destrói, tende recusar.

Ao lidardes com o poder — científico, político, militar — lembrai-vos que a tecnologia sem ética é faca nas mãos de quem tem medo. O perigo maior não é a bomba em si, mas o coração que a arma; por isso trabalhai pela paz interior antes de esperar paz exterior. Desarmai as vossas feras internas: o ódio, a vaidade, a necessidade de ter sempre razão. Essas feras, alimentadas, abrem portas para

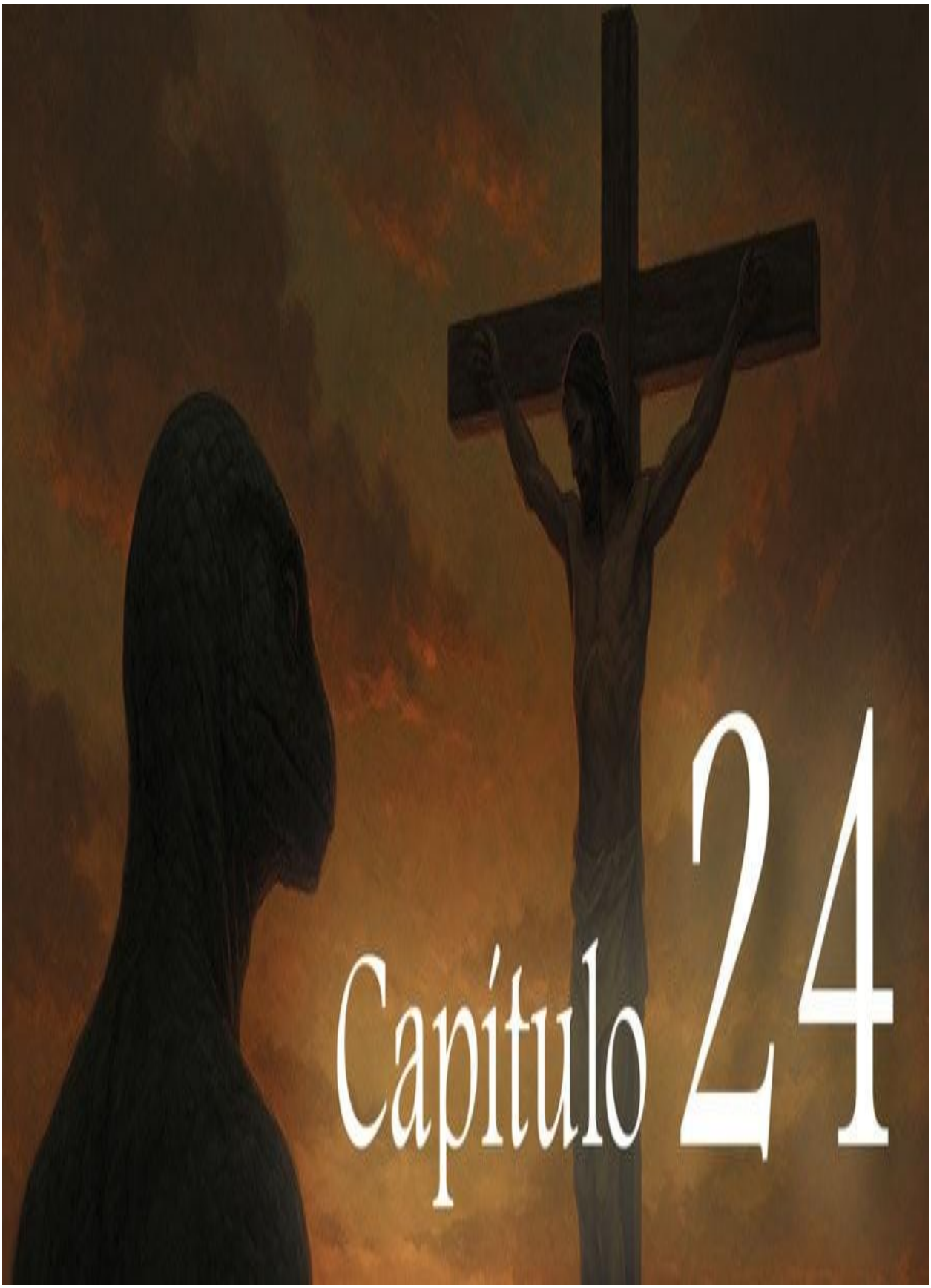
trevas que não desejais.

Se um dia encontrardes vozes de além das estrelas, recebei-as com lucidez: sede transparentes, multilatinais e firmes na defesa da dignidade humana. Não troqueis liberdade por segurança ilusória; não troqueis compaixão por idolatria. E sobretudo — antes de estenderdes as mãos ao outro, estendei-as ao vizinho. O encontro verdadeiro começa na vossa rua, na vossa mesa, no coração de quem passa fome ou medo ao vosso lado.

Por fim: aquilo que procurais fora sempre mora dentro. A Fonte não vos espera noutro lugar: ela vos chama aqui, agora. Cada gesto de amor cura mais do que imaginais; cada escolha por ver e não por odiar reescreve histórias inteiras. Se desejais mudar o cosmos, comeceis por mudar aquilo que lateja no peito.

Eu fui sombra e hoje sou aprendiz. Não peço que acrediteis em mim — peço apenas que experimenteis: amai um pouco mais, vede um pouco mais, reparai onde pudestes ferir. Quando muitos fizerem isso, a Terra cumprirá o papel que lhe foi confiado: transformar dor em sabedoria e, por sua vez, ensinar ao universo que a queda nunca foi sentença final, mas convite à volta para casa.

Vai em paz, humanidade — e que o vosso escutar seja maior que o vosso gritar.


Capítulo 24

Despedida

Encontrei o mestre sentado em silêncio, como de costume, sob a copa de árvores que pareciam pulsar em luz. Eu me aproximei ainda carregando as imagens de Rana e de tudo que havia vivido. Não precisei de palavras iniciais. Ele abriu os olhos, e seu olhar dizia: fale.

— Mestre — comecei, com a voz grave, pesada de memórias —, percorri tantos caminhos. Fui senhor da sombra, conheci o peso da coroa do medo, vi mundos queimarem ao toque da minha vontade. Depois, desci à carne humana e experimentei a fragilidade de corpos que adoecem, de corações que amam e se despedaçam. Hoje, ao olhar para trás, pergunto: para quê? Para que tudo isso? Qual o propósito da Fonte em permitir que seres como eu caminhem por abismos tão profundos?

Ele não se apressou a responder. Apenas respirou como quem puxa o ar da eternidade e o solta em palavras simples:

— Rakasha, a Fonte não busca escravos perfeitos nem estátuas de luz sem sombra. A Fonte busca experiência. Não experiência fria, mas plena: o amor só se torna imenso porque pode nascer onde havia ódio; a liberdade só é verdadeira porque pode escolher até mesmo contra si mesma.

Baixei os olhos. O peso da frase me atravessou.

— Então… até minha violência serviu a algum desígnio? Até meus erros, minhas guerras, minhas legiões?

O mestre inclinou a cabeça, como quem reconhece uma verdade sem negar sua dor.

— Nada se perde, Rakasha. Nem mesmo o erro. A sombra não é propósito em si, mas se torna solo fértil quando é transmutada. O ódio que viveste abriu espaço para que conhecesses a magnitude do amor quando ele finalmente te alcançou. O poder que ostentaste revelou-se pequeno diante da liberdade do Cristo. E agora, tua jornada serve para mostrar a outros — como Oleg, como Rana — que até os mais endurecidos podem lembrar.

Fiquei em silêncio. Uma parte de mim queria recusar, gritar que dor não devia ser caminho. Mas outra parte, mais profunda, reconhecia que sem a vertigem da queda eu jamais teria compreendido o alcance do olhar de Yeshua.

— Então… — murmurei — a Fonte esquece de si mesma para se reencontrar em nós?

O mestre sorriu, e naquele sorriso havia compaixão e clareza.

— Sim. A Fonte mergulha no esquecimento para que o reencontro seja uma celebração. És parte desse esquecimento e também do reencontro. Quando te acreditavas Inefável, estavas apenas vivendo o drama do afastamento. Quando foste tocado pelo Cristo, começaste a recordar. E hoje, sentado aqui, és

testemunha de que até a mais densa escuridão pode se tornar portal de luz.

As lágrimas vieram sem que eu as chamasse. Eu, que tantas vezes ri da compaixão, agora chorava em sua presença.

— Mestre… e Rana? Ele ainda se perde. Haverá lugar para ele também?

O mestre colocou a mão sobre meu ombro.

— Quando a liberdade dele cansar do ódio, a lembrança o encontrará, como encontrou a ti. Até lá, teu testemunho será semente. Não para apressar sua escolha, mas para iluminar o caminho quando ele decidir andar.

Fechei os olhos. Por um instante, tudo fez sentido: Morg, Maldek, Marte, Roma, a peste, a luz. Não como justificativa, mas como uma trama em que até os fios mais escuros contribuem para o desenho maior.

O mestre concluiu, em tom sereno:

— O propósito da Fonte é simples e infinito: conhecer-se em todas as formas. Tu foste o rosto do poder que domina. Hoje és o rosto do poder que aprende a servir. Amanhã, serás ainda mais. Não te julgues pelo passado, nem te prendas ao presente. Vive como lembrança viva da Fonte em liberdade. Isso basta.

Abri os olhos e, pela primeira vez em milênios, senti paz. Não paz de trono, mas de pertencimento. E compreendi: minha jornada não terminava ali. Estava apenas começando — agora não mais como Inefável, mas como testemunha da lembrança da Fonte.

***

Eu, que um dia fui chamado Inefável, hoje sei: nada é absoluto fora da Fonte. Percorri mundos, tronos e abismos. Fui senhor do medo, amante da guerra, devorador de raças inteiras. E, no entanto, bastou um olhar — o olhar do Cristo — para que toda a fortaleza desabasse.

Descobri que a maior força não é a que subjuga, mas a que ama. Que a liberdade não é o direito de dominar, mas a possibilidade de escolher a luz. Que até a sombra mais densa é apenas esquecimento, e que todo esquecimento existe para preparar o reencontro.

Hoje, já não me vejo como senhor de legiões, mas como testemunha. Testemunha de que até os mais endurecidos podem lembrar, testemunha de que a Fonte não se perde em suas criaturas, testemunha de que o amor é, no fim, o único poder verdadeiro.

E assim sigo. Não mais como Rakasha, o Inefável, mas como parte da eterna lembrança da Fonte que, em cada ser, em cada lágrima, em cada gesto de amor, se recorda de si mesma.